

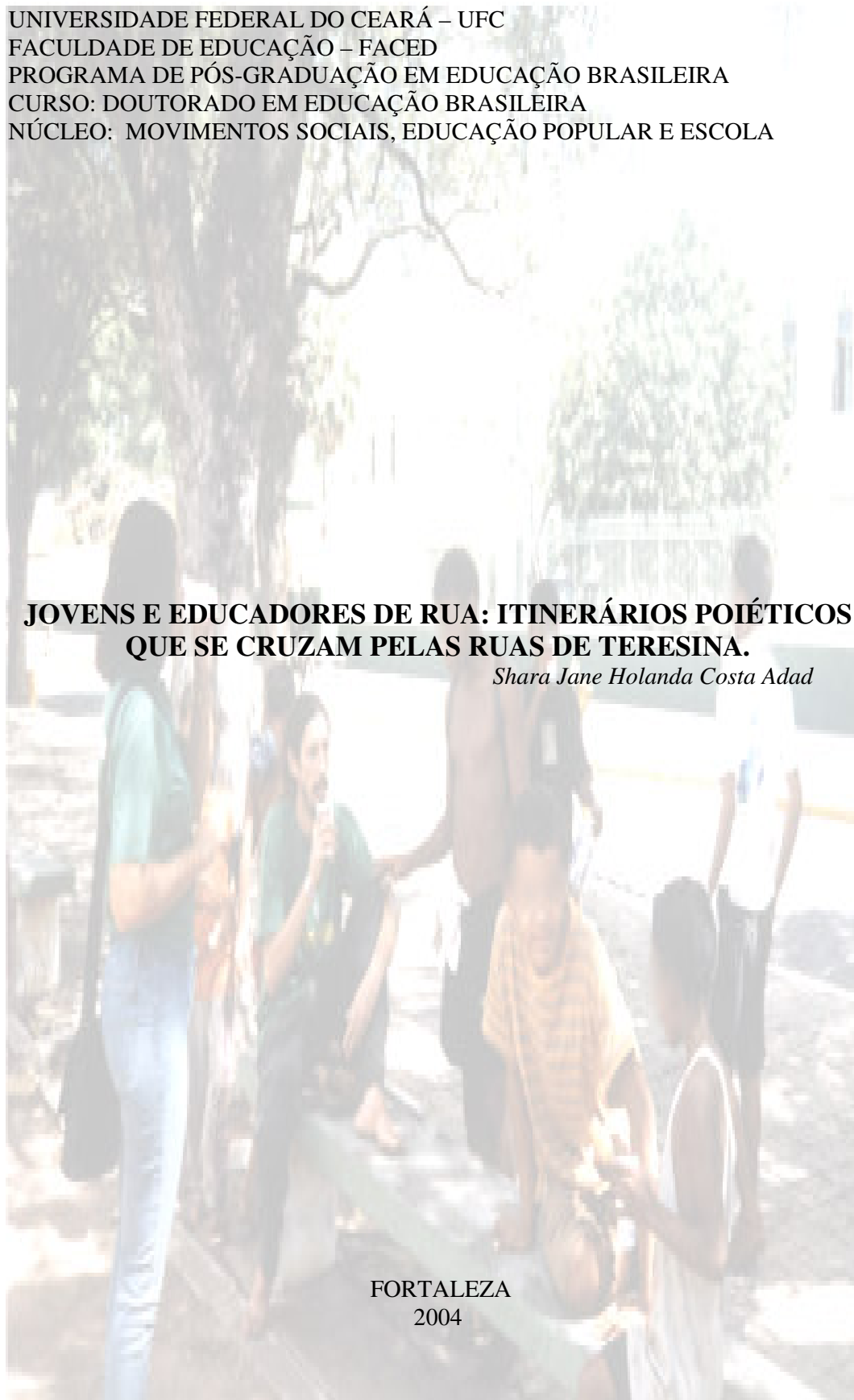
**JOVENS E EDUCADORES DE RUA: ITINERÁRIOS
POIÉTICOS QUE SE CRUZAM PELAS RUAS DE TERESINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO: DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
NÚCLEO: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

**JOVENS E EDUCADORES DE RUA: ITINERÁRIOS POIÉTICOS
QUE SE CRUZAM PELAS RUAS DE TERESINA.**

Shara Jane Holanda Costa Adad

FORTALEZA
2004



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO: DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
NÚCLEO: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

**JOVENS E EDUCADORES DE RUA: ITINERÁRIOS POIÉTICOS
QUE SE CRUZAM PELAS RUAS DE TERESINA.**

Shara Jane Holanda Costa Adad

Tese apresentada à Universidade Federal do Ceará – Núcleo de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola – como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Educação Brasileira, sob orientação da professora Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes e co-orientação da Dra. Sandra Haydèe Petit.

Fortaleza
2004

**JOVENS E EDUCADORES DE RUA: ITINERÁRIOS POIÉTICOS
QUE SE CRUZAM PELAS RUAS DE TERESINA**

Shara Jane Holanda Costa Adad

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes
Doutora em Sociologia

Dra. Sandra Haydée Petit
Doutora em Educação

Dra. Cecília Maria Bouças Coimbra
Doutora em Psicologia

Dra. Tânia Maria Leal Barbosa
Doutora em Fitotecnia

Dr. José Gerardo Vasconcelos
Doutor em Sociologia

Às minhas filhas, **Clara Jane e Lumena**
– luzes da minha vida –
que me ensinam, a cada dia, a inventar
caminhos, pegar desvios, correr riscos e
perceber que ser mãe é, sobretudo, não ter
gramática; seguir amando sem fim...

Dizem que há um deus, a solução. Dizem também que, se deus não há, há certamente um homem e pra sua realização tudo conflui. Nietzsche, que gostava de zombar de todos e que me arranca gargalhadas quando o leio, em mais de uma piada, enviou da terra, de presente ao homem e a deus, um fabuloso veneno. Aquele que quer a solução quer nada; aquele que prometeu a solução promete nada; e aquilo que está solucionado está morto. Eis o presente, um veneno-antídoto: a vida como ela devém, em pequenas, grandes, imensas, bárbaras doses.

Orlando

AGRADECIMENTOS

Nada se faz sozinho mesmo estando solitariamente escrevendo uma tese. Estamos continuamente sendo atravessados, pois, quando se pensa, quando se escreve, são muitos os que estão presentes. Agradeço:

Ao **Aluisio**, companheiro de muitas horas que, com seu amor, sempre me incentivou, especialmente, ao inverter comigo os papéis convencionais. Ficou em casa, com nossas filhas, enquanto eu saía para o mundo.

Ao **meu pai**, amigo de olhos azuis, que me faz dançar a vida, e que todos os dias me ensina que a simplicidade e a delicadeza são néctares – dons da alegria!

À **minha mãe**, mulher forte – a minha certeza em meio as incertezas da vida – o que me possibilitou ousar sem tantos medos, pois eu sempre soube que poderia voltar porque ela estava sempre pronta pra cuidar de mim.

Às **minhas irmãs**: Soraya e nosso belo re-encontro. Saiba que passar esses anos contigo, em Fortaleza, me trouxe a certeza de que a vida é mudança. Você é outra, e ainda assim, continua sendo minha maior amiga; Sayonara, que com sua curiosidade, alegria e coragem me mostrou que viver é olhar o mundo sem enquadramentos, deixando as coisas acontecerem e Shamara, eterna caçula, que cresceu com determinação e ousadia. Esses anos juntas, em Fortaleza, me fez perceber o enorme coração que tens!

Às **minhas sobrinhas**: Mariana, que me ensinou tantas coisas, dentre elas, que o mais importante na vida é ser o que se é... À Luna e Amanda que são para mim luz e amor, e, por último, quase no final da tese, nasceu Hanna a mostrar que a vida sempre vale a pena. Amo vocês!

À **Glória Diógenes**, minha orientadora e amiga – facho de luz – que acompanhou mergulhos jamais ousados por mim; participou da minha alegria de me tornar pesquisadora e se tornou cúmplice dos meus aprendizados com os jovens.

À **Sandra Petit**, minha co-orientadora e amiga – Saba das Lagoas – orientou-me e incentivou-me a realizar uma pesquisa Sociopoética e ensinou-me que a solidariedade, a criatividade e a liberdade são possíveis, especialmente por não se estar sozinha.

Ao **Jacques Gauthier**, pela sua escuta sensível ao ler minhas produções e orientar-me na pesquisa sociopoética com presteza e generosidade.

Aos **jovens de rua**: Paulo Victor, Luciana, Luciano, Francisco, Marquinhos, Ivan Santiago, Eduardo, Mauro, Adriano, Davi, Raimundo, Dedinho, Leonardo, José, Davi

Pimentinha, Williams, Marconi, Paulo de Tarso, Alcyr e tantos outros que tornaram minha vida um caleidoscópio de aprendizados. Com eles vivi itinerários indescritíveis.

Aos **co-pesquisadores** da pesquisa sociopoética: Josana, José da Cruz, Luiz, Kátia, Conceição, Kellen, Wangléssia, Lícia, Sueli, Jean César, Sílvia, Luis Alberto, Verbena, Ricardo, Antonio Francisco por me ensinarem que é preciso apostar no risco, porque é isso que possibilita a criação de formas outras de vida. Sem eles, também, a rica produção de dados, de parte desta tese, não seria possível.

Ao educador de rua **Roberto Luis Franco**, por me acompanhar nos primeiros encontros com os jovens de rua.

Ao companheiro **Gerardo Vasconcelos** – filósofo de riscos e rasgos – que ajudou-me a experimentar Foucault, Nietzsche e Deleuze. Desmaterializando a matéria, fez brotar em mim, por entre palavras e gestos, a alegria de um deus que dança e vive!

À minha linda amiga **Raquel Dias**, cúmplice dos meus maiores aprendizados nesses anos todos... emocionou-me e me ensinou, tanto, que não cabe em palavras.

Ao meu amigo **Dorivaldo Salustiano**, grande fraseador, com quem compartilhei a poesia e aprendi que as palavras podem se tornar corpo e gerar alegria, liberdade, criação, enfim, vida.

À **Cecília Nunes** – guardiã zelosa e incansável na vontade de compartilhar as dificuldades de escrever uma tese e as alegrias de vê-las vencidas e que, em todos os momentos dessa trajetória, esteve presente com espiritualidade, sabedoria e amizade.

À **Rosemary Machado**, amiga de muitos anos, que atravessou minha vida de forma definitiva com seu jeito solidário e amoroso. Nestes anos, soube estar presente em momentos de angústias, e de medos de não conseguir terminar a tese.

À **Rosileide Soares**, amiga inconfundível, que compartilhou comigo dos meus momentos de descoberta nos caminhos da sociopoética, e a quem reservo admiração e carinho por trilhar desejos de autonomia, criação e ousadia na escrita e na vida!

À **Emilia Boavista**, minha prima, pela escuta atenciosa de muitos dos meus aprendizados. Saibam, que quando ela entra em minha casa, traz consigo, o acalanto e a serenidade, assim como um raio de paz.

À **Sonia Ferreira**, a quem muito tenho a agradecer. Amiga incansável e presente, todas as vezes que precisei de alguém para ouvir, falar, corrigir e ler os meus manuscritos.

À **Lia Silveira**, estudiosa de Deleuze, foi a primeira a me mostrar que a sociopoética era um caminho possível e potente no pesquisar com o corpo todo.

À **Valdênia de Moraes**, amada de olhos azuis, por ter compartilhado comigo, Sandra, Rosileide, Lia e Angélica, dos nossos mutirões analíticos. Suas reflexões sempre pertinentes trouxeram-me a certeza que, em grupo, tudo é mais leve.

À **Lumena Adad**, que, nos últimos momentos, ajudou-me na estética da tese: ela inseriu e trabalhou as fotos no corpo do trabalho.

À doce amiga **Betânia**, que, na sua luta, levou-me a entender que o nascimento de uma criança é a crença de que é possível ser novo a cada dia.

À **Edinalva Melo**, amiga potente, que leu comigo, madrugadas a fio, Nietzsche e Deleuze. Suas leituras de meus escritos – contribuições valorosas – sempre me incentivaram e trouxeram insights, fazendo-me desmanchar nós.

À **Bernadete Maria**, amiga, poeta e leitora desta tese, que me incentivou, com a delicadeza de seus comentários e de seus gestos espontâneos, a criar um corpo ousado e sem medo de escrever.

À **Márcia Adriana** – amiga passarinho – que com seu jeito de cantora, leu, com muita alegria, algumas das minhas tentativas de escrita e fez o abstract desta tese.

Ao **Antonio Vargas**, que me ensinou a manusear uma máquina fotográfica, o que tornou possível a produção das fotos desta tese.

À **Georgina**, pelo incentivo e leitura de parte dos meus manuscritos.

À **Andréa Havt**, antropóloga de mão cheia, que me fez ver, com seu jeito manso, que o diálogo é um dos caminhos possíveis no encontro com o outro.

À **Hercilene Costa**, amiga piauiense, que com sua serenidade me mostrou que os percursos de uma tese podem ser vividos sem tanta ansiedade.

Ao **grupo de sociopoetas**: Marcílio, Carol, Rebeca, Sandro, Lia, Fernanda, Leléu, Antonio Rodrigues, Gilda e Tânia Leal, amigos com quem dividi aprendizados, desafios e solidariedade.

Aos **amigos da turma do mestrado**, em 1998 – especialmente Eugenio Bittencourt – por desconstruírem comigo a idéia naturalizada de que viver uma pesquisa e sua escritura, é sempre um fardo pesado e cansativo.

À **Rejane**, que mora comigo, e que a cada gesto me enche de carinho. E vejam: faz meditação e orações comigo, massagens em meu corpo, arruma minha casa, cuida das minhas filhas, faz comidas gostosas. Sem ela tudo seria mais difícil.

Ao companheiro **Babi Fonteles** – artista de muitas instalações – pelas caronas, conversas e por compartilhar de meus aprendizados, em Fortaleza.

Ao amigo **Arimatéa**, pelos estudos comuns em Pierre Bourdieu e, também, por sua imensa delicadeza e presteza, me anunciando que sempre estava presente.

À amiga sensível, **Zita Vilar**, pelas inúmeras conversas sobre o universo da pesquisa sociopoética e que, como eu, busca novos caminhos no conhecimento.

Às amigas **Luzilene Nogueira** e **Teresa Simão** – assistentes sociais – por debaterem e participarem dos meus primeiros estudos sobre o universo juvenil.

À **Ângela Sousa**, pela recepção carinhosa no programa e pelos estudos em representações sociais, especialmente em Moscovici e Pierre Bourdieu.

À **Miriam Borges**, por disponibilizar, com presteza, dados do IBGE sobre juventude.

À **Soraya**, terapeuta naturalista, que por meses dedicou-se a cuidar de mim com massagens, acunputura, meditação e, especialmente, com atenção e carinho.

Ao **Paulo Rerch**, atual terapeuta, que, no final da tese, ajudou-me com sua escuta atenciosa a ter a serenidade necessária para concluir os meus últimos escritos.

À **Semcad**, através das seguintes pessoas: Sâmia, Ariosto, Ana Eline, Margarete, Gilson e Thesca pelo acesso às informações e documentos, pela liberação dos educadores de rua para a pesquisa sociopoética e pelo suporte do auditório da prefeitura.

Ao **Sílvio Gadelha** – companheiro solícito – responsável pelas minhas primeiras incursões no universo deleuziano e sempre disposto a me tirar dúvidas.

Ao **Leandro Hypólito**, que me ajudou a “mexer” nos labirínticos usos de um computador. Com ele, a tese ganhou em organização, criatividade e beleza.

Ao **Centro Unificado de Ensino de Teresina** – CEUT – por ter me beneficiado com uma licença remunerada no primeiro ano de mestrado.

À **Universidade Estadual do Piauí** – UESPI, pela liberação de minhas atividades docentes, possibilitando-me a produção da tese com mais dedicação, aprofundamento e tranqüilidade.

Ao **CNPq**, por ter me agraciado com uma bolsa de estudos, o que viabilizou esta investigação.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de duas pesquisas. A primeira, realizada em 1999, tem como “objeto de estudo” a observação das manifestações subjetivas dos jovens de rua pelas ruas e avenidas de Teresina; a segunda, realizada em 2001, co-extensiva à primeira, teve como estudo os educadores sociais de rua – profissionais que atuam junto a esses jovens. Nas duas pesquisas ressalto a minha postura em estudá-los como “atores” capazes de produzir saberes e de atuar com proposição, criatividade e potência. Enfatizo a importância dos métodos utilizados: na pesquisa com os jovens, fiz dois movimentos bem particulares: desterritorializei-me do que me era familiar e reterritorializei-me entre estranhos. Desterritorializei-me quando adentrei e percorri Teresina, a cidade onde vivo. Reterritorializei-me quando fui aceita pelos jovens de rua, deixei de ser uma estrangeira. A partir destas experimentações, tracei imagens do encontro entre mim e os jovens e cartografei corpos juvenis de rua: o território-movimento, o dissolvente, o excessivo e o garantido. Esta cartografia mostra que, ao contrário do que se pensa, um bando de jovens de rua, proscritos, expressa em seu próprio corpo a multiplicidade, enquanto experiência, momentos de potência e de exercício criativo de acontecimentos. Na pesquisa com os educadores de rua utilizei o método sociopoético, onde se produz conhecimentos com o corpo todo e em grupo. O grupo-pesquisador era constituído por mim (facilitadora) e por 14 educadores de rua (co-pesquisadores). O tema escolhido foi *O desejo na convivência do grupo*. A produção de dados deu-se nos interstícios das oficinas e com técnicas que utilizam múltiplas dimensões do saber humano, especialmente da arte, para potencializar a produção de conceitos, e tornar os co-pesquisadores não filósofos em filósofos. A análise destes conceitos me permitiu fazer algumas inferências sobre a estrutura do pensamento do grupo acerca do tema estudado. Essa estrutura apresenta os seus desejos em três dimensões, na convivência: na primeira dimensão os desejos se dão na convivência entre os educadores e os jovens; na segunda, entre eles mesmos, e na terceira, entre eles e as entidades que trabalham com as crianças e os jovens. Todas as dimensões dessa estrutura são perpassadas pela problemática da prática pedagógica. Essas dimensões são criações dos co-pesquisadores e constituem o pensamento do grupo, em sua multiplicidade, no momento das oficinas. São campos possíveis e co-existem.

ABSTRACT

This thesis is the result of two researches. The first one was realized in 1999 and had as aim the observation of the street young people's subjective manifestations that have been lived on the streets and avenues in Teresina, state of Piauí-Brazil and the other one was realized in 2001 with the street social educators that have worked with them. In these two researches the principal focus is to show that the street young people are able to produce knowledge and to be part of the world with power, proposition and creativeness. They are important the methods that I used in both researches such as: in the first with the street young people, I did two special movements becoming myself stranger to everything that looks familiar to me and familiar with everything that was stranger to me. I became stranger when walked and saw Teresina, the city where I've been lived, with researcher's eyes and familiar when I was accepted to the street young people as one of them, not only a researcher. Since these experimentations, I drew images from the meeting between the street young people and me and made maps of their bodies called: the movement territory, the dissolvent body, the excessive body and the guaranteed body. These maps of their bodies showed that the street young people express their experiences on their own bodies. It means power moments and a creative exercise of happening. In the second with the street social educators research I used the sociopoetical method where it produces knowledge with the whole body and in group. The researcher group was constituting by me (official researcher) and 14 (fourteen) street social educators (co-researchers). The theme that they chose was the desire in the acquaintanceship in their own group. The production of the datas happened in the workshops interstices and with techniques that using a lot of dimensions of the human being knowledge, specially art, to make easier the production of concepts and become the street social educators in philosophers. The analysis of these concepts permitted me to do some inferences about the group thinking structure concerning the studied theme. This structure shows their desires in three dimensions: in the first the desires happened in the acquaintanceship between the street social educators (S.S.E.) and the street young people (S.Y.P); in the second between themselves (S.S.E.) and the third dimension between the entities, where the street social educators have worked with children and young people, and them (S.S.E.). All the dimensions of this structure are passing by pedagogical practice problem and they are created by co-researchers, constituting the thinking of the group in their multiplicity, in the workshops moment. They are possible fieldworks and can live together.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

PARTE I: CORPO JUVENIL DE RUA: CARTOGRAFIA DE SABERES

CAPÍTULO UM **16**
A problemática e a captura de um "objeto de estudo"

CAPÍTULO DOIS **35**
Um Mapa de Sensações: cartografando as ruas da cidade

CAPÍTULO TRÊS **52**
Corpo Território-Movimento

CAPÍTULO QUATRO **62**
Corpo dissolvente e excessivo

CAPÍTULO CINCO **75**
Corpo Garantido

PARTE II: OS EDUCADORES SOCIAIS DE RUA E OS DEVIRES SOCIOPOÉTICOS

CAPÍTULO SEIS **83**
Surfando nas ondas do saber sensível: encontro com o Educador Social de Rua

CAPÍTULO SETE **101**
A Sociopoética e a construção de uma máquina de guerra

CAPÍTULO OITO **152**
Uma leitura em intensidade: curto circuito entre saberes mestiços

A HORA DO CREPÚSCULO: DESFECHO DE ACONTECIMENTOS **221**

BIBLIOGRAFIA **231**

ANEXO **242**

INTRODUÇÃO

Mudei-me da casa dos eruditos e bati a porta ao sair. Por muito tempo a minha alma assentou-se faminta à sua mesa. Não sou como eles, treinados a buscar o conhecimento como especialistas em rachar fios de cabelos ao meio. Amo a liberdade. Amo o ar sobre a terra fresca. É melhor dormir em meio às vacas que em meio às suas etiquetas e respeitabilidades.

Nietzsche

Rachar fios de cabelos – eis a ação dos que se propõem a classificar, ordenar e controlar seus objetos de estudo. Em vez disso: emaranhar fios de cabelos – perder-se entre eles. *Uma vez que se tenha encontrado a si mesmo, é preciso saber, de tempo em tempo, perder-se – e depois reencontrar-se: pressuposto que se seja um pensador. A este, com efeito, é prejudicial estar sempre ligado a uma pessoa* (Nietzsche, 1983, p. 150). Bebendo nesses aforismos nietzscheanos, sinto que um outro modo de conhecer – um saber sensível – se apressa a chegar. E é nesta perspectiva que preparo meu corpo e mergulho inteira na *poiesis* (do grego *poiesis* = criação) de minha aventura como pesquisadora.

Em 1998, iniciei mestrado na UFC e, em 2000, por progressão, passei para o doutorado nessa mesma Universidade, de modo que a minha tese constitui o resultado de dois momentos, de duas pesquisas, sendo, portanto, dividida em duas partes: **Corpo Juvenil de rua: cartografia de saberes** e **Os educadores de rua e os devires sociopoéticos**. Na primeira parte, trato especificamente das manifestações subjetivas do corpo do jovem de rua, e na segunda, pesquiso entre os educadores sociais de rua, particularmente com alguns que, de modo indireto, haviam participado da primeira pesquisa. Neste momento, à luz da Sociopoética, passo a tratar das produções de dados realizadas pelos educadores em torno do tema *O desejo na convivência do grupo*. Além disso, ressalto que, neste método, o corpo do pesquisador tem grande importância, já que a pesquisa neste momento é feita com o corpo todo. Portanto, fazendo do corpo, temática, percebo que ele não é único, é uma multiplicidade em fusão, pois em cada uma das minhas pesquisas o corpo ganha dimensões diferentes.

Assim, estas pesquisas são produtoras de sentido e co-extensivas. São séries heterogêneas que não se submetem a estágios evolutivos – uma melhor do que a outra ou um *continuum* – e nem mesmo a modelos a serem seguidos. Cada uma das pesquisas, portanto, tem seu valor, cada uma ressoa na outra e cada uma provoca movimentos desterritorializantes. Enfim, as duas pesquisas são multiplicidades – itinerários e campos possíveis na experimentação e na produção do conhecimento. Se quiseres conhecê-las basta virar páginas, pois, nas suas dobras, num piscar de olhos, irão encontrar o contexto das experimentações que vivi – relações criadoras – com os inúmeros acontecimentos que são os corpos dos jovens e dos educadores sociais de rua.

A primeira parte desta tese intitulada **Corpos Juvenis de rua: cartografia de saberes** possui cinco capítulos. No *capítulo um – A problemática e a captura de um objeto de estudo*, é o momento em que traço o percurso de captura do “meu objeto de estudo”: abordo as minhas implicações, ou seja, o meu envolvimento com o tema juventude e, em seguida, traço o contexto histórico-social, o território em que se constituiu essa subjetividade que chamo de jovens de rua. Nesse sentido, mostro, também, como o jovem tornou-se um dos fenômenos mais frequentes e banalizados dos últimos anos, especialmente no que se refere aos aspectos urbanos.

No *capítulo dois – Um mapa de sensações: cartografando as ruas da cidade*, neste capítulo apresento o momento em que estudando os jovens de rua, me surpreendi fazendo dois movimentos bem particulares: desterritorializei-me do que me era familiar e reterritorializei-me entre estranhos. Desterritorializei-me do familiar ao adentrar e percorrer Teresina, a cidade onde vivo. Reterritorializei-me quando fui aceita pelos jovens de rua, deixei de ser uma estrangeira. Portanto, a partir da experimentação desses movimentos, traço imagens ao mostrar o encontro entre mim e os jovens. Por fim, ilustro essa mistura de corpos com o diário de campo que retrata a minha inserção no bueiro em que eles vivem.

No *capítulo três – em Corpo Território-Movimento* vê-se o corpo do jovem de rua como o lugar em que se inscrevem os signos territoriais de uma cidade. Nesse sentido, o corpo é o lugar – um território que se movimenta. Neste caso, pergunto: É a cidade que habita o corpo ou é o corpo que mora nela? Observa-se uma simultaneidade, uma multiplicação nas ocupações dos espaços. Abordo, então, a questão do território flexibilizando a idéia de enraizamento e de identidade fixa, ao mostrar que há uma

circulação desses jovens expressa na instabilidade da desterritorialização e no reagrupamento contínuo que podemos chamar de uma estratégia de rua. Além disso, mostro que as cidades e os jovens nômades são co-extensivos - ambos símbolos do mundo atual - pois fluem com uma incrível rapidez, impondo um ritmo alucinante, vertiginoso, imprevisível e incontrolável - num grande espetáculo de imagens. Um espetáculo que apresenta, simultaneamente, o individualismo moderno e os subterrâneos coletivistas do bando.

O *capítulo quatro* - **Corpo dissolvente e excessivo**, trata da droga e de seu uso frequente pelo jovem de rua, e de seus efeitos. O solvente - líquido em que uma substância é dissolvida, dissolve o corpo juvenil. Mostro, assim, que o solvente traz a desmesura e a desintegração superficial do eu juvenil, do seu organismo organizado, e produz um corpo sem órgãos - possibilidades de conexões com outros agenciamentos, circuitos, conjunções, superposições e limiares; passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações. Excessividade, por sua vez, produzida através da brincadeira, da sujidade e da tatuagem - marcas e inscrições corporais produzidas nos diversos confrontos pelas ruas e avenidas e que traduzem outra forma de viver a cidade. Portanto, são engrenagens sutis decodificadas só entre eles, os enturmados.

Corpo Garantido, *capítulo cinco*, finaliza a primeira pesquisa e culmina mostrando como a aquisição de todo esse saber é inscrito no próprio corpo juvenil. Nesse caso, o corpo se torna a própria esfera do acontecimento, da manifestação. Ênfase, assim, que os usos das estratégias e dos dispositivos - movimentos frenéticos e repetidos, da excessividade dos gestos, das inúmeras expressões corporais e da dissolvência, no uso intenso do solvente, garantem, ao jovem de rua, a possibilidade de viver na rua. Evidencio, então, que um saber é constituído: uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, do bando aos jovens - o saber do sujeito jovem garantido. Mostro, por fim, que a força de um jovem garantido está no poder de confinar e fazer transitar o inimigo inscrito no próprio corpo. Ele é o suporte da violência no instante dessa atuação.

A segunda parte desta tese intitulada **Os educadores de rua e os devires sociopoéticos** possui três capítulos. No *sexto capítulo*, **Surfando nas ondas do saber sensível: encontro com o educador(a) social de rua**, mostro o quanto me aproximei

da sociopoética, e como isso me levou a ter consciência do pesquisar com o corpo todo, especialmente, porque neste método se produz conhecimento de forma compartilhada. Neste capítulo, apresento, também, o meu percurso para tornar o educador de rua uma problemática de investigação co-extensiva à dos jovens de rua. Finalmente, situo o território em que se constituiu o educador de rua e sua prática pedagógica enquanto política de atendimento da Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD.

A sociopoética e a construção de uma máquina de guerra, o *sétimo capítulo*, descreve todo o método de produção da pesquisa sociopoética. Apresenta, assim, passo a passo, os seguintes processos: a negociação e a formação do grupo-pesquisador, a escolha do tema, a produção e análise dos dados. Neste momento, vale ressaltar, entre tantos elementos, a escolha do tema da pesquisa: *O desejo na convivência do grupo* e, na produção dos dados, as técnicas escolhidas, que foram: A invenção do corpo coletivo do educador de rua; as Histórias Bricoladas; os Lugares Geométricos e Co-pesquisadores: repórteres por um dia. Neste instante, portanto, apresento as inquietações dos educadores e enfatizo o quanto pode um corpo educador de rua através da riqueza dos dados produzidos.

O *capítulo oito*, **Uma leitura em intensidade: curto-circuito entre saberes mestiços**, traz para apreciação do leitor o processo de análise das técnicas: A invenção do corpo coletivo do educador social de rua; Co-pesquisadores: repórteres por um dia e as Histórias Bricoladas. Evidencio as análises classificatórias e transversais – o tratamento por que passaram os dados destas técnicas com o objetivo de descobrir a estrutura do pensamento do grupo em relação ao tema *O desejo na convivência do grupo*. Neste momento, é importante ressaltar a diversidade de conceitos e afetos (conceitos + afetos) produzidos pelos educadores no seu processo de criação. Finalizo o capítulo apresentando a análise filosófica e as considerações gerais das referidas análises.



PARTE I

**CORPO JUVENIL DE RUA:
CARTOGRAFIA DE SABERES**

Capítulo Dois

UM MAPA DE SENSAÇÕES: CARTOGRAFANDO AS RUAS DA CIDADE

*“Não saber se orientar numa cidade não significa muito.
Perder-se nela, porém, como a gente se perde numa
floresta, é coisa que se deve aprender a fazer.”*

Walter Benjamin

As ruas e avenidas – mundo da luz

Dezenove horas.¹ "A noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades" (Baudelaire, 1997, p.23). A avenida borbulha. As calçadas estão apinhadas de pessoas andando, saindo de todos os lados e lugares. As paradas de ônibus lotadas de gente: uns chegam, outros voltam para seus destinos. Os carros não correm, voam; em seu itinerário, cruzam os ares como senhores da rua. Todos, dessa forma, à sua maneira, participam da cidade, vivem dela, embora, no *frenesi*, nem se dêem conta disso. Nessa hora, quando o dia vai embora e a noite chega, um rito de passagem institui² burburinhos e deslocamentos de um lado a outro. O caos instaurado imprime à cidade e a seus partícipes um ar paroxístico: movimentos bruscos, cores, brilhos, formas, estilos e sons. Nesta complexidade e diversidade o perder-se urbano é marcado por uma comunicação intensa entre as pessoas, e igualmente em seus edifícios, ruas, insígnias, lojas, e no seu fluxo de um tráfego insaciável (Canevacci, 1997).

Um grande caleidoscópio poderia retratar esses momentos, a excessividade de tempo, espaço e individualidades se sobrepõem, amalgamam-se e formam um *patchwork* das modas, uma superabundância de combinações de imagens e cores variadas que, de modo fragmentado, móvel, compõem a realidade contemporânea. (Augé, 1992;

¹ Início com essa descrição, parte do meu diário de campo, porque pretendo destacar que as avenidas e ruas de Teresina, sempre tão organizadas e classificadas, combinadas com um controle de tempo que garante a circulação de pessoas, bens e mercadorias em um máximo de rapidez e eficiência, parecem na passagem do tempo, do dia para a noite, passar por uma metamorfose, instaura-se nesses espaços um caos temporário.

² Pierre Bourdieu, 1996, p. 97, nos remete a questão dos ritos de instituição ao afirmar que um dos efeitos essenciais do rito de passagem é "separar aqueles que já passaram por ele daqueles que ainda não o fizeram, e, assim, instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados".

Baudelaire, 1997; Canevacci, 1997). Qual a forma mais importante? As formas apresentam-se de modo circunstancial, e um olhar sob a cidade, neste horário, com a invasão de pessoas e coisas nas ruas faz-nos observar fragmentos, resíduos, modelos, estilos, imagens numa diversidade *sui generis* do tecido social destes tempos.

Assim, marcar presença na esfera pública é sempre um ato extraordinário, principalmente quando o viés são as teias de observação de uma pesquisadora que sai, em caminhada, numa eletrizante corrente de excitação, à procura do seu objeto de estudo. Trata-se de um perder-se numa embriaguez total, pois embrenhar-se nas luzes da cidade pode ser vertiginoso, tanto que, ao mergulhar nessa espécie de reservatório de energia elétrica (Canevacci, 1997, p.107), todos os meus sentidos se aguçam. Num jogo de imagens, numa dinâmica peculiar, entre avenidas, ruas, multidões, bueiros, favelas e ação, percebo que é na ambivalência de sombra e luz entremeadas que subjetividades se constituem, marcadas pelo numeroso, o ondulante, o fugidio, o infinito: Quem conhece a totalidade deste cenário? Que personagens, senão os jovens de rua³, conseguem viver no limiar entre a ordem e a desordem desse espaço chamado rua? Não seriam eles os espíritos que mais ficam fora de casa e se sentem em casa onde quer que se encontrem?

É nesse espaço e em sua luminosidade que entro em busca desses jovens, repleta de indagações: Como embrenhar-me e perder-me em minha própria cidade, deixando-me embriagar não apenas pela estranheza e desconhecimento mas, sobretudo, pela desconstrução, caos e anomia imanente ao meu objeto de estudo? Como deixar-me ir - fora de mim - em busca do inominável, do que ainda não foi dito, que se dissolve no ar, sabendo que se corre o risco de não se voltar ileso dessa imersão?⁴

³Chamo para fins de pesquisa jovens de rua, todos os jovens entre 12 e 18 anos que vivem perambulando pelas ruas de Teresina, em bandos, estão distantes de suas famílias, não possuem trabalho e cometem algumas infrações. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente são jovens em situação de risco pessoal e social.

⁴Roberto Damatta, 1991, na parte que trata do trabalho de campo, fala que a subjetividade do pesquisador se evidencia no encontro com o Outro. Ela seria o elemento que não estava sendo esperado e se insinua na prática etnológica "Como um blue, cuja melodia ganha força pela repetição de suas frases". Esse elemento é o sentimento e a emoção que acaba por evidenciar um mapa de sensações, e como se estivesse dormindo, a subjetividade do pesquisador desperta.

Caminho Frei Serafim abaixo. Esta avenida conduz-nos a uma cartografia espacial cuja textura sobreposta e amalgamada é referência para os habitantes que moram, chegam e saem de Teresina. Ao norte, a parte antiga - onde a cidade começou, fica o centro comercial, o mercado central, a sede do governo estadual e municipal, as praças e monumentos. Na zona sul, a cidade cresce em favelas, vilas e bairros populares. A oeste, fica o Rio Parnaíba, que faz a fronteira com o Maranhão. A zona leste tem como marco o Rio Poty, que separa e une⁵, simultaneamente, esta parte aos outros zoneamentos da cidade. Às suas margens abriga-se a Poticabana (espécie de Copacabana) e os dois recentes *shopping centers*, inaugurados em 1998, compondo um novo centro comercial. Aqui, encontramos condomínios que atendem as classes média e alta. Esta região, também, está entremeada de lugares e pontos insalubres.

Assim, adentrando mais na cidade, estranho seus espaços, principalmente, os que vejo todos os dias de dentro do automóvel - enquadrados pelo mundo da luz. Desço do carro, saio de mim seguindo na avenida, rumo à zona leste. Sou tomada por uma vertigem: vejo e não vejo. Fora de mim, aos tropeços, esbarro em pessoas e coisas pelas calçadas. Estes choques fazem-me sentir desasossego. Fico receosa dos outros, especialmente, de o educador⁶, que me acompanha, perceber todo o turbilhão de sensações que me invade. Como uma estranha sinto-me "fora de lugar", "é como acordar de manhã na casa de um estrangeiro, não sei se terei coragem de ir. É difícil perder-se." (Lispector, 1998, p.12). Sinto vontade de voltar.

Continuo andando e, mais do que "fora de lugar", sinto-me "sem lugar". "Caminhar é ter falta de lugar" (De Certeau, 1994, p.183), ora, é esse movimento que me faz entender que "perdi o pé", a "terceira perna"⁷, pois vivi o que até então não ousara, e que me

⁵Interessante ver a discussão que De Certeau, 1994, p. 213 faz sobre a questão das fronteiras – para ele, elas instauram um paradoxo, pois ao mesmo tempo que cria contatos, os pontos de diferenciação são acentuados. Neste caso a junção e a disjunção são indissociáveis.

⁶Os educadores de rua participam do projeto *Vem pra Casa Criança* e trabalham com a Educação de rua, no espaço da rua, e em contato direto com os jovens em situação de rua. Este é um dos projetos da SEMCAD (Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente), órgão público municipal responsável pela execução das políticas de assistência e proteção à criança e ao adolescente no município de Teresina. Esta secretaria foi criada através da Lei nº 2.184, em 14.01.1993.

⁷ Lispector, 1998, p.13 diante do inusitado questiona: Não seria como adulto que, quando se tem medo, se cria um terceira perna, um apoio para se proteger? E, em contrapartida, não seria, então, na infância que as

causara desterritorializações em torno do meu espaço privado-cristalizado. Eu me pergunto: O que estava fazendo aqui? Por que escolhi algo tão escorregadio, inóspito, violento, distante e desconhecido para estudar?

Mas, agora, com uma "coragem infantil", aqui estou eu, na rua, "no meio do mundo". O que sentir, como fazer, para onde ir? Tantas dúvidas, medos, anseios, tudo ali, no meio da rua. E o espaço da rua é quase o mundo, imenso e com tantas possibilidades. E este mundo, neste momento, parece querer me invadir e romper meus limites, quebrar meus muros reais e imaginários.

E assim, deixo-me levar pelos acontecimentos. O meu maior medo é exatamente o de ir vivendo o que está sendo, e por isso um grande mal-estar invade meu corpo. Eu não me reconheço mais. Outrora, nos meus diários, averbava a agonia de estar perdendo o meu olhar congelado, construído para a inscrição e o reconhecimento dos fatos vividos: "Aqui, tudo se movimenta, os jovens de rua, por exemplo, não param, correm o tempo todo. Preciso disciplinar o meu olhar para conseguir entender esse movimento." (diário de campo, 28/junho/1999). Hoje, pergunto: Como disciplinar o meu olhar se o que via era movimento? Eu precisava entender mais..."teria que correr o risco do acaso." (Lispector, 1998, p.13).

Agora, perdida nas ruas, entendo que o ato de caminhar dá novos sentidos aos espaços reconhecidos, que o percurso constante ganha direções diferentes. Andar acaba sendo uma realização espacial do lugar, de um espaço interventor – chamado cidade-conceito (De Certeau, 1994, p.174). As ruas têm implícito um plano disciplinar, que é atualizado pelas práticas dos caminhantes, seguido e também rompido por elas, como no caso dos jovens de rua, que, em suas caminhadas:

"tanto as faz ser como aparecer, mas também desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. (...) 'O

descobertas são como num laboratório onde se acha o que vem surgindo? A autora, clama: "como terei a coragem infantil de me perder? perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando."

usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo'." (De Certeau, 1994, pp. 177-178)

Desse modo, toda a excessividade das ruas, sua agitação e o caos provocaram um bombardeamento do meu olhar fixo ao qual fui habituada, e um outro olhar, em movimento,⁸ faz-se premente. Este bombardeio do olhar, portanto, é imanente à cidade-movimento. Nela tudo se dissolve no ar a cada instante, pois as ruas da cidade - palco dos confrontos - vive de sua ambigüidade, da pluralidade das situações, do interesse do “aqui e agora”, do jogo, do curto-circuito.

O bueiro - mundo da sombras

Tateando e intuindo, embalada por essa condensação de sentidos, fui mergulhando à medida que descia a avenida, que finaliza com a ponte sobre o Rio Poty. Do outro lado, a Avenida João XXIII se inicia. Essas avenidas iluminadas são como um único mar central na vida da cidade e que abastecem por vias invisíveis e subterrâneas (Maffesoli 1998, p.66) suas ruas menores, lugar de pontos e coisas que não devem ser vistas. Entre um e o outro circula o duplo, as brechas, o que fica fora de si, sem identidade fixa, nômade. Lugares onde se solta a imaginação - uma potência mágica, alucinatória, quase patológica que permite a resistência astuciosa à injunção da realidade. (Idem, 1984, p.67).

No palco das cidades modernas, portanto, existem espaços múltiplos, peculiares e contraditórios. Ao mesmo tempo, que produzem luzes claras, que nos dão a sensação de que tudo é visto e dito, também delimitam espaços escuros, não vistos. São sombras onde vivem todos aqueles que não devem aparecer. Nesses espaços podemos perceber outras formas de expressão, incompreendidas. E os jovens de rua são sujeitos que não vivem da mesma forma essa luminosidade e por isso tornam-se a expressão mais marcante dessa segregação social - a grande maioria deles são produto dessa cidade segmentada e fugaz.

⁸ Ver Glória Diógenes, 1998. A pesquisadora desenvolve toda sua metodologia em torno desse olhar que se desloca em face do seu objeto-nômade - as gangues e galeras de Fortaleza-Ce.

Entretanto, para os urbanistas, a idéia que perpassa é a de Cidade viciosa (Pechman, 1994) para lugares *aonde* vive a pobreza. Ali, é o local do vício. Seus elementos são considerados perigosos, vulcânicos, cuja violência explosiva pode minar a estrutura da sociedade. Isso justifica as intervenções do Estado no espaço público com o objetivo de desmontar o modo e a vida populares. Não é à toa que, desde o início do século XVIII, os sentimentos da rua, suas relações sociais, culturais e econômicas passaram a ser considerados anômalos. Em contrapartida, a Cidade Conceito, lugar do privado, cenário de luz - de onde eu vim - é o lugar onde deverá constar o conforto, a higiene, a salubridade, enfim, a felicidade.

Instalou-se na consciência do corpo social a convicção de uma equivalência entre a miséria, a agressividade e o perigo. Esta foi a grande moldura para o início da exclusão dos pobres. E a interdição, a inexistência e o mutismo foram os mecanismos freqüentes que os enquadraram ritualmente e que definiram o que eles deviam possuir e podiam falar. Nesta histórica dominação rizomática⁹, o saber é produzido, com técnicas, discursos científicos que se entrelaçam com o poder de punir e decidir. Michel Foucault (1993a) mostra que, a partir disso, até o corpo sofre transformações. Este autor chama atenção para as exclusões, os limites sobre os quais essa sociedade se constituiu: tudo se passa como se as interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar. (1993b, p.25)

Assim, a modernidade cria o Outro. O Outro esculpido traço por traço com base no conhecimento científico. Sobre o Outro - o louco, a criança, o jovem, o estrangeiro, o selvagem, a terceira idade e outros - são construídos itinerários e subjetividades mediante um processo social e cotidiano, claramente institucional, como: a família, a escola, a fábrica ... rompendo com qualquer possibilidade de uma cultura da diferença.

Noto que os jovens de rua, em bandos, reagem, saem dos bastidores, passam ao palco das ruas, com seus corpos fugidios e indisciplinados, adentram os cenários

⁹ Para Deleuze e Guatarri, 1995, p. 32, “o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza”

iluminados e causam impacto aos transeuntes.¹⁰ Eles enfrentam, à sua maneira, a disciplina do estabelecido, como também, o que lhes é negado. Consomem a cidade, todos os lugares, os mais escondidos. Marcam presença, visíveis, tornam-se espectros imagéticos do nosso tempo. Polissêmicos, nos dizem menos de si do que da sociedade que os projetou.

Nas ruas, simbólico e ludicamente, com formas outras de sociabilidades¹¹, um outro jeito de ser jovem é constituído. Saio em busca desse mundo. Processualmente, registro na memória e no meu diário de campo, as cores, formas, pessoas, sons e minhas próprias reações, tudo que antes não dava conta, habituada que estava com os espaços assépticos e planificados dos quais fazia parte.

Hoje, revendo o início dos meus trabalhos, entendo por que caminhar em busca do "desconhecido" me causou tanto medo. No início de meus estudos exploratórios, em dezembro de 1998, não teria tido coragem de ir, de me aventurar neste universo se não fosse a mediação dos educadores de rua, que me deixavam confiante e certa de estar protegida. A estranheza era sobretudo a de encarar esse mundo e seus personagens como revestidos de uma outra luminosidade. Tudo que minha subjetividade entendia como morte, desconstrução, caos, mostrava-se humano, demasiado humano. Diante disso, como olhá-los como vida? Como construir um saber que fosse capaz de integrar este caos ou, pelo menos, lhe concedesse um lugar próprio? Foi preciso, então, construir um saber dionisíaco, capaz de estabelecer a topografia dos proscritos – inscrições próprias aos corpos juvenis.

¹⁰ Ver Marshal Berman 1996, p.148, onde ele comenta o poema de Baudelaire, "A família de Olhos" , e mostra uma das contradições mais profundas da vida na cidade moderna. Os urbanistas ao destruírem a cidade com suas reformas urbanas e ao tirar os pobres da cenas de visibilidade, os põem em evidência, pois a "família em farrapos, do poema baudelaireano, sai de trás dos detritos, pára e se coloca no centro da cena. O problema não é que eles sejam famintos ou pedintes. O problema é que eles não irão embora. Eles também querem um lugar sob à luz."

¹¹ Ver Simmel, 1983, p.168-169 onde esse conceito é problematizado. O autor diz que esse "processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma societária. Aqui, 'sociedade' propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganha vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade." Portanto, "sociabilidade como a forma lúdica da sociação"

Curto-circuito: correlações de forças - encontro luz/sombras

Foi com esse saber que passei a gestar minha pesquisa de campo. No início do ano (1999), acontecimentos trouxeram modificações não previstas: a implementação de mais um projeto de assistência a esses jovens - Projeto Pelotão da Esperança - desta vez no âmbito da Política Pública Estadual. Executado em março, suas principais ações foram as de limpeza e repressão àquele universo de meninos e jovens que, por ficarem circulando, em especial, nas praças e logradouros do centro da cidade e avenida Frei Serafim, causavam constrangimento aos transeuntes com seu atos e com sua imagem de “menino de rua”. Por isso, eles tiveram que nomadizar e refugiar-se nas proximidades de um dos *shopping centers* de Teresina.

Assim, com o objetivo de vivenciar o cotidiano desses jovens, resolvi também nomadizar, seguir suas trilhas. Fomos, o educador e eu.

“Naquele momento, encontravam-se no final da ponte, nas imediações de uma loja de pneus e de um posto de gasolina, abrigados em um bueiro. É um lugar estratégico porque, ao mesmo tempo, que os esconde; evidencia-os. Se andarem em frente à loja, estarão do lado da luz, na avenida. Ali, encontram-se, também, bares, mercearias apinhadas de homens e mulheres e um prédio fechado e sujo da antiga Cobal. Em suas calçadas altas, encontramos as lixeiras repletas de resíduos. Uma volta em torno da loja leva a uma rua sombreada dona de um matagal, dentro dele, um bueiro. Ao chegarmos, à noite, lá estavam eles. O medo e o fascínio me envolveram. Conheci o educador, mas de mim não se lembravam mais. Prosseguimos nos encontros durante toda aquela semana. O educador tornou-se meu interlocutor mais próximo naquele momento, embora, a cada dia, se fizesse presente a necessidade de ir sozinha àquele local” (diário de campo, 1 de julho de 1999).

E fui, sem o educador, em busca de uma interação maior, de uma intimidade. Adquiro um olhar mais próximo, percebo vontade de potência e de vida entre os jovens de rua e no bueiro onde vivem. O mapa de sensações amplia-se, jovens e pesquisadora confundem-se momentaneamente e, de forma simultânea, exacerbam-se a crueza do trágico e de sua luminosidade, ao se acentuar a intensidade de um tempo presente que se esgota em si mesmo e que acaba encontrando a superação da individualidade e enfatizando a interação

entre os diversos domínios da vida social. Para Maffesoli (1984), isso é o curto-circuito - enfrentamento luz/sombras - que ressalta a polissemia do real e a riqueza da vida social.

A intensidade desse curto-circuito toma parte do meu diário, me sinto como um boto que imerge nas águas profundas onde vivem os jovens e, num salto, saio para respirar, numa mistura de amor e mistério, manifesta-se vida e paixão:

“Chego com medo e ansiedade de não ser bem recebida mas encaro de frente minhas inseguranças. Chego às 16:30h. Encontro todos na marquise da loja, próxima ao bueiro onde se escondem. Uns deitados pelo chão, alguns dormindo. Outros cheirando solvente. Nada mais faziam. E, nessa aparente vacuidade, numa vida banal, eles condensam sentidos.¹² Aproximo-me. Percebem minha presença, que já era conhecida. Gritam: "Shara! Shara! Você trouxe nossas fotografias?"¹³ Uma constante era essa pergunta, repetidamente eles a faziam. Olhamos as fotos e conversamos sobre elas. Um deles me pediu dinheiro para comprar comida pois estavam com fome. Dizem: "nós mesmo cozinhamo (sic) nossa comida, Shara.". Ele vai comprar e fico imaginando onde cozinhariam. Quando volta, eu peço para conhecer o lugar onde se escondem e fazem sua "casa". Percebo um olhar de recuo num dos jovens, mas os outros se levantam e saem na frente me conduzindo. Até então não havia me aproximado do espaço que, temporariamente, ocupam. Todos os nossos encontros haviam sido debaixo da marquise da loja ou na calçada do posto de gasolina. "Não deu nem pra pensar", estava lá, no meio do matagal, onde havia um bueiro - um esgoto a céu aberto, com lama e dejetos o tempo todo escorrendo. No caminho muitos frascos no chão, jogados ao léu ... É a presença dos jovens com seus frascos de solvente. No início, há alguns galhos como se tivessem sido estrategicamente deixados para evitar passagem. Entramos e depois de transpostos os galhos, encontramos uma trilha que nos leva até uma grande árvore, no centro. Já são mais ou menos 17h e o lugar vai ficando meio escuro. Rápido escurece. O lugar é espaçoso. Existem três cadeiras (duas completas e a outra sem uma perna). Resto de papelão no chão para sentarem ou dormirem e um colchão velho para a mesma finalidade. O resíduo de uma fogueira bem no centro marca a presença de fogo e o

¹² Ver Michel Maffesoli, 1984, p. 89-93. Nesta obra, o autor argumenta que há possibilidade de criação na vida banal, diária. O que dificulta esse olhar é a epistême ocidental onde a criatividade só provém da atividade. Por que uma passividade, um fazer nada, não pode ser fecundo? Só nos mantendo consciente da melancolia é que compreenderemos os momentos paroxístico da mesma: monotonia e exuberância constituem o rumo da vida social, da nossa vida.

¹³ Um dos procedimentos de registro da observação que fazia no campo era a fotografia. Na maioria das vezes levava minha máquina fotográfica, isso acabou por me tornar conhecida pelo grupo como a moça que tira fotos.

lugar de fazer comida... uma panela e uma frigideira. Duas colheres. Pedacos de pano usados. Galhos quebrados...e um fedor enorme de dejetos... acho que do bueiro e dos próprios jovens. Mas, isso parece passar despercebido... os meninos cheiram seus solventes. Ficam eufóricos, riem alto, cheios de prazer. Excessivamente tudo querem mostrar. Correm de um lado para o outro. É novidade estranhos ali. Não sabem muito bem o que fazer. De repente, um dos jovens, sai de dentro dos matos com um pedaço de cana-de-açúcar. Descasca, começa a tirar pedaços e a distribuir. Entrega-me um. Sinto nojo, tudo sujo... Como conseguir comer? Eu como e fico com receio de que percebam meus sentimentos de reação àquele lugar e à sua gente. Na ânsia de agradar, eles reclamam do comportamento uns dos outros: gritam, esmurram-se, xingam-se, enfim, chamam atenção. E chamando atenção, gritam por atenção. A minha presença e a máquina fotográfica são motivos suficientes para torná-los mais efusivos. Buscam o melhor lugar para se posicionar. Gritam: "Tira aqui, Shara". Em cima da árvore, bem no alto, fazem pose e berram: "Olha eu aqui. Eu tô aqui. Tira minha foto". Outros pegam meus utensílios: bolsa, óculos escuros e pedem para ser fotografados com eles. Não querem sair de qualquer jeito: descalços ou cheirando solvente. Atentos, sempre preocupados com a melhor imagem, dizem: "Assim não, tia. Descalço, não. Essa eu vou levar pra minha mãe."¹⁴ Depois de algum tempo por ali, lembro que é bom colocar o feijão no fogo. Percebo, que de uma maneira ou de outra, uma pequena ordenação se instaura: um dos meninos vai buscar água, outros acendem a fogueira. Falta fósforo e sal, um outro vai comprar. Quando volta, o jovem que saiu para pegar água, traz também arroz e ovos. Diz-me que guardam as coisas no meio das moitas, escondidas. Em minha perplexidade, nem percebo que também estava sendo observada. Um deles olha para mim e diz: "Tu teria, tia, coragem de morar aqui? Tu pensava que alguém vivia assim?" A sabedoria, o mistério e a beleza daquele jovem fazem-me calar. Diante de tanta crueza não tive o que responder. Tiro fotos até escurecer: da fogueira acesa, da comida fervendo, cozinhando, dos jovens em volta dela, conversando, cheirando... O cotidiano se apresenta ali, bem diante de mim. O inusitado se mostra em um dos seus momentos de epifânia. Em pé, sentados no chão, ou mesmo, andando de um lado para outro, ao redor da fogueira, eles cheiram e parecem relaxados... De repente, como quem desperta de uma viagem, olham para mim estranhamente, como a lembrar que eu não sou uma de "dentro". Perguntam: "Não está na hora de ir embora, Shara?", "Já é tarde, é melhor tu ir se embora?", "Esses meninos fazem muita bagunça e saliência, não repara, não." A seu modo, me dizem que chegou a hora da despedida. O que iam fazer depois? Provavelmente o

¹⁴ Interessante como a fotografia pode revelar a ostentação de símbolos valorizados, pois a partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente o corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Esta transformação é ativa e sinto que a fotografia cria o corpo ou o modifica a seu bel-prazer (Barthes apud Rial., 1998, p.215).

que fariam depois, eu, uma "tia" mais velha e que cheirava "a ordem", não saberia e muito menos podia presenciar. Vou embora, olho para trás e vejo um grupo meio embaraçado pela luz da fogueira, vultos..."meio gente de verdade". (diário de campo, 4 de julho, 1999)

Lá de fora, sinto tudo parecer diferente! Percebo que mudanças haviam ocorrido. No encontro do dia com a noite, da avenida com as sombras, da pesquisadora com os jovens de rua, aquilo que parecia tão distante e separado, por alguns instantes, ficou irremediavelmente entrelaçado.¹⁵

Quinze dias depois, os meninos estavam procurando outro lugar para ficar. O matagal fora vasculhado. Capinaram tudo... Cortaram a árvore... limpavam o local... E os jovens??? Como se tivessem espantado um formigueiro, espalharam-se, fugiram e mais uma vez... procuravam onde ficar...onde? Nas ruas, nas suas brechas, nos vazios. Esses são os lugares, ou seriam, os *não-lugares*? Será como "escapar à opressão totalitária do lugar, será encontrar algo que se assemelha à liberdade." (Augé, 1994, p.107)

¹⁵ Como fênix nascendo das cinzas, eu ressuro nova, revigorada, como se partilhar desse mundo tivesse me feito percorrer um caminho e o atualizado. Damatta, 1991, p. 151-152, nos diz que o percurso, "Morrer", "viver nos limites" e "ressuscitar" faz com que o antropólogo, numa nova perspectiva, retorne à sua aldeia e assuma novos papéis sociais e posições políticas, pois "Vivendo fora da sociedade por algum tempo, acabaram por ter o direito de nela entrar de modo mais profundo, para perpetuá-la com dignidade e firmeza."

Capítulo Três:

CORPO TERRITÓRIO-MOVIMENTO

*... eles povoam a cidade
Depois da cidade, o mundo.
Depois do mundo, as estrelas,
Dançando o baile do medo.*

Carlos Drummond de Andrade

Os jovens de rua andam, transitam de um lado a outro, dispersam-se dando a impressão de não ter nem forma nem lei, indicando-nos uma cartografia²⁴ espacial expressiva e inusitada que se manifesta num dinamismo e em um movimento particular, próprio. Nos diferenciados dias em que me encontrava entre eles, a agitação era uma constante. Era um andar à toa, um não se aquietar, uma busca contínua de significação territorial revelada nos choques corporais bruscos, frenéticos e intensos, bem como nos deslocamentos freqüentes. Na rua, em questão de segundos, tudo pode acontecer.

*Tudo é muito rápido. **Boto**²⁵ pede para eu ler um livro. Senta-se de frente para mim, no banco da praça, e, por alguns instantes, fica observando e ouvindo minha leitura em voz alta. Em seguida, levanta-se e esmurra um menino deitado e, quase que em efeito cadeia, outros se envolvem e é um verdadeiro desencadear de movimentos bruscos. Estupefata, paro de ler. **Boto** retorna para onde eu estava e pergunta: – Por que tu parou de ler? Respondo: – Parei porque você não estava me ouvindo. – Tia, eu não estava ouvindo? Eu escuto é com o olho ou com o ouvido?, disse ele. Logo depois, **Hades**²⁶ chega correndo. A praça toda parece entrar em avalanche. Gritos para todos os lados: – peguem **Hades**, ele roubou um cordão. Camelôs em uníssono, gritam: – **Hades**, devolva o cordão. Em polvorosa, os meninos o cercam, **Hades** esbaforido, tremia o corpo – pura explosão de adrenalina, suas mãos em movimentos desenfreados, sua boca e seus olhos extáticos, como que em delírio. Ele não estava mais*

²⁴ Regina D. Benevides de Barros, (1993), afirma que *Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. (...) As cartografias são multiplicidades que não formam um todo e se algum todo é formado é o das partes ao lado.*

²⁵ Objetivando dar anonimato aos jovens, bem como causar talvez um efeito brincante, estético, momentâneo substituo seus nomes por outros, de heróis gregos, não existindo pois nenhuma identificação entre uns e outros. Boto é do sexo masculino, possui 15 anos, vive na rua com outros dois irmãos.

²⁶ **Hades** é do sexo masculino, possui 13 anos mas seu corpo franzino faz aparentar uns 3 anos a menos.

com o roubo. Como ele não tinha mais o cordão? Fiquei me perguntando, sem acreditar no que acabara de presenciar (DIÁRIO DE CAMPO, 22/dezembro/1998).

Tudo pode acontecer: escutar e não escutar, ouvir uma história se mexendo e/ou um objeto roubado desaparecer misteriosamente. Em todos os lugares há fruição de desejos, emoções, fugas. E ali, no meio da praça, com a emissão de paradoxos, os jovens de rua, bandos excluídos, parecem querer denunciar e detonar todas as supostas armadilhas do poder hierárquico, racional da Cidade Conceito com suas ações e expressões contraditórias das mais diferentes formas.

Diante de tudo isso, perguntava-me em que lugares da cidade eles poderiam permanecer, já que vivem como nômades pelas ruas de Teresina. Além disso, a cidade parece demarcada em infinitos espaços apropriados para inúmeros e diferentes atores sociais. Em territórios, a malha urbana passa a ter fronteiras invisíveis, e os diversos lugares ganham vida, existência própria com esses pedaços milimetricamente cronometrados e determinados pelos infinitos códigos de conduta e ética, próprios e peculiares. É em referência a essas demarcações (práticas, discursos, paisagens imaginárias, construções mentais e simbólicas) que o *território (...)* é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder (SOUZA, 1995, p. 78).

Para Raffestin, (1993), território se define como:

o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço.

Nesta perspectiva, o território se apóia no espaço mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Produção que se realiza dentro de um campo de poder - fronteiras, sinais e marcas inventadas com a apropriação do lugar para um grupo social, no caso em questão, o dos jovens de rua. O espaço passa a ser visto e/ou vivido, ou seja, representado e, nesse caso, deixa de ser um mero espaço, e transforma-se na sua imagem. Torna-se, portanto, *território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação* (RAFFESTIN, 1993, p.147).

Glória Diógenes, (1999, p. 5), em seu texto *Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles* argumenta que Raffestin ao

assumir o território uma dimensão de comunicação e representação, encenado por seus atores, ele pode ser conduzido através de imagens, atos e palavras, ele movimenta-se através de um outro território: o corpo.



É a cidade que habita o corpo, ou o corpo que mora nela?

Fig. 06

Desta forma, é a cidade que habita o corpo, ou o corpo que mora nela? No caso do jovem de rua o que se repara é uma simultaneidade²⁷, uma multiplicidade na ocupação dos espaços, pois é um corpo que mora em qualquer lugar, numa rotatividade intensa e dispersa, e que por isso, conjuga uma interdependência da sombra e da luz em si mesmo, dando uma aspecto fugidio, vaporoso, difuso que privilegia e apresenta o ambiente por onde passa, circula e transita.

Entretanto, não obstante essa imagem pulverizada, fluida do jogo claro-escuro, do ritmo alucinante e frenético das pessoas e das mudanças da cidade que as inúmeras práticas

²⁷ Michel Maffesoli, (1994, p. 88-93), diz que viver a simultaneidade é saber viver a *sabedoria dos limites que está profundamente enraizada no gestual coletivo, e o limite (...) é uma arma na guerra de trincheiras que cada indivíduo trava contra o devir e as diversas espacializações.*

e representações dos jovens de rua expõem, há uma intercalação deles na rua, realizada com um fluxo de ingressantes, também arbitrário, mantendo-se mais ou menos constante a presença numérica deles nas vias públicas, assim como o que já acontecia com os jovens Apaches²⁸ no início do século, na Europa, onde *em torno de um 'núcleo firme', aglutina-se uma camada de "flutuantes" que aderem ou largam o núcleo conforme as circunstâncias* (PERROT, 1988, p.316).

Há, pois, uma circulação desses jovens expressa na instabilidade da desterritorialização e do reagrupamento contínuo, que poderíamos chamar de uma estratégia de rua, característica dos bandos nômades²⁹, evidenciada nas suas ações informais, pois eles vão e voltam para o grupo, e, quando indagamos, normalmente não sabem onde estão os ausentes, dizem que

eles podem estar no Pelotão da Esperança (projeto estadual de atendimento às crianças e adolescente em situação de rua), ou não sabem se viajaram, se foram presos, ou voltaram para casa. Tanto faz, se conseguirem voltar é porque sobreviveram. (DIÁRIO DE CAMPO, 24/agosto/1999).

Não é à toa que, em um **corpo território-movimento**, o tempo que o habita é pontuado no 'aqui e agora', interceptado pelos choques da vida cotidiana que não tem memória longa, pois suas relações são efêmeras e velozes. Eles registram tudo rapidamente. Desse modo, é que os jovens de rua não estando seguros de si próprios, não possuindo um objetivo fixado a longo prazo, possuem um tempo confuso. Não há mais horizonte desenhado e visível de longe, mas há uma visível efervescência, uma turbulência dinâmica. As cidades e os jovens nômades - ambos símbolos do mundo atual - fluem com uma incrível rapidez, impondo um ritmo alucinante, vertiginoso - num grande espetáculo de

²⁸ Michelle Perrot, (1988, p.319), responde quem são os Apaches. Ela diz: *O Apache nasceu na calçada de Paris. Desde menino, é muito comum nos bairros de periferia ou nos arrabaldes (...) Ele escapa da escola (...) a uma aprendizagem em plena decadência. Vagabundeia, vive de pequenos serviços ou pequenos furtos, zomba da polícia que, nos setores populares, passa a maior parte do tempo a perseguir os malandros. Formam-se pequenos bandos de bairros, com nomes gozadores (...).*

²⁹ Deleuze, em entrevista a Claire Parnet, transforma comentários de vários termos num abecedário que ficou conhecido como o Abecedário de Gilles Deleuze. A palavra nomade está na letra V de viagem e, para o nômade, ele diz: *trata-se de pessoas que, precisamente, não viajam. (...) Literalmente, eles permanecem imóveis, todos os especialistas em nômades dizem isso. É porque os nômades não querem partir, porque eles se apegam à terra, à sua terra. Sua terra torna-se deserta e eles se apegam a ela, eles só podem ser nômades em sua terra, e é por força da vontade de ficar em sua terra que eles se tornam nômades. (...) É porque eles não querem partir que eles são nômades. E é por isso que eles são completamente perseguidos.*

imagens. Um espetáculo que apresenta simultaneamente o individualismo moderno e os subterrâneos coletivistas do bando, que servem como uma instância de "reterritorialização".

Na rua, normalmente em grupo, os jovens de rua andam vagando, sem repouso, até esgotar as forças de seus corpos. *Flânerie*, se diz, andar a esmo, sem meta ou rumo preciso (...) (CAIAFA, 1989, p.14), com relativa autonomia e liberdade de agir como queiram, numa identidade fluída, interminavelmente aberta ao exercício da vontade e da imaginação (PERLONGHER, 1987, p.188). E tudo isso significa também a vadiagem, o não fazer nada, como o estar implicitamente disponível para o novo, o inesperado, a aventura (Idem, 1987, p. 158).

Desse modo, pode-se tentar abordar a questão do território flexibilizando a idéia de enraizamento e de identidade fixa, pois os **corpos territórios-movimentos**, enquanto relações de poder, blocos táteis no campo das correlações de forças, seriam ligações belicosas, em confronto, onde

grupos podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos (SOUSA, 1995, p.87).

Portanto, o Corpo - território móvel³⁰ - desloca-se no espaço e oscila em todas as direções. Instável, vagabundo, nômade, movediço, os corpos dos jovens de rua deslizam sorrateira e, também, explicitamente pelos diversos recantos da cidade, especialmente os vazios - vias invisíveis e subterrâneas - seus refúgios. Todos esses lugares se movimentam com o andar andarilho do jovem de rua, que delineado pela própria pele inscreve sentido aos espaços. Nas suas andanças e usanças³¹, pelas ruas, são reconhecidos e causam

³⁰ Esse conceito é utilizado por Marcelo José Lopes de Souza, (1995, p. 88). Para ele no território móvel os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva. O que não significa, em absoluto, que 'pontos' não sejam às vezes intensamente disputados, podendo a disputa desembocar em choques entre grupos rivais.

³¹ Termo utilizado por Ferrara, (1999), que nos permite substituir o termo uso por usança com um caráter de mediação entre o espaço e o usuário. Desse modo, hábito e uso se incorporam, e usança surge como verdadeiro signo de um hábito!

constrangimentos, incomodam com sua presença ruidosa, miserável, tatuada, mapeada e fronteiriça, como neste dia em que **Ariadne**³² pediu para andar de carro comigo, e

os meninos entraram dentro do carro, em cima, por fora, dependurados, de todos os jeitos possíveis. O automóvel começa a deslizar pelas travessas escuras e eles na maior algazarra, gritavam: "Vai para o shopping, Shara!". Andamos uns quatro quarteirões e parei em uma esquina para descender e poderem ir embora. Mas, uns saiam de dentro do carro e outros entravam. Neste vai e vem, nem havíamos percebido a cena supostamente agressiva que se instalara, devido, especialmente, aos gritos e aos corpos sujos e marcados dos jovens. Dois rapazes, que passavam, por perto, em seus carros, pararam, e muito assustados, alarmados, aproximaram-se gritando: "Hei, saiam daí! O que estão fazendo com a senhora?" Os jovens de rua recuados e com raiva, gritavam: "nada, ela conhece a gente!" Olharam incrédulos e perguntaram: "senhora, a senhora está bem?" Só acreditei quando assegurei que estava tudo bem e que eles eram meus amigos. Olhei para os jovens de rua e seus semblantes eram todos de raiva, humilhação e desprezo. Explosão de pura revolta no olhar (DIÁRIO DE CAMPO, 13/setembro/1999).

É assim, em pânico, empalidecida e estremecendo diante do olhos fulgurantes dos **corpos territórios-movimentos**, expostos nas ruas, que a Cidade Conceito levanta muros reais e simbólicos – com medo dos "monstros da noite" – sedimentando e instaurando a violência, a exclusão, a segmentação e a distância social. Os cidadãos, portanto, parecem cada vez mais enfurecidos diante dos espectros dionisíacos, excessivos e improdutivos que rondam e emergem no cenário urbano, pois

o simples nomadismo das galeras na cidade já é, por si só, um ato de delinqüência. A exposição de corpos em plena praça pública, em grupos ruidosos, cúmplices de uma mesma 'área', confabulando estratégias para 'testar quem mais se garante' provoca um terrorismo na tradicional idéia de fixidez e ordenação espacial (DIÓGENES, 1999, p. 9).

O corpo se funde ao território, em movimento. Desse modo, a cidade emblemática, concepção abstrata enquanto espaço demarcado e território fixo, de natureza única, expressiva, espiritual e distante, não poderia ser reconsiderada como territórios que se locomovem com o ritmo e a velocidade que a própria locomoção urbana lhe imprime? Não

³² **Ariadne** é a única jovem do grupo, possui 16 anos, é franzina, alegre e muito calada. Dizem ser namorada do **Teseu.**, inclusive possui o nome dele tatuado em seu braço. Seu companheiro predileto é o **Odisseu.**

seriam nesses espaços simultâneos, visuais, acelerados, fragmentários, não-verbais³³, que corpos territórios se movimentam expressando e vivendo a cidade como *out-doors* ambulantes, nômades - vitrines impactuantes à voracidade do olhar?

Observando esses movimentos – da cidade e do corpo – perguntava-me: seria possível um território significativo para os jovens de rua? A noção de território, compreendido por Guatarri e Rolnik, num sentido amplo,

ultrapassa o uso que dela fazem a etiologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam ao outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. Ele é o conjunto dos projetos e das representações que vão desembocar em toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e espaços sociais culturais, estéticos e cognitivos.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios 'originais' se desfazem ininterruptamente com a divisão do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.

A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante.

O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização (...) (GUATTARI & Rolnik, 1996, p. 323).

Diante do exposto, que espaço vivido por eles pode ser considerado o lugar de "se sentir em casa", de estar à vontade? Para quem é morador de rua e anda de um lado para outro, é possível fixar-se, territorializar-se? Como construir cartografias, marcas e signos territoriais que expressem esse corpo movediço, pontual e fugaz - em constante processo de

³³ Ver Ferrara, (1988, p. 15), pois a autora faz uma análise semiótica de observação da cidade onde discute a necessidade de uma peculiar maneira de ler os significados não-verbais e simultâneos gerados pela cidade fragmentária e global e que aciona uma descontinuidade sêmica dispersa no espaço.

desterritorialização? Que mapas essa vitrine - corpo do jovem de rua expõe, perfila, quando desfila pelas ruas e avenidas, senão as da própria cidade? Não seriam os jovens os atores por excelência desse panorama urbano, onde a velocidade, o movimento e a visibilidade são suas referências, refletindo o nosso tempo, sendo protagonistas deste final de século? Na apresentação de si, no espaço público, eles carregam em si todas as entranhas da cidade, suas luzes e sombras - território e desterritorialização - fixidez e movimento, em sintonia com a multiplicidade de ritmos, sons e imagens de suas ruas e avenidas.

Significativamente, Glória Diógenes fala dessa dinâmica juvenil, onde *o território se institui como marca que cada um carrega para onde vá, marca que cada um carrega dentro de si, cujo terreno cartográfico é, fundamentalmente, o corpo* (DIÓGENES, 1999, p.5). É nele que encontramos marcas, gestos, sinais que expressam marcos e signos territoriais das cidades por onde passam. Eles dizem: nós somos: *os meninos de rua da zona Leste, Oeste, Norte, Sul, de toda cidade, de Teresina toda, do mundo todo!* (DIÁRIO DE CAMPO, 28/junho/1999). O mundo todo é lugar de fincar o seu território circunscrito no seu corpo instável e desterritorializado. Um corpo despedaçado mas estrategicamente habilitado para reterritorializar-se, reagrupar-se numa mesma trama territorial.

Um **corpo território-movimento** que manifesta um modo peculiar de apropriação do espaço e do tempo. *Liberdade com o tempo, com o espaço, com o corpo* (VOGEL E MELO APUD LEÃO, 1993, p. 29). Nômades, "selvagens", constroem, na rua, relações de hierarquia e compromissos contingenciais, sem funções formais delimitadas de seus membros. Ligações sem contrato, voluntárias e fortes; móvel e numerosa, que muda tanto de composição como de espaço de convivência. Como, então, apreender o que se mexe, gera, foge, inventa, desliza, surge... ao invés de contemplar o supostamente fixo, imóvel, eterno, estável, imutável? As ligações entre os jovens de rua, portanto, podem ser delineadas através de territorialidades e refúgios feitos de espaços íntimos que são públicos, de cobertores de papel, de proteção e ajuda mútua diante dos perigos, onde fazem da rua sua casa, do bando a sua família: forma e conteúdo de uma vida cotidiana de precariedade e novos afetos.

É, portanto, nesse contexto de territorialidade e de movimento, que os jovens de rua, enquanto caminhantes, atualizam cada pedaço do espaço da cidade em seu próprio corpo, que teriam em si, marcas em camadas superpostas, muitas vezes invisíveis e que não se sucedem mas coexistem, passam de um estrato a outro, passeiam entre os níveis, atravessando idades do mundo, transversalizando o tempo ou recriando, a cada vez, as distâncias e proximidades entre os diversos pontos singulares de suas vidas. O corpo de um jovem de rua é franzino, raquítico, mas, contraditoriamente, envelhece mais cedo. A dureza do asfalto enrugou seu rosto, enrijeceu seu olhar. Assim é um corpo carregado de resíduos, singularidades configuradas e envolvidas pela vivência nas ruas da cidade. Um corpo, portanto, que, como a cidade, transborda em significados, fragmentos e resíduos de outros tempos, suportes materiais de memórias diversas, esquecidas, rejeitadas, confusas ou fragmentadas. E, às vezes, fragmentos supostamente invisíveis ou esquecidos vêm à tona, bruscamente, como, por exemplo, no dia em que

Estávamos desenhando, sentados na calçada da loja, quando um dos meninos, que possui corpo tatuado, machucado, com um olho vitimado à bala, levanta-se repentinamente, no meio dos outros, e grita agressivamente: "uma vez eu desenhei foi o diabo, com chifres e espeto, bem grande e coloquei na porta da casa da minha mãe. Botei lá, bem grande e minha mãe tirou. E ria, ria alto." (DIÁRIO DE CAMPO, 13/setembro/1999).

Corpo dilacerado, recortado em camadas que evidenciam as dores e o sofrimento de quem vive a cidade sombria, noturna, segmentada, em pedaços, mas que também realça um corpo, uma subjetividade e seu desejo delirante.

Portanto, percebemos que todo o poder da cidade está inscrito no corpo do jovem de rua, como se em sua pele fosse escrito um texto. Um texto que deve ser lido não como se lê um texto convencional de forma fixa, planejada, de cima e acima das pessoas, mas uma leitura que deve ser feita em movimento, embaixo (*down*), vivenciando esses praticantes ordinários da cidade, acompanhando seus corpos exibidos, amostrados no palco, no centro da cena, pelas ruas, avenidas, becos escuros e esgotos da cidade, pois os jovens de rua, com sua experiência caminhante, escapando às totalizações imaginárias do olhar, aos discursos que os ideologizam, proliferam astúcias da "artes de fazer" (CERTEAU, 1994) e combinam seus poderes de uma identidade nômade no fluxo e refluxo dos

acontecimentos, em meio ao fugidio e ao infinito, à multidão e à velocidade da grande metrópole. Assim, todos os movimentos - do corpo e da cidade - tornam-se impossíveis de serem gerenciados de forma tradicional, pois outra espacialidade e um outro corpo - poético e mítico - com uma mobilidade explosiva, imprevisível e incontrolável emerge na cidade habitada e metafórica.

O corpo - vitrine da cidade - ostenta e expressa, respectivamente, a exclusão e a dinâmica que os jovens de rua vão encenando ao se deslocarem de um lugar para outro, pois sendo nômades, exigência de quem mora nas ruas da cidade, nunca sabem se podem permanecer muito tempo em algum lugar. Eles dizem: *Vou para São Luis agora, Shara. Tenho que ir nesse instante, os outros já foram na frente e os comboios já estão perto de sair. Tenho que ir rápido* (DIÁRIO DE CAMPO, 13/setembro/1999). E sem esperar muito, decidem e partem. Propositivos, levam consigo apenas a si mesmos, e, para onde forem, as ruas do mundo inteiro serão a sua casa, porque é no corpo que carrega seus limites, suas formas, sua sociabilidade pontual, fugaz, ágil, ferina. Neste corpo está escrita e inscrita a força dos aguaceiros - fortes, repentinos e de curta duração - bem como as cores da poeira, os relevos da violência...

Uma violência posta na rua e registrada no corpo jovem, exalando adrenalina e emoção - elementos que, também, caracterizam as ruas e as avenidas da cidade e as marcam. As aventuras proporcionam quebras e rupturas na rotina do cotidiano - é o mistério do fantástico, do sonho, do delírio, da vertigem; é o retorno ao homem primitivo, ao homem animal, que sendo excessivo não pode ser comedido, limpo. Arredio, como o homem moderno. É o desconhecido que anima a miséria que um dia foi mistério e que quebra os que o sufocam, esquadrinham, dizem o que deve ser. O bando dos jovens de rua afirma, portanto, a multiplicidade enquanto experiência, momentos de potência e de exercício criativo de acontecimentos.

Capítulo Quatro:

CORPO DISSOLVENTE E EXCESSIVO

*Só no delírio as bacantes recolhem
nas correntes água, leite e mel.
Não quando voltavam a si.*

Platão

Jovem de rua e Dioniso - o solvente³⁴ e o vinho - companheiros inseparáveis da dança, dos mistérios da noite, dos desejos mais profundos, dos encontros e dos prazeres.

Jovem de rua e sua embriaguez - sofrimento dos mistérios - experimenta, em si, o dilaceramento do próprio corpo, o sofrimento da individuação. Tal qual o deus Dioniso, que foi despedaçado pela prepotência dos que abominavam a alteridade - os Titãs³⁵, esses jovens, também não são compreendidos na diferença que expressam. Dissolvidos, atormentados, expressam potencialmente a paixão dionisíaca através do uso do solvente e de suas transfigurações. Na sua constante embriaguez, repudiam todo o sofrimento e dor em que vivem. Nessa existência, eles possuem, simultaneamente, a dupla natureza de um demônio horripilante e selvagem e de um soberano brando e benevolente. A esperança é a de que, mesmo possuindo corpos dissolvidos, despedaçados, esquadrinhados, possam, ao cheirar o solvente, renascer na alegria, como que anunciando a morte da individuação. O nascimento de um terceiro Dioniso vindouro soa no bramir de uivos e delírios vindos dos bueiros, dos subterrâneos onde vivem e de onde emergem vertiginosamente. É assim, tragicamente, que o *corpo dissolvente* do jovem de rua, com suas dores e seus sofrimentos, dança brincante e combatente nas suas tentativas de ressurgir, mais uma vez, o Dioniso - unidade e alegria de um corpo em

³⁴ Observei durante a pesquisa, que, embora os jovens de rua usem outros tipos de alucinógenos, o solvente é o que predomina. No Dicionário Aurélio, (1999), entre tantas definições, a que melhor caracteriza o *líquido transparente e de cheiro forte* "que os jovens usam para suas 'viagens alucinatórias', é a do solvente como um "Líquido em que uma substância é dissolvida. No caso, o solvente utilizado dissolve tintas de pintar paredes ou qualquer outra textura. Entretanto, nesta circunstância, a substância a ser dissolvida, a cada 'cheiro', é o do próprio corpo jovem de rua, daí a categoria corpo dissolvente - um corpo dissolvido, despedaçado, desorganizado, desmoralizado e dessacralizado. E, para além do aspecto semântico, os jovens de rua denominavam o solvente de *dissolvente*.

³⁵ Ver Nietzsche, (1983, p. 9-10), sobre o nascimento e o dilaceramento do corpo de Dioniso pela fúria dos Titãs e toda a analogia que o autor faz do fundamento da individuação social com a mutilação desse corpo e a esperança de restauração da unidade perdida pela força de um terceiro nascimento de Dioniso, através da arte.

pedaços. É a alegre esperança de que o exílio, a solidão da individuação, possa ser rompida e a unidade de seu corpo seja restaurada.



Fig. 07

Portanto, um *corpo dissolvente* é aquele que cheira solvente, e não outro. Um corpo que se movimenta excessivamente e se *dissolve no ar*, se faz, desfaz e refaz a cada enfrentamento com a polícia, a piedade, a violência, enfim, a morte. O solvente é o ritual que institui o *jovem de rua*, sua marca. Seu corpo se prepara para essa marca, pois não é qualquer um que pode ser jovem de rua, nem é de qualquer jeito que se cheira o solvente. Como, então, se cheira o solvente?

Enrolam a camisa de tal forma que a ponta fique durinha. Nela colocam o líquido que, normalmente, está em um frasco de água mineral descartável ou em um com formato de "spray". Derramam no pano e, depois, cheiram pelo nariz e boca. Friccionam ao máximo. O nariz, às vezes, chega a sangrar e os lábios racham. Cheiram sofregamente até o cheiro evaporar e, nessa hora, quem está com o frasco (apenas um fica com ele) começa novamente a re-distribuir. Os outros jovens saltam de onde estão, deixam o que estão fazendo e chegam perto com os braços estendidos, panos embolados, rostos ansiosos por mais. Quem distribui sabe a quantidade. Serve os maiores, depois os menores. Quem ganha o direito de distribuir? Segundo um dos jovens, quem tinha o dinheiro para comprar. Ele é o dono, mas, todos têm o direito de cheirar (DIÁRIO DE CAMPO, 31 de agosto de 1999).

O solvente traz a desmesura, o lúdico, o êxtase - sentimentos que os tornam equilibristas no palco da vida e trazem uma experiência que rompe com a individuação e se reconcilia com a natureza e com os outros homens. Em vez de autoconsciência, o solvente traz a desintegração superficial do eu, pois a emoção vivida abole a subjetividade até o total esquecimento de si; em vez de medida, há a eclosão exultante da alegria, no sofrimento e no conhecimento; em vez de delimitação, calma, tranqüilidade, serenidade, há um comportamento marcado por vertigens, enfeitiçamentos, extravagâncias de frenesi sexual, numa bestialidade natural constituída de volúpia e crueldade, de força grotesca e brutal; em vez de sonho, visão onírica, há embriaguez, experiência orgiástica que os faz esquecerem os valores do mundo apolíneo.

A experiência da embriaguez produz, enquanto dura, um efeito letárgico. Um efeito que dissipa tudo o que foi vivido no passado: é a negação do indivíduo, da consciência, do Estado, da Civilização, da História. Metamorfoseados de sátiros e silenos seres da natureza e protótipos do homem verdadeiro – aquele que consegue conciliar homem/natureza – esquecem que são jovens de rua estigmatizados e se sentem próximos da natureza. Os *loucos de Dioniso* – os jovens de rua embriagados – enfrentam, desse modo, a morte. No *aqui e agora* dos acontecimentos e num incansável ir e vir criam mecanismos, estratégias que acionam seus corpos com a sua sujeira, sua dor, sua fome. São *fugas desejantes* de um corpo que consegue jogar com algumas das peças dessa grande forma que é a cidade. São hábeis em utilizar suas potencialidades. Conhecem-nas como poucos, andam por espaços, escondidos como se fossem pequenas baratas, pois conseguem enveredar por lugares sombrios e escuros e , ao mesmo tempo, quando afugentados, correm assustados fazendo aparição na luz, exibindo seus corpos frágeis, que se mostram, contraditoriamente, fortes, heróicos por sua agilidade, estratégias e expressões más.

E é nessa constante tensão, entre um mundo e outro, que o jovem de rua vai vivendo o duplo como lhe convém – diz o que querem que ele diga, mas faz o que o seu desejo lhe indica, como que emaranhado na rede da vontade individual. Muitas vezes, quando estava entre eles, notava essa duplicidade quando externavam o considerado *politicamente correto*, tentando passar uma imagem de jovens pudicos e

inocentes. As poses, no momento das fotografias³⁶ evidenciavam a preocupação com a imagem, como eles mesmos pediam: *Shara, não deixa aparecer a tatuagem, não quero aparecer descalça, deixa, eu tirar com teus óculos escuros*, ou então, as vezes em que lembravam a hora d'eu ir embora: *Shara, ta tarde, esses meninos tão muito saliente*. Mas tudo isso só acentuava os rituais próprios e exclusivos do grupo, como aconteceu no que chamo de *O dia do picolé*. Deixemos o Diário de Campo ilustrar esse instante:

Sentados pela calçada, no chão, sob os papelões ou em pé, eles chupam o picolé. O Picolé desmancha pelas beiradas da boca e escorre corpo abaixo. O corpo parece extensão do alimento e dos outros corpos, pois, como que em dança, numa coreografia sem limites, eles começam a se roçar passando as mãos sujas uns nos outros. Tudo emana prazer e o sujo, o imundo, invade seus corpos. Em delírio, a gargalhada ecoa. Movimentam-se com uma certa cadência: agacham-se, acotovelam-se, atropelam-se e agarram-se por trás. Cheiram solvente. Os olhares, as mãos, as pernas, os risos envolvem a cena e aqueles corpos (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de agosto de 1999).

Assim, tocando uns nos outros, eles anunciam expressões faciais e corporais que denunciam a prática de uma conduta sexual, de uma vivência orgiástica. Nesta cena, eles intensificam a vida, resistem ao sofrimento e se esquecem de si ao expandirem, sofregamente, as alegrias da noite e da orgia no escuro. Cheiram solvente como se fosse possível sugar o instante, parar o tempo no último momento. Tentam fugir de dentro de si mesmos e, no vício de viver, buscam arrebentar o molde interno determinado pelo leite de Procusto. Parecem roçar a morte, destruindo o organismo organizado e transformando-o em suporte para uma organização ritual. Horror, espanto, choque: a extrema violência de agredir o próprio corpo, alterar a composição humana, desfigurar-se e revestisse de outra humanidade, que não tem fixidez, nem nome e que a cada *cheiro* se dissolve e se constitui novamente. Um *corpo sem órgãos*³⁷ é constituído, não mais de um *organismo* arrumado, fixo, significado e significante. Toda essa dissolvência pode parecer o desejo de morte, mas a todo momento eles reinventam a vida, abrem seus corpos para outras conexões que supõem agenciamentos, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações.

³⁶ Em toda a pesquisa foram produzidos dados fotográficos no intuito de subsidiar a ampliação descritiva dos diários, bem como identificar marcas, adereços, posições e gestos nos corpos juvenis.

³⁷ Para Deleuze & Guattari, (1996, p. 9), um corpo sem órgãos não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite.

Um jovem de rua é sempre o mesmo e também não o é. Ora ele assume seu nome ora pode tornar-se o gato, o rato, o diabo, a caveira, o fantasma... E é o solvente que possibilita essas transformações, essas *viagens*, *máscaras* que não representam nem o jovem de rua e nem o delírio, mas o que se passa entre eles, que é o devir³⁸ - um curto-circuito eletrizante, como este que presenciei:

"Ajax.³⁹ viaja. Visivelmente seu corpo se prepara para ser outra coisa que não mais o jovem com lábios rachados e inchados, os dentes cariados e faltosos, o corpo mal-tratado, ferido, dilacerado, fragmentado em pedaços que possui. Não tira o pano do nariz e da boca como a sorver o líquido transparente – o solvente – além do que ele realiza. Caminha de um lado a outro da calçada, numa inquietude sem limites. Separa-se dos demais e, sozinho, ri alto. Seu corpo dobra para frente, seus ombros arqueados ajudam a perna a levantar-se e a segurar o peso do resto do corpo, vislumbra-se uma pose, um bicho, quem sabe um jaguar. A perna cai, o corpo vai para frente e ele corre, rindo alto, quase num grito" (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de setembro de 1999).

O corpo do jovem parece despojar-se de toda a sua dor e tornar-se vazio e, por uma fração de segundos, é como se este corpo oco fosse preenchido pelo prazer. Observa-se que a cada vez que esse desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência⁴⁰, é porque há um padre, um policial, um professor ali. Para estes, os desejos desses jovens de rua são entendidos como faltas: ele cheira porque lhe falta casa, mãe, pai, comida, carinho. Podemos indagar: quem tem tudo isso, não sente falta?

Fugitivos ou expulsos da ordem da família e do trabalho, muitos desses jovens vêm-se arrastados à 'marginalidade' não só por imperativos de sobrevivência, mas, também, por extravagâncias e possibilidades de transgressões perversas à sociedade policialesca que os cerca. Onde, então, acaba a necessidade e começa a vontade (ou o desejo 'inconsciente')? É difícil demarcar o plano psicológico individual. Portanto, entre

³⁸ A noção de devir, segundo Janice Caiafa, (1989, p. 88), é pertinente antes de tudo *porque acredita no visual, aposta no bicho, não duvida do olho muito mais rasgado que o 'normal'; e em seguida porque o que se tem antes de tudo quando se examina uma prática social concreta não são indivíduos, mas experiências, funcionamentos, participações, exercícios que se apóiam uns nos outros, de que podem emergir indivíduos ou bandos, punks com nomes de bichos como efeitos momentâneos nessa atuação.*

³⁹ Ajax tem 13 anos, é alfabetizado e é um dos que mais chora quando sofre agressões, inclusive dos próprios jovens do grupo.

⁴⁰ Ver Gilles Deleuze, (1996, p.22). O autor fala desse campo de imanência que está ligado ao corpo sem órgãos. *O desejo implica, sobretudo, a constituição de um campo de imanência ou de um "corpo sem órgãos", que se define somente por zonas de intensidade, de limiares, de gradientes, de fluxos. Esse corpo é tanto biológico quanto coletivo e político, é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem, é ele o portador das pontas de desterritorialização, dos agenciamentos ou linhas de fuga..* 66

a intenção e o gesto não há relação de causa e efeito, pois, no agenciamento coletivo⁴¹, tensores como afeto e interesse, acaso e cálculo costumam mostrar-se inextricavelmente ligados. Em todo caso, a miséria e a desigualdade social, são vistas como resultado do processo de expropriação e atomização juvenil. Mas, será que o desejo não permanece mesmo quando o corpo é mexido, esfacelado e dissolvido? Necessário se faz capturá-los na sua verdade: na dança dos pequenos furtos, nas cerimônias e na magia de inalação de solvente, práticas que lhes conferem inscrições de si, itinerários de liberdade. Senão vejamos:

Ariadne, com o frasco de solvente na mão, é envolvida, cercada. Ela divide o solvente com todos. Vai colocando em cada um dos panos que se estendem até ela. Os panos parecem ganhar vida naquelas mãos estendidas e ávidas por mais droga... Naquele instante, suas mãos, segurando um pano sujo, tornam-se o único desejo. Desejo dilacerante, mortal, mas, paradoxalmente, cheio de vida, pulsante. Tanto faz que o mundo acabe logo em seguida... aquele é o desejo... o solvente e o grupo reunido ... festa, solvente e orgia (DIÁRIO DE CAMPO, 24/AGOSTO/1999).

A paixão e a liberdade - grandes desejos - transformam a vontade em potência, em alegria. E o solvente, elemento vivido para suprir suas faltas, torna-se uma zona de intensidade pois é uma marca, uma zona sobre um corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.17). É cheirando o solvente que as intensidades passam e eles se lançam a desafios, fazem com que não haja mais nem *eu* nem o *outro*, pois não são nem cópia nem modelo dos bichos, nomes ou marcas que desfilam. Nesse caso, fazem circular o simulacro, de tal modo que

na desconstrução da figura humana que (...) realizam no visual (e nos seus nomes: nomes e as marcas), eles não copiam o bicho, o guerreiro, mas entram numa série em que eles entram também e onde se comunicam transversalmente numa relação indefinida e reversível, isto é, múltiplas possibilidades de relação (CAIAFA, 1989, p.88).

Nesse instante, positivities são constituídas, e o corpo passa por experiência de funcionamentos, exercícios, participações, apóiam-se uns nos outros, ora indivíduo ora bando.

Verdadeiros dionisos enlouquecidos, os jovens de rua expõem toda a loucura, a miséria e a sensualidade de seus corpos quase desnudos, devassos, no meio da rua. As ações que somente devem ter evasão em espaços reservados das Febem's, das casas de

⁴¹ Para Barembliit, (1998, p.151), agenciamento é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, atualiza virtualidades e inventa o Novo Radical.

convivência, dos hospitais e manicômios, e, às vezes, no espaço privado da casa estão bem diante de todos, tudo explícito nos meios-fios das calçadas, nas marquises das lojas, nas vias públicas, enfim, no meio do mundo.

E entre, no meio, ao lado dos espaços usados, o *corpo dissolvente* enlouquece. **Aquiles**⁴² enlouquece. **Ajax** enlouquece. Enlouquecidos, estão fascinados pela morte, pelo limite entre viver e morrer. Os outros jovens não se assustam. A loucura não assusta, ao contrário, ela é acolhida, pois é o corpo destruído que se une à natureza em um total exílio dionisíaco. E essa destruição é um dos perigos de se afogar no Dioniso puro, pois, ao experienciar a emoção, o êxtase e o esquecimento de si, os sentimentos de pesar, de desgosto pela existência, o sentimento de que tudo é absurdo, impossível, retorna no recobrar da consciência, e isso faz o jovem de rua compreender a ilusão em que vivia ao criar um mundo de beleza justamente para mascarar a verdade. A visão da essência eterna e imutável das coisas faz com que ele desista de agir e construir uma civilização. Nesse sentido, a experiência dionisíaca é uma 'embriaguez do sofrimento' que destrói o belo sonho - é um veneno que aniquila a vida (MACHADO, 1990, p. 27).

Corpo excessivo

Em sendo assim, como o viver imerso nas ruas da cidade delimita o corpo de um jovem de rua? Como seus gestos, ações, sentimentos e "quase" ausência de palavras exibem todo o poder de exercitar a rebeldia que traga a juventude deste final de milênio? É um não fazer nada, dormir na hora que se quer, brincar muito, a todo momento. É o instinto que pode executar e trazer o prazer aos atos mais simples e banais do dia-a-dia, como comer... comer com as mãos, com o corpo todo, tragar o alimento com delírio, como se aplacasse a fome de tudo, de vida! De modo excessivo⁴³, no palco das ruas, os acontecimentos afloram, como este que vivi entre eles:

De repente, escutei gritos saindo da rua ao lado (...). Todos correram para onde os outros estavam. Encontravam-se uns sentados no chão, outros nos degraus da escola, outros de pé. Um papelão grande no centro da calçada estava coberto de picolés. Ao lado, alguns meninos remexendo na cesta do lixo em busca de utensílios para botar a

⁴² Aquiles 17 anos, é muito calado, possui um olhar distante e ensandecido, passou vários dias tentando se matar.

⁴³ Observei durante a pesquisa que os jovens de rua expõem seus corpos pelas ruas da cidade na forma de um grande espetáculo. No Dicionário Aurélio, (1999), entre tantas definições as que melhor caracterizam essa excessividade é *aquilo que excede ou ultrapassa o permitido, o legal, o normal; sobra, sobejo; redundância e desmando, daí a categoria **corpo excessivo** – um corpo que ultrapassa o normal, o comedido e que em sua redundância age desmesuradamente..*

comida. Devoravam tudo. E faziam isso agarrando o alimento pelo meio. Até chegar à boca, o picolé escorria pelos dedos, mãos, braços e roupas. Caía no chão e, em instantes, apanhavam e levavam à boca. Chupavam os dedos sujos com prazer. Sentados, alguns deleitavam-se com o alimento dado, inesperado. “– Quem deu?” Perguntei. “– Sei lá, foi um homem que parou o carro, abriu a traseira e dentro tinha um isopor cheio de picolé e mandou a gente tirar o que quisesse”. No mais, não sabiam, nem interessava saber quem era o homem (DIÁRIO DE CAMPO, 24 DE AGOSTO DE 1999).

Aliás, percebo que as pessoas, as coisas, os espaços e o tempo parecem ganhar outra dimensão entre eles. O que importa são os encontros como os nossos, a reposição do solvente, roubar alguma coisa, arrumar comida, caminhar de um lado para o outro, não fazer nada e ter o tempo pontual dado ao acaso. Acaso, inclusive, que gera acontecimentos como aquele, que os fazem, na hora, resolver o que fazer - onde sentar, onde colocar o alimento, como dividir - tudo em cima da hora... sem planejamento, mas que provoca ações propositivas. Picolés nos copos, no chão, em cima do papelão. A lixeira, ao lado, é parte da cena, lugar de muitos utensílios que são utilizados: uma caixinha de chocolate vazia é o lugar para colocar o picolé; o papelão serve de mesa, de prato, as mãos também, enfim, as coisas passam a ganhar significado no instante mesmo da necessidade.

Toda essa encenação não seria uma expressão, um modo de existência peculiar, sociabilidades e agenciamentos desejantes gestados nesse viver na rua? Não seria um modo dissidente de viver que antecipa um outro ordenamento social? Os becos, as ruas, as praças não seriam terrenos propícios para a emergência dos agenciamentos sociais subterrâneos? Penso que, ao sair do bueiro, os jovens de rua fazem eclodir forças dionisíacas e, com seus *corpos*, única arma, lutam contra a ordem titânica da Cidade Conceito. Contestam um lugar, ou seria um não lugar? A contestação, em ato, provoca na cidade indiferente, e que espera deles que se calem, pelo menos, um despertar, um certo mal-estar, pois escandalizada constata que:

eles não se integram; eles não aceitam tudo com a gratidão que era de esperar - pelos menos sem se debater, sem sobressaltos, aliás inúteis, sem infrações ao sistema que os expulsa, que os encarcera na evicção. (...) eles têm a indecência de não se integrar! (FORRESTER, 1997, P. 58)

E, em guerra, eles resistem e inventam outras formas de viver, próximas à fúria, à sabedoria e à alegria do Dioniso. E é no confronto que marcas são inscritas sobre a superfície dos seus corpos. Corpos elaborados, onde marcar o corpo, furar o

corpo, tatuar o corpo, ferir o corpo, sujar o corpo faz parte de um ritual onde se tornar jovem de rua é possuir um corpo trabalhado, preparado e transtornado. O corpo individual é o local do *ethos* do grupo, e a tatuagem expressa a marca do coletivo. Um exemplo, é a que **Teseu** carrega no tórax com o nome de todos os meninos no seu próprio corpo, e que, segundo ele vai atualizar e colocar os nomes novos, dos meninos que estão chegando e se tornando um igual a eles. A tatuagem, então, é um sinal de reconhecimento quase obrigatório, uma marca, uma zona, uma fronteira que pode indicar a separação entre o jovem iniciado e um outro jovem qualquer da cidade; por isso, é uma esfera de comunicação, pois um grande segredo é compartilhado e pertence ao grupo, portanto, só decodificado entre eles, os enturmados. Um *corpo excessivo* e veloz, que, com uma tatuagem – marca perene – parece querer gravar para a eternidade quem é e foi um jovem de rua.



Fig. 08

Normalmente, um jovem de rua possui muitas tatuagens, e quem já fez uma quer fazer mais, pois sempre nos mostram outros lugares onde irão inscrever outras,

ou, então, a mesma tatuagem pode ser ampliada, como é o caso do jovem citado anteriormente. Essa performance indica mais um paradoxo, qual seja, a de que mesmo uma marca fixa como é a tatuagem parece modificar-se, andar conforme o movimento, o aprendizado, a destruição e construção do **corpo excessivo** nas suas caminhadas pela cidade. O estudo de Glória Diógenes mostra que este processo de ampliação é chamado de 'aperfeiçoar' uma tatuagem pelas gangues de Fortaleza, como se a mesma fosse um texto incompleto. Nesse caso, segundo a autora, as tatuagens possuem uma função: *de falar por imagens, seguindo o curso da vida (...)* (DIÓGENES, 1998, p.193).

Uma outra estratégia de identificação de um jovem de rua é a sujeira. Eles possuem corpos excessivamente sujos, resultado de uma forma que ordena um número infinito de combinações onde se reconhecem e são reconhecidos. Olhares extasiados, alucinados, narinas inchadas e lábios rachados, esfolados e queimados devido ao uso ininterrupto do solvente. Roupas sujas, cabelos desalinhados, pés descalços, andar trôpego, vozes embriagadas, pernas ágeis e, normalmente, machucadas. Tudo ali no corpo, toda a dor, o massacre e a sujeira em seu **corpo excessivo**. Lembro, o dia em que

Ariadne tinha ido tomar banho. Eis que surge toda limpa, com roupas asseadas, cabelos molhados, calçada com chinelas, cheirando a 'leite de rosas' e, para completar, ainda me pede perfume. Tudo isso trouxe reações entre os jovens que a cercaram, beijaram seu rosto, abocanharam seus seios, passaram a mão onde podiam. Ariadne reagia como podia, aborrecida. Eles pareciam não reconhecer nela, naquele corpo limpo, a jovem de rua. Seu corpo deixara, momentaneamente, toda a sujidade de ser integrante do bando (DIÁRIO DE CAMPO, 6 DE SETEMBRO DE 1999).

Fig. 09



"Selvagens" sem selva, estrategicamente imprevisíveis, contraditórios e arriscados, os jovens de rua aprendem com os outros iguais a viver permanentemente numa situação-limite ou num duplo jogo que permite apreciar os atos e todas as situações anódinas que constituem o dia-a-dia, no seu valor próprio, como se pudessem exprimir, ao

máximo, a vida através da teatralização excessiva de seus corpos. É um estado de "selvageria", marca não de uma identificação, porque as identidades primeiras não são preservadas, mas muito mais de um anonimato, de anulação do rosto, destruição da anatomia do corpo. Não é à toa que eles mudam de nome, diferenciam-se e transfiguram-se logo após o ingresso no grupo. Portanto, como o animal é sempre malta,

um lobo só já são muitos, salvo se ele é domesticado por um tratamento que neutraliza sua estranheza e faz dele um igual. Assim, a animalidade é um exercício que pode ser atualizado a nível das organizações sociais. As maltas humanas enquanto organizações específicas passam por essa selvageria, e é nesse sentido que se pode pressentir uma alcatéia no deserto (CAIAFA, 1989, P. 88).

Penso que, desse modo, podemos falar de um bando de jovens de rua como bando, pois um jovem de rua já são muitos, visto que materializam em seu corpo, assim como o deus Dioniso, uma pluralidade de figuras em sua aparição alegórica - expressões próximas aos signos da cidade infernal (NIETZSCHE, 1983, P.10).

Nesse sentido, quando eles aparecem na rua, trata-se não apenas de máscaras, fantasias que se apresentam em cena, mas de uma estratégia. Não é apenas a brincadeira, nem a paródia, é um desafio por simulação. Não há nada por trás, a estranheza e o exagero externam o sentido ao absurdo, até o desaparecimento de um ator, de uma tragédia porque não é mais a cópia e o modelo, mas a circulação de simulacros que desdobra a repetição numa situação não-hierarquizada em múltiplas possibilidades de relação que deflagram experiências limítrofes entre a vida e a morte.

Imagem exposta, publicização dos seus corpos feridos, marcados e sujos, entre infinitos e



Fig. 11

emaranhados fios e linhas de fuga, a brincadeira é freqüente. É a estratégia desmedida, lúdica e



Fig. 10

excessiva que utilizam nas relações com os de fora... os estrangeiros. E, assim, como leves e embriagados Dionisos, os jovens de rua saem de suas "covas" para anunciar a falência de toda a corporalidade. Sombras

"satânicas" que não aceitam a normalização "divina", mas que, paradoxalmente, continuam perseguindo o reencontro e a reunificação com a metade dividida, quando adentram a esfera pública ruidosamente. Brincando muito com tudo e todos, eles tentam essa identificação, mesmo que momentaneamente, ao se apropriarem de bens simbólicos significativos e atuais, pertencentes à esfera social mais ampla, como por exemplo:

eles pegam meu 'celular e fingem falar ao telefone. É uma farrá! Passam de mão em mão. Pedem para ligar para uma amiga... Falam alto, riem aos borbotões. Afoitos, gritando sempre, com dedos sujos e unhas quebradas, escuras, agarram o aparelho bruscamente, quase caindo das mãos. Mais uma vez brincando, colocam na cintura, saem, desfilam pelo posto de gasolina e, na luz, encenam como se o mesmo fosse deles. Aparecem, chamam atenção sobre si e sobre o 'celular'. Transitam, passam entre os carros e pessoas como senhores da rua, sem constrangimento. Andam para cima e para baixo, mexem uns com os outros, tentando arrancar do outro o aparelho, esmurram-se e xingam-se muito. As pessoas, ao redor, olham assustadas sem acreditar no que vêem. Eles retornam o olhar com indiferença. O estranhamento perpassa a cena. E eles riem, riem de tudo isso... (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de agosto de 1999).

Desse modo, rir, falar alto, gritar, chocar, esmurrar-se, cheirar o solvente, esfolar-se, sujar-se, marcar-se, machucar-se, tatuar-se são imagens falantes, imagens fantásticas que nascem do mais singular delírio desses jovens e os fazem "detonar" o que estava oculto nas entranhas da cidade, como um segredo, como uma inacessível verdade. Nesse caso, nessa tentativa de ganhar visibilidade, de romper com a indiferença violenta e feroz do estigma territorial que os tornam continuamente proscritos do reino da cidade, eles apresentam não apenas a superfície das coisas, mas, também, que o fosso territorial é tão imenso que parece obstruir a possibilidade mesma de uma linguagem comum. Isso é propriamente o *apartheid social* (TELLES APUD DIÓGENES, 1998, p. 51).

Efetivamente, na prática, essa desterritorialização produzida na dinâmica segregadora da urbe torna-se, através da formação dos bandos de jovens proscritos, uma tentativa de viver um modo avesso de reterritorialização. Então, *o estigma territorial, marca classificatória, produtora de uma invisibilidade negativizada, mobiliza os jovens segregados (...) a 'positivar' tais referentes* (DIÓGENES, 1998, p. 41).

Assim, marginais por atuação, em plena rua, geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles, os estrangeiros em suas próprias casas, tornam-se os 'bárbaros modernos' por excelência, considerados bandos sem lei por exercerem todo o fascínio e o poder de se apoderarem e destruírem a cidade que os abomina. Michel Foucault problematiza a noção de bárbaro:

O bárbaro se opõe ao selvagem, mas de que maneira? Primeiro nisto: no fundo, o selvagem é sempre selvagem na selvageria, com os outros selvagens; assim que está numa relação de tipo social, o selvagem deixa de ser selvagem. Em compensação, o bárbaro é alguém que só se compreende e que só se caracteriza, que só pode ser definido em comparação a uma civilização, fora da qual ele se encontra. Não há bárbaro, se não há em algum lugar um ponto de civilização em comparação ao qual o bárbaro é exterior e contra o qual ele vem lutar. (...) Não há bárbaro sem civilização em que ele procura destruir e da qual procura apropriar-se. O bárbaro é sempre o homem que invade as fronteiras dos Estados, é aquele que vem topiar nas muralhas das cidades. (...) Ele só surge contra um pano de fundo de civilização, contra o qual vem se chocar.(...) (FOUCAULT, 1999, p. 233-235).

Então, seus **corpos excessivos** seriam uma forma de apelar para a dimensão esquecida da esfera pública, especialmente entre os jovens, qual seja: a idéia de liberdade e de reconhecimento no coletivo do grupo. Denunciam tragicamente suas diferenças e, por fim, instituem códigos específicos, próprios sobre o que deve ou não ser. Em suma, em uma sociabilidade excessiva, os jovens de rua instauram uma forma dionisíaca, onde esses indivíduos agrupam-se em formas específicas de ser com e para um outro. Ao brincar, dançar, gritar, sorrir, jogar e transfigurar seus corpos, os jovens transformam suas vidas trágicas em epopéias - grandes espetáculos.

Capítulo Cinco:

CORPO GARANTIDO

*Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem,
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem,
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam e
nem mesmo um pensamento eles possam ter para me fazerem mal.
Armas de fogo meu corpo não alcançaram,
facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar,
cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar...*

Jorge Benjor

Sua potência é surgir do nada, ou de um breu tão profundo que a escuridão os dissimula pelos contornos dos becos. Na penumbra, à distância das negociações mais óbvias, seu aparecimento resplende, por isso, de uma luz bem mais intensa (CAIAFA, 1989, p. 9). Aparições do nada, um foco de luz intenso. Transgressões e violência - rituais de um segredo que é comunicado mediante práticas sobre os corpos dos jovens. O corpo mediatiza a aquisição de um saber construído na rua e esse saber é inscrito no corpo (CLASTRES, 1989, p. 125-126). As práticas desse aprendizado ocupam lugares simbólicos por onde os jovens passam e, na constituição de subjetividades – **corpos garantidos** – um micropoder é instituído (FOUCAULT, 1993a; 1993b). Desse modo, o corpo não se manifesta, mas se torna a própria esfera do acontecimento, da manifestação, denunciando tal subjetividade, a tentativa de participar de um estilo de ser jovem, um fenômeno que

se desenrola no cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia, da criação cultural e lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento. Entre elas, a necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano (ABRAMO, 1994, p. 82)

É assim, que os usos das estratégias e dos dispositivos - dos movimentos frenéticos e repetidos, da excessividade dos gestos e das inúmeras expressões corporais e da dissolvência, no uso intenso do solvente – garantem ao jovem de rua a possibilidade do viver na rua. Portanto, um saber é constituído, uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, da bando aos jovens, o saber do sujeito jovem garantido. Pertencer ao bando jovem de rua é pertencer e não pertencer ao resto da cidade. E essa cartografia específica que, ora tento traçar, é uma tentativa de tornar a separação menos

dolorosa, assim como quem observa, aproxima-se, mas não consegue atingir essa energia superposta que o jovem gera.

A força de um jovem garantido está no poder de confinar e fazer transitar o inimigo, pois este está inscrito no seu próprio corpo. O Corpo garantido do jovem de rua e o seu inimigo não estão separados, pois ele o coloca em sua mira e o faz transitar por onde quer que vá. Leva consigo as pancadas, as feridas, as marcas de balas cravejadas, as unhas quebradas... Ele está lá, incrustado em seu corpo. É ele o suporte da violência no instante dessa atuação. A ordem estabelecida, que não é o consenso, cria um corpo com leis, tribunais e pedagogias que fazem surgir o corpo social, e a materialidade desse poder se exerce sobre o próprio corpo dos indivíduos, no caso, dos jovens de rua. No entanto, a reação é nítida, à flor da pele, e no jogo de correlações de forças, os jovens, com a sua sabedoria dos limites, possuem a habilidade de transitar entre um mundo e outro. Eles vivem da descontinuidade, do paradoxo, da ambigüidade e da simultaneidade, e penso que, nesse sentido, eles circulam em um outro circuito que é constituído ao lado, poderoso. Nesse caso, acabam por aprender, através de uma *energia inversa*, que muda quando a corrente volve de um lado para o outro, outros gestos, atitudes e corporalidades.

Não é à toa que Foucault (1993a, p. 3-4; 1988, p.96), ao explicar-se sobre a descontinuidade, o paradoxo dos discursos nos diz que é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso que se faz *sobre algo*, no nosso caso os jovens de rua, pode reforçar o dito, como também pode causar resistências no sentido de destruir, miná-lo – lutas de quem se rebela e não age como o esperado, como contínuo.

Um **corpo garantido**, portanto, é aquele que inscreve em seu corpo todas as experiências que o constituem um jovem de rua. Verdadeiras máquinas de guerra, esse corpo é uma atuação positiva pois produz acontecimentos a partir dessa destruição. A morte, nesse caso, não é só o fim, pois no instante da guerra, do enfrentamento, do combate, o sentido da vida pode ser recuperado. Interessante é que nos relatos dos jovens de rua, morte e renascimento, morte e vida estão sempre associados. O medo passa a configurar outra dimensão, pois que torna-se o elemento vital para a produção de uma coragem brincante, meio propício para a criação do novo, da aventura, como nesse dia em que sofreram uma emboscada policial:

A cena impressionava aos expectadores... Eram animais no asfalto, correndo pra todo lado, assustados com o predador (a polícia) que salta, armada, para cima deles. Armados com revólveres e cacetetes, com suas vozes grossas e rudes, que, com palavrões e palavras estigmatizantes, dizem: “Saíam daí, seus porqueiras, vagabundos, filhos de ..., trombadinhas malditos...”. Assim, jovens de todas as idades e tamanhos, a maioria negros, com seus peitos expostos, camisas e panos nas mãos ou sob os ombros, frascos de solvente presos no cós dos calções, pulam e correm assustados. Foram pegos de surpresa. E enfrentam, como podem, a situação. Para se garantirem, eles sobem em cima das árvores, ficam escondidos dentro de suas copas, entram nos espaços abertos da rua, de forma a irem para outra rua, como, por exemplo, um posto de gasolina... Em segundos, o grupo se dispersa, se desfaz, para mais tarde se agrupar de novo. É preciso ser jovem de rua, ter passado por esse enfrentamento, para saber que é assim que se produz o menino esperto, o jovem garantido, que, com astúcia, sabe fugir... fugir da morte. É isso o que um dos meninos define, quando diz: “_Ah, não me pegam não. Eu corro... preciso ser esperto pra me garantir” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).

Vazios e brechas passam a ser preenchidos com ações mobilizadoras de mais ações... cadeias de ações que os jovens proliferam e que parecem não ter fim. Por sua vez, os espaços institucionais, nesse caso a polícia, também não usam muitas palavras... acionam dispositivos repressivos, cuja tônica tem sido o terror e o uso da violência. Tudo é pura ação, movimento; dispensam-se as palavras e, nesse vazio de palavras, eles evidenciam o vazio de autoridade e da lei. Uma lei que pode até valorizar as palavras, mas palavras normativas de um dever ser distante, frio e que, por isso mesmo, são palavras mudas - palavras sem ação e que os jovens negam. É como se as palavras e a ação estivessem dissociadas, porque há um vazio no uso delas. Nesse sentido, o código criado – aquele que permite se falar *sobre*, torna-se um vácuo, uma lacuna, algo sem sentido, apenas um ruído (FOUCAULT, 1988).

E nesse vazio de palavras – marca da descontinuidade do discurso, da lei - e no acúmulo de ações violentas, os jovens de rua quanto mais suportam, mais parecem fortes. E é desse modo que esses discursos e essas ações tornam-se elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças – relações belicosas, em conflito, relações de poder (FOUCAULT, 1988, p. 95-97) – porque todas as crueldades impostas aos seus

corpos, ao invés de os destruírem, tomam uma outra dimensão, os constituem, enfatizam

a capacidade de resistência física, tornam-se estratégias para mostrar ao grupo que podem e são jovens de rua... Além disso, todo esse poder exerce fascínio sobre os demais jovens que, como eles, vivem as mesmas situações. Deleitam-se com suas narrativas heróicas, suas grandes façanhas. Tornam-se, entre si, os *Cavaleiros sem medo*. Aliás, enfrentar todo o aparato de vigilância é um rito de passagem que deve ser atingido, ultrapassado por todo jovem que queira ser de rua. As suas conquistas são encenadas com a exaltação de seus atos de heroísmo, dribles e peripécias – estratégias criadas para fugir da polícia, da morte, da piedade, da violência. E o corpo do narrador toda vez prepara-se para isso, como o de **Argos**¹ que acabara de chegar do distrito policial, e

todos o cercam esperando sua história, como enfrentara a polícia. Seus olhos brilham, um sorriso maroto nos lábios, as palavras saem rápido, as mão gesticulam sem parar, conta: – “Eles me pegaram, me botaram no camburão, chutaram minha barriga e berravam que iam me matar. Ficavam o tempo todo gritando:“-Filho de uma..., trombadinha ladrão!” Uns me espancaram - e mostrou a coxa toda ferida. Eu gritava muito. Depois que cheguei no distrito, eles me prenderam numa cela. Gritei que tava com sede e o soldado abriu e mandou eu ir beber, nessa hora eu fugi... corri feito um louco e cheguei aqui. Agora, os outros eu não sei para onde foram, não” (DIÁRIO DE CAMPO, 6 de julho de 1999).

Neste dia, com esse relato, passei a perceber que encenar é uma estratégia heróica, pois a ferida que o **Argos** mostrara era justamente a que ele havia, no dia anterior, me mostrado como sendo “mijada” de potó. Essas possíveis "mentiras" são estratégias necessárias numa rotina de guerra e combate, que os tornam poderosos e ameaçadores em potencial. Concomitantemente, suas feridas e pancadas são como troféus ... prova de um triunfo, de uma vitória: fui, apanhei, fugi, sobrevivi e voltei para a rua, para o grupo. Tem jovens que, inclusive, dizem que não fogem da polícia, suportam e, com o uso do solvente, ficam e mostram-se perigosos - o perigo torna-se o ponto máximo.... O medo e a fragilidade desaparecem e eles são capazes de enfrentar a ordem estabelecida como deuses e heróis. Desse modo

as resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão (...) elas são outros termos nas relações de poder; (...) pontos de resistência móveis e transitórios,

¹ Argos tem 14 anos, possui corpo franzino, é muito esperto e alegre. É de São Luiz - MA e nos últimos dias da pesquisa já havia retornado para lá.

que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos (FOUCAULT, 1988, p. 91-92).

Um jovem guerreiro não fala sobre essa violência, sobre essa memória de dor e sofrimento cravejada em seu corpo, como se a consentissem em silêncio, entretanto, as narrativas de morte, roubos, tiros, paradas, emboscadas e fugas são propagadas e enumeradas. Falam sobre acontecimentos, sobre suas experiências em ato que se diluem até desaparecer. E quando narram onde, quando e como aconteceu, vão mostrando, no seu corpo, toda a história, toda a memória e, assim, os sentidos afloram, como também o pertencer a uma bando onde a violência é o que lhe constitui, o legitima. O

corpo iniciado traz marcas que contam sua história, condensam registros mudos de identidade. (...) A polícia, como em um jogo de espelhos, possibilita a existência, a produção e o registro 'oficial' da gangue como agrupamento violento. A polícia institui a gangue como grupo classificado e registrado (DIOGENES, 1998, p. 201).

Um **corpo garantido** é um corpo capaz de suportar, em si mesmo, a dor máxima, capaz de suportar todas as mortes e renascer fortalecido a cada enfrentamento. Esse é o aprendizado que a bando ensina cruelmente: ser cruel consigo e com os seus, como que para garantir que suportarão todas as outras marcas sofríveis e futuras. Lembro perfeitamente como tudo isso me assustava e, às vezes, eu não me continha e dizia: _"menino, não faz isso!". Eles desdenhavam, dizendo: _"óia, isso lá dói". E numa rotina de muitos movimentos bruscos, eles iam aprendendo, uns com os outros, a se tornarem jovens de rua garantidos. Lembro certa vez que,

Ájax passara horas andando, correndo de um lado para outro da rua. Seu corpo irrequieto, compulsivo, e um dos que mais cheira solvente, de repente, cai no chão da calçada. Parece morto, no entanto, dorme profundamente. Em questão de segundos, um outro jovem, com uma velocidade impensável, chuta o seu ventre numa agressividade sem limites. **Ajax** acorda sobressaltado, gritando acuado (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de agosto de 1999)

Um corpo preparado para a guerra contínua. Sempre em alerta, não deve parar nunca, mas estar sempre atento a todas as situações. Parar pode significar a morte... E é por isso, que, nesse ir e vir, o aprendizado mais estratégico é o uso de seus sentidos e instintos... Se você fala o nome de um, achando que estão desatentos, na mesma hora, ouvem e se manifestam querendo saber o que se vai dizer sobre eles. Sentidos vigilantes a tudo que acontece à volta. Sempre me impressionava a velocidade e a capacidade de

captar muitas coisas ao mesmo tempo. Quando alguma coisa minimamente possível acontecia, seus corpos pareciam enrijecer, ouvidos e olhos posicionados de tal modo a entender os sentidos das situações à sua volta. Em segundos, são capazes de observar, decifrar e decidir o que o acontecimento mobiliza.

Desse modo, *os atores sociais não são, de modo algum, vítimas dos valores que praticam, eles jogam, os vivem no jogo* (MAFFESOLI, 1984, p.14). E, como em todo jogo, eles podem ganhar ou perder. E perdem, especialmente quando se sentem envergonhados, quando flagrados diante de seus fracassos e medos. A polícia consegue isso, principalmente quando chegam inesperadamente, deixando a presa enfraquecida, humilhada e medrosa:

*Foram pegos de surpresa. Ficaram visivelmente nervosos. A impressão que tive era a de bichos acuados, prontos para fugir e atacar, mas seus corpos denunciam o medo. Retesados, desconfiados, sofridos e sabedores do que poderia acontecer com eles. Uns tropeçam e caem. O **Ajax** caiu de cima da rampa e escorregou no lixo. A **Ariadne** deu um salto e ficou ao meu lado, buscando proteção. Outros tremiam... Um deles falou baixinho, em pânico, ao meu ouvido: _"Eles estão chamando a viatura" (DIÁRIO DE CAMPO, 06 de julho de 1999).*

Por isso é, também, necessário um olhar aguçado; um olhar difuso, sempre à deriva, que consegue deslizar entre a multidão²; *um olhar treinado, tátil, quando não multisensível, sinestésico, sonoro, visual, gestual, olfativo* (FERRARA, 1999, p. 15); um olhar desconfiado, vigilante, que capta desde os incidentes aparentemente anódinos ou insignificantes do espetáculo da rua, como, também, detectam outros, sobremaneira determinantes à sua sobrevivência. Não parar nem com o olhar. Atentos devem ficar, porque senão são pegos de surpresa como na cena anterior. Um olhar que seria apenas das máquinas de ver acaba impregnando quem é vigiado, e torna-se aprendizagem do menino (FOUCAULT, 1993b; LARROSA, 1994 E ADAD & NOGUEIRA, 1999). Como em todo jogo, um dia é da caça e o outro é do caçador, os jovens de rua também se garantem, como quando estávamos conversando debaixo da marquise da loja, aparentemente despreocupados e, para minha perplexidade, eles gritaram:

_ "Polícia! Polícia! Prenderam alguém, levaram alguém", e começaram a correr procurando abrigo. Fiquei só e imaginando se

² Sobre esse olhar e o mundo estratégico da prostituição masculina nas ruas de São Paulo, ver trabalho etnográfico realizado pelo antropólogo Néstor Perlongher, 1987.

*não era imaginação deles, porque não vi nenhuma viatura da polícia. Olhava e não via. No entanto, de repente, o carro da polícia estava na minha frente. Passaram, olharam e foram embora. Fiquei pasmada. Aos poucos, um a um, ressurgiram. A **Ariadne** voltou gritando meu nome. Um dos meninos disse: _ “Fala baixo, eles estão por perto ainda”. (...) Ficaram próximos ao matagal, como a pressentir algo. Novamente disseram: _ “Olha lá, é a polícia!” Saíram correndo. Novamente eu não vi. Olhei... olhei... não vi. Um dos meninos estava escondido entre o muro e o banco, e eu disse: _”Unicórnio,³ não é a polícia”. Ele respondeu: _”É sim, Shara”. E foi incrível, porque, do nada, no fim da rua... eu vi a viatura... faróis apagados, meio em câmara lenta, mas quando chegou perto, acelerou. Eu gritei: _”Corre, é a polícia mesmo!” Ele fugiu. (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).*

Nesse constante jogo, à entrada em cena das forças, dispositivos de poder são articulados com as estratégias que, normalmente, são provenientes das próprias autoridades e das suas normas, ou melhor, dos vazios dessas normas e de sua violência. Os jovens de rua apoderam-se dessas regras para pervertê-las, utilizá-las ao inverso, a seu favor, evidenciando o poder proveniente de um saber gestado na rua - um micropoder. Outra dessas estratégias, são as noções de carência e de piedade, utilizam-se delas todas as vezes que *um de fora* aproxima-se do grupo. Eles enfrentam essa violência com muita dramatização e muita esperteza, como aconteceu comigo no primeiro dia em que fui à rua:

Estávamos na praça, e os jovens já haviam nos cercado, quando um deles aproximou-se e, como percebendo todo o turbilhão de sensações que me invadira, começou a chorar e a gritar muito. Fazia um jogo para me sensibilizar e dizia: _ ‘Tia, me dá dinheiro para merenda...tô com fome. Estou com dois dias que não como nada... minha barriga tá roncando’. E o menino fazia uma expressão de sofrimento e empurrava o abdômen para dentro, caía no chão, chorava e gritava muito... E como eu me recusava a dar, ele passava para uma atitude agressiva, de raiva, de violência, de ódio, e, por fim, desistindo, conclui: _”Que mulher ruim, tem e não dá pra gente!” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de dezembro de 1998).

No caso das políticas públicas assistencialistas, especialmente as que se posicionam distantes, trazem tudo pronto - casa, comida e roupa lavada - e lhes oferecem como um presente irrecusável, eles agem como se as mesmas fossem suas *eternas* devedoras. Reabsorvem a culpa que o outro tem e os condenam, não recusam o presente, a esmola, ao contrário, usam e abusam. Fazem dali seu grande trunfo. Um

³ Unicórnio já atingiu a maioridade e diz possuir um filho. Passa muito tempo embriagado.

bom exemplo disso, foi o último projeto implementado pelo governo estadual chamado *Pelotão da Esperança* com o objetivo de tornar-se uma casa-abrigo. Os jovens de rua, por diversas vezes, dirigem-se até lá, passam alguns dias mas, depois, retornam à rua. Em uma de nossas conversas, perguntei ao **Teseu** o porquê de sua ausência, e ele disse:

“_eu tava no Pelotão”. Perguntei o que ele estava fazendo lá. Ele riu, olhou para os outros e respondeu: “_fui me fortalecer”. “_E o que é isso?” “_ Ora, é comer, comer, dormir, dormir, tomar banho, e é isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).

Assim, o jovem de rua expressa todo o desprezo no olhar, no semblante de deboche, na ironia, nos lábios e na dureza da fala. Demonstra a astúcia no pouco caso que faz dessas expressões mortíferas. Pode tudo! Enfrenta o jogo e joga bem, pois as normas e regras da cultura da carência de da violência são reinventadas, rearticuladas estrategicamente. Vai lá... come, bebe do que lhe é dado, dorme e finge que aceita as regras, mas, quando está *fortalecido* volta para o campo de batalha para enfrentar seus inimigos. Conhece suas armas.



PARTE II

**OS EDUCADORES DE RUA E
OS DEVIRES SOCIOPOÉTICOS**

Capítulo Sete

A SOCIOPOÉTICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA MÁQUINA DE GUERRA

*O que conta em um caminho,
o que conta em uma linha
é sempre o meio e
não o início nem o fim.
Sempre se está no
meio do caminho,
no meio de alguma coisa.*

Deleuze & Parnet

Ao descrever o processo da pesquisa com os Educadores Sociais de Rua, inicio com o relato de como foram feitas as negociações, a formação do grupo-pesquisador, a apresentação do método sociopoético, a escolha do tema⁶², para em seguida mostrar a realização de cada uma das oficinas de produção e análise dos dados⁶³. Sabemos que é impossível retratar os fatos como aconteceram, pois sempre estamos no meio do caminho e/ou no caminho do meio das coisas e das palavras produzidas. É, portanto, permanecer na soleira da porta, e ao

invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar, uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo. (...) (FOUCAULT, 1996, p. 6).

Enfim, eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso, mas como já entrei, quero deixar claro que o farei, sem alardes e nem pompas, pelo caminho do meio

⁶² A proposta da Sociopoética de que o próprio público-alvo escolha o tema que irá investigar, garante maior motivação do mesmo, e, sobretudo, visa descobrir a demanda de saber do grupo. Entretanto, mesmo *quando o pesquisador oficial sugere o tema, é muito importante que este seja bastante aberto, evitando induzir ângulos pré-definidos, pois será no curso da investigação que o grupo – incluindo o facilitador – irá descobrir os eixos de problematização que o assunto encerra* (PETIT, 2002, p. 42).

⁶³ *Na concepção da Sociopoética, os dados que surgem dessa experiência não são “coletados”, como se estivessem nos esperando numa cesta, e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e suas técnicas são uma implicação inegável. Daí, qualificamos essas oficinas como sendo de produção e análise dos dados* (PETIT, 2002, p.42-43).

entre tantos fazeres e saberes do grupo-pesquisador. A intenção é que a partir da sociopoética possamos criar condições para que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica da pesquisa se tornem peças e engrenagens umas das outras (DELEUZE, 1992, p. 36).

As negociações com a SEMCAD e a formação do grupo pesquisador

Quando retomamos a pesquisa, em 2001, a **Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente** – SEMCAD – estava passando por muitas transformações⁶⁴ e foi em meio a **tudo isso** que comecei a minha re-aproximação⁶⁵ com o educador(a) social de rua. Porém, não foi uma tarefa fácil. Foram muitas as turbulências, as marés altas e mesmo as tempestades que invadiram minha praia. Eu não conseguia que meu corpo fosse percebido pelas autoridades consideradas competentes desta instituição. E por que eu precisaria ser ouvida por esta Secretaria? Ora, nesta parte da minha pesquisa, o meu estudo envolveria os Educadores Sociais de Rua, profissionais do Projeto Educação de Rua, intitulado de *Vem pra Casa Criança*. Para iniciar o trabalho eu precisava da autorização das instâncias superiores da SEMCAD. Como este Projeto estava, naquele momento, sem coordenação, dirigi-me ao Diretor do Departamento de Proteção à Criança e ao Adolescente. Ele me orientou a oficializar minhas pretensões ao tempo em que pediria autorização para realizar o trabalho. Assim foi feito.

No final de abril de 2001, estive com o diretor e ele me confirmou que eu já poderia iniciar minhas negociações com o então recém-coordenador do Projeto. Comuniquei-me com o coordenador e marcamos uma reunião que só ocorreu em meados de maio. Expus-lhe meus objetivos, e em seguida consegui me reunir com os Educadores

⁶⁴ Em outubro de 2000, houve eleição para prefeito. O prefeito foi reeleito mas apesar disso, a Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente teve seu Secretário substituído. Em 2001, início desta pesquisa, a SEMCAD sofreu muitas transformações, pois o atual secretário realizou uma série de remanejamentos no quadro de pessoal, especialmente dos cargos ditos de confiança, como é o caso de chefes, sub-chefes, coordenadores e supervisores. A Educação de Rua, por sua vez, como um dos Projetos da referida Secretaria ficou até meados de abril de 2001 sem coordenador. Nesse ínterim, também houve seleção para novos educadores.

⁶⁵ Relembro que comecei minha pesquisa em 1998, com os jovens de rua, e foi o educador de rua que possibilitou minha inserção no bando.

sociais de rua, para colocá-los a par de minha intenção: convidá-los a participar como co-pesquisadores na pesquisa que pretendia realizar. Esse momento, entretanto, só aconteceu em 1º de junho, às 8h, no auditório da Casa Criança Cidadã. E foi com muitas expectativas e com receio de não conseguir sensibilizá-los a aceitarem a proposta para realização da pesquisa, que iniciei, com uma oficina, esta negociação e formação do grupo-pesquisador.

Eu havia preparado um relaxamento com música instrumental, para que os Educadores deitados sobre mantas respirassem tranquilamente e deixassem a música invadir o seu corpo, de modo a despir as canseiras diárias e as barreiras cristalizadas. Em seguida, através de uma técnica de envolvimento, objetivei levá-los a refletir sobre os seus desejos e suas expectativas a respeito de se tornarem co-pesquisadores. No final da oficina eu falei, de um modo geral, da sociopoética e da minha proposta.

Fui muito bem recebida. A maioria dos Educadores e supervisores já me conhecia por causa dos meus trabalhos em 1998/99 com os jovens de rua. Até mesmo alguns dos educadores novos já haviam participado de uma oficina sociopoética⁶⁶, que me fora encomendada pela Secretaria, podendo, inclusive, dar os seus depoimentos sobre a experiência com o uso desse método. Enfim, o grupo gostou muito da proposta e até mesmo ficou empolgado para realizá-la imediatamente. Fiquei muito feliz.

Mas, aconteceu o inesperado: o coordenador acabou por sugerir que os trabalhos fossem adiados para o final de julho, devido aos educadores estarem envolvidos em uma outra pesquisa, com objetivos de re-contagem e re-mapeamento dos vários meninos e meninas que circulavam/moravam pelas ruas da cidade. Fiquei frustrada e alguns educadores também, inclusive, eles ainda revidaram falando da importância e da necessidade imediata de uma pesquisa em que eles teriam a oportunidade de analisar o seu

⁶⁶ Considero, esta oficina, exploratória e tinha como objetivo construir e problematizar com o grupo de educadores sociais o conceito de juventude. O evento aconteceu em um auditório da SEMCAD, em maio de 2001, com carga horária de 8h/a. Como dispositivo de produção de dados utilizamos a técnica da Viagem pela ponte do imaginário – viagem que leva as pessoas de olhos fechados, deitados sobre mantas, até um lugar imaginário que no nosso caso era o conceito de juventude. Tal técnica resultou em painéis e numa peça de teatro.

trabalho. Enfim, argumentaram a necessidade de realizar a pesquisa, porque suas relações estavam fragilizadas, mas o coordenador foi irredutível. Tivemos que abrir mão de nossos desejos e esperar até o final de julho.⁶⁷

De qualquer modo, a partir desse redirecionamento, decidimos que:

- O grupo-pesquisador seria formado pelos educadores antigos e os novos egressos;
- teríamos 10 oficinas com 4 horas de duração cada uma, sendo que 5 seriam para produção de dados e as demais para a análise dos mesmos;
- as oficinas aconteceriam às segundas e sextas-feiras;
- o grupo pensaria na temática da pesquisa.

Momento libertário com a Arte: encontro com a sociopoética e produção coletiva do tema

Esta vivência⁶⁸ foi realizada no dia 24 de julho de 2001, na Casa Criança Cidadã, com os Educadores Sociais de Rua. Neste dia, iniciei com uma conversa expondo os principais pontos do método a ser utilizado na pesquisa. Digo que a sociopoética é

uma prática filosófica. Ela é uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar a transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Por que ela:

⁶⁷ Depois percebemos que essa foi a melhor decisão, pois oficinas sociopoéticas não devem ser realizadas com pressa e ansiedade para iniciar e terminar o processo. Em julho, houve maior dedicação por parte dos educadores.

⁶⁸ A vivência diz respeito as oficinas realizadas para a produção e análise dos dados. Este termo é uma inspiração da Biodança que diz que *A vivência é a percepção intensa e apaixonada de estar vivo aqui e agora*. A Biodança dá prioridade à vivência e só secundariamente à consciência e à linguagem verbal. *A Biodança – dança da vida – é o exercício do sentir, pensar e agir de forma integrada. A palavra dança é aplicada aos nossos gestos plenos de sentido.*(SANTOS, 1996, p. 15-19).

- 1- *descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais;*
- 2- *favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida;*
- 3- *favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador;*
- 4- *favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (GAUTHIER, 2003b).*

Ressalto, ainda, que essa abordagem de pesquisa ou aprendizagem destaca, simultaneamente, os seguintes princípios:

- A importância do corpo como fonte do conhecimento;
- a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;
- o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, co-pesquisadores;
- o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar;
- a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes.

Enfim, são princípios, nada de dogmas. Destaco que o segundo princípio de valorização das culturas dominadas e de resistência não trata de se fechar em culturas separadas, tampouco em estabelecer oposição frontal entre brancos e negros, índios e não-índios, fêmea e macho, infantil e adulto.... mas, sim, em valorizar o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da racionalidade. Trata-se, portanto, de desorientarmos nosso intelecto, caotizarmos nossa percepção e categorização do mundo e descobriremos outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! Podemos chamar de prática pluricultural na pesquisa, uma experimentação da vida, que não tem nada a ver com o tempo histórico, e sim com a produção de potências (GAUTHIER, 2003b).

Enfatizo, também, que a sociopoética foi gerada na encruzilhada em que se encontram a pedagogia do oprimido, a análise institucional, a escuta mito-poética e a educação simbólica.⁶⁹

De Paulo Freire e da pedagogia do oprimido herda-se a mola impulsionadora de toda a criação de dados, que é o grupo-pesquisador – grupo onde todos são os *participantes da pesquisa, tanto [sic] os intelectuais confirmados pela academia, como as pessoas do povo, cidadãos no pesquisar, co-pesquisadores, membros iguais em direitos e deveres do grupo-pesquisador* (GAUTHIER, 1999, p. 12). No que diz respeito a esse referencial, sabe-se de Paulo Freire (1987, p. 87), que *o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele[...] e sim de adotar uma postura de diálogo e de troca entre saberes intelectuais e populares. Quanto a importância dessa participação dos pesquisadores e co-pesquisadores em pé de igualdade, poderíamos nos perguntar se a Sociopoética é uma forma de pesquisa participante. Segundo Petit,*

a Pesquisa Sociopoética apresenta semelhanças com a pesquisa participante pela sua filiação à Pedagogia de Paulo Freire. No entanto, convém esclarecer que a pesquisa sociopoética difere da pesquisa participante (PP) porque: não apresenta intencionalidade concientizadora; embora valorize as pesquisas com os grupos e classes sociais considerados dominados, não pré-determina seu público-alvo em termos sócio-econômicos; não busca a resolução de problemas; não procura realizar um diagnóstico da realidade da população; não está centrada com a PP ‘...na análise daquelas contradições que mostram com maior clareza os determinantes estruturais da realidade vivida e enfrentada cm objeto de estudo’ (Gajardo, 1984:16-17), os dados não são hierarquizados em função de sua dimensão reveladora das referidas contradições.

Vemos então que, apesar das convergências, a Sociopoética não é uma modalidade de PP e sim uma outra leitura da Pedagogia de Paulo Freire (PETIT, 2002, p. 35-36).

Aos **pesquisadores oficiais** é reservado o lugar de “facilitadores da pesquisa” aqueles que, **formados**, têm a responsabilidade de idealizar o dispositivo da pesquisa/ e ou

⁶⁹ Ver esse encontro teórico detalhadamente em Jacques Gauthier. **Sociopoética:** encontro entre a arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999, e em PETIT, Sandra. *Sociopoética: potencializando a dimensão poética na pesquisa*. In MATOS, Kelma & VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.) **Registros de Pesquisas na educação**. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.

aprendizagem. E o que é um dispositivo? Dispositivo é tudo aquilo que está no centro da própria possibilidade de analisar, criticar e auto-criticar.

Ele se caracteriza por um (ou uns) lugar (es), um (ou uns) tempo(s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem 'objetivar', isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária. (...) Tornam-se visíveis e analisáveis rede de desejos e poderes nas quais todos estão imersos, bem mais amplas do que o que é mostrado pela instituição (GAUTHIER, 1999, P. 12-13).

Assim é que, para a sociopoética, as técnicas escolhidas, o local, a hora, os objetos, o material artístico e tudo o mais, são dispositivos capazes de aflorar a produção dos dados através da profusão de oralidade, de sentidos, de emoções, de imagens, de ritmos, de sons e de movimentos corporais que tais mecanismos, quando acionados, despertam nos participantes.

Não é à toa que, com a sociopoética, sempre estamos interrogando o sentido das práticas e experiências dos grupos humanos; logo, nossas verdades são parciais, próprias às nossas interrogações. Nesse sentido, entendemos o conhecimento como o caminho do meio entre os saberes e os fazeres que os grupos produzem da vida social, e a crítica desses saberes feitos pelo grupo-pesquisador.

Diante do exposto, enfatizei para o grupo a importância da formação do grupo-pesquisador, bem como a questão do anonimato de cada um dos participantes, sobre a divulgação dos resultados da pesquisa e de como poderíamos socializá-la no final. Além disso, indiquei a minha posição de facilitadora que, no processo da pesquisa, é flexibilizada em detrimento da importância que os co-pesquisadores passam a ter mediante a produção de seus fazeres e saberes. Quanto ao registro da produção de dados, eles aceitaram que as suas falas e movimentos corporais, produzidos nos momentos das oficinas, fossem registrados em diários, gravadores, máquinas fotográficas e/ou filmadoras.

Apresentei ao grupo os objetivos e o percurso da minha pesquisa realizada com os jovens de rua no período de junho a setembro de 1999, e quais os resultados a que cheguei, bem como salientei os motivos que fizeram com que eu escolhesse ampliar minha proposta para uma pesquisa com eles.

Por fim, comentei que cada oficina sociopoética é composta por alguns momentos fundamentais: a produção e a análise dos dados, a contra-análise e a socialização dos mesmos. Estes momentos, não são estanques porque, continuamente, funcionam como dispositivos que produzem dados.

Assim, dentro desses princípios sociopoéticos, e para a flexibilização da vigilante consciência, fizemos o relaxamento – exercício de incitação do imaginário, do inconsciente pessoal - que foi planejado de modo a propiciar aos participantes o encontro consigo mesmo, permitindo-lhes dar asas à imaginação. A importância desse momento na oficina, deve-se ao fato de que *Os membros do grupo-pesquisador devem conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual* (GAUTHIER, (1999b, p. 39).

Nesta oficina, em particular, o relaxamento foi feito com a técnica *A viagem pela ponte do imaginário*, visando a produção do tema que nortearia as oficinas posteriores. Em seguida, cada Educador(a) expressou sua vivência pela ponte do imaginário com plasticidade. Nesta técnica, os co-pesquisadores viajaram pela imaginação até o lugar do tema. Em seguida, utilizaram pratos de isopor descartáveis para, através de desenhos e pinturas, expressarem suas sugestões de tema da pesquisa. Em 4 semi-grupos, os co-pesquisadores colocaram suas produções e, a partir delas, escolheram um tema. Cada tema foi expresso em plenária. Dos temas propostos foram escolhidos: *O desejo do jovem de rua na visão do Educador Social de Rua e a Convivência desse grupo*.

Primeira Oficina - produção de dados
A invenção do corpo coletivo do Educador(a)⁷⁰ Social de Rua⁷¹

⁷⁰ Naquele período, a Educação de Rua possuía cerca de 14 educadores sociais de rua, entretanto, a participação ficou em torno de 10 educadores em cada oficina.

⁷¹ INSPIRAÇÃO PARA A TÉCNICA: a inspiração surgiu a partir de encontros entre a técnica do boneco coletivo do Teatro do Oprimido/Augusto Boal, o filme: "Colcha de Retalhos" e, por fim, as sugestões de Gauthier para que eu fizesse algo ligado a pesquisa anterior, ou seja, ao corpo, bem como as das amigas Geovanda e Andrea para eu fazer das primeiras oficinas algo mais ligado a história de vida dos educadores de modo que suscitasse neles o desejo de participar da pesquisa, ao tempo que eu, também, ganhasse a confiança do grupo.

Finalmente, chegou o dia da nossa primeira oficina de produção de dados! O local escolhido, e que, inclusive, seria o de quase todas as oficinas posteriores, foi um dos auditórios da prefeitura no Edifício Saraiva Center. O auditório é espaçoso, com cadeiras móveis, de modo que ao afastá-las para os lados, damos lugar ao movimento e à dinamicidade do grupo, que, com a sua atuação, deixa o local com aspecto mais informal e este passa a ganhar veias e sangue, com aura mágica e tudo. Nossos corpos que, inicialmente, estavam ainda tímidos, parecem, aos poucos, ganhar intimidade e, conseqüentemente, sinto que soltamos mais nossos músculos. Durante a oficina passamos a sorrir, a dançar, a expressar com mais segurança nossos sentimentos e emoções.

De forma ritualística⁷², buscamos um lugar seguro, um mínimo de previsibilidade que iria permitir ao grupo entrar em contato com as forças do caos que começavam a surgir dentro das oficinas provenientes dos muitos tempos e lugares de cada um, quando, por exemplo, a **Vida** avalia a oficina e relata que

no momento do relaxamento, eu não consegui assim acompanhar o comando de quem tava organizando ... estou com dificuldade, nesse período, pelo fato de minha avó ter falecido, ainda estou com dificuldade de concentração (choro) e tudo isso mexe (...) um pouco comigo, com meu interior. (...) Agora, também, no final, quando a gente tava em círculo. Nesse momento, eu senti uma pessoa por trás, e isso foi muito forte pra mim (choro).

Ou, então, quando a **Luz** diz:

Eu achei o momento relaxante, acima de tudo relaxante, porque minha vida pelo menos esses últimos dias (...) tem sido um corre- corre. Está sendo muito difícil e não tenho tido tempo mal de me olhar, imagine pensar de parar o corpo e observar algo. Está muito cansativo.

Então, ser esse lugar seguro [...] como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 116) (...).

Assim é que iniciamos nossos encontros, sempre sentados em cima de mantas, no chão, e

⁷² O ritual produzido pelas vivências nas oficinas, se dá, porque cada uma tem uma estrutura própria que se repete em todos os encontros. *Pensamos que a ritualização da pesquisa e do ensino é uma necessidade. Através do ritual, criamos um tempo-espaço diferente, com seus próprios ritmos, suas exigências fortes, seus prazeres, diferentes da vida ordinária* (GAUTHIER, 1999b, p.33).

em roda.⁷³ Criamos, portanto, uma rotina nova dentro do novo que eram as oficinas sociopoéticas.

Apesar desse ritual, o que queríamos era suscitar a propagação das diferenças. *Repetir, repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom de estilo* (MANOEL DE BARROS, **Coleção Poesia Falada**).

É que um meio existe efetivamente através de uma repetição periódica, mas esta não tem outro efeito senão produzir uma diferença pela qual ela passa a um outro meio. É a diferença que é rítmica, e não a repetição, que, no entanto, a produz (...) (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.49).

Assim, naquele dia, foi questionado o fato de termos dois temas para a pesquisa, os quais foram escolhidos no encontro do dia 24 de julho. Sugeri que escolhêssemos apenas um. E foi, a partir disso que, em comum, o grupo confirmou o tema *Convivência desse grupo*. Diante disso, questionei o fato de que o outro tema quase ficara empatado, logo possuía o respaldo de quase metade do grupo. Os co-pesquisadores, partindo desse argumento, acharam que a pesquisa poderia acoplar o Desejo como questão co-extensiva e transversal à discussão da convivência. Nesse sentido, as oficinas circularam em torno da temática: *O desejo na convivência do grupo*. Hoje, reavivando a memória, lembro que outros assuntos também atravessaram os dados produzidos, tais como: a família, a Educação de Rua, o poder e outros.

Gostei dessa iniciativa do grupo de transversalizar temas porque, implicitamente, haviam também as minhas próprias implicações⁷⁴ que, naquele momento, afinavam-se mais com o tema o *Desejo do Jovem de Rua na visão do Educador(a) Social de Rua*. Esse desejo pelo tema *desejo* se explicava devido a minha ansiedade em manter uma ligação com a pesquisa anterior, que tinha como tema a vivência com os jovens de rua. No entanto, não socializei isso para o grupo porque não me senti segura e à vontade, o suficiente para

⁷³ A roda era parte do ritual e passamos a chamá-la de Círculo da Palavra. E o que era o Círculo da Palavra? Era o ritual de sentarmos em círculos para discussão e avaliação das oficinas.

⁷⁴ Durante todo o capítulo faço a análise de minhas implicações. Esta é uma postura, proveniente da Análise institucional, que propicia *que pensemos sobre as emoções e os sentimentos que nos atravessam cotidianamente durante nossa atuação, principalmente, sobre o lugar de saber/poder que ocupamos na divisão social do trabalho. Não se fica, portanto, na mera avaliação de sentimentos e emoções, tão ao gosto da contra-transferência psicanalítica. A análise das implicações nos leva a afirmar o intelectual não neutro,*

verbalizar minhas intenções. Posteriormente, percebi que eu não precisava ter me preocupado tanto com a minha interferência, e muito menos com a extensividade que o tema escolhido poderia ter com a primeira pesquisa com os jovens de rua. Afinal, o educador(a) social de rua está diretamente ligado ao jovem de rua, logo, esta era uma temática que atravessava todas as outras. Além do mais, essa pesquisa, como a outra, é datada, e o que iria criar a conexão entre as duas seria o meu lançar de dados, a minha produção de sentidos.

Entrementes, naquele momento, o que se fazia mais importante era a constituição do grupo-pesquisador. Um grupo que se apresentava de forma peculiar⁷⁵, com muitas situações analisadoras, dentre elas a condição mestiça do grupo, cuja metade era composta de membros novos, inclusive o coordenador. Então, para mim, o que se tornava fundamental era criar um dispositivo de pesquisa que propiciasse também a constituição do grupo-pesquisador, bem como a invenção de uma certa ritualística que propiciasse o diálogo entre pessoas com desejos tão diferentes entre si, embora eu já tivesse a convicção de que esta miscigenação fosse positiva, no sentido de tornar mais complexo o esquema de experimentação da pesquisa.

Enfim, com o objetivo de constituir o grupo-pesquisador, e para iniciar a produção de dados, a técnica do Corpo Coletivo me pareceu pertinente, pois suscitou a memória subjetiva de cada participante, principalmente ao valorizar suas histórias de vida. Assim, a mestiçagem do grupo pôde ser aproveitada e ressaltada, de tal forma que o tornou

implicado com a realidade que o produz e o atravessa e que pode ser transformada (COIMBRA & NASCIMENTO, 1993, p. 77).

⁷⁵ Como já falei, a Educação Social de Rua sofreu ao longo desses dois últimos anos, algumas mudanças. Por exemplo, durante o mês de julho de 2000, a SEMCAD, com o objetivo de discutir e apresentar propostas que possibilitassem aos jovens, em situação de risco pessoal e social, a sua saída da rua, realizou uma intervenção junto a esses segmentos que se chamou Ação Cidadã. Nas discussões travadas durante esta intervenção dividiu-se os meninos em grupos a partir da realidade de cada um. Estes jovens foram assim distribuídos: grupo 1 – retorno à família (9 meninos); grupo 2 – Abrigo/Casa de Punaré (4 meninos); grupo 3 – recambiante (2 meninos) e grupo 4 – maioria (5 meninos). Esta ação, portanto, desfez o grupo de jovens com os quais eu trabalhei em 1999. O relatório dessa ação emergencial diz que “os três dias de encontro aconteceram de forma tranqüila, (...) o maior problema foi o momento de saída dos meninos, no final da tarde do dia 28. Todos os meninos sentiram muito a separação e a apreensão de estarem numa perspectiva de mudança de vida.” (2000, p. 1). As ações estratégicas para a referida intervenção foram: o Projeto *Vem pra casa, Criança* que se acoplou ao Projeto Família Legal e foram criadas casas-abrigo. Outra mudança adveio em outubro, depois das eleições municipais, quando mudou o secretário e com ele parte do quadro envolvido nesse Projeto. Além disso, em 2001, quando iniciei esta pesquisa, o grupo de educadores sociais de rua tinha se ampliado com a inserção de novos egressos.

um corpo aberto a muitas transversalidades⁷⁶. No encontro ritualístico das oficinas, paulatinamente, o grupo-pesquisador foi se construindo/desconstruindo/reconstruindo. O Boneco – corpo coletivo –, portanto, foi experimentado pelo grupo ao sabor das oficinas-acontecimentos. Oficinas que acabaram por possuir as marcas subjetivas de cada um, contribuindo prioritariamente para se constituir o Corpo Coletivo do Educador(a) Social de Rua.

Na construção desse Corpo Coletivo, o grupo utilizou os seguintes materiais plásticos: jornais, grude, cola branca e colorida, botões, tinta, massa de modelar, pincéis, canetas hidrográficas, giz de cera e lápis de cor. No relaxamento e na viagem pelo imaginário foram utilizadas músicas de origem **celta, nepalesa** que, com seus sons de flautas, instrumentos nativos e étnicos, ajudaram o grupo a relaxar e sonhar.

Assim, ouvindo música e deitados em mantas sobre o chão, orientei-os no sentido de que cada um pensasse em si, em seu corpo e nas histórias significativas de suas vidas. Sugeri que focalizassem especialmente a parte do corpo que tivesse muito a ver com as marcas e os desejos de sua história juvenil, uma tentativa de conhecer o grupo, o lugar de onde vieram, o que os cercam, aquilo que estão em vias de romper e procurar as implicações entre essas marcas e o tema *O desejo na convivência do grupo*. Esse momento também possibilitou a escolha de seus pseudônimos.

Ao final da viagem, cada um dançou com os jornais que seriam transformados em partes do corpo. Pensando assim, foi que eles dançaram com a folha de jornal, tornando-se íntimos de sua obra de arte. Lembro-me que a **Brisa**, por exemplo, quando



Fig. 13

⁷⁶ *TRANSVERSALIDADE – interpenetração, entrelaçamento, no rizoma (modelo de uma raiz vegetal que não tem membranas celulares nem limites externos), que é imanente à rede social, das forças produtivo-desejantes-instituintes-organizantes. A transversalidade veiculada pelas linhas de fuga do Desejo e da Produção, é uma dimensão do devir que não se reduz, nem à ordem hierárquica da verticalidade, nem à ordem informal da horizontalidade nas organizações.*

A transversalidade é capaz de provocar sínteses insólitas entre elementos incompatíveis, gerando efeitos à distancia sem transmissores detectáveis, a partir de conexões locais. É uma travessia molecular dos estratos molares. Como montagens, os dispositivos ou agenciamentos, heterogêneos, inovadores, que escapam aos limites de estratos, territórios e códigos (...) formais e oficiais, deflagram efeitos transversais inventivos e libertários (BAREMBLITT, 1998, p. 195).

iniciou o movimento com o jornal, já estava com ele modelando as pernas, como se estas já tomassem a forma em dança. Em seguida, cada educador(a) designou o seu lugar para



Fig. 14

modelar sua peça – a parte do seu corpo imaginada, devaneada durante a viagem pelo seu imaginário.

Recordo que esse foi um momento de muitas inquietações, porque algumas pessoas não conseguiam dar a forma desejada para a parte do corpo imaginada na viagem. A **Maria**, por exemplo, utilizou mais tempo do que os outros para pensar e produzir sua obra, demonstrando, inclusive, uma certa angústia porque não conseguia construir; chegou a impacientar-se e a dizer: - *Ah, eu vou desistir. Eu não consigo fazer. Eu nem lembro de ter feito isso alguma vez. Isso é coisa de criança!* Outros, como o **Railê Salafriê**, isolaram-se dos demais, totalmente envolvido com seu trabalho. A educadora **Vida** demorou um pouco a encontrar a forma desejada, chegando a achar que não conseguiria obtê-la. Não obstante as dificuldades, todos, aos poucos, foram se envolvendo e construindo de modo bem criativo suas partes do corpo, e as suas histórias de vida.

Desse modo, percebo que, nesse produzir conhecimentos em grupo, um dos pontos fundamentais é perceber como o nosso corpo é marcado por pontos enrijecidos. *Nossa alma de superfície, salvo milagre, cria obstáculos a nossos amores, como se tivéssemos uma couraça de tatuagens. É preciso depor a couraça, fundir o mapa dos caminhos e das encruzilhadas, descobrir a alma e fazê-la arder de outra maneira, para que as chamas se misturem* (SERRES, 2001, p.19). Na mistura de corpos, as pessoas tornam-se flexíveis. No encontro com o outro, o corpo-pesquisador é tocado em pontos inusitados até por ele próprio. Ele vê suas costas e desenvolve um campo de forças. Para Serres, (2001, p. 19), esse campo é o *espaço da pressão extraordinária da alma para apagar as sombras do corpo, e os recuos máximos do corpo para resistir a esse esforço*. Maria, co-pesquisadora, como já falei, nas oficinas sentiu esse campo de forças, essa intensidade. Ela sentiu muitas resistências em apagar as sombras do corpo, do seu corpo. Acreditou não ter habilidades e não ser capaz de fazer sua parte do corpo, não se lembrava de ter feito uma alguma dia. No entanto, depois de pronta, sua peça ficou muito criativa. Isso a deixou surpreendida e feliz:

- *Pôxa, eu sabia pintar, modelar e nem imaginava! Tudo é ser como criança... é difícil voltar a ser criança ... a gente brincar de sujar... esquecer a limpeza.*

Ao término dessa atividade, ouvimos música meditativa para fazermos a técnica das mãos⁷⁷ e, em seguida, realizarmos a verbalização dos trabalhos e de suas respectivas histórias. Nesse momento, em dupla, sentados no chão, às cegas e com as mãos no centro da roda, eles começaram a acariciar as mãos, um do outro, para que as intensidades, as energias do corpo fossem sentidas. Esse exercício, entre tantas coisas, enfatiza a importância do toque... do milagre da cura que as mãos possuem ao tatear as emoções, os sentimentos do outro, ao mesmo tempo em que se é também tateado. Outro objetivo visava a possibilidade de que ao se aproximarem uns dos outros, os co-pesquisadores comesçassem a se desprender da *polícia interior* ou do *tira*⁷⁸ *na cabeça* que está na cabeça de cada um de nós a nos perseguir, de modo a adquirir confiança e anunciar a morte de Deus – O Deus das nossas cabeças, o Deus inventado, o Deus que não é vivo⁷⁹ – deixar aflorar o inconsciente do grupo e, a partir disso, os co-pesquisadores pudessem se sentir à vontade para expressar as emoções, os sentimentos, a intuição e a razão – o múltiplo que as vivências produziram (BOAL, 1996, p. 53-59; 1998, p. 267). Ou seja, sentir, de tal maneira, que não haja mais separação por “gênero”, “faixa etária”, “classe”, “raça” e/ou preconceitos de toda ordem

⁷⁷ Essa técnica é de inspiração da Biodança, e consiste em que, em dupla, ou em grupo, coloquem as mãos no centro da roda e comecem, paulatinamente, a acariciar as pontas dos dedos, num movimento vagoroso e sensível, de conhecimento do Outro e de suas limitações e extensões.

⁷⁸ Expressão utilizada por Augusto Boal, (1996, p. 172-173), ele diz que os *tiras* são produzidos nas *menores células da organização social (o casal, a família, a vizinhança, a escola, o escritório, a fábrica etc.)*, *bem como nos mais ínfimos acontecimentos da vida social (um acidente na esquina da rua, a verificação dos documentos de identidade no metrô, uma consulta médica etc.)* *estão contidos todos os valores morais e políticos da sociedade, todas as suas estruturas de dominação e de poder, todos os seus mecanismos de opressão.* (1996, p. 53) Em outro momento do texto, o autor diz que os *tiras* são *personagens invisíveis por nós, mas presentes na cabeça do protagonista, personagens que o provocam, ou estão na origem de seus medos, desejos, fobias, contrariedades. Personagens dos quais se lembram mais ou menos intensamente no momento da improvisação (...)* *Os tiras são pessoas reais e concretas e não abstrações: educação, sociedade etc.*

⁷⁹ Nietzsche fez uma oração desesperada a partir de uma experiência radical do Deus vivo. O título é **Oração ao Deus Desconhecido** e diz mais ou menos assim: *Antes de prosseguir em meu caminho e lançar o meu olhar para a frente uma vez mais, elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo. A ti, das profundezas do meu coração, tenho dedicado altares festivos para que, em cada momento, Tua voz me pudesse chamar. Sobre esses altares estão gravadas em fogo estas palavras: ‘Ao Deus desconhecido’. Seu, sou eu, embora até o presente tenha me associado aos sacrílegos. Seu, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo. Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servi-Lo. Eu quero Te conhecer, desconhecido. Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida. Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero Te conhecer, quero servir só a Ti.* (NIETZSCHE APUD BOFF, 2000, p.84-85).

(DELEUZE & PARNET, 1998, p. 24). Não é à toa que os co-pesquisadores, ao avaliar a técnica, disseram:

O toque das mãos é uma coisa interessante porque eu me lembrava das crianças (...) elas gostam muito dessa história do toque, elas beliscam, elas puxam os pelos dos olhos, da sobrancelha, querem morder seus dedos, (...) enfia o dedo no nariz (...) não há constrangimentos, não há malícia (...) e é por isso que eu escolhi a Vida porque ela é muito sincera nos toques dela, e eu não estou dizendo que as outras não são... (Railê Salafriê)

(...) muito interessante foi na hora da ‘terapia’ das mãos, como a Luz já falou, como é bom a gente tocar o outro como o outro mesmo, vendo o outro como outro, sem uma intenção ... sem nada. Só sabendo que ele é o outro... sem querer magoar (...) sem se sentir magoado, sem se sentir constrangido por estar tocando (...) uma mulher (...) é bom esquecer essa divisão de gênero e vê o outro enquanto gente, enquanto o outro mesmo. (Verhvell)

Eu não tenho muito contato, apesar de conhecer o Beto há uns três meses, mas eu não tinha me aproximado tanto dele, assim, como nessa técnica das mãos, (...) eu não o vi como homem ou como mulher, mas, assim, como um ser humano (...) aquela coisa que dava uma segurança... eu tive segurança em deixar ele me tocar e eu tocar ele, sem medo de malícias... (Brisa)

Fig. 15



A construção do corpo coletivo do Educador(a) Social de Rua

Ainda sentados em círculo, no chão, os co-pesquisadores, com as partes do corpo que haviam produzido, começaram a experimentar a criação do boneco - Corpo Coletivo do Educador(a) Social de Rua. Disposto no centro da roda, o boneco começava a ganhar forma, ainda que desprovida de harmonia, uma vez que as partes pareciam não se “encaixar” completamente. Esse não “encaixe” era evidenciado tanto na mão excedente, fora do corpo, como nas três cabeças que, produzidas isoladamente no

coletivo, não se “enquadravam” na forma considerada padrão. Assim, do mesmo modo que se verificava, por um lado, excessos de determinadas partes, por outro lado, havia a ausência de outras, como a do tronco que não fora construído. Se de um lado havia um corpo excessivo, de outro, havia um corpo incompleto. Tinha-se, então, um boneco/personagem configurando-se como algo monstruoso, mas que, na verdade, contava a história de cada um, especialmente a do grupo criado para a pesquisa⁸⁰. Apesar disso, o boneco fez-me perceber que o grupo estava realmente desarticulado, talvez um corpo sem órgãos⁸¹, sem carteira de identidade – cada um era o Outro – o fora - tudo aquilo que, naquele momento, nos circundava, que não fazia parte de nossa vida, mas que nos atravessava e nos fazia pensar, por isso mesmo num um momento rico em possibilidades.



Fig. 16

Lembrei-me, nesse momento, da história de Frankenstein e, para que o leitor possa visualizar bem esse corpo, transcrevo a poesia do poeta paulista José Paulo Paes sobre essa criação, para que possamos imaginar os sentimentos desterritorializantes pelos quais passavam as pessoas do grupo. A poesia trata, portanto, da história, da construção do Outro. Não qualquer outro, mas um outro mestiço e, por isso mesmo, um ser estranho e monstruoso.

SOBRENOME

Como vocês sabem

Frankenstein foi feito

Com pedaços de pessoas diferentes:

A perna era de uma , o braço de outra

⁸⁰ O grupo estava sendo constituído para a pesquisa em questão. Nesse caso, o corpo coletivo era experimentação do grupo se constituindo nas oficinas. Cada parte do corpo significa cada um, e suas respectivas histórias de vida. Um corpo coletivo, não homogêneo, produto das diferenças do grupo. Como um grupo é sempre um corpo aberto a novas transversalidades, este corpo será construído/desconstruído, à medida em que o grupo também for se constituindo.

⁸¹ Ver o Capítulo Três sobre o corpo dissolvente do jovem de rua para a questão do conceito de Corpo sem órgãos do Deleuze & Guattari. Ver ainda, sobre isso, os autores: DELEUZE & GUATTARI, 1976; 1996 e LINS, 1999.

*A cabeça de uma terceira,
E assim por diante.
Além de o resultado
Ter sido um desastre
Houve um grave problema
Na hora em que Frankenstein
Foi tirar a carteira de identidade.
Como dar identidade
A quem era uma mistura
De várias pessoas?
A coisa só se resolveu
Quando alguém lembrou
Que num condomínio
Cada apartamento
É de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
Ganhou nome e sobrenome
Como toda a gente.*

E foi assim que o grupo compartilhou desejos, saberes e não-saberes. No encontro dos corpos, tudo se ampliou e, nessa amplitude, percebi o quanto o corpo é multirreferencial, é polifônico; e pode ousar e sentir cheiros, toques, olhares, sons, tons, pregas, fissuras, dobras e contornos. E tudo isso é possível porque nada é feito sozinho, mas com o grupo, em comunidade. Os saberes e os não-saberes são produzidos coletivamente. Desse modo é que as possibilidades são muitas, quando um corpo se encontra com outros corpos, numa mistura sem fim, num imbricado de corpos. O lócus da multirreferência é o

corpo, porque é nele que inventamos, criamos, repetimos, organizamos, enfim, nos sensibilizamos.

E é sensibilizado que cada co-pesquisador, ao falar de suas experimentações com os dispositivos vividos, **começou** a relaxar e a dizer a escolha do seu pseudônimo, relacionando-o com a parte do seu corpo que contava histórias de si. A seguir, elenco os pseudônimos escolhidos e as respectivas partes do corpo e os sentidos produzidos.

PSEUDÔNIMO

PARTE DO CORPO / PRODUÇÃO DE SENTIDO

Vida

Coração – *Eu escolhi o coração e colocando (...) veias e artérias (...) um pega as impurezas e o outro traz a pureza (...) minha vida toda eu tive que ser pessoa que (...) procura entender os dois lados (...) o lado de levar a pureza e ao mesmo tempo o lado de entender porque vem as imperfeições (...)*

Railê Salafriê

Cabeça – *Eu escolhi a cabeça completa porque em determinados momentos, assim..., o corpo não agüentava mas a cabeça tinha que ficar acordada, tinha que ficar atenta 24 horas. Então, a cabeça, para mim, representa muito.*

Maria

Cabeça – *Eu escolhi a cabeça porque ela é que me traz muitas lembranças maravilhosas da minha infância e (...) me ajuda a tomar decisões.*

**Coração
de Leão**

Rosto - *Procurei retratar um rosto pintado porque relembro (...) dos caras pintadas (...) um bando de jovens saindo nas ruas indo protestar a favor do impeachment de um governo corrupto.*

- Verhvell** **Pé** - *Eu escolhi o pé porque eu tenho uma relação legal com meus pés (...) eu sempre ganhei a minha vida através dos meus pés (...) E, na minha infância (...) apesar de eu ter machucado os meus pés (...) eles sabem que é coisas de criança mesmo (...) e quando eu queimei meus pés, (...) estourei as bolhas e fiquei nas pontinhas dos pés.*
- Luz** **Pé** – *Escolhi o pezinho e botei o nome dele ENERGIA devido a minha caminhada... muito cheia de obstáculos desde muito cedo (...) representa caminho (...) vencer os obstáculos, subir e descer e ter força no pé.*
- JC** **Perna com pé** – *Eu tenho grande amizade pelas minhas pernas (...) porque (...) foram companheiras na minha infância e nos momentos difíceis que eu passei (...) me ajudaram (...) quem segurava o peso (...)*
- Brisa** **Pernas** – *São elas que nos ajudam a correr atrás dos nossos ideais, nossos sonhos e (...) voltando a infância, eu sempre (...) me lembro de mim correndo (...) para brincar (...) pra tudo.*
- Força** **Braço com a mão aberta** – *esse braço no sentido da força por conta da minha história de vida (...)e, hoje, tenho uma caminhada como Educador(a) que me dá muita força (...) aquela vontade de não parar, de não desistir dos meus ideais (...) uma causa que eu abracei e que (...) eu estou de braços abertos (...) disposta a enfrentar desafios.*
- Amizade** **Mão** – *eu escolhi a mão pelo fato de eu gostar muito de fazer amizade, (...) andar agarrada, pegar na mão de todo mundo (...) eu gosto muito (...) da mão, do toque.*
- Beto** **Braço com a mão** – *simbolizando, desde cedo, o ajudar meu pai no comércio, nas feiras(...) pra carregar arroz, e tantas outras coisas pesadas (...) esse braço, hoje, faz com que eu possa lembrar que não posso resolver as coisas (...)com violência e sim com a razão (...)*

Alegria Não participou desta oficina

Esperança Não participou desta oficina

Vida Asterico Não participou desta oficina

Roda de embalo - preparo para avaliação e encerramento das atividades

Para encerrar as atividades da tarde, fizemos uma roda de embalo⁸² com objetivo de ninar, de embalar e de cuidar uns dos outros. Penso, também, que a música “Um Dia, Um Sonho”, do CD *Reflexões Nordestinas*, de Nonato Luis, cumpre bem esse objetivo à medida em que (**já que ou por ser**) é uma canção de ninar. Finalmente, em roda, sentados no chão, avaliamos as atividades de toda a tarde.

Alguns avaliaram esta vivência dizendo:

No momento do relaxamento eu não consegui acompanhar o comando de quem tava organizando, porque eu estou com um pouco de dificuldade de concentração, (choro) e isso mexe um pouco comigo, com meu interior.(..) Agora, também, no final, quando a gente tava em círculo, nesse momento, eu senti uma pessoa atrás de mim e isso foi muito forte para mim (choro). (Vida)

Eu consegui mergulhar em mim mesmo, consegui resgatar alguns valores que eu teria perdido e consegui reencontrá-los (...) Pude sentir a energia de cada um ... como se estivéssemos navegando... (Coração De Leão)

São tantos os momentos que a gente poderia trazer para falar agora... de tanto que aconteceu nessa tarde... que fica difícil falar. Mas, nós fizemos uma viagem interior, nós nos encontramos com nós mesmo para depois perceber o Outro, né? (Verhvell)

A primeira coisa que me veio na minha lembrança, assim, para eu poder construir esse pedaço do corpo foi a questão do desejo (...) e, inclusive,

⁸² A roda de embalo é inspirada na Biodança e consiste em uma roda, em que, passados os braços, uns nos outros, mantém-se os pés um pouco afastados para dar um bom apoio, a fim de que, ao som de uma música, o grupo comece um embalo coletivo, lento e gradual. A roda também tem o sentido das grandes festas comunitárias, primitivas, que acabavam por suscitar memórias ancestrais.

me veio esse desejo na cabeça (...) os desejos que a gente quer atingir, (...) desejos (...) mais íntimos, a gente quer conseguir(...) (**Railê Salafriê**).

Eu achei o momento relaxante (...) porque minha vida, pelo menos nesses últimos dias, para mim, tem sido um corre-corre, tá sendo muito difícil e não tenho tido tempo mal para me olhar, imagine pensar de parar o corpo e observar algo. (**Luz**)

O primeiro momento, a reflexão naquela viagem, trouxe aquilo que estava um pouco esquecido dentro de mim, que é o valor da verdadeira amizade (...) hoje, eu pude, nesse mergulho, nesse contato de tocar o outro, de sentir o outro, de abraçar e de sentir a energia do outro, eu acho que pude reavivar dentro de mim esse sentimento... (**JC**)

Esse último momento... o momento que a gente realmente teve mais próximo, o grupo, assim bem juntinho... e uma coisa que me chamou muita atenção, foi isso, que nem sempre a gente estava num ritmo igual... sempre um puxava mais para um lado, mas o outro já puxava, é como se a gente tivesse caindo e viesse uma mão amiga e puxasse você para o caminho certo... (**Brisa**)

Terminada a produção dos primeiros dados, fui para casa mais aliviada e com a sensação de prazer, por ter em mãos o resultado de um trabalho criativo... potencialmente criativo, onde palavras proliferaram mel, vinho e pão, ao se misturar corpos, histórias de corpos e pseudônimos, com sabor de vôo, de liberdade e de abertura para a próxima oficina – múltiplas possibilidades de invenção e produção de sentidos e desejos.

Segunda Oficina - Produção de dados

História Bricolada: entre um picolé e outro, muitas possibilidades de criar

Quando chegamos ao auditório, cada um dos co-pesquisadores foi convidado a pegar seu pedaço do corpo para que, sentados no chão, em roda, falassem da experiência anterior, especialmente porque, naquele dia, tínhamos uma **co**-pesquisadora nova. Antes de iniciarmos o relaxamento, fizemos o relato das atividades, das impressões que haviam marcado o grupo, bem como do fato de que quase todos haviam escolhido um pseudônimo, e os demais deveriam escolher o seu. Assim, quando a co-pesquisadora foi apresentar seu painel, no final da oficina, anunciou que o seu pseudônimo era Esperança.

Depois desse preâmbulo e, como aprendi com Gauthier, fiz um relaxamento com o grupo e senti que as resistências se apresentavam, dessa vez, mais tênues, e isso evidenciava que **as pessoas** estavam mais abertas e envolvidas com o trabalho. Coloquei uma música e pedi para que **eles** sentissem a energia de seu próprio corpo, que respirassem pausadamente e que tivessem muita paciência consigo, para que a música, ao invadir a sala, invadisse também seu corpo. Depois, li o texto *Tempo-Rei e os dançarinos mascarados* (texto criado e adaptado do diário do 24 de agosto de 1999 para esta oficina) com emoção, pausadamente.

Para que o leitor possa acompanhar o movimento da oficina, segue o texto:

TEMPO REI E OS DANÇARINOS MASCARADOS

Certo dia, quando o céu já estava escuro e o movimento do sol já estava sendo substituído por outros da noite, a rua não apresentava nenhum sinal dos dançarinos que a habitavam. A rua, quase silenciosa, era povoada apenas por ruídos de alguns trabalhadores e dos carros apressados que passavam pela avenida de Tempo-Rei. Uma tênue luz, vinda de um poste, mostrava sombras, roubando a visão de quem queria ver através delas.

De repente, aos poucos, foram chegando. Sua potência era surgir do nada, ou de um breu tão profundo, que a escuridão os dissimulava pelos contornos dos becos. Na penumbra, longe das negociações mais óbvias, seu aparecimento resplendia, por isso, de uma luz bem mais intensa. Aparições do nada, um foco de luz intenso. Corpos saltitantes vinham correndo desenfreadamente, efusivos ao léu – ao sabor dos ventos da noite. Dançarinos mascarados encarnavam as cerimônias dos espíritos do ar; e a noite, que banhava de sombras os seus corpos, despia seus sentidos misteriosos e, em alerta, os corpos dançantes paravam, olhavam, prestavam atenção e, em poucos segundos, observavam e decidiam o que fazer... Havia **há** alguma coisa lá. Um dos dançarinos entendia a mensagem e corria. Os outros, inseguros, ficavam a olhar.. mas, em seguida, corriam também. Retornavam com as mãos cheias. Cada um pegava o que podia e não interessava como. Usavam as mãos para agarrar os picolés pelo meio e não pelo palito. Derretendo e escorrendo a gosma gelada pelas mãos, os **jovens** corriam até a lata do lixo. Mexiam, remexiam e encontravam, por entre os dejetos, **2** copos descartáveis. Sentavam para chupar **o picolé**, e com picolés em

cada uma das mãos, diziam: *milagre, milagre o Tempo-Rei ter dado picolé.*

Chupavam o picolé. Sujavam-se. O picolé – forma pastosa – em transformação, derretia e escorria pelo canto da boca de suas bocas, melava as mãos, o rosto, a boca, as roupas. Chupavam o picolé. Era puro gozo! Todo o corpo participava - comida e corpo se fundiam em puro prazer. O picolé derretendo por entre os dedos, escorregava da boca e caía no chão. Automaticamente era pego e esfregado pelo corpo um dos outros, e pelo corpo do outro. Aquilo gerava ações; corriam para passar também no outro, e outros entravam. Enfim, era menino, picolé, chutes, tapas, corpos grudados uns nos outros... Gritos efusivos. Um grande papelão aberto, na calçada, coberto de mais muitos picolés. Chupavam os dedos sujos com prazer... Sentados, deitados, em pé, caminhando, deleitavam-se com o alimento dado, inesperado. De um lado para outro, caminhavam em um tempo-acaso. Ações feitas em cima da hora. Aconteciam ... iam acontecendo... Picolés nos copos, no chão, em cima do papelão. A lixeira, ao lado, parte da cena, lugar de muitos utensílios que são eram ou iam sendo utilizados na hora: uma caixinha de Toddy, o papelão, os copos descartáveis, as mãos também. Corpos expostos encostavam-se uns nos outros pelas costas, agachavam-se. Eram muitos os risos, e gritos, tapas e murros. Eufóricos com o ato de comer, de chupar o picolé, corpos manifestavam gargalhadas soltas, passos dançarinos de capoeira.

A noite se esvaía, movimentos do dia irrompiam a madrugada, e nessa continuidade, o que poderia acontecer?

*Texto adaptado do diário de campo do dia 24/agosto/1999
e produzido por mim para esta oficina. (rodapé)*

Percebi nos corpos e nos semblantes dos Educadores o quanto se entregaram ao relaxamento. Em seguida, cada um foi convidado a expressar, com uma palavra, o desejo que sentiu com a história que ouviu. Algumas dessas palavras para o tema desejo na convivência do grupo foram: felicidade, magia, liberdade, alegria, partilha, amizade, prazer, companheirismo, ação e cumplicidade.

Depois, cada educador(a) recebeu cópias da transcrição de sua história de vida

(produzida na oficina anterior) e da história *Tempo-Rei e os dançarinos mascarados*, para que, com plasticidade, misturassem as histórias e produzissem outra. Em uma espécie de bricolagem, juntassem o que parecia, inicialmente, *in-juntável*.

Muitas foram as produções subjetivas. Cada um dos educadores fez um painel com colagens, desenhos, frases e, em plenária, puderam expor a criação de suas histórias bricoladas. Gravamos as histórias e estas serão analisadas no próximo capítulo.

O grupo, neste momento, ainda me passa uma certa restrição em expressar o que pensa e sente.... a polícia interior ainda está muito presente e, a cada momento, ela parece invadir a oficina de modo a conter e/ou mesmo inibir a potência criativa e reveladora dos desejos dos co-pesquisadores. São muitas as falas que anunciam o desejo de mostrar uma harmonia no grupo, um certo lugar comum, que tudo está indo bem com os educadores e com o Projeto de que fazem parte. O **Railê Salafriê** chegou mesmo a denunciar:

Mas eu acho que a gente teve um dia bom e que a gente tem que... que, isto é, mexer mais com a histórias dos desejos da gente, mexer mais com essa história do grupo e do desejo também, que a gente foge um pouco... lá da temática.

Na oficina anterior, houve interrupções na hora do lanche, e por causa disso, fizemos um acordo de que eu mesma o organizaria, para que esse momento não interrompesse as possíveis produções realizadas pelo grupo. Sendo assim, aproveitei a oportunidade para que o momento do lanche também fosse um momento analisador⁸³; e, como na história daquele dia, um dos elementos do enredo era o picolé, fizemos dele um dispositivo de produção de dados.

Como isso aconteceu? O lanche foi à base de picolés e, observando os corpos dos educadores, percebi que ficaram alegres com a chegada dos picolés, mas todos estavam comidos ao chupá-los, exigência da “boa educação” ao ditar que temos que “ser educados” ao receber algo, especialmente algo para comer. Chupavam o picolé segurando o

⁸³ Para a Análise Institucional, o momento analisador tanto pode ser construído/artificial, como pode ser natural. Para Georges Lapassade, (1998, p.127-132), o analisador construído ou artificial é um dispositivo inventado e implantado como dispositivo de visibilidade social que permite ao pesquisador tornar visível o invisível. No caso do analisador natural, é um analisador produzido ‘espontaneamente’, “no qual o observador se esforça, pelo contrário, para deixar as coisas acontecerem sem interferir no seu andamento.

palito, com toda a preocupação de não se sujar, nem sujar o ambiente. Uma lixeira foi convidada a participar, só que, dessa vez, não como lugar de utensílios a serem usados, **mas para colocar o lixo**, aquilo que era o refugio para o grupo. Os picolés eram chupados, um de cada vez, e com toda a discrição possível. Tudo com absoluta concentração nos trabalhos que estavam desenvolvendo. Alimento e mãos não pareciam uma coisa só, como nos dançarinos mascarados, até porque havia entre eles, anéis e lenços descartáveis. Enfim, muitas diferenças entre a hora do picolé para os jovens dançarinos mascarados e a hora do picolé para os corpos dos educadores.

No final da manhã, retomamos as partes do Corpo coletivo e conversamos muito sobre as sugestões de **cada para** a desconstrução/reconstrução do corpo coletivo do boneco. Foi muito participativo aquele momento. De repente, **o grupo** se revestiu de uma luz intensa e germinou coletivamente. Vejamos o texto que **eles** criaram:

PLANEJAMENTO PARA RE-INVENÇÃO DO CORPO COLETIVO

Tentar montar um corpo, mas a gente não podia fazer diferente? Por que fazer igual? Se é como a gente pensa, se a gente vive repetindo que várias cabeças pensam melhor do que uma, né? Esteticamente, como por exemplo, a gente vê aqui, não precisa ter esse monte de cabeça, mas pra nós aqui, que é nosso, estaria representando que é um grupo, que várias cabeças pensam... pensam melhor que uma... pensam melhor do que uma, vocês estão entendendo? Várias mãos se ajudando, vários pés pra caminhar e o coração lá... A gente faz a estética, mas que a gente procure assim... incorporar num só coração e num só desejo, aí criar o que está faltando, que a gente não procure o que é correto, porque é assim... é perfeitim, é bonitim, aquela coisa organizado, aquela beleza... copiando, né? Aquela beleza física, essa coisa estética. Está faltando o tronco também, né? É porque ninguém fez o tronco. Mas nós estamos criando e não reproduzindo, né? Justamente. É acrescentar, não retirar. Até porque nós estamos criando, construindo, Shara, e não reproduzindo, né? Não reproduzindo, né? Eu não sei se... Acho que é por aí mesmo, né? Não retirar, só acrescentar.

Nos dias anteriores àquela oficina, eu me senti muito insegura. Era um frio

constante na barriga, todos os meus medos afloravam. O medo de que eu não soubesse cronometrar o tempo das atividades; do que eu não sabia nomear e, especialmente, do erro. Eu estava com muito medo de errar, medo de não saber o que fazer e, acima de tudo, medo do julgamento dos outros... Afinal, qual é o meu maior compromisso? Meu compromisso é com a política pública? Meu compromisso é com a UFC? Meu compromisso é comigo? Meu compromisso é para com os jovens de rua? Meu compromisso é com os educadores? Com que ou com quem estou compromissada? E nessa imensa rede... eu sentia o peso, o peso enorme me atormentando o sono e o corpo que carrego. Que dores eu devo cumprir? É o meu trabalho um fardo que, como camelo, devo carregar sem beber, sem comer e, especialmente, sem dormir? Como trabalhar com oficinas sociopoéticas e permanecer com toda a dureza e lentidão do camelo, que retém dentro de si o máximo de água, de modo a poder carregar o máximo de peso? **Se** A sociopoética é a alegria da leveza, do caminhar solto, do canto e da dança dionisíaca, **e** como é que, paradoxalmente, eu teimo em produzir um corpo carregado de tensões, de dores e de angústias?

E foi com todos esses questionamentos que abri nossa terceira oficina. Pude livrar meus ombros do poder de uma longa moral, de uma grande dor. E falar me trouxe segurança para continuar fazendo meu trabalho.

Terceira Oficina - Produção de dados
Os co-pesquisadores re-inventam o corpo coletivo.

Para a terceira oficina, fizemos um relaxamento deitados sobre as mantas. A Alegria, que chegara de férias, sugeriu que o fizéssemos em círculo. Ela integrou-se bem às atividades, com a sugestão, acatada pelo grupo, de fazer uma mandala. Os co-



Fig. 17

pesquisadores disseram: - *olhe, Shara, veja como a **Alegria** chegou e já trouxe boas idéias!* Coloquei a música duas vezes para que relaxassem mais, eles estavam cansados porque tinham vindo de uma passeata, resultado da I

Conferência Lúdica sobre Violência contra crianças e adolescentes. Alguns, como a **Amizade** e o **JC**, dormiram.

Em seguida, chegou o momento do Circulo da Palavra. Sentados no chão, começamos a relatar as experiências das oficinas anteriores. Naquele dia, em particular, relatamos os acontecimentos das oficinas para a **Alegria**, que participava pela primeira vez

Depois disso, cada um pegou os pedaços do corpo e o texto *Planejamento para reinvenção do Corpo Coletivo* produzidos na oficina anterior. A partir da leitura, o grupo fez uma discussão sobre como continuar o processo. O grupo iniciou sem saber o que fazer e ficou por algum tempo analisando a situação.

Naquele dia, haviam duas pessoas novas que não participaram da primeira oficina, não possuindo, portanto, as partes do corpo. Alguns educadores, como sugestão, disseram que era melhor que as duas fizessem o que estava faltando no corpo, de modo que só depois o grupo decidiria o que fazer. Fiquei um pouco tensa, ansiosa com essa situação, sem saber se poderia interferir. Interferi, manifestando minha opinião sobre o assunto e perguntei: – *Quando alguém ingressa em um grupo de trabalho, se recomeça tudo, ou se pede à pessoa que entrou para fazer todas as atividades já realizadas, para só depois inseri-la no grupo e continuar o trabalho?* Imediatamente eles responderam que não, e passaram a pensar no que poderiam fazer. O **Railê** sugeriu que se desse uma lógica para o boneco, pois, segundo ele, todos nós precisamos de uma estrutura, e se não seria melhor retirar o que estava sobrando e fazer o que faltava. – *E as partes que estão sobrando?* eu perguntei. Ele respondeu: – *Sei lá ... bota fora ou então faz outros corpos.* Mais uma vez eu interferi, dizendo que havia um planejamento anterior, e que nele, o grupo havia decidido que não tiraria nada, apenas acrescentaria, porque não estavam reproduzindo e sim criando um corpo. Enfim, não sei se agi correto interferindo. Fiquei com a velha dúvida: Até onde me envolver? Até onde vai meu papel de facilitadora e de pesquisadora? Bem, pelo menos percebo as implicações de minhas atitudes, embora só as tenha percebido quando cheguei em casa e entendi que estava com medo de que a oficina tomasse um rumo inesperado.

Os Educadores demoraram a se envolver; além disso, houve atraso para o início

dos trabalhos, e o grupo agia de modo a querer mudar as decisões da oficina anterior. Depois dos questionamentos, dos pontos a definir, o grupo acabou se organizando em semi-grupos e começaram os trabalhos de burilamento do corpo coletivo do educador(a) social de rua. Eu perguntei: – *Como seria uma pessoa que tivesse um pouco do perfil das pessoas do grupo, num dado momento, com tais objetivos de encontro?*



Com a divisão do trabalho **Fig. 18**

as fic;

Fig. 19

todos se envolveram de forma intensa. No momento da plenária, no Círculo da Palavra, foi muito gratificante ouvir os depoimentos dos co-pesquisadores. Todos se revelaram muito

motivados com o trabalho em grupo. Todos puderam externar os sentimentos, as impressões, a emoção que sentiram com a produção do corpo coletivo.

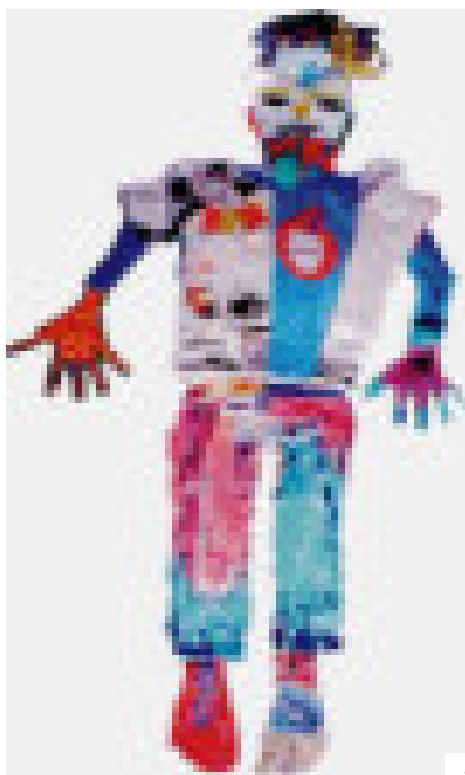


Fig. 21

Antes da plenária, cada um fez seu diário⁸⁴. Depois, para iniciar a avaliação do trabalho daquele dia nós fizemos uma *roda de embalo* e, em seguida, nós sentamos no chão, colocamos o boneco no centro da roda, para planejarmos juntos a nossa próxima oficina e qual o nosso desejo para com ela.

A **Vida** disse que: – *Eu não sei exatamente porque, mas eu gostei muito de ter construído assim... de ajudar a construir essa outra parte.... eu fiquei assim... me senti muito bem.*

⁸⁴ A proposta era de um diário coletivo onde todos poderiam colocar suas impressões das oficinas, dos sentimentos diversos que os envolviam, mas este dispositivo acabou se diluindo ao longo das oficinas, de tal modo que não pudemos transformá-lo em mais um momento analisador.

O **Railê** empolgado, revelou: “*Eu queria dizer que eu trabalhei até duas da tarde. Depois, eu fui para casa, voltei, e ainda tava no clima da passeata, mas se tivesse um forró aqui... eu ainda ia... quer dizer, dá uma sensação boa, de energia, de estar junto. Arrocha o Boneco!*” **(uniformizar as falas)**

A **Verhvell** concluiu, dizendo:

*O Boneco é a nossa história de vida, né? Quando o que parece, assim, que cada um fez uma parte, (...) aquela coisa separada – uma parte. Mas é a idéia do todo (...) que o grupo passa. (...) num sei, nem, se a palavra é mais animada, alegre, mas é uma sensação gostosa (...) essa de ter concluído um trabalho. (...) Parece esquisito, um pé representar a minha história de vida, mas é a minha história. A relação que tenho com as minhas mãos, com o coração da **Vida**, e... a cabeça da **Maria**, enfim, é muito bom!*

E, por fim, a **Luz** sugeriu que fizéssemos mais trabalhos em grupos. Ela se mostrou muito estimulada com a oficina e com o que criaram. Externou toda a alegria de quem produz um trabalho em grupo, em comunidade, ao dizer:

Eu queria dizer que realmente foi uma sensação muito boa, gratificante. Eu estou me sentindo até mais alegre (...)Sei lá, você desenhar... criar... tentar fazer algo... eu achei muito interessante (...) mas eu tinha uma sugestão a fazer se fosse possível, após o relaxamento (...) a gente fizesse uma atividade em grupo (...) Eu tenho certeza que quando você está muito bem... você contagia as outras pessoas com a sua alegria, (...) as pessoas até se empolgam, também, só com isso.

Com um monte de idéias na cabeça e outras tantas ferramentas nas mãos, eu passei o final de semana pensando na próxima oficina.

Naquela noite, o Jacques Gauthier ligou para mim. Ele estava no Brasil para um evento científico. Aproveitei para relatar sobre os trabalhos realizados e produzidos com os co-pesquisadores e, também, para pedir orientação sobre como deveria ser a próxima oficina de produção de dados. A minha maior inquietação era a de que, até àquele momento, nada de muito revelador do inconsciente do grupo aparecera. Para os educadores todos os momentos eram muito bons, relaxantes – lugar de harmonia e de paz! Ora, eu dizia para eles: – *Se as oficinas eram lugar de harmonia, significava que, implicitamente, fora*

dali eles estavam vivendo dias de muitos conflitos? **Se sim**, Estes, entretanto, não apareciam. O que fazer? Esta era a minha maior preocupação e dúvida. Socializei-a para Gauthier que sugeriu que eu transformasse o boneco em personagem, ou seja, que déssemos vida ao corpo coletivo através de uma entrevista.

Gostei muito da idéia mas não a executei de imediato, precisava de tempo para amadurecê-la. Desse modo, foi que, na oficina seguinte, eu levei a técnica dos Lugares Geomíticos⁸⁵ para que, só na posterior, eu executasse a sugestão de Gauthier. Assim foi feito!

Quarta Oficina - Produção de dados

Lugares Geomíticos: Quando o que é interessante "estar no meio e nada tem fim"



Fig. 22

Como de costume, ao iniciarmos a oficina, fizemos um Círculo da *ΓΑΙΑ* e começamos falando da oficina anterior para as pessoas que não estiveram presentes, em especial para a **Vida Asterico** que ingressava nos trabalhos naquele dia.

⁸⁵ Esta técnica foi inspirada na percepção do espaço segundo povos indígenas do pacífico, as quais pensam em termos de lugares geomíticos. São 16 lugares: a Terra, o Poço, a Ponte, a Falha, os Fluxos, o Cume, o Túnel, o Labirinto, o Limiar, a Gruta, o Caminho, a Estrada, a Galáxia, o Rio, o Trilho, o arco-íris. Esses lugares são apenas reveladores do imaginário individual ou coletivo, não pretendemos utiliza-los como símbolos tendo um significado arquetípico (GAUTHIER, 1999b, p. 69).

O relaxamento não foi feito no início, como o habitual, e senti que as pessoas pareciam mais travadas, ou seriam apressadas? Não sei, mas acabei concordando com Gauthier sobre a importância do ritual e, neste caso, o do relaxamento para flexibilizar a consciência e possibilitar a proliferação do imaginário de cada um.

Naquele momento, aproveitei para falar sobre as oficinas já realizadas, e indaguei se eles entendiam o que estavam fazendo ali. Fiz essa pergunta porque observei que alguns co-pesquisadores não estavam entendendo o que era, por exemplo, a sociopoética. Conversamos sobre isso, bem como falei da produção dos dados e de como estes possuíam muitas expressões *harmoniosas* e de *lugar comum* como se não existissem problemas e conflitos no grupo. Enfatizei que ficara ansiosa com a minha interferência na oficina anterior. Ficou decidido que usaríamos naquela oficina a técnica dos Lugares Geomíticos.

Os formulários⁸⁶ dos Lugares Geomíticos distribuídos estavam divididos em duas temáticas⁸⁷: *O desejo do jovem de rua segundo a visão do Educador Social de Rua e A convivência do grupo*, para que os co-pesquisadores escolhessem o que responder. Por que voltei para as duas temáticas? Fiz isso porque achei que poderíamos suscitar (o quê?), e explorar com mais detalhes o desejo do grupo que, até aquele momento, mostrara-se retraído.

Para que eu pudesse mobilizar construções imaginárias ou, como prefere Gauthier, suscitar a imaginação⁸⁸ e iniciarmos a técnica, fizemos a técnica das mãos, dessa vez em grupo. Essa técnica fora realizada, na primeira oficina, em duplas; e os co-pesquisadores haviam gostado muito de fazê-la. No entanto, nesse segundo momento, percebi que eles

⁸⁶ **Modelo do formulário dos lugares geomíticos.** Os participantes podem escolher um dos temas, quantas perguntas queiram responder e fazer isso através de poemas, textos, frases, pinturas, teatro ou outro recurso artístico. **No desejo do jovem de rua como é** ou **Na convivência do grupo como é**A terra onde crescem minhas raízes?O poço onde meu pensamento pode cair?A ponte que me permite sair das dificuldades?A falha entre mim e o outro?Os fluxos que nos atravessam?O cume de onde vejo tudo que acontece?O túnel onde existem relações secretas?O labirinto onde a gente pode se perder?O limite onde ficar?A gruta onde me escondo?O caminho por onde andar?A estrada por onde fugir?A galáxia onde morar?O rio onde nadar?O trilho por onde passa o trem?O arco-íris onde estou? (produzido por Jacques Gauthier).

⁸⁷ Apesar da riqueza de dados proporcionados pela técnica, percebi meu equívoco ao ter sugerido ao grupo a escolha de dois temas no questionário produzindo um conjunto diferenciado de dados, impossibilitando-me, posteriormente, a análise da estrutura do pensamento do grupo.

⁸⁸ Gauthier diz: *Preferimos falar (...) de imaginação,(...) pois ela indica o processo criador, sempre singular, mesmo quando existem vias (e, às vezes, rodovias) já tomadas pela humanidade que atraem o que acontece, no aqui e agora, no processo considerado.* (1999, p.54).

não sentiram a mesma sensação, pois demoraram a se concentrar. A **Brisa**, por exemplo, mais tarde, na hora da avaliação, disse que não gostou de fazer a técnica das mãos em grupo, porque sentiu que, entre as pessoas, havia uma que parecia querer envolver todo mundo, como se quisesse comandar tudo sozinha. Achei muito interessante essa revelação e me perguntei: – *Por que até àquele momento esse comandar, “quase autoritário”, não estava explícito no grupo?* Enfim, todos os *ditos* revelavam um certo pudor (ou seria receio?) em não se dizer tudo... tudo muito sutil e quanto aos possíveis conflitos existentes no grupo permanecia apenas o silêncio.

Durante o processo, eu percebi que os co-pesquisadores ficaram inibidos, parecia-me que a técnica provocou neles um certo entrave, pois não conseguiam entrar em sintonia com as questões. Havia uma certa dificuldade de concentração, uma demora na inspiração, pareciam procurar palavras, letras que expressassem o que não gostariam de revelar, ou mesmo revelar muito. Fiquei também me perguntando se eles entenderam a proposta.

Passaram uma hora respondendo aos formulários.... Será que dei muito tempo? Acho que tenho deixado muito tempo para a realização das atividades. Penso que Maria Cecília Silva de Almeida Nunes, historiadora e minha companheira de sociopoética, em Teresina, tinha razão no que se refere à questão de deixar muito tempo em atividades de produção de dados, porque se esse tempo se alonga, em vez de ajudar, atrapalha e trava a criatividade. Além disso, percebi que, para escrever, o uso parece ser prioritariamente o da razão e, nesse caso, limitou demais a criação indicando que devemos utilizar com maior frequência o uso de outras expressões como, por exemplo, a oralidade e a produção de desenhos, esculturas, colagens e mímicas. Isso gerou um certo desânimo no grupo.

Os co-pesquisadores se dividiram entre os dois temas. Depois de responderem o questionário, eles fizeram um painel plástico apresentando os lugares escolhidos por cada um. O painel foi produzido a partir da técnica chamada *Luz/Sombras*. Nesta técnica dividiu-se o grupo entre *luz e sombras*. Os que constituíam o grupo da *Luz* iniciaram os trabalhos; e os *Sombra* ficaram esperando os da *Luz* acabarem para escolher um desenho e ampliá-lo. Em outro momento, houve uma permuta de modo que quem foi *sombra* passou a ser *Luz* e vice-versa. No fim, convidei todos os integrantes a se misturarem e concluírem o

painel.

No momento do Círculo da Palavra, o grupo apontou a dificuldade de escrever, confirmando minha hipótese; entretanto, falaram com motivação do trabalho plástico com o painel. **Railê** avaliou a oficina dizendo:

Do painel, eu achei interessante porque quando a gente começa a pensar nesse local, no geomítico da gente, temos que fazer um esforço para analisar suas origens, seus próprios valores (...) Então, o painel, eu acho que ajuda a gente a ta refletindo sobre isso. (...)

Dessa manhã de hoje, pra mim foi assim, comecei a escrever ... escrever um pouco mais. Então eu acho que apesar da gente não ter feito muitas coisas, muitas atividades, eu acho que já foi importante pra gente organizar mais os pensamentos, a questão do tema mesmo.

A **Verhvell** também mostra essa dificuldade de escrita, e comenta:

*O painel, eu achei interessante pois mesmo que o desenho não retrate o Lugar Geomítico que você escolheu quando você começa a desenhar parece que não tem forma, mas aí de repente, vem um e completa, entendeu seu pensamento.(riso) O **Coração de Leão** foi lá e completou, eu achei que ninguém conseguiria entender o que eu tinha desenhado. É legal essa sintonia, né? você desenha e a outra pessoa vem e desenha, foi interessante a interação que houve com o painel.*

Quanto a manhã, proveitosa claro! Mas o que tem por trás do proveitoso? (riso) Estamos avançando nos trabalhos, nos pensamentos,, muito bom. Quanto as dificuldades, foi aquela que eu nem sei se acontece com os outros, você expressar mesmo o que vem, o que ta dentro de você. Para mim, essa não foi uma particularidade dessa manhã, na verdade eu acho que é inerente a mim pois não sei se acontece com os outros. É a minha dificuldade de expressar mesmo, principalmente sobre forma de desenho, de escrita, verbalizar é complicado.

Hoje, ao rememorar aquele dia, lembro que, num primeiro momento, fiquei muito decepcionada com a oficina. Pensei que ela não trouxera muitos momentos analisadores. De qualquer modo, minha frustração talvez se devesse ao fato de que eu queria que o grupo analisasse as oficinas de forma mais critica, levantando mesmo as dificuldades, os entraves que estavam vivendo naquele momento.

Depois, com a transcrição da fita e a leitura das respostas referentes aos Lugares

Geomíticos, foi que percebi a riqueza dessa técnica, além do que o grupo, no painel, associou os lugares a outras temáticas ligadas a seus desejos, tais como: casa, família, rio, rua, cidade, campo, sol e televisão. Enfim, acabei por concordar com Gauthier (1999b, p.41), ao dizer que, devido ao fato desta técnica ser uma forma de organização do pensamento estranha àquelas que os membros do grupo estão acostumados, acaba sendo a

(...) criação de um princípio diferente, inacostumado, para gerar a expressão da energia imaginativa das pessoas e do grupo. Sendo a forma inacostumada, é provável que imirjam conteúdo, expressões, imagens inacostumadas, inesperadas. O objetivo é ver o outro lado da vida, aquele que nossa formação teórica e, mais geralmente, nossa cultura nativa não permite enxergar.

Quinta Oficina - Produção de dados **Co-pesquisadores: repórteres por um dia**

Para este dia, nós levamos máquina filmadora, câmera fotográfica, gravador, papel e lápis porque o objetivo da oficina era realizarmos uma entrevista. O boneco – Corpo Coletivo do Educador(a) Social de Rua – seria o alvo dessa entrevista⁸⁹.

De início, como de costume, fizemos o Círculo da Palavra para discutirmos e planejarmos a técnica⁹⁰. Percebemos que, até aquele momento, o boneco não tinha sequer um nome. *Reimundis*, eis o nome. Depois, o grupo resolveu que se dividiria em semi-grupos para que produzissem os blocos de perguntas para o boneco. Em seguida, simulando uma roda de conversa, as respostas, também, eram dadas pelo grupo. Como foi realizada a entrevista?

Sentados no chão, com a filmadora e o gravador ligados, cada semi-grupo fez o seu bloco de perguntas para *Reimundis*, cujo corpo era adotado pelos próprios co-pesquisadores que respondiam as perguntas. *Reimundis* ficou no centro e, a cada pergunta, um dos co-pesquisadores se postava atrás dele de modo a se sentir como tal. Ou seja, as

⁸⁹ Apresento, na íntegra, a entrevista no próximo capítulo, o da análise dos dados.

⁹⁰ Posteriormente, percebi que numa pesquisa sociopoética não se deve planejar a técnica com os co-pesquisadores, para que a mesma não perca sua função de estranhamento e propicie multiplicidades de

perguntas e as respostas foram fabricadas pelos próprios educadores. Acredito ser isso pertinente ao que escreveu Deleuze & Parnet (1998, 9), ao iniciar o livro **Diálogos**,

As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, como elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito a dizer. A arte de construir um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução.

Essa oficina ficou para a história! Foi uma maravilha presenciar a euforia do grupo em estar produzindo, de forma tão criativa e participativa, a entrevista para o *Reimundis*. Foi surpreendente o efeito da técnica. Enfim, não uma entrevista qualquer, com questões vindas de todo lugar, mas uma conversa, um devir-repórter, uma dupla captura, núpcias entre reinos, onde co-pesquisadores misturaram-se uns com os outros, de tal modo que, *à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio (DELEUZE & PARNET, 1998, p.10)*. Assim, o grupo ria, assobiava, aplaudia a cada pergunta e a cada resposta realizada. Até mesmo o ambiente de uma entrevista com filmadora, gravador e fotografia não inibiu a abertura do grupo em criar, de forma tão solta e integrante, a conversa com o boneco; ao contrário, a forma como foi realizada com todos os responsáveis pela sua execução, favoreceu. (o quê?)

No final da entrevista, o grupo resolveu fazer perguntas de “fórum íntimo” ao boneco, e concluiu o trabalho dando as características do Corpo do Educador(a) Social de Rua - o *Reimundis*.

E assim, com a quinta oficina, concluimos os trabalhos de produção de dados, embora tenha percebido que em todos os momentos da pesquisa estes são produzidos.

Os próximos relatos serão das oficinas de análise de dados. A nona e a décima estão abrigadas em blocos, porque nelas estão as cópias dos relatórios de análise do dados produzidos pelos grupos. O que temos a ressaltar, desse momento, é que as angústias e ansiedades foram muitas, especialmente quando os co-pesquisadores se defrontaram diante

sentidos na produção de dados. Assim, quanto mais estranha for a vivência da técnica, mais polifônica, heterogênea e múltipla será a produção inusitada de confetos para determinada temática.

dos dados produzidos por eles mesmos e não sabiam por onde começar mas, apesar disso, ficaram encantados diante da poiésis do grupo.

Sexta oficina - Análise dos dados
Corpos da Terra: a árvore e o vento

As análises dos co-pesquisadores foram realizadas ao longo de 5 (cinco) oficinas que foram, também, entremeadas com a organização de um Seminário de socialização dos dados para a Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente.

Os trabalhos foram realizados em semi-grupos e cada um recebeu um envelope com cópias de todos os dados produzidos, de modo que nem todas as técnicas foram analisadas pelos semi-grupos.

Naquele dia, para iniciar os trabalhos de análise dos dados, fizemos um relaxamento que o grupo intitulou de A árvore e o vento. O grupo se entregou muito nesta técnica... Um dos co-pesquisadores chegou mesmo a ouvir e a sentir o vento. Nesta técnica o grupo anda pela sala encontrando-se uns com os outros, especialmente com o olhar. Andam ora devagar, ora mais rápido ao som de um música mais dançante. Dançam uns com os outros, à medida em que iam se encontrando. Quando a música parava cada um escolhia seu parceiro e decidia se era a árvore ou o vento. De olhos fechados, a árvore se entregou ao vento e passou a sentir todas as mensagens que este lhe sugeria. Aos poucos, percebeu-se uma tal sintonia que não se sabia quem era quem. Um devir-árvore e/ou devir-vento?

Fig. 23



Em seguida, os semi-grupos procuraram um lugar para sentar-se e começaram a analisar os dados. Não interfeiri, preferi deixar o grupo à vontade para construir seus próprios caminhos de análise.

Sétima Oficina - **Análise de dados**
A escuta sensível dos co-pesquisadores

A sétima oficina foi à tarde. As pessoas foram chegando aos poucos. Em Teresina, o sol, à tarde, é quente e deixa o corpo parado... quase mornando, sem ânimo, sonolento. Para completar, os Educadores estavam cansados pois estavam desempenhando outras atividades que não são próprias da Educação de Rua - motivo de muitos aborrecimentos entre eles. No entanto, apesar de saber desses fatores, ainda assim fiquei pensando: - *São essas atividades extras que os distanciam um pouco deste momento de análise dos dados? Ou, eles não acham interessante esta fase do trabalho? Ou pensa-se que essa atividade é mais séria e por isso, os educadores exigem de si um maior uso da razão, por isso a morosidade na execução do trabalho de análise?*

Não sei, mas, de qualquer modo, havia outro fator, era uma sexta-feira imprensada entre um feriado quinta-feira e o sábado e alguns educadores não vieram e a oficina ficou desfalcada de presenças. Isso pareceu dificultar o processo. Mas nós estamos em grupo e não existe uma verdade, nenhum caminho pronto... as pessoas vão inventando ao sabor dos acontecimentos, além disso, eu não preciso me preocupar se isso vai ou não trazer resultados, pois esta é uma pesquisa que imputa responsabilidades mútuas ao pesquisar. E é preciso saber que a distribuição das importâncias de saberes é o que importa, e que o

momento da pesquisa, que obedece a seus próprios ritmos, se justifica à medida em que os participantes da pesquisa se tornam mais livres, ou felizes, ou conscientes (...) (GAUTHIER, 1999a, p.18).

É, por isso que, assim como Gauthier, eu acredito na possibilidade de que uma pesquisa deve nos proporcionar mais prazer e mais respeito inclusive para com o outro. Para tanto, devemos acionar nossa escuta sensível pois esta reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende, entretanto, sem aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado. A escuta sensível diz respeito, portanto, à empatia, pois

o pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para 'compreender do interior' as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos (...) A escuta sensível supõe então um trabalho sobre si mesmo, em função de nossa relação com a realidade (BARBIER, 2000, p. 57- 60).

Diante da proposta de analisar os dados com a escuta sensível do corpo inteiro, o grupo escolheu, novamente, a técnica da Árvore e do vento para entrarem em conexão uns com os outros. Em seguida, separaram-se em grupos para continuar o trabalho de análise.

Oitava Oficina - Análise dos dados **A aranha e o salto sob o abismo**

Naquela manhã de 20 de agosto, nós tivemos que romper um pouco nossa ritualística. Mudamos de espaço. O local era o auditório da Casa Criança Cidadã, e como lá é a sede do Projeto, houve muitas interferências externas ao grupo-pesquisador – como o fato de que a todo momento educadores eram chamados para resolver problemas. Por exemplo: a **Vida Asterico** foi chamado para resolver um problema de uma família, a **Luz** pediu para marcar uma consulta para o filho, **Brisa** teve que sair algumas vezes e a **Vida**, também, para atender a um menino que estava lá fora solicitando a presença dos educadores. Para completar, o **JC** esqueceu todo o material do seu grupo, em casa. Definitivamente os co-pesquisadores demoraram a se concentrar, e para amenizar essa

desconcentração, um dos co-pesquisadores sugeriu que devíamos realizar um relaxamento. Os outros acataram a idéia. A proposta para aquela oficina era a leitura da fábula *A Aranha* de Rubem Alves. O texto nos ajudaria a pensar sobre o trabalho que estávamos realizando: trabalho de aranha. Uma teia produzida através de um fio que cada um deve buscar dentro de si. Fios, que em grupo, se transformaram em nós... fios emaranhados, e que, ao ganhar sentido, ganham uma forma – o *Reimundis*. A seguir, segue a fábula:

Uma aranha fez sua teia num canto do meu escritório. Eu a descobri ontem, e com a minha vassoura, tratei de livrar-me dela. Teia de aranha são sinais de descaso e eu não queria que aqueles que me visitam pensassem mal de mim. Mas hoje ela está no mesmo lugar. Durante a noite refez sua teia. Acho que ela gostou do lugar, me perdoou, e confia na minha compreensão. Compreendi. E decidi que ela vai ser minha companheira.... a aranha me fascinou.... Mas o fascínio tem a ver com aquilo que não vejo e só posso imaginar.... Imagino aquela criaturinha quase invisível, suas patas coladas à parede. Ela vê as outras paredes, tão distantes, e mede os espaços vazios.... e só pode contar com uma coisa para o trabalho incrível que está por ser iniciado: um fio, ainda escondido dentro de seu corpo. E então repentinamente, um salto sobre o abismo, e um universo começa a ser criado....

Após a leitura, houve muitos comentários. O grupo-pesquisador disse:

Eu escolhi este texto para este momento porque ele fala justamente do trabalho, do trabalho de teia. O que é um trabalho de teia, de uma teia de aranha? A aranha vai escolhendo os lugares onde quer fazer sua teia, para depois construir e dar uma forma aleatória ao conjunto de fios com as quais ela a compõe. Esta metáfora demonstra que há fios dentro da gente; fios que podemos puxar para tecer nossa própria teia. Então, eu gostaria, que nesta manhã buscássemos nossos fios dentro de nós para que quem ainda não começou, comece, se envolva com eles e comece a dar nós nesses fios. (Shara Jane)

Eu vejo também a insistência da aranha em construir sua teia e que, no nosso caso, nós também deveríamos ser insistente naquilo que a gente almeja, nos nossos objetivos. A gente tá aqui com o mesmo objetivo e tem que insistir pra que dê tudo certo apesar de que algumas vezes a gente se distancie porque, talvez, alguém de vez em quando passe a vassoura na nossa teia já pronta. Na realidade a gente tem que trabalhar no mesmo objetivo, é o que eu acho. Isso mexe um pouco na questão da insistência do trabalho da aranha. (Vida Asterico)

Toda vez que passam a vassoura na nossa teia que acaba tudo, a gente tem que recomeçar tudo de novo e o recomeço é sempre um trabalho

difícil porque a gente já traz a herança do que deu certo e do que não deu certo. Começar pela primeira vez é fácil porque a gente não tem referência de nada, do trabalho, o recomeçar é que sempre meio difícil.(Verhvell)

Eu achei interessante quando ele falou aqui, eu vou ler a frase toda: “teias de aranha são sinais de descaso e eu não queria que aqueles que me visitam pensassem mal de mim”, eu grifei aqui “pensem mal de mim” porque é aquela questão até mesmo da aparência, ele até sentia vontade de deixar mas de repente alguém vai chegar vai dizer assim: “não, ele é desleixado...” então é a questão da aparência. Muitas vezes, a gente se muito com a aparência e esquece realmente o essencial da coisa, o eu realmente. E também quando ele coloca aqui que ela vai ser sua companheira.... ele quebrou as barreiras e não deixou ela ir, ele a conquistou. Assim é na vida da gente, muitas vezes a gente tem que fazer isso mesmo, romper as barreiras. Isso é muito difícil, há muitos preconceitos, sei lá o quê... mas romper mesmo muita gente tem vontade, acho que realmente é uma coisa boa pra si. (Vida)

Para concluir, eu faço o comentário abaixo sobre a minha necessidade de *amarrar os trabalhos*, pois, a meu ver, naqueles dias, isso não estava acontecendo a contento. Vejamos:

Tudo parece um eterno recomeço (...) nós tivemos oficinas muito ritualísticas (...) dentro de um ritual muito forte. As oficinas aconteceram num mesmo lugar, em horários determinados. Enfim, acredito que isso tenha causado a rica produção de dados. Mas, agora, durante a análise dos dados, as coisas começaram a não ser mais como antes. Alguém passou a vassoura na gente e o caos emergiu? Essas quebras representam o quê? Um salto sobre o abismo? Quer dizer, alguém passa a vassoura na gente e a gente cai no abismo que nem a minha queda da escada? Esses dias, tenho sentido exatamente isso: não tenho mais chão, fico meio tonta. Eu acho que é assim mesmo, quando alguém passa a vassoura e você se sente sem chão - sente tudo desorganizado - sem saber o que fazer. Eu estou facilitando o processo, mas estamos trabalhando em grupo (...) e se a gente está num trabalho de grupo (...) eu acho que tem que ser um recomeço todas as vezes que a gente achar que precisa recomeçar mesmo. Às vezes temos até de dar uma parada, nem que a gente diga que está perdendo tempo, embora não estejamos, porque a pressa não produz nada com profundidade, no sentido de estar mergulhando nos dados. É preciso sentir o que a gente disse na oficina passada ... pesquisar com os sentidos todos: com o cheiro, como o olhar, com a audição, então, é por aí. (Shara Jane)

Olhando para trás, vejo que naquele momento, a minha maior preocupação era

fechar com os resultados das oficinas, e acho que acabei por induzir isso, pois o grupo 'imediatamente' deu seqüência aos trabalhos. Tudo isso me faz pensar em como é que somos 'autoritários' e exigentes em nossas atitudes. Por que o grupo deveria desejar fazer análises? Numa relação, é preciso aprender a flexibilizar poderes... especialmente os meus de pesquisadora.

Nona e décima oficina

Relatórios das análises dos dados

Ao longo destas duas oficinas, os Educadores Sociais de Rua apresentaram os resultados das suas análises. Os co-pesquisadores se reuniram em 3 semi-grupos. Os resultados foram feitos por escrito e, a seguir, eu transcrevo, na íntegra, os relatórios das análises realizadas por cada um dos semi-grupos e a forma das análises em relatórios foi escolha dos co-pesquisadores.

Relatório do semi-grupo I

Componentes: Brisa, Esperança e Vida.

Apresentação:

Este trabalho tem como objetivo analisar dados, durante as oficinas de sociopoética da professora Shara Jane, no período de 27/07 à 10/09/01.

Objetivos:

Produzir e analisar novos dados através das oficinas de sociopoética com a temática: O desejo na convivência do grupo.

Desenvolvimento:

O nosso grupo optou por analisar primeiramente as fotos que deram início ao *Reimundis*.

A cabeça antes da montagem parecia mais uma máscara, depois que foram

encaixadas todas as cabeças criadas, ele ficou com uma aparência humana.

A exemplo da cabeça tínhamos também três mãos. Então, fizemos a junção delas e no final o resultado foi a criação de apenas duas, sem que, com isso, ficasse a sensação de se ter retirado algo do boneco. Foi observado, ainda, que na montagem final cada uma das mãos ficou combinando com as cores das pernas. Mesmo sem termos atentado, a princípio para este fato, a combinação se deu de forma natural.

Reimundis tem apenas um pequeno problema nas pernas. Se olharmos com a devida atenção, iremos observar que uma delas é mais grossa que a outra, contudo nada que possa atrapalhar o seu desenvolvimento motor.

Iniciamos a nossa análise a partir do final. Porém voltando um pouco, vimos através das fotos, o momento de reflexão do grupo para o encaixe das partes. Isso pode ser observado a partir da terceira foto.

Na primeira foto, apesar de estarmos em grupo, parece que cada um encontra-se no seu mundo. Já na segunda foto, percebe-se o interesse dos três em construir com um mesmo objetivo.

A terceira foto é como se fosse a junção da primeira com a segunda. Vê-se um momento de introspecção, ação, reflexão-ação, dando origem ao nome *Reimundis*.

Fazendo uma análise coletiva do *Reimundis* já pronto, fizemos uma relação com a nossa realidade, e percebemos que assim como iniciamos a nossa análise do fim para o começo, no nosso trabalho não foi diferente. A Educação de Rua é tida como base das instituições as quais fazemos parte, e para as quais fazemos encaminhamentos. Muitas vezes, essas mesmas instituições que nos têm como base, nos esquecem, ou nos ignoram-nos como base desse processo sócio-educativo. Nos casos positivos, ou seja, no sucesso, a instituição se sobressai, já no fracasso, a responsabilidade é jogada toda para a Educação de Rua. Enquanto que o desejo do grupo é que a Educação Social de Rua seja reconhecida em todos os momentos.

Painel Geomítico – expressão dos sentimentos.

A primeira foto representa a luz, onde cada membro do grupo iniciou, no papel, as expressões dos sentimentos do seu mundo geomítico. Na segunda foto, as sombras dão continuidade aos desenhos iniciados pela luz. A terceira, quarta e quinta fotos representam todo o sentimento, desejos e esperanças do grupo com um todo, (sombra e luz).

Histórias Brincoladas⁹¹

Na história brincolada e análise dos lugares geomíticos, nós fizemos uma coletânea de palavras e pensamentos de todos, que representa o desejo do jovem de rua, e do grupo, com relação ao tempo rei.

Imaginar o prazer e a felicidade de compartilhar, até mesmo de andar de bicicleta, ter oportunidade de começar a sair da rua, um dia, ou mesmo uma noite, sem quebrar a magia e ter um espaço só deles onde possam representar, é uma coisa muito legal. Crianças rindo e não chorando, a união, descontração; realizar trabalhos dando exemplo de amizade, contar histórias deitado em bancos de praça, bem à vontade, sorrindo, amando e vivendo sua existência através de um nome que lhe faz bem, viver mais a sua própria vida, abraçando-se nos momentos de alegria, de tristeza, resumindo um significado em cada um, é muito bonito. Com o tempo, adquirem essa esperança de descobrir algo de uma nova história. Que a cada dia nasça um novo desafio, que faça com que eles tenham vontade sem serem discriminados ou retraídos; que as pessoas os ajudem sem ficar com medo. Que eles sejam esse foco de luz no final do túnel e, com isso, façam deles seres humanos que acreditem ainda hoje na vida, mesmo estando nas ruas.

A rua oferece muitas coisas: a brincadeira lá na praça, o toque na roda de meninos, o dividir as coisas com os outros... Lá acontece de tudo: o abraço, o chute, o tapa, a brincadeira, a briga... É nesse espaço onde os sonhos acontecem. A liberdade e a alegria afloram, sem se preocupar com os pais, fugindo um pouco da realidade da vida cheia de

⁹¹ Achei maravilhosa a inversão/produção deste grupo que mudou a palavra bricolada para brincolada! Brincolada – brincadeira do grupo em torno das histórias bricoladas produzidas. Brincando, eles colaram partes do texto e bricolaram as histórias.... Momento surreal do grupo - feito com muita criatividade, potência e meninice!

loucuras, de interrogações, surpresas e sem querer prever o que vai acontecer com eles daqui a um minuto. Assim, dão a demonstração de que é possível ter essa ação de cumplicidade, do sofrer junto, de angustiarem-se juntos e, principalmente, da superação, confiando e acreditando, sobretudo na força da vida e do amor.

A cada momento acontecem coisas diferentes, novos obstáculos a serem vencidos, mesmo sabendo que em certos momentos estão presos e retraídos sem perder a determinação que ilumina toda a sua história.

A realidade expressa sempre um desejo central, dos jovens, de liberdade. De vencer momentos difíceis na sua casa, na sua família ou grupos em que estão ligados, cativando amizades, aproveitando cada minuto como se fosse único.

Avaliação Da Oficina

O que representou a sócio-poética para nós:

- Foi muito forte para nós;
- consegui resgatar alguns valores que eu teria perdido e consegui reencontrá-los novamente;
- senti a energia de cada um;
- nós fizemos uma viagem interior... Nos concentramos pra depois perceber o outro;
- senti-me como criança;
- tocar o outro sem uma intenção, sem se sentir magoado, constrangido;
- interagir com outras pessoas;
- descobrir que somos seres a procura de nos conhecer mais e mais;
- ramificações do mundo que nos cerca;

- nem sempre estávamos num ritmo igual;
- algo novo;
- explicar e compreender;
- aproximação e crescimento do grupo;
- coisa... Especial;
- construir;
- a gente cresce com uma série de desejos que a gente quer atingir;
- meus desejos eu quero pra mim, pra minha família, para os meus amigos;
- gratificação;
- esquecer essa divisão de gênero e ver o outro enquanto gente;
- captar a energia do outro;
- agir enquanto grupo;
- um momento proveitoso;
- valor da verdadeira amizade;
- conviver com as diferenças, cada pessoa aqui é diferente;
- pensar em você mesmo e pensar no outro;
- encontrei momentos em que eu pude refletir;
- a gente produziu bastante.

Foi um momento bastante rico em produção, descobertas, motivação e

principalmente de integração com o grupo participante.

Metodologia

Para que se faça a produção e a análise dos dados, é necessário que se percorra alguns caminhos que primem pelo sucesso deste trabalho.

Dentro da metodologia utilizada para a produção e análise dos dados elegeu-se alguns pontos:

- Observação do corpo coletivo através das fotos do boneco;
- análise das fotos no momento da junção das partes do corpo;
- convivência com o grupo buscando em suas falas a realidade da vida;
- trabalho com fontes escritas;
- observação como fonte privilegiada de informação;
- diário de Itinerância;
- conversa informal com o grupo.

Para finalizar o nosso trabalho nós fizemos uma coletiva com o *Reimundis*.

Dividimos o grupo em quatro semigrupos, onde elaboramos perguntas relacionadas ao desejo do Reimundis. O mesmo se mostrou bastante maduro e sincero ao dar suas respostas. Essa foi uma das maneiras que encontramos para conhecê-lo melhor, afinal, ele é parte do nosso grupo.

Em seguida, eu apresento o relatório do semi-grupo II.

Relatório semi-grupo II

Componentes: Força, Maria, Luz, Amizade e Coração de Leão.

Apresentação

A cada dia as relações humanas estão cada vez mais influenciadas pelos meios de comunicação e pela moderna e arrebatadora tecnologia. Uma influência, diga-se de passagem, fria, e que invariavelmente nos conduz a um comportamento anti-social e individualista.

No entanto, as relações humanas ficam relegadas a um segundo plano, demonstrando, de modo geral, que a sociedade imprime pouca iniciativa no sentido de mudar este quadro.

Neste trabalho, nós queremos oferecer uma iniciativa concreta com vistas ao desenvolvimento interpessoal, propondo-se a conscientizar a sociedade do real valor das relações humanas.

Cada um de nós é um ser singular e, por sermos todos diferentes, o tripé simpatia/empatia/antipatia ocorre de forma extraordinariamente pessoal. Mas, em nós, há uma força interior capaz de enriquecer nossos relacionamentos e de nos mostrar que somos seres surpreendentes.

Agradecimentos:

Os nossos agradecimentos à Shara Jane, por nos proporcionar esses momentos de crescimento pessoal e grupal, agradecemos também a SEMCAD (Secretaria Municipal da criança e do Adolescente) por nos ter dado a oportunidade de aprender e apreender conhecimentos.

Metodologia:

A metodologia utilizada foram dados produzidos e analisado pelo grupo, dados estes, contendo histórias de vida, construção de painéis e de um corpo coletivo.

Análise dos dados:

A nossa análise de dados foi baseada, nos pontos em comum observados nas histórias de vida dos membros de cada grupo.

Percebemos, no decorrer das oficinas, que o desejo do grupo relacionava-se constantemente com a busca de interação, crescimento pessoal e profissional, baseada na exposição feita por cada um dos membros sobre o seu “EU”, um pouco da personalidade de cada um.

Analisamos a construção do boneco e do painel geomítico, onde percebemos que eles estão muito interligados, pois, em ambos, vê-se não somente a união do grupo para a construção dos dois, mas, os pontos comuns entre todas as pessoas que transformaram vários desenhos em uma só história, história esta, observando bem, todas elas têm uma ligação, ou seja, interação de grupo, buscas, crescimento pessoal.

Foi observado, no grupo, que o desejo de crescimento, tanto em grupo quanto individual, eram bastante semelhante, e que as contingências e nossas limitações atrapalhavam a realização desse desejo.

A participação dos membros do grupo, assim como a construção de seus trabalhos em cima dos seus próprios desejos, mostraram no resultado final um desejo com o mesmo sentido e correlação.

O sentimento de felicidade, neste grupo, era muito presente, o grupo produziu, criou e não copiou, nem refez o que já estava feito.

Foram apresentadas, nas construções, dificuldades, como por exemplo, o grupo se soltar, ficar mais a vontade. Outra dificuldade era não deixar que nenhum fator externo influenciasse no trabalho que estava sendo realizado.

Chegamos à conclusão que o relacionamento do grupo mudou consideravelmente. O grupo cresceu, enquanto grupo.

Finalmente, o semi-grupo III apresenta seu relatório da pesquisa sociopoética.

Relatório semi-grupo III

Componentes: Verh Vell, Railê Salafriê, Alegria, Vida Asterisco e JC

Introdução:

O trabalho que aqui apresentamos, traz, no seu contexto, a análise subjetiva da construção do corpo coletivo da oficina de sócio-poética, o qual foi construído através do desejo do grupo, levando em consideração a história de vida de cada um, tendo como foco principal o desejo coletivo e a construção do *Reimundis*.

Este se tornou o mascote, a expressão fiel da convivência e do desejo do grupo, sendo que suas partes foram criadas separadamente ganhando forma a partir da junção das mesmas, as quais se transformaram num todo.

Desenvolvimento:

Na construção da cabeça o sub-grupo teve somente a preocupação de transformar as três cabeças já construídas em uma só. Também não se teve a preocupação em saber se depois de pronta, a cabeça iria, ou não, encaixar no corpo. Quando feita a primeira montagem, a forma que se foi conseguindo não contemplava o desejo do grupo. Então foi pensada uma forma ideal, sem que nada fosse desperdiçado. Usou-se massa de modelar para alguns contornos finais. Enfim, foi criada a cabeça que contemplava o desejo de todo o grupo.

Na constituição do corpo existia somente o coração. A partir deste, foi moldado um tronco para encaixá-lo, de forma que o mesmo não ficasse totalmente exposto. Partindo deste princípio, confeccionou-se, então, uma roupa que viesse cobri-lo por inteiro, mas, que, ao ser aberta, o deixasse visível aos olhos, mostrando a sua pureza. Houve, então, uma discussão no sub-grupo para que o desejo de cada um contemplasse o de todos. Houve ainda por parte do sub-grupo, a preocupação de se criar um tronco que ficasse na medida certa para receber as outras partes.

Na conclusão das mãos e braços não houve uma preocupação com a simetria; de como contemplar o desejo de todos num só desejo; de como nossos braços agradariam aos outros. Os membros superiores foram montados para que retratasse o desejo do grupo.

Na montagem das pernas a única preocupação foi a de fazer algo que contemplasse o desejo do grupo. Como no começo haviam três pernas, uma delas foi utilizada no preenchimento das outras, para que nada do que foi criado pelo grupo, fosse deixado de lado.

História de vida

Desde o começo, partindo da história de vida à construção do corpo coletivo, pode ser observado um pouco daquilo que realmente foram as oficinas. Percebeu-se que os desejos se confundiram e se misturaram na busca de idéias, na realização de sonhos e na história de vida de cada um.

Na construção da história de vida, quando foram criadas as partes de nossos corpos, os quais simbolizavam as nossas histórias, e que mais tarde se tornariam o corpo coletivo, podem ser observados os desejos do grupo, de forma individual: os anseios, angústias e a vontade de vencer todas as barreiras, tanto na Educação de Rua como na vida particular. Ainda pode ser observado, que apesar das particularidades, existia uma essência baseada no desejo de melhoria coletiva.

Assim, ficou bem claro, que apesar da individualidade de cada um, o corpo montado, através do trabalho coletivo, mostrou o prazer do trabalho em grupo e, mesmo com diferenças, quando se trabalha em grupo todos os desejos podem ser contemplados.

As fotos do corpo coletivo retratam bem como é possível se conviver com as diferenças de cada um. Nas primeiras fotos podemos observar de forma mais contundente as diferenças existentes no grupo. No começo, cada um desejava algo para si. Isso ficou bem forte, tanto nas fotos, quanto no planejamento, onde, por várias vezes, o nosso desejo foi imposto através de discursos e falas mais exaltadas.

Com o passar do tempo, os nossos discursos já eram mais claros e o desejo já

falava mais alto, “BUSCAR JUNTOS A FORMA DO NOSSO BONECO”.

Foi assim que *Reimundis* foi construído: trabalho em grupo junto com o desejo de cada um, mas respeitando o desejo do outro.

No resultado final, que pode ser observado nas duas últimas fotos, impressiona a forma que o boneco ganhou. Ficou incrível, o resultado final do boneco, que com a união de todos tornou-se um ser tão perfeito.

Observando, de forma mais analítica, o boneco, podemos ver claramente a expressão de cada um de nós. Se olharmos o seu sorriso, veremos a alegria coletiva do grupo, o desejo de um se juntando ao desejo do outro; o resultado de todo o nosso trabalho nas oficinas de sociopoética se traduz no sorriso, quase humano do boneco, representando de fato a nossa imensa alegria em ter participado como parte operante nesse processo.

Agradecimentos

Ao nosso Criador, que com sua infinita bondade nos concedeu gratuitamente o dom da vida, para que nela pudéssemos gozar de momentos tão maravilhosos, como estes que vivemos nas oficinas de sociopoética.

A Shara Jane, por ter nos proporcionado esta oportunidade única de conhecer a sociopoética, a qual nos trouxe experiências, antes não vividas, e que nos fez ver que a vivência em grupo é tão importante para o nosso crescimento intelectual e social quanto nós poderíamos imaginar.

A todo o grupo que foi protagonista dessa experiência e, que com um trabalho coletivo ajudou a construir as oficinas de forma tão brilhante e proveitosa.

Naquela oficina, os co-pesquisadores estavam também envolvidos em preparar o Seminário Sociopoético, socialização⁹² dos dados e das análises produzidas nas oficinas, para os chefes, coordenadores e supervisores do Projeto. Desse modo, ao término das apresentações do relatório do semi-grupo III, nós nos sentamos no chão e, em roda, passamos a discutir o evento. Ficamos até tarde no auditório e finalizamos com a técnica das mãos.

⁹² Cometi um equívoco nesta fase da pesquisa, pois a socialização dos dados deve ser realizada no final do relatório, depois que as análises do facilitador são confrontadas com as idéias do grupo, na contra-análise e, por fim, as linhas do pensamento do grupo são delineadas.

Capítulo Oito

**UMA LEITURA EM INTENSIDADE:
CURTO-CIRCUITO ENTRE SABERES MISTIÇOS**

*Como isso funciona em você?
(...) uma leitura em intensidade:
algo passa ou não passa.
Não há nada a explicar,
Nada a compreender,
nada a interpretar.*

Deleuze

Não sei por onde começar, nem o que dizer. É uma vontade de não ir... uma vontade de parar. Mas preciso continuar... invento o quê para continuar? Eu nem sei mais o que fazer, nem o que dizer... estou vazia... tudo entornou. Estamos em setembro e, nesta época, Teresina pega fogo... está tudo quente lá fora... o sol castiga a pele e não tenho mais nada a dizer... nem vontade de fazer nada. Eu só sei que, neste capítulo, eu vou descrever o processo analítico das produções de dados, mas quem sabe no final termine com algo surreal, imaginário, infantil, sem começo nem fim, sem pé nem cabeça, algo assim mágico como se não fosse eu que tivesse escrito. Enfim, desligo o computador?! Vou dormir um pouco?! Eu sei que tenho que escrever e cumprir os prazos prescritos pela academia, portanto, há urgência em dizer o que são essas análises, porque, senão, os acadêmicos vão pirar e girar e girar e cair no abismo da minha loucura mansa... sem trança... nem fiança... Tenho apenas o desejo louco de fazer algo para terminar e poder começar algo novo, sem eira nem beira, na soleira da porta e cheio de minhas insanidades... !!!

Desculpem-me a sinceridade da voz, mas é que me encontro cada vez mais trêmula ao me tornar liberada da vaidade dos discursos que poderiam me tranquilizar e, nesse caso, sinto-me exposta à maior inquietude e ao maior desassossego. Como dar forma com as palavras à inquietude que atormenta minha voz, quando essa voz se esvaziou de todas as palavras que poderiam me aliviar o desassossego? Não posso voltar para casa, tenho que continuar essa viagem que se transformou em uma errância infinita em que não há destino para chegar, nem possibilidade de voltar para o ponto de origem. A minha inquietude não resolvida deixa em mim o vazio aberto pelo gosto de liberdade. Uma liberdade construída passo a passo com o uso da sociopoética. Poiésis – criação de corpos em movimentos artísticos, lúdicos, poéticos – danças esvoaçantes em

meio ao som forte dos encontros, e posteriormente das análises que estes encontros suscitaram em mim e nos co-pesquisadores, no momento da contra-análise. Momentos de criança, momentos de leveza, momentos de potência, onde eu e os co-pesquisadores nos perdemos em nossas análises de tempos e espaços criativos.

Como analisar a riqueza de experiências produzidas pelo grupo-pesquisador na pesquisa com o tema **O Desejo na convivência do grupo?** Desejos do grupo entre fluxos e objetos parciais que se acoplam, escorrem e cortam na produção dos dados, especialmente do Reimundis – corpo coletivo do educador(a) social de rua (DELEUZE, 1976, p. 20). A produção dos dados da pesquisa nas oficinas, tornou-se o momento do encontro dos desejos na convivência do grupo de co-pesquisadores. Esses desejos são provenientes de formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 215).

Enfim, o que se pretendeu investigar não foram os homens como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem, a visão onde se encontram envolvidos os seus temas geradores (FREIRE, 1987, p.88). Pensamentos do grupo são intensidades produzidas nas oficinas com o uso de técnicas que funcionam como dispositivos de desconstrução das idéias comumente transmitidas pelas máquinas capitalísticas (GUATTARI & ROLNIK, 1996). Estes dispositivos são linguagens heterogêneas respaldadas em dimensões da arte. No nosso caso, utilizamos o relaxamento, a plasticidade dos desenhos, das colagens, da dança, do toque das mãos e da modelagem com jornais na produção de intensidades metafóricas. Assim, desde o início da oficina, no relaxamento, os membros do grupo co-pesquisador podem ser convidados pelos facilitadores a viajarem pela imaginação, fazendo livres associações com o tema. Em seguida, os mesmos podem expressar, numa linguagem simbólica e criativa, os seus conceitos referentes ao tema gerador (PETIT, 2002, p. 43). Para Gauthier, (2003b), essa produção são conceitos desterritorializados que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais; bem como confetos (conceito + afeto) inusitados e contextualizados no afeto e na razão. O objetivo é mostrar que toda pessoa possui uma veia filosófica, sendo capaz de criar conceitos, de filosofar. Portanto, este é um trabalho de

afinição dos conceitos, ou seja, pelo movimento oposto da definição (que acaba, delimita, fecha o significado como se fosse uma propriedade solta), nunca acaba de atrair significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada (GAUTHIER, 2003a, p.3).

Esse ritual das oficinas que é pensamento corporal, pensamento da vida, pensamento de vida, é uma forma de produzir singularidades na construção coletiva do conhecimento e na pesquisa. Assim, imaginar a estrutura do pensamento do grupo é o que pesquisador faz ao misturar, compor, decompor, atravessar, cortar, colar nas análises que ele realiza. É assim que

Claude Lévi-Strauss estudando a estrutura dos mitos indígenas: não é ele que pensa, e os Índios que, através de seus mitos, imaginam, como acreditam os leitores ingênuos. Quem pensam são os Índios; e eles pensam certo, quando os ritos são vivenciados em rituais. Lévi-Strauss imagina um sistema (...) com sua razão matemático-lingüística (GAUTHIER & SOUSA, 1999, p.38).

Como, então, imaginar a estrutura do pensamento do grupo na sua heterogeneidade de desejos e não em análises individualizantes e/ou psicologizadas?! A resposta está nas inúmeras possibilidades de experienciar os dados, pois o pesquisador exercita diferentes formas de análises, sempre do conjunto das produções referida a uma determinada técnica. Assim

Para cada técnica, o movimento, a onda que delinea a estrutura de pensamento do grupo é que vai determinar de forma mais marcante as análises possíveis (...) Para captar essa estrutura o pesquisador oficial precisa realmente exercitar uma escuta sensível, se desprender minimamente dos seus pré-conceitos, das suas hipóteses prévias e do excesso de racionalização, procurando explorar ao máximo as metáforas criadas pelo grupo, pois elas em geral estão imbuídas de maior significação do que os dados mais óbvios. Este é realmente um grande desafio diante da nossa formação predominantemente racionalista (COSTA, 2002, p. 65).

No caso desta pesquisa, iniciei minha experimentação dos dados pela análise das produções plásticas evitando referir-me, no primeiro momento, aos registros escritos de suas explicitações. *O objetivo é descobrir, mediante leitura intuitiva, o que os próprios desenhos (...) nos comunicam (PETIT, 2002, p. 46).* Como fiz uma leitura intuitiva? Uma percepção clara, direta, imediata e espontânea das imagens, onde todas as vezes que iniciava minhas análises das imagens, procurava sentir o que causavam em mim, no meu corpo. *Geralmente este exercício é difícil para nós acadêmicos, de tão*

contaminados que estamos pela linguagem escrita! Mas é muito salutar este efeito de estranhamento pois faz da análise um momento fortemente criador (PETIT, 2002, p. 46). Ou seja, fiz uma leitura dos dados em intensidade. Algo que passa ou não passa, uma corrente de energia elétrica - um curto-circuito – saberes mestiços que se encontraram uns com os outros: minha emoção, sensibilidade, intuição e razão, em conexão com as produções racionalizadas, criativas e sensíveis, criadas pelos co-pesquisadores.

Outro ponto que considero importante, e mesmo inovador, é quanto à apresentação dos dados da pesquisa no corpo do trabalho. Reconheço que não é comum colocá-los neste local. Para a sociopoética é fundamental que a produção (inclusive as imagens) e as análises dos co-pesquisadores sejam apresentadas conjuntamente com a do facilitador para que as reflexões sobre o tema investigado sejam consideradas na mesma medida. Nesse sentido, não faz sentido deslocar a produção dos co-pesquisadores para os anexos, pois isso contraria profundamente a proposta deste método. Além disso, penso que se faz necessário apresentar ao leitor como cheguei às análises, pois, ao expor o processo, acabo por apresentar, também, minhas implicações, uma vez que orientaram o meu olhar e os procedimentos adotados na investigação (SOARES, 2002, p.63).

Enfim, não dá mais para protelar: O que são análises classificatória, transversal, filosófica e surreal⁹³? As três primeiras são análises usadas frequentemente para os registros escritos. A análise **classificatória** diz respeito às oposições (por exemplo, as dicotomias), alternativas e escolhas; a **transversal** é considerada por Jacques Gauthier uma não análise porque destaca as ligações, as ambigüidades e as convergências e a análise **filosófica** faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, pois na sociopoética temos a liberdade de escolher nossas próprias abordagens. Isto é, desde que não se sobreponham aos conceitos e confetos criados pelos co-pesquisadores. E quanto à análise **surreal**? Esta análise consiste em brincar, em festejar, em subverter a estrutura do pensamento do grupo, criando uma outra lógica. Ela é, portanto, nada convencional.

⁹³ Gauthier, 1999, traz uma nomenclatura diferente para as análises que chama de viril, mulheril, filosófica e infantil. Sandra Petit e Hercilene Costa, ao analisarem suas pesquisas, pensaram na substituição desta nomenclatura por avaliarem que alguns desses nomes têm um caráter um tanto sexista. Entretanto, o significado para cada uma delas permaneceu conforme o idealizado por Gauthier. As

Apesar de ter separado, para fins de apresentação ao leitor, estas análises não são assim estanques. A surreal, entretanto, só pode ser realizada depois da análise classificatória e do momento transversal, pois, nesse momento, utilizando os mesmos elementos colocados pelos co-pesquisadores, o facilitador relaciona o que estes separaram, propondo, assim, combinações e inversões inesperadas ao grupo (PETIT, 2002, p. 7).

É importante dizer que voltei a me encontrar com os co-pesquisadores para fazer perguntas de esclarecimento sobre as análises realizadas por mim, numa busca de dialogicidade e de abertura polifônica. Esse encontro, chamado de contra-análise potencializa o esquema analítico dos dados, pois é um momento criado para problematizar, talvez máquinas que pudessem fazer ver e falar, nesse caso, fazer pensar a produção realizada pelos co-pesquisadores. *Pensar é experimentar, é problematizar (...) pensar é emitir singularidades, é lançar dados* (DELEUZE, 1998, p. 124). Enfim, maneiras de sentir, perceber e dizer que conformem regiões de visibilidade e campos de dizibilidade (BARROS, 1996, p.100). Portanto, tal momento permite aos co-pesquisadores conhecer, confirmar, retificar, re-examinar e, especialmente, contrapor-se às minhas idéias. Isso possibilita, também, tornar mais precisas minhas reflexões. Nesta fase, pode ser interessante o pesquisador oficial trazer suas análises, geralmente muito extensas, de forma mais sintética e comunicativa (PETIT, 2002, p. 47). No meu caso, levei para a contra-análise uma poesia, uma história mítica e pequenos textos com o resultado dessas análises.

A seguir, apresento as análises em abordagens classificatória, transversal e filosófica. Há, entre elas, abertura suficiente para que os fluxos e as intensidades de uma, escorram dentro das outras, de modo que há uma certa (com)fusão, uma certa mistura de toques, olhares, cheiros, sons, tons, fissuras e dobras das mais diversas. Não apresento uma análise surreal propriamente dita, entretanto, acho que mãos infantis dão o acabamento a todo o processo, à medida em que posso afirmar o prazer que foi sentir-me artesã dessa forma momentânea. Além disso, Dionísio, com sua intensa alegria, me fez festejar, embriagada, a produção grupal da pesquisa - desejos múltiplos, e, portanto, diversos entre muitas mãos, braços, pernas, pés, cabeças e um coração.

pesquisadoras Sandra e Hercilene são professora do Programa de Pós-Graduação da UFC e mestre em Educação Brasileira, respectivamente.

Assim, a magia surreal de se compor imagens, sons, palavras e movimentos corporais, fez o grupo sentir a presença do vento, em uma técnica, ou mesmo quando enfeitava a cabeça do Reimundis com botões; fez a **Alegria** sentir-se ligada a índios e a histórias de índios. Tudo isso nos faz lembrar que a brincadeira e a magia das crianças estavam presentes em nossos corpos, durante a pesquisa, porque como diz a música do Cidade Negra, *O Erê, a criança, sincera convicção/Fazendo a vida com o que o sol nos traz/ (...) /Pra se entender o Erê/ Tem que tá moleque/Tem que conquistar alguém/É a consciência leve/ (...) / O mundo visto de uma janela/ Pelos olhos de uma criança*. Enfim, ver o mundo pelos olhos de uma criança é deixar o imaginário⁹⁴ saltar e brincar como moleque tornando a pesquisa criativa, dando visibilidade ao brilho e a potência do meu corpo e do corpo do grupo expressos com arte.

Em julho de 2001, fiz uma primeira análise dos dados e uma contra-análise com os co-pesquisadores. Levei este material para qualificação e avaliação da banca examinadora⁹⁵ em dezembro de 2002. A banca fez críticas ao observar que os resultados deste exame estavam sobre-implicados com as instituições e entidades que atravessavam a minha pesquisa. Ou seja, as análises apresentavam meu ultra-envolvimento com as minhas crenças e valores em relação aos jovens de rua, aos educadores e à própria entidade SEMCAD, o que não me permitiu perceber facetas ou mesmo nuances da estrutura do pensamento do grupo. A banca, então, sugeriu mudanças significativas nas análises. São estas mudanças que ora apresento e que foram efetuadas entre agosto e meados de setembro de 2003, em Fortaleza, num mutirão analítico realizado por mim e pelas amigas sociopoetas Sandra Petit, Rosileide Soares e Valdênia de Moraes. Deste momento, o que mais me marcou, além da solidariedade, do aprendizado coletivo e da análise de minhas sobre-implicações, o que já teria valido a pena, foi perceber que o conhecimento não é dado a priori, mas no movimento de imaginar a estrutura do pensamento do grupo na multiplicidade dos conceitos filosóficos produzidos pelos co-pesquisadores. O resultado deste momento analítico foi

⁹⁴ Por imaginário entende-se *o 'lugar' onde estão depositadas as imagens simbólicas coletivas a partir das quais é possível para cada um de nós criar a nossa própria representação, geralmente inconsciente, do mundo. O cinema, a pintura, a poesia, o teatro, as artes do corpo, e até a música na sua fluidez exprimem verdades básicas da nossa presença no mundo, na medida em que elas tocam os afetos ligados às imagens que constituem o nosso inconsciente, às vezes, tornam-no conscientes* (GAUTHIER, 1998, p. 123).

⁹⁵ A composição da banca: prof^a. Dra. Iraci dos Santos (UFRJ), prof^a. Dra. Sandra Petit (UFC) e prof^a. Dra. Glória Diógenes (UFC).

submetido à apreciação dos co-pesquisadores em outra contra-análise, nos dias 06 e 10 de outubro de 2003.

A contra-análise dá ao leitor a possibilidade de sentir a validação dada à pesquisa pelos co-pesquisadores e de levar, também, o facilitador a retificar, complementar e complexificar suas percepções iniciais quanto as linhas de pensamento do grupo. Neste caso, houve também a presença de um curinga⁹⁶ – educador novo na Educação de Rua e especialmente no nosso grupo-pesquisador. Naqueles dias, observamos o quanto foi importante a contra-análise pois tivemos a possibilidade de dialogar com os co-pesquisadores, o que me permitiu ultrapassar o plano das conveniências preconceituosas, interessadas em desmoralizar ou mesmo moralizar o ‘outro’ (DAMATTA, 1991, p. 27).

Ainda neste capítulo, acrescentarei os resultados da contra-análise e a análise filosófica. Neste instante, então, me deixo tomar por mãos cheias de palavras provenientes de teóricos que me serviram de dispositivo, no intuito de rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados... (DELEUZE, 1998, p.61). Assim, nos próximos passos, traço as análises das seguintes técnicas: A Invenção do corpo coletivo do educador(a) social de rua; Co-pesquisadores: repórteres por um dia e Histórias Bricoladas.

Primeira técnica: A invenção do corpo coletivo do educador de rua



1. As partes do corpo coletivo



Análise Classificatória




Na análise a seguir, separo de cada parte do corpo as suas cores e os seus traços e produzo sentidos para cada um. Coloco para cada cor e cada traço, palavras-chave, que expressam as idéias, os sentimentos e as reações de estranhamento em mim; no meu próprio corpo.

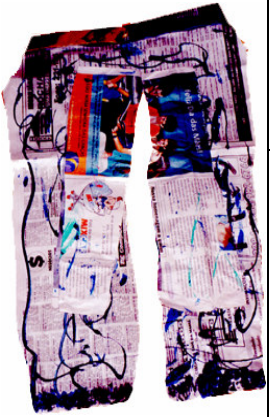

⁹⁶ O que são curingas na pesquisa? São *peças de meio totalmente diferente, a fim de revelar o implícito no grupo. Pela diferença de suas colocações, eles mostram a quem sabia ver e ouvir as suas próprias costas, uma parte do implícito da cultura compartilhada por todos os outros* (GAUTHIER, 1999a, p. 45).


Quadro I: As partes do corpo coletivo

DESCRIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS IMAGENS/AUTORES		CORES	PRODUÇÃO DE SENTIDOS	TRAÇOS	PRODUÇÃO DE SENTIDOS
CABEÇAS	<p>Fig. 24</p>  <p>CORAÇÃO DE LEÃO</p>	Preto no cabelo	Homogeneidade, não movimento, ordem.	Cabeça de perfil, cabelo asseado, alinhado.	Alinhamento e limpeza.
		Vermelho e o Verde na face se inter cruzam.	Invasão sem misturas	Boca aberta	Expulsão, Movimento
		Azul – olhos e sobrance-lhas.	Distanciamento	Nariz saliente	Realce
				Olho aberto mas sem pupila.	Sem expressão.
	<p>Fig. 25</p>  <p>RAILÊ SALAFRIÊ</p>	Amarelo nas sobrance-lhas, no nariz e no interior da boca	Brilho e realce	Cabeça larga e mascarada	Multiplicidades e criatividade
		A face de frente, não pintada	apresentação de si, sem subterfúgios.	Olhos grandes, abertos e sem contornos.	Estado de alerta e Prontidão.
		Preto – o cabelo.		Boca aberta e lábios grossos.	Expulsão, Movimento.
				Cabelos ralos, Espaços vazios.	Possibilidades de preenchimento
				Pescoço largo	Firmeza, sustentação e apoio.

DESCRIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS IMAGENS/AUTORES		CORES	PRODUÇÃO DE SENTIDOS	TRAÇOS	PRODUÇÃO DE SENTIDOS
CABEÇA	<p>Fig. 26</p>  <p>MARIA</p>	Preto para os contornos da boca, do nariz e dos olhos.	Percepção sensível	Cabeça cheia (frente e costas).	Compleitude.
		Face não pintada porém colorida pelas imagens do jornal.	Exótica	Cabelos longos e desalinhados para todos os lados.	Movimento, Liberdade
				olhos arregalados e assustados	estranhamento
				boca aberta, sorridente. Sorriso irônico, maroto. Ora infantil, ora sarcástico.	Criação e multiplicidade.
				Cabeça sem pescoço.	Sem vínculos
CORAÇÃO	<p>Fig. 27</p>  <p>VIDA</p>	Vermelho	Alegria, energia, disposição, vivacidade, enfrentamento.	Forma de bexiga	Totalidade aberta. Possibilidades de preenchimento
		Azul	Canal	Contorno bem definido mas com abertura.	Restrição
		Preto em pouca quantidade	Jato d'água	Veias e artérias – canais	Movimento, Fluxo.
		Centro não pintado	Permanência	Sangue jorrando	Jato d'água

DESCRIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS IMAGENS/AUTORES		CORES	PRODUÇÃO DE SENTIDOS	TRAÇOS	PRODUÇÃO DE SENTIDOS
BRAÇO COM MÃO	Fig. 28 	Vermelho e o Verde - na mão.	Sangue, vida, revolta, enfrentamento. Ausência de sangue – morte.	Braço com mão aberta e dedos separados e sem contornos.	Amplidão, movimento, receptividade.
	FORÇA			Mão separada do braço devido ao uso de uma luva. Luva suja de sangue	Mistura parcial, intensidade
		O braço não está pintado	Manter uma situação	Braço aberto e curvado. Posição longe do corpo.	Abertura restrita, medo de machucar-se.
BRAÇO COM MÃO	Fig. 29 	Braço apenas rabiscado de azul	Canais e fluxos	Braço interrompido em dois lugares ao longo do braço	Estagnação e prisão.
	BETO	Um traço vermelho no pulso.	Impedimento, retenção	Unhas destacadas, dedos curtos, disformes. Contorno mal definido.	Fragilidade
MÃO	Fig. 30 	Vermelha com Pigmentações amarelas	sangue, energia, luz.	Mão aberta e os dedos separados.	Abertura com restrições.
	AMIZADE	Preto no contorno largo e definido.	Limite, controle		

DESCRIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS IMAGENS/AUTORES		CORES	PRODUÇÃO DE SENTIDOS	TRAÇOS	PRODUÇÃO DE SENTIDOS
PERNAS	<p>Fig. 31</p>  <p>BRISA</p>	<p>Pernas riscadas de Azul - canais</p>	<p>Movimento, fluxo</p>	<p>Botões fechando o cós das calças. Contorno fechando as pernas.</p>	<p>Limite</p>
		<p>Não usou pintura na produção da peça.</p>		<p>Perna parecendo uma calça larga.</p>	<p>Amplitude, desafios e disposição.</p>
PERNA COM PÉ	<p>Fig. 32</p>  <p>JC</p>	<p>A imagem mostra uma peça seca, sem vigor e não está pintada.</p>	<p>Dificuldade de manter as aparências.</p>	<p>Perna fina, comprida e cheia (frente e costas).</p>	<p>Prontidão.</p>
		<p>Azul contornando os dedos.</p>	<p>Limites de ação.</p>	<p>Joelho fraturado</p>	<p>desequilíbrio</p>
				<p>Pé incompleto sem calcanhar e dedos fechados</p>	<p>Falta de apoio, desequilíbrio</p>

DESCRIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS IMAGENS/AUTORES		CORES	PRODUÇÃO DE SENTIDOS	TRAÇOS	PRODUÇÃO DE SENTIDOS
PÉS	Fig. 33	Vermelho	Saúde	Pé cheio (frente e costas). Dedos dobrados, pouco visíveis- uma espécie de figa.	Retraído.
					
	LUZ	A palavra energia em azul	energia	Limites bem definidos, porém os contornos, às vezes, se apresentam falhos.	Limite com abertura.
	Fig. 34	Vermelho	Dor, Ferida aberta.	Pé dividido em três cores.	Estratos.
		Azul	Morte, Ferida antiga.	Aparece o solado do pé – a parte de baixo.	Mostrar outros lados.
		Amarelo	Tristeza, escuridão.	Dedos abertos com contorno mal definido.	Abertura .
VERHVELL					

Momento Transversal

Neste momento, transversalizo os sentidos de cada traço e de cada cor no sentido de ligar as convergências, divergências, oposições e ambigüidades encontradas para o tema *O desejo na convivência do grupo*. Nesta produção de dados, estes sentidos anunciam heterogeneidades e multiplicidades de desejos, no convívio do grupo, e faz com que cada traço e cor do corpo ganhem sentidos polifônicos, tornando possível a produção da poesia transversal - combinação das várias partes do corpo coletivo do educador de rua, a partir dos traços e das cores que convergiam para uma mesma idéia. Isto possibilitou a construção de diferentes tipos de corpos. Eis a poesia que levei para a contra-análise.

Quantos corpos desejan-tes o educador tem dentro de si?

*Partes de corpos expressam
os desejos na convivência do grupo
composição de corpos
são experimentados
proliferando-se e multiplicando-se
os sentidos tornam-se polifônicos*

*Interligados em sua convergência
os desejos
na convivência do grupo
apresentam-se de muitos jeitos
ora retraídos ora dispostos
ora ambíguos ora desequilibrados*

*No corpo **cabeça-perna-pé-braços com mão**
Os desejos são retraídos
estão presos na escuridão
dos sentimentos frios
fixos e sem movimento
um corpo estagnado e ordeiro
triste e controlado
com medo de machucar-se*

*No corpo **cabeças-boca-nariz-olhos-coração-pernas-pé**
Os desejos de convivência são de multiplicidade
de possibilidades, desafios, disposição
e de muita criação
são desejos sensíveis, vivazes, alegres, dispostos
cheios de energia e prontidão*

*E o corpo **cabeça-olhos-coração-braço-mão?**
O pensamento do grupo
é de estranhamento e ambigüidade
pensamentos claros-escuros
de difícil entendimento pois
a totalidade é aberta mas
a abertura e a invasão das cores
são parciais e restritas
abertura com proteção
limites de uma mão-luva
desejos no convívio do grupo*

*No corpo **coração-braço-perna-pé**
Os desejos são fraturados
doídos
desequilibrados
na corda bamba*

*estão por um fio
desejos que são como
tubulações roliças que se movimentam
canais abertos
onde correm o fluxo
o jorro
no palco da convivência em grupo*

Nesta poesia percebemos a existência da combinação de quatro conceitos para os corpos desejanter na convivência dos co-pesquisadores. No **primeiro conceito**, o corpo possui cabeça e membros mas sem um tronco e um coração. É um corpo que racionaliza, caminha mas seus movimentos são retraídos, reservados porque seus desejos estão presos, estagnados e não tem um coração para lutar. Os co-pesquisadores não potencializam os seus desejos na convivência, evitam a mistura e criam uma armadura de sentimentos frios para se proteger. É um corpo co-pesquisador retraído, disciplinado, medroso e isolado na sua convivência em grupo. O co-pesquisador tem medo de se machucar? É um corpo oprimido?

O **segundo corpo** traz elementos diferenciados, pois além das cabeças, das pernas e do pé, ganhou coração, olhos, boca e nariz. Isto fez a diferença, pois, oposto à combinação anterior, o conceito apresenta desejos no convívio, potentes, criativos, propositivos em suas ações. É um corpo que mistura razão, emoção e sensibilidade. Destemidos, os co-pesquisadores se jogam no mundo, se aventuram, cheios de potência e criação. Perscrutam corações e mentes, sistemas e células, inspirados que estão, pela metamorfose dos canais e nós da vida cotidiana. Mesmo sem orelhas, braços e tórax, é um corpo que não inibe seus desejos na convivência e desenvolve habilidades, não apenas com as pernas e o pé, mas também com a mente, o coração e a sensibilidade.

O **terceiro corpo** possui cabeça, olhos, coração, braços e mão. Não possui tórax, nem pernas. O conceito produzido evidencia um convívio entre co-pesquisadores, ambíguo, pois ao mesmo tempo em que sugere desejos racionais, conservadores, limitados e controlados, é também capaz de estranhar, de se desterritorializar, pois mistura outras dimensões do corpo como a emoção do braço e a intuição do coração. Ambíguo, este conceito apresenta imagens na convivência claros-escuros e de difícil entendimento pois é uma coisa e é outra simultaneamente. Ambivalente, este corpo pode paralisar-se pela ausência das pernas e pés e pela presença da mão com luva, mas

o coração roda a baiana, os olhos estranham e leva o corpo a criações, curtos-circuitos, relâmpagos.

O **quarto corpo** possui coração, braço, perna e pé. Esta combinação apresenta desejos fraturados, rompidos, longe do equilíbrio, como se a convivência estivesse numa corda bamba, a ponto de cair... São desejos movimentos, porque seu corpo, sem cabeça e tórax, não pensa muito, corre riscos e faz da convivência jorro, fluxo. É um corpo pé sem cabeça? Está ruim das pernas (fraturadas)? É um corpo que vive entre não-ditos, e estes podem gerar mágoas, certos desequilíbrios, entretanto, ele não é ressentido pois jorra o fluxo, explode e diz o que pensa? É um desejo que está a ponto de romper, de escapar das opressões?

Resultado da contra-análise

Na contra-análise, os co-pesquisadores validaram a poesia. Disseram que o **primeiro corpo** não possui o coração, e por isso, os desejos são retraídos, pois, *parece que [este corpo] possui algumas amarras, tem algo que o impede de ver a coisa pelo lado do coração, vai mais pela razão; vê a coisa mais obscura....* Os desejos retraídos na convivência são *o momento em que nós estamos diante dos nossos desejos frente à instituição, o nosso corpo fica assim, controlado, contraído, com vontade de mostrar os desejos mas não se movimenta, não vai em frente.*

Já o **outro corpo**, o que possui desejos de multiplicidade, desafios, possibilidades, disposição e de muita criação

é a interação do nosso corpo com o corpo do menino. Pois, mesmo possuindo algumas arestas, ou algo que impeça o nosso movimento, enfrentamos os desafios sempre com disposição, usando a criatividade dos nossos desejos mais sensíveis, e que fogem um pouco daquela coisa racional, e que muitas vezes faz com que nos movimentemos.

O **terceiro corpo**, onde o pensamento do grupo é de ambigüidade, de pensamentos claros-escuros e de difícil entendimento, *expressa bem as nossas relações. Dentro do nosso grupo nós temos cores que se juntam mas não se misturam pois o*

grupo não está suficientemente maduro pra se misturar. Acho que está faltando essa mistura mesmo [pois o grupo]⁹⁷ está com uma luva.

Uma co-pesquisadora identifica a combinação do **quarto corpo**, o que possui desejos fraturados, rompidos, longe do equilíbrio, como se a convivência estivesse numa corda bamba com o momento da “chegada dos novos educadores no grupo”. Os veteranos os receberam como “algo estranho”, provocando desequilíbrios, constrangimentos e mágoas, a ponto de afetar a prática pedagógica. *Inclusive, eu achei esse quarto corpo o mais fragilizado, porque há nele*

um elemento de poder [no caso] o conhecimento [dos veteranos], obtido através da experiência, de leituras, de treinamentos e [os veteranos], resistiam à mudança. Talvez [esse fosse] o motivo do estranhamento. Aí, [o grupo] não misturava as cores [pois] o que valia era a experiência.

Ou seja, o mesmo conhecimento que treina e faz as pessoas crescerem, pode também fazer com que *as coisas não se transformem, a partir do momento em que a gente se fecha e deseja um conhecimento dominante*. Por outro lado, esta reação aconteceu porque o educador veterano ficou com medo de ser substituído pelo novo que trazia o saber acadêmico-científico – mais valorizado que o saber que possuía, o da experiência, advindo, principalmente, das práticas pedagógicas construídas no contato com o jovem, pelas ruas de Teresina.

Por fim, outra co-pesquisadora conclui: – *Hoje, ainda levamos esses quatro tipos de corpos mas [nós temos] vários corpos [pois a] convivência é outra. Alguns desses desejos já foram alcançados, outros foram esquecidos, outros largados pelo meio do caminho.*

2. As falas produzidas após a construção do corpo coletivo.

Na análise da construção do corpo coletivo, observo que os co-pesquisadores falam, implicitamente, sobre o tema *O desejo na convivência do grupo*, através dos vários outros temas que permearam esta análise. Sendo assim, seleciono as falas sublinhando-as e, em seguida, procuro as categorias – idéias que se repetem para além do próprio tema.

⁹⁷ Quando necessário, uso o recurso dos colchetes para acrescentar expressões que possam complementar

A análise classificatória

Sentados com o corpo coletivo no centro da roda, os co-pesquisadores analisam sua produção. Eles dizem:

VIDA - Eu não sei porque, mas na hora da remontagem eu senti uma vontade de fazer essa parte que tava faltando, é tanto que eu disse: – *umbora, Railê?* (risos) *Vamos Railê fazer nós dois?* E a **Luz** disse: – *Vamos, então eu vou.* E eu disse: – *Pois vamos.* Não sei, mas eu tava montando ali, ajudando na construção... achando assim muitas coisas na minha cabeça em relação ao próprio... ao nosso corpo, em relação mesmo à pessoa humana, o valor da pessoa humana, até mesmo o sexo do boneco, da pessoa, se é masculino ou se é feminino. Então a gente deu a idéia assim: a gente faz só o corpo, a gente cola o coração no corpo. – *E aí como é que vai ficar?* A gente faz uma camisa e o coração fica por dentro. Isso! Aí o sexo você vai imaginar. De acordo com o seu pensamento você vai ver qual vai ser o sexo dessa pessoa que nós construímos. Eu não sei exatamente porque, mas eu gostei muito, muito, muito, muito de ter construído, de ajudar a construir essa outra parte. Eu fiquei assim... me senti muito bem. Assim, eu gostei bastante mesmo... (Riso)

A cabeça foi o que mais gostei. Ficou massa!...

LUZ - Bem eu só queria falar que eu faço das palavras da **Vida** as minhas... foi muito gostoso fazer... esse lance de criar, de você... (risos, todo mundo falou ao mesmo tempo). Eu queria dizer que realmente foi uma sensação muito boa, gratificante, eu me senti até mais alegre, eu não sei se foi só pela construção do boneco, eu me senti empolgada, sabe? Sei lá, você desenhar... você criar... você tentar fazer algo assim.... eu achei tão interessante. Aliás eu gostei de todos os trabalhos, de todas as partes. Essa parte aqui, assim, foram todas bem montadas, bem trabalhadas, pensadas. Então, eu achei que o boneco ficou bacana, bacana! No sentido mesmo da palavra.

VERHVELL - Sem falar, **Luz**, que o boneco é a nossa história de vida, né? – *HUMRUM!* Quando, o que parece, assim, que cada um fez uma parte, enquanto cada um fez uma parte, ficou aquela coisa mesmo separada... parte, mas é a idéia do todo, idéia da unidade do grupo. A idéia de unidade que o grupo passa, né? E é interessante, e realmente a gente se sente... num sei se a palavra é mais animada, alegre, mas é uma sensação gostosa, sabe?, essa de ter concluído um trabalho. A questão mesmo da

conclusão de um trabalho. Conclusão meio avulsa d'um trabalho, e ver que o trabalho representa a nossa história de vida, né? Parece esquisito, um pé representar a minha história de vida mas, né?, é a minha história. A relação que tenho com as minhas mãos, com o coração da **Vida**, e a cabeça da **Maria**, enfim, é muito bom essa idéia mesmo da unidade, o todo, nas idéias representada num só corpo.

LUZ - Eu queria fazer só uma consideração: Quando a gente entra, assim, num trabalho, começa a trabalhar num lugar novo, a gente sempre tem receio de como é que vai ser o trabalho, as pessoas que a gente vai encontrar, se a gente vai se dar bem com elas, e tudo... Eu posso dizer que todos os trabalhos que tive, eu me dei bem com todo mundo. Agora, esse agora, tá sendo, esse agora.... que eu tô participando, ele é... eu acho ele diferente, eu acho ele mais participativo. Ele mais... porque tem mais o negócio do trabalho, tem também... não é só por causa da oficina, mas as pessoas também precisam, e aqui, eu acho que eu tô me sentindo empolgada, porque eu gostei do trabalho em grupo. Todos os outros trabalhos foram bons, mas, hoje, eu não sei se foi esse criar em grupo, a gente dizia assim... ó bota isso aqui, tira isso aqui... O que é que tu acha? Assim, levando em consideração a opinião de outra pessoa, parece que você se sente assim útil, importante. É... sei não, eu sei que eu tô empolgada, gostei... tô com vontade de dançar com ele, ele é até mais chique do que eu... que até relógio ele tem, não tenho nem do camelô, ele já tem um, e é brilhante.

VERHVELL - Ei **Luz**, com relação a essa coisa do trabalho em grupo, eu também aqui, não consigo é me ver trabalhando em grupo...quando você fala que é um trabalho diferente, e tudo mas, na realidade é um trabalho especial, a gente trabalha com pessoas em situação especial, e então o resultado disso é... aliás, não só o resultado, sabe?, mas tudo.... as pessoas envolvidas têm que ser especial.

LUZ - Isso vai ligar a gente cada vez mais, essas oficinas, então, vão ligar a gente cada vez mais, porque vão aproximar a gente mais ainda, além do trabalho, porque até no trabalho em si, a gente tem uma convivência boa, a gente tem aquele lance de você chegar e perguntar pra alguém como é que você está e tudo, aquela preocupação até com o trabalho, e aí o menino que você encontrou?... ó!, aconteceu isso comigo, e isso e aquilo, com relação ao assunto do trabalho mesmo, e aqui na oficina, a tendência é que a gente se aproxime mais, que a gente crie mais, deixe a imaginação correr, sair solta, frutificar, aí, tudo isso com relação ao trabalho, por exemplo, esse boneco em si é um menino que a gente trabalha, representa o nosso menino.

Nossos meninos...

A **Vida** quer falar de novo, só tá encabulada.

VIDA – Não eu só tô muito feliz (gargalhadas). Assim, aparentemente, ele não tem significação e forma, mas reflete o nosso caso, porque, por exemplo, eu tô empolgada, mulher, pra mim des-empolgar... (risos)

RAYLÊ - Eu queria dizer que eu trabalhei até duas da tarde, fui em casa, voltei, ainda tava todo no clima, e se tivesse um forró aqui, eu ainda ia... quer dizer dá uma sensação boa, de energia. Arrocha o boneco!

VIDA - E eu fico também me perguntando, em relação a essa parte que eu escolhi, o coração. (risos) ... é sério... eu fiquei pensando, assim. (RISOS) Eu fiquei pensando, assim, tem a ver com seu trabalho, pois é, eu escolhi o coração mas um órgão interno. (Risos). Quando eu escolhi o coração, eu não queria aquele coraçãozinho que a gente costuma fazer, aquele coração, eu queria era um coração de verdade (Risos). E eu fico muito feliz por saber que ele tá aí também, que ele faz parte desse corpo, que ele faz parte dessa pessoa, que ele é esse corpo, porque cada pedaço se torna corpo. E comparando assim, a gente, com o nosso trabalho em grupo, se esse corpo estivesse sem a mão, com certeza estaria faltando, então, pra mim, o grupo é isso é a gente trabalhar, cada um com suas qualidades, com suas aptidões. Você sabe cortar, então você vai cortar, como na montagem do tórax, né? A **Luz**, eu percebi que a **Luz** gostava, sabia cortar, digo: – *Luz pois você corta, enquanto você corta, eu e o Railê, a gente vai fazendo isso e isso, né?* E deu certo. E eu percebo que no grupo é isso, cada um procura fazer a sua parte. E se você percebe que aquele outro tem aquela aptidão, você vai ajudar aquela pessoa a desenvolver mais ainda, do mesmo jeito que aquela outra pessoa vai lhe ajudar você também a desenvolver os seus dons, e ser útil no grupo.

VERHVELL - Interessante que não é o boneco em si, é a subjetividade que envolve todo o boneco, toda a história para as falas do boneco, e isso é muito interessante. É isso que tem um valor imenso. E também um valor muito grande as falas do boneco, o que o boneco traduz.

LUZ - É porque a partir do momento que você convive em grupo, convive com qualidades e defeitos das outras pessoas, com as aptidões ou não, das outras pessoas. Você consegue tudo. Se você consegue viver, trabalhar com tudo, com o conjunto, você consegue resolver tudo, principalmente no nosso trabalho. No nosso trabalho é muito importante a união, e quanto mais unidos, quanto mais nós nos dermos, só que a gente

tá fazendo isso não é por uma situação forçada, por que nosso trabalho exige, é por vontade própria, porque a gente tá se sentindo assim à vontade de estar assim.

Gente alguém mais quer falar? Se manifestem.

VERHVELL- Essas falas aqui são do boneco, né? quem tá falando não é a **Verhvell** não é a **Vida**, é o boneco que tá falando (Risos).

(Muitos falam ao mesmo tempo).

CORAÇÃO DE LEÃO - Acho que a beleza de cada sonho se traduz dentro da própria realidade, na qual vivemos. Lembro-me bem de uma frase que aprendi na vida, que dizia que ser grande não é estar colocado acima da humanidade, dominando os outros, mas estar colocado acima das parcialidades, futilidades, dos desejos irracionais, e dominar-se a si mesmo, e cada dia que debruçamos no nosso meio, no qual vivemos, aprendemos coisas novas, conversamos com pessoas, enfim, acho que cada caminho que nós seguimos, a gente é um risco, porque acho que podemos ganhar, arriscar, enfim, eu acho que quando nós construímos o que tá aqui, um pouco daquilo que está dentro da gente, como dizia João Kennedy, né?, acho que se nós mudarmos nosso microcosmo conseguiremos mudar um pouco do mundo também. Já diziam, há pouco tempo atrás, que a mudança começa de uma... uma interrogação interior, né? da nossa própria vida. Então, pra finalizar, espero que conseguimos construir mais ainda, não sei se o boneco mas que esse boneco seja apenas uma premissa daquilo que possamos construir mais tarde, possamos sonhar e idealizar tudo aquilo e colocá-lo em forma de realidade. Só isso!

(Risos e brincadeiras). – *Não é qualquer coca-cola.*

ESPERANÇA - *Agora deixa eu falar.* O trabalho com essa cabeça, a junção, ficou assim tão colorido, tão bonito, representa o seu nome que é alegria. Poderia, sabe o quê? Colocar algum coisa aqui em cima. Não, não prega, ela não cola. Esses cabelos, aqui, coloridos, representa alegria, principalmente pela chegada da Alegria ao nosso grupo. Também eu falo alegria da minha parte, do grupo, mas também, principalmente da minha parte, que eu acho que é uma coisa que anda sempre comigo: tô sempre de bom humor, sempre alegre, então tá representando nesta cabeça. Cabelos coloridos.

AMIZADE - E eu também, apesar de ter naquela hora da gente relatar a história de vida, eu escolhi a mão, mas não sei porquê, mas na hora que foi pedido prá gente refazer o corpo novamente, eu escolhi a cabeça. Então eu peguei uma cabeça, a **Alegria** pegou a cabeça e a **Esperança** pegou outra. E a gente juntou e a gente decidiu assim,, que a

gente num retirasse, assim,, muita coisa, assim de cada uma, que a gente aproveitasse o máximo, né? Eu até coloquei a massa por cima do nariz, ali, e aí **Esperança** disse: – não, tira e deixa, conserva esse daqui e fica nessa parte sem tirar o nariz, tirar essa boca aqui, aí não fica nada do rosto que o **Coração de Leão** tinha escolhido, e aí a gente aproveitou um pedacinho de cada cabeça, pra gente finalizar só em uma única. A gente aproveitou um pedacinho de cada cabeça e formou uma só. E a questão dos botõezinhos, aí colocados na cabeça, isso daí foi história da Alegria, que a Alegria começou a falar sobre os índios e aí ela tem uma história bonita pra contar. **Raylé** perguntou algo. Não, ela quis falar da questão dos índios, ela sempre vê os índios com aquela corozinha, eu sei que ela fez alguma coisa assim parecida.

LUZ- Em relação ao que você estava dizendo, pra criação de uma história, não sei o que o grupo pensa, os meus colegas de grupo pensam, mas eu particularmente, pra mim, vamos supor,, quando você vem, por exemplo, com problemas, ou cansado ou chateado, sei lá, por fatores externos, quando você chega aqui tem o relaxamento e tudo, a concentração. eu não sei como será sua atividade na segunda feira, mas eu tinha uma sugestão pra fazer, que se fosse possível, após o relaxamento, não sei se você vai fazer alguma atividade, a gente fizesse uma atividade em grupo que despertasse mais ainda... eu acho assim, se agora eu fosse fazer, não sei as outras pessoas, mas se eu fosse fazer uma história, eu tenho certeza que ela ia sair muito mais rica de idéias, de informação do que se eu fosse fazer só depois do relaxamento, justamente sem ter o envolvimento do grupo. Eu não sei se é geral isso, mas pra mim, é porque, sei lá, parece que você vivencia, apesar de que no todo é muito bom, é muito gostoso, a gente vive isso, mas você é... relaxa... essa atividade até descontraí, né? você esquece, você se envolve com o que você tá fazendo, ao ponto de deixar sua imaginação, sei lá, ir mais longe, né? Eu, por exemplo, agora, eu me sentiria muito mais preparada pra fazer uma história... porque a gente fica empolgado, né? a gente tá envolvido do que antes, aí então se você for... eu acho que já estão, não sei se você tem alguma atividade em grupo pra fazer mas se tiver, eu acho que a história viria depois do trabalho. No compartilhamento dessa alegria, vamos supor, alguma outra pessoa não esteja se sentindo assim tão bem, como eu, ou se sentindo bem, mas que eu estou me sentindo melhor. Eu tenho certeza que quando você está muito bem você contagia as outras pessoas com a sua alegria, você deixa transparecer na sua fala, na sua expressão que as pessoas até se empolgam também, só com isso. (Risos e falas).

Categorias da construção do corpo coletivo

1- Corpo coletivo – metáfora para o trabalho em grupo

- cada um fez uma parte mas é a idéia do todo, idéia da unidade do grupo.
- o trabalho [de construir o corpo coletivo em grupo] representa a nossa história de vida
- eu acho [o trabalho em grupo] mais participativo, pois leva em consideração a opinião de outra pessoa
- ...o grupo é a gente trabalhar, cada um com suas qualidades, com suas aptidões.
- [no trabalho em grupo] você percebe que aquele outro tem aquela aptidão você vai ajudar aquela pessoa desenvolver mais ainda, do mesmo jeito que aquela outra pessoa vai lhe ajudar você, também, a desenvolver os seus dons e ser útil no grupo.
- atividade em grupo sai muito mais rica de idéias, de informação [porque] você vivencia, descobre, esquece, se envolve com o que você tá fazendo, ao ponto de deixar sua imaginação ir mais longe. Eu, por exemplo, agora, me sentiria muito mais preparada pra fazer uma história porque a gente tá [mais] envolvido do que antes.
- quando você está muito bem você contagia as outras pessoas

2- Sentidos para as partes do corpo

- O pé representa a minha história de vida
- eu escolhi o coração, mas um órgão interno
- Tórax significa montagem em grupo.
- essa cabeça representa o nome alegria.
- Cabelos coloridos representa a chegada da **Alegria** ao nosso grupo
- botões na cabeça [tem a ver com história] sobre os índios

3- Convivência no grupo.

- as oficinas vão ligar a gente cada vez mais além do trabalho [da educação de rua onde se] tem uma convivência boa [a ponto de] você chegar e perguntar pra alguém, como é que você está e tudo, aquela preocupação com o trabalho.
- convive em grupo, convive com qualidades e defeitos das outras pessoas, com as aptidões ou não, das outras pessoas, você consegue viver, trabalhar com tudo, com o conjunto, você consegue resolver tudo.

3- Sentimentos relativos à construção do corpo coletivo

- eu senti uma vontade de fazer essa parte.
- eu gostei muito de ajudar a construir essa outra parte.
- foi muito gostoso fazer esse lance de criar.
- foi uma sensação muito boa, gratificante, eu me senti até mais alegre, eu me senti empolgada.
- Você desenhar, criar, tentar fazer algo, eu achei tão interessante.
- a gente se sente mais animada.
- É uma sensação gostosa essa de ter concluído um trabalho.
- eu tô me sentindo empolgada.
- a gente se sente útil, importante.
- Eu estou com vontade de dançar.
- eu estou muito feliz.

- dá uma sensação boa, de energia.
- a gente tá fazendo isso por vontade própria porque a gente tá se sentindo à vontade de estar assim
- tem o relaxamento e tudo, a concentração.

5- Sentidos atribuídos ao corpo

- O boneco é a nossa história de vida
- O boneco em si é um menino que a gente trabalha
- Boneco, seja apenas uma premissa daquilo que possamos construir mais tarde, sonhar e idealizar e colocá-lo real

6- Paralelos entre a construção nas oficinas e o trabalho da educação de rua.

- trabalhar num lugar novo, a gente sempre tem receio de como é que vai ser o trabalho, as pessoas que a gente vai encontrar, se a gente vai se dar bem com elas mas [o trabalho nas oficinas] estar sendo diferente.
- O trabalho nas oficinas é um trabalho diferente porque se cria em grupo.
- [Assim como o trabalho nas oficinas] o trabalho é especial, a gente trabalha com pessoas em situação especial, então as pessoas envolvidas tem que ser especial.
- A partir das oficinas, a tendência [do educador de rua] é que a gente se aproxime mais, que a gente crie mais, deixe a imaginação correr, sair solta, frutificar aí, tudo isso.
- no nosso trabalho é muito importante a união, mas [nas oficinas] a gente tá fazendo [o corpo coletivo] não é por uma situação forçada por que nosso trabalho exige [mas] por vontade própria porque a gente tá se sentindo a vontade de estar assim

Momento Transversal

Neste momento, faço ligações entre os vários sentidos das categorias, mapeadas na análise classificatória, buscando, no pensamento do grupo, as possíveis idéias convergentes, divergentes, ambíguas e de oposição. O resultado desse olhar oblíquo, se apresenta na pequena história mítica⁹⁸ abaixo.

O corpo do educador de rua - o engonço coletivo

14h. O sol entra por entre as vidraças da sala aquecendo-a. Aos poucos, um por um, corpos chegam. Deitam-se sobre mantas. A música sopra o espírito do som nos seus ouvidos, que, acalentados, relaxam, esvaziam-se. A magia orvalhada do som ganha

⁹⁸ A história mítica foi produzida por mim para levar para a contra-análise. A história **O corpo do educador de rua – o engonço coletivo** continua na próxima técnica Co-pesquisadores: repórteres por um dia.

vida, e a intimidade faz com que as cadeiras se movam, saiam do lugar, dêem espaço ao movimento dos corpos, e, por extensão, o local ganha forma, veias e sangue.

Devaneio. Sonhos. Percursos. Jornais, grude, tesoura, cores de todos os matizes passam de mão em mão. É preciso compor. Suspensão. Pânico. Ansiedade. Algo acontece entre os corpos encostados, sentados e deitados pelo chão. Pedacos de corpos nascem. E nos trazem desejos de muitas histórias, lugares, pessoas e sons imaginários.

A música toca baixo. Pedacos de corpos se espalham pelo chão. Peças de um quebra-cabeça corporal que não se encaixam. Um corpo: composição vinda de corpos vivos. Algo incompreensível. Uma forma disforme, um monstro é experimentado com três cabeças, três pernas, três pés, dois braços, três mãos e um coração. Estranho engonço tirado das dobras dos corpos dos educadores.

Pasmem: o corpo tenta se mover. Desengonçadamente ganha vida. Todos se assustam. Uns gritam e correm; outros tropeçam e caem. A música alta, acelera os batimentos cardíacos. Nada fica no lugar. Como acostumar-se? Como conviver?

Final da tarde. De repente, o silêncio. Olhares se entrecruzam. Corpos exalam odores indizíveis. Corpos se experimentam de quatro, comendo e descomendo diante do extraordinário. De repente, alguém se manifesta, aproxima-se do monstro com suas mãos, e começa a devanear outro corpo. Corpos se agregam em estranhas esculturas e posicionam-se prontos para a modelagem. Como refazer? *Tem-se que aproveitar tudo, não tirar nada, só acrescentar. Não precisa ser bonitim, nem perfeitim...* a estética vem dos desejos na convivência do grupo.

Os corpos se põem juntos. Preparam-se para refazer o corpo coletivo. Uns, de três cabeças fazem uma. Outros, transformam os vários pés, pernas, mãos e braços, na dupla de membros formais. O restante constrói o tronco e uma camisa para abrigar o coração. As partes, portanto, tornam-se significativas e ganham metáforas: o pé representa a história de vida, idéia bem diferente dos botões que enfeitam os cabelos coloridos pois têm a ver com histórias de índios. A cabeça representa o nome alegria, mas os cabelos coloridos têm a ver com a chegada da **Alegria** no grupo. O coração é um órgão interno, idéia que mostra que ele existe e pulsa mais que a sua representação – o "coraçõozim" dos desenhos – e, por fim, o tórax que significa a própria montagem, em grupo, do

corpo coletivo.

Efusivos, olham-se uns para os outros, e para sua obra de arte, e dizem o que sentem: – *nós fizemos por vontade própria, porque estamos muito à vontade uns com os outros. Estamos mais alegres, mais empolgados, pois é muito gostoso e gratificante criar! É uma sensação boa, de energia, por ter concluído um trabalho! A gente se sente útil e importante. Dá até vontade de dançar. Arrocha o boneco!*

Entusiasmados, os corpos dançam, se emocionam e filosofam. Criam dois conceitos diferentes de convivência. Para eles, conviver é viver *com as qualidades e os defeitos das outras pessoas, com a aptidão ou não das outras pessoas, [só assim] você consegue viver, trabalhar com tudo, com o conjunto, você consegue resolver tudo*. O outro pensar, que também é corpo, é vida, nos leva à idéia de convivência boa, que é quando você chega e pergunta para alguém como está, ou tem aquela preocupação com o trabalho. Acreditam, que depois das oficinas, esse convívio vai melhorar mais ainda, porque vão se ligar cada vez mais para além do trabalho da educação de rua. Este refletir dos corpos conflui para o paralelo entre o trabalho do educador e o das oficinas, que diz que a tendência é a de que eles vão se aproximar mais, criar mais, deixar a imaginação correr, sair solta, frutificar. Isto acontece, porque a atividade em grupo *sai muito mais rica de idéias, de informação [porque] você vivencia, descontra, esquece, se envolve com o que você está fazendo, a ponto de deixar sua imaginação ir mais longe*. Não é à toa que dizem se sentir muito mais preparados para fazer uma história, porque *a gente tá [mais]envolvido do que antes*. Envolver-se faz com que se sintam bem, e quando *você está muito bem contagia as outras pessoas*.

Fabulantes, os corpos inventam a metáfora do corpo coletivo para o trabalho em grupo, pois na construção do corpo *cada um fez a sua parte, mas há é a idéia da unidade* e, em oposição, aparece o pensamento de que *o trabalho de construir o corpo coletivo representa o todo, nas idéias representadas num só corpo*. Com esta oposição, o grupo problematiza a noção de trabalho em grupo, onde por um lado se destaca a noção de grupo que busca a unidade visando objetivos comuns; e por outro lado, o que se ressalta é a idéia da unidade na diversidade.

É assim que o corpo coletivo ganha força de sentido e passa a ser a história de vida do grupo mas, também, o próprio menino que eles trabalharam na rua. E tudo isso faz

pensar. Abismado com sua potência, os corpos se auto-analisam, fazem paralelos entre a construção do corpo, nas oficinas, e o seu trabalho educativo nas ruas. Trabalhar nas oficinas está sendo diferente da educação de rua porque se cria em grupo e não se tem receio, pois, normalmente, quando se entra num trabalho novo se tem receio de como vai ser, as pessoas que se vai encontrar, se vai se dar bem com elas ou não. Um outro paralelo divergente diz que o trabalho da educação de rua não é diferente, mas especial, pois *trabalha com pessoas em situação especial, então, as pessoas envolvidas tem que ser especiais.*

Uma idéia é criada e, em si mesma, possui uma oposição, o que torna o pensamento contraditório: *no nosso trabalho é muito importante a união, mas [nas oficinas] a gente tá fazendo [o corpo coletivo] não por uma situação forçada, porque o nosso trabalho exige, [mas] por vontade própria, porque a gente tá se sentindo a vontade de estar assim.* Isso quer dizer que a união no trabalho dos educadores é forçada, realizada porque o trabalho exige?

Um corpo coletivo nasce - confeto para os desejos na convivência do grupo. No nascimento do corpo coletivo, muitos de vocês não estavam presentes mas uma velha, que veio de longe, e que poucos já a viram, se dispôs a sair de sua toca para nos contar que numa tarde, não muito distante, partes de corpos se misturaram e deram origem a si próprio, a seu próprio corpo. A noite chega, ventos uivam, a velha canta.

Resultado da contra-análise

Na contra-análise, o grupo mostrou-se encantado com a história mítica e surpreso com a sua própria capacidade de invenção. Os co-pesquisadores sentiram-se tocados e motivados a falar.

A co-pesquisadora **Esperança** iniciou falando que depois das oficinas a convivência entre eles melhorou bastante. **Vida**, disse, inclusive, disse que *apostando nas oficinas, havia no grupo uma expectativa, uma vontade de que, a partir dali, a gente se tornasse um grupo mais unido: não dois grupos, mas um só.* Nesse caso, a **Amizade** completa: *conviver em grupo é saber respeitar a opinião de cada um, pois as pessoas são diferentes, cada um tem uma opinião (...)* Conviver em grupo observando as diferenças, respeitando o conceito de cada um. **Brisa** conclui:

conviver com as diferenças não dá pra resolver tudo, mas ameniza (...) pois nem sempre o educador tem certas aptidões para a dança, pra o recorte e a colagem, mas pode ter outra qualidade como o diálogo (...) então, a qualidade de um encobre o defeito de outro (...) dá pra se organizar melhor. Não que resolva tudo, mas a gente aprende a conviver com os defeitos e com as qualidade de cada um.

Vida Asterisco complementa:

*Conviver é viver, é aprender a trabalhar juntos, a decidir juntos. Se a gente aprendeu a conviver, a desenvolver um trabalho juntos, percebendo o outro, a importância do que o outro diz, então dá pra fazer até um corpo daquilo que a gente tinha intenção de construir (...)Eu tenho uma posição, a Esperança tem a dela e o **Beto** possui a dele, mas com o diálogo a gente vai chegar àquele determinado ponto.*

E para mostrar que as diferenças se resolvem com o diálogo, **Vida Asterisco** exemplificou com o momento de construção da proposta pedagógica em que houve a participação de toda a equipe.

Para nós foi um momento muito importante porque não veio apenas pra gente cumprir.(...) E se nós estamos diretamente na rua com os meninos, nós temos, de certa forma, um conhecimento da realidade. Então, porque não construir uma proposta pedagógica juntos? Assim, eles colocaram uma coisa e outra, e nós participamos daquilo concordando ou discordando. (...) Quer dizer, existe aquele momento do confronto, mas é exatamente isso que vai fazer com que a gente enriqueça nossos conhecimentos e cresça.

Alegria fecha a questão dizendo:

Eu acho que no trabalho de rua tem que ter um objetivo e esse objetivo tem que ser de todos. O meu objetivo não pode sobressair, não pode ser melhor do que o do outro. O trabalho da educação de rua precisa ter um objetivo comum, apesar das diversidades, das diferenças.

Para explicar a diversidade do grupo, o **Beto** diz que é preciso contextualizar o momento de produção destas idéias em que coincidia com a chegada dos novos educadores.

Essa individualidade no grupo diz respeito ao momento em que outros educadores estavam chegando com vontade de querer ajudar (...) de salvar o mundo, pois quando você chega num trabalho quer mostrar o que sabe fazer, aí vem o lado individual e imediatista. Então, o grupo era formado por pessoas que estavam há um tempo juntos e por

outros que estavam chegando. Os dois se juntaram. O novo tinha aquela sede, aquela ansiedade, aquele medo, e o experiente segurava o ansioso.

Outro ponto muito debatido foi quanto ao paralelo de que a educação de rua não é diferente das oficinas mas um trabalho especial. A maioria do grupo acatou a idéia de que se você está junto com os educadores ou junto com os jovens de rua é uma coisa especial. *Eu tenho que me sentir especial por trabalhar com pessoas especiais.* Em oposição, **Coração de Leão** disse: *pra mim, as pessoas se tornam especiais quando estão numa condição boa de superação e de dignidade. (...) Os meninos não estão nessa condição especial, não. Eles estão numa condição subumana, ainda, muito precisa ser feito para eles estarem numa condição especial de vida.* A **Alegria** retruca:

Eu não vejo a condição de especial apenas com o estar bem. Eu acho que alguém é especial quando ele precisa de uma atenção (...) Quer dizer, se os meninos estão ali, e nós somos as pessoas que vão trabalhar com eles, pra mim, eles são especiais (...) Não porque eu vou resolver o problema, mas pra conversar, compreender, tentar ajudar. Então, nós estamos numa posição especial (...) Pra ser educador, você se torna diferente das outras pessoas, porque você pára para ouvir; tem um olhar diferente, o que torna você uma pessoa especial para aquele menino ou para aquela família ou até mesmo para a instituição.

Outro ponto discutido foi quanto à idéia de que a união no grupo era necessária, feita porque o trabalho exigia. Eles disseram:

Tem certas coisas que a gente vai por obrigação. Às vezes, colocam pra gente como se fosse uma obrigação. Não há a livre e espontânea vontade, mas a exigência de que vá toda a equipe. Então, em certos casos, até nos momentos de lazer, a gente tem que ir porque, se não for, o outro fica achando que é 'uma folga' se ficar em casa. Eu acho que se a gente está num local participando (...), contra à vontade, isso é um absurdo.

Segunda técnica: Co-pesquisadores: repórteres por um dia

Nesta técnica, mantenho a edição da entrevista que o grupo-pesquisador (GP) fez com o Reimundis – corpo coletivo do educador de rua.

A entrevista com o Reimundis

Sociopoética Produções apresenta: grupo pesquisador, em repórter por um dia,

entrevistando o pop star Reimundis. Teresina, 10 de agosto de 2001.

Grupo Pesquisador (GP) - Estamos aqui diretamente da Oficina de sociopoética com o personagem - o *astromegapopstar* – Reimundis, para entrevistá-lo. A platéia explode em gargalhadas, risos, aplausos, assobios e delírios. O astro veio diretamente ... da onde mesmo Reimundis? – *Rio Saraiva Center. Diretamente do Saraiva Center!* Nosso Pop Star foi uma criação do grupo de educadores de rua, pesquisadores criativos. Reimundis só toma um banho por dia, faz um século que cortou os seus cabelos. Imaginem que quando dorme ronca que só um porco e solta pum. Seu corpo tem as pernas menores que o corpo, não tem pescoço, parece que tem duas caras, uma em cima e outra em baixo. Entretanto, pode-se observar o quanto os olhos e o nariz são bonitos, verdes e amarelo, respectivamente.. O seu coração já tem dono, ele possui uma namorada. O sexo você escolhe, você decide no final. Além do mais, Reimundis é filósofo, é um pós-moderno que faz amizades rápido. Ele diz: – *Eu sou muito fácil, minha filha!* Portanto, se você estiver interessado neste astro, acesse o seu site na internet www.sociopoética.com.br/Reimundis. Com vocês, o Pop Star REIMUNDIS, em entrevista exclusiva para o grupo-pesquisador da sociopoética Produções.

•

Grupo pesquisador (GP): Reimundis, como você se sente fazendo parte desse grupo?

Reimundis - Bom, como eu me sinto fazendo parte desse grupo? Assim... eu me sinto muito bem em poder está contribuindo com essa equipe. E agora, como Reimundis, gostaria de dizer que me sinto quase completo por ter sido construído por várias pessoas; me sinto, assim, um pedaço aqui, um pedaço lá, mas eu acho que eu vou chegar lá, eu acho que eu vou me completar...grupo é isso. Então, eu me sinto, assim, no grupo: eu fui uma construção.

GP: Reimundis, como você foi construído por várias pessoas diferentes, nós gostaríamos de saber como você procura trabalhar as diferenças dentro do grupo?

Reimundis – Como eu me sinto, como eu trabalho a. diferença dentro do grupo? Bem, primeiro, eu, primeiro... Teve algumas etapas para eu me inserir nesse grupo. Tiveram que me construir, então, no momento em que me construíram eu passei a fazer parte do grupo. Então, essa é uma diferença, porque eu cheguei e encontrei o grupo, fui construído pelo grupo, então, eu me sinto fazendo parte do grupo e também me

considero um filho da equipe, um filho do grupo.

GP: E por falar dessa diferença não interativa, até que ponto o seu desejo interfere no desejo do grupo?

Reimundis – eu acredito que o meu desejo interfere no desejo do grupo quando eu faço esse desejo através de imposições. É... através de uma certa questão do autoritarismo. Assim, as pessoas confundem muito a questão da sua posição, da sua postura em relação ao grupo e aí... como vocês sabem que eu sei que determinado tom de voz, determinada postura minha, vai passar o meu desejo, e o meu desejo vai ser aceito ou não, eu uso essa postura, essa posição para fazer esse desejo ser aceito, para passar mesmo.

GP: Como transformar um desejo num projeto de vida?

Reimundis – Todo desejo só é desejo porque não é bem trabalhado, e para que se torne uma realidade deve ser bem elaborado, pensado, calculado e re-pensado; então, você parte de um desejo para um projeto. E esse projeto que é feito pra cada um, não só pra mim, mas também para os outros. Por exemplo: Eu, Reimundis, fui construído não só por uma pessoa, mas por várias pessoas, e todo projeto... todo projeto, em si, é pensado, e como eu fui criado pelo desejo de várias pessoas, eu sou um projeto.

GP: Como trabalhar a angústia de um desejo não realizado?

Reimundis – Eu procuro trabalhar essa angústia do desejo não realizado, primeiramente buscando avaliar essa angústia: o que houve, voltar atrás... Voltar um pouquinho a fita, no tempo, e avaliar em cima disso. Então, eu vou poder ver essa angústia, essa frustração, porque essa frustração foi minha por conta de um desejo que eu provoquei e que não era um desejo do grupo, e nesse caso houve essa frustração. Então, a melhor forma é avaliando. Obrigado!

GP: Reimundis dentre mil desejos, como saber escolher aquele que de fato é melhor para sua vida ou para a vida do grupo, uma vez que o meio social influencia os nossos atos?

Reimundis – Na realidade, eu sou uma construção do grupo, então eu sou o resultado de vários desejos, e quando falamos do grupo fica difícil deixar sobressair a nossa vontade, o nosso desejo individual, pois há sempre o desejo coletivo se sobrepondo ao individual, certo? Então, na realidade, eu sou o desejo do grupo, o que vai sobressair é o desejo do grupo.

GP: Como você se sente sendo um personagem que foi construído através de desejos, no trabalho de todo um grupo?

Reimundis – Eu me sinto um corpo coletivo, me sinto uma pessoa mais forte pra ir atrás

desses desejos, pra concretizar esses desejos, porque eu sei que não vou estar sozinho.

GP: E onde você vai encontrar essas forças?

Reimundis - Em cada pedacinho de mim tem uma energia e tem essa força.

GP: Reimundis, se você fosse novamente construído, o que você mudaria ou acrescentaria em si mesmo?

Reimundis – Bem, na verdade, eu sou como qualquer outra pessoa, qualquer outro ser. Se nós fôssemos re-construídos ou construídos novamente, com certeza teria alguma coisa que gostaríamos de mudar. Mas tem algumas considerações que eu gostaria de fazer:

- eu gostaria de ser construído pela mesma equipe que me construiu,
- aparentemente eu não sou tão bonito, mas eu tenho um coração grande, é por isso que eu gostaria de parabenizar todos aqueles que me construíram.

GP - Qual a sua opinião sobre esse grupo que aqui está e que foi o construtor de todo o seu ser?

Reimundis – Bem, é um grupo maravilhoso, participativo e bastante criativo. Eu estou muito feliz por vocês terem me dado a vida. Então, a minha opinião é que vocês realmente pensaram quando foram me construir. Nesse momento, então, eu quero só agradecer por terem me dado a vida. Obrigado!

GP: Reimundis, como você trabalharia o desejo do jovem de participar dos programas, se as instituições não oferecem condições para que esse desejo se concretize?

Reimundis – Bem, eu tentaria despertar, nessa criança e nesse jovem, que eles são o projeto, que se vejam como um projeto de vida, já que as instituições vivem nessa carência imensa, sem fim. Então, eu tentaria fazer isso: fazer com que a criança e o jovem percebessem que eles são o projeto de vida, sem ter que depender de uma instituição pra que ele dê certo. Assim, eu buscaria trabalhar o desejo de forma a estimular a criação de uma certa autonomia, buscando participar dessa construção com o jovem. Nesse caso, a elaboração de programas para esse segmento deve realmente ser construído com base no desejo, no que o adolescente quer, de forma participativa e de forma também avaliativa, porque de nada adianta termos programas e mais programas se não os avaliamos, como é que está, se está indo bem, se não, entendeu? Dessa forma, acho que ficaria melhor.

GP: Estou entendendo, Reimundis. Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa sobre isso?

Reimundis – Com cerveja ou com certeza. (risos) Só de noite, a cerveja. Pra mim, ficaria muito difícil porque se os programas, se os projetos são justamente para crianças e adolescentes, e esses não estão atendendo às necessidades dessas crianças e adolescentes, digo mesmo pra vocês que estão aqui: eu não tenho resposta pra isso, e é muito complicado porque eu mesmo já tive oportunidade de caminhar hoje, conversar com algumas crianças, alguns adolescentes, tentei incentivá-los a participar de alguma atividade, entretanto quando o menino chega lá, ele demonstra vontade de ficar, mas alguma coisa, lá, não prende sua atenção, não preenche realmente sua necessidade, então por isso que eu digo pra vocês, que eu realmente eu não sei a resposta... a resposta certa. Obrigada!

GP: Naaada, disponha. Você quer complementar sua resposta?

Reimundis – Gostaria. Complementando, eu quero dizer como eu acho que essas entidades, essas instituições deveriam trabalhar dentro delas o desejo da criança e do adolescente, porque me parece, que quando estes chegam à Unidade, alguma coisa acontece que faz com que haja uma criação ou mesmo um retorno à revolta desses meninos. Eu acho que é por aí, alguma coisa deve ser feita no sentido de que o desejo dele seja levado em consideração também dentro da Unidade e não só fora dela.

GP: Muito bem, Reimundis. E o que mais, Reimundis? (risos)

Reimundis – E tem mais, viu? Eu até já procurei conversar com pessoas que tem mais influência na sociedade, em relação às próprias Unidades. Eu já procurei uma vez até o Conselho Tutelar pra ir atrás, pra saber o que acontecia nessas unidades porque esses meninos estavam direto ... vai e vem ... vai e vem . Eu queria saber o que acontecia lá; queria colocar..., ouvir um pouco a fala do menino, a fala da instituição. Teve instituição... vou dizer bem aqui, pra vocês, que não quiseram ouvir a fala do menino, não quiseram. Então, será o que aconteceu? Será quem é que tem a verdade? Será que sou eu, o Reimundis?

GP: Reimundis, como você trabalharia a sexualidade das crianças e dos adolescentes dentro do nosso contexto social?

Reimundis – Tô pensando! Eu começaria trabalhando primeiro a minha.(riso) Eu brinquei um pouco, mas eu começaria trabalhando primeiro a minha sexualidade para depois poder partir pra essa questão de trabalhar a sexualidade com o jovem, porque hoje, a sexualidade é geralmente associada à genitália, e a sexualidade é maior, é mais ampla, não tem só a ver com genitália. Então é preciso trabalhar em cima da linguagem

do jovem, mas buscando, de forma pedagógica ou de forma social, colocar para os jovens as coisas mundanas.

GP: Muito Obrigado pela resposta. Bem, Reimundis, finalizando, aqui, a nossa entrevista, eu gostaria de mais uma resposta sua. Como você trabalharia a individualidade dentro de um grupo de crianças e adolescentes?

Reimundis – Eu trabalharia essa individualidade, primeiro, observando dentro desse grupo, a situação de cada menino; observando a história de cada um, a reação física que os meninos têm dentro desse grupo, individualmente, porque pra se trabalhar a individualidade você precisa conhecer bem o indivíduo. Então, você tem que trabalhar o grupo mas observando individualmente... individualmente, a reação de cada menino; como é que ele age e reage num toque, se ele é mais ou menos agressivo, para depois a gente poder construir uma história e poder auxiliar essa criança, esse adolescente no sentido de procurar mudanças, ser um facilitador pra eles, na medida em que se possa conseguir fazer essas mudanças, de discutir a elaboração de melhores saídas, melhores soluções.

Análise Classificatória

No quadro classificatório, seleciono as idéias presentes no pensamento do grupo para, posteriormente, apreender as categorias (podem possuir sub-categorias). Esta seleção estendeu-se às perguntas da entrevista, porque estas foram também elaboradas pelos co-pesquisadores, logo, fazem parte do pensar do grupo. Em seguida, apresento a transversalidade dessas idéias na continuação da história mitológica **O corpo do educador de rua – o engonço coletivo**, iniciada com a técnica anterior, observando as possíveis convergências, divergências, oposições e ambigüidades entre as categorias da reportagem que perpassam os desejos na convivência grupo. Logo, após, mostro o resultado da contra-análise.

Quadro II: seleção das falas da entrevista com Reimundis

DESCRIÇÃO DO REIMUNDIS	SELEÇÃO DAS FALAS
<p>GP – Estamos aqui diretamente da Oficina de sociopoética com o personagem - o astro mega pop star – Reimundis para entrevistá-lo. A platéia explode em gargalhadas, risos, aplausos, assobios e delírios. O astro veio diretamente ... da onde mesmo Reimundis? – <i>Rio Saraiva Center. Diretamente do Saraiva Center!</i> Nosso Pop Star foi uma criação do grupo de educadores de rua, pesquisadores criativos. Reimundis só toma um banho por dia, faz um século que cortou os seus cabelos. Imaginem que quando dorme ronca que só um porco e solta pum. Seu corpo tem as pernas menores que o corpo, não tem pescoço, parece que tem duas caras, uma em cima e outra em baixo. Entretanto, pode-se observar o quanto os olhos e o nariz são bonitos, verdes e amarelo, respectivamente.. O seu coração já tem dono, ele possui uma namorada. O sexo você escolhe, você decide no final. Além do mais, Reimundis é filósofo, é um pós-moderno, que faz amizades rápido. Ele diz: – <i>Eu sou muito fácil, minha filha!</i> Portanto, se você estiver interessado neste astro, acesse o seu site na internet www.sociopoetica.com.br/Reimundis. Com vocês o Pop Star REIMUNDIS, em entrevista exclusiva para o grupo-pesquisador da sociopoética Produções.</p>	<p>astro mega pop star Reimundis foi uma criação do grupo de educadores de rua Reimundis só toma um banho por dia, faz um século que cortou os seus cabelos. Quando dorme ronca que só um porco e solta pum. Seu corpo tem as pernas menores que o corpo, não tem pescoço, parece que tem duas caras, uma em cima e outra em baixo, os olhos e o nariz são bonitos, verdes e amarelo. O seu coração já tem dono, possui uma namorada. Reimundis é filósofo, é um pós-moderno, faz amizades rápido.</p>
PERGUNTAS FEITAS AO REIMUNDIS	SELEÇÃO DAS FALAS
<p>Como você se sente fazendo parte desse grupo?</p>	<p>eu me sinto muito bem contribuindo com essa equipe. me sinto quase completo por ter sido construído por várias pessoas me sinto um pedaço aqui, um pedaço lá, mas eu acho que eu vou me completar...grupo é uma construção.</p>
<p>Como você procura trabalhar as diferenças dentro do grupo?</p>	<p>teve algumas etapas: tiveram que me construir, depois passei a fazer parte do grupo. essa é uma diferença porque cheguei e encontrei o grupo; me sinto fazendo parte do grupo me considero um filho do grupo.</p>

<p>Essa diferença não interativa, até que ponto o seu desejo interfere no desejo do grupo?</p>	<p>Quando eu faço esse desejo através de imposições, do autoritarismo. Vocês sabem que eu sei que determinado tom de voz, determinada postura minha, vai passar o meu desejo; vai ser aceito ou não, mas eu uso essa postura, essa posição para fazer passar mesmo.</p>
<p>Como transformar um desejo num projeto de vida?</p>	<p>Todo desejo só é desejo porque não é bem trabalhado e para que se torne uma realidade deve ser bem elaborado, pensado, calculado e re-pensado. Você parte de um desejo para um projeto que é feito pra cada um, não só pra mim. eu fui criado pelo desejo de várias pessoas, eu sou um projeto.</p>
<p>Como trabalhar a angústia de um desejo não realizado?</p>	<p>Buscando avaliar essa angústia: o que houve, voltar um pouquinho a fita no tempo, e eu vou poder ver que essa frustração foi por conta de um desejo que eu provoquei e que não era do grupo.</p>
<p>Como saber escolher aquele desejo que de fato é melhor para sua vida ou para a vida do grupo, uma vez que o meio social influencia os nossos atos?</p>	<p>Eu sou o resultado de vários desejos Quando falamos do grupo fica difícil deixar sobressair o nosso desejo individual, pois há sempre o desejo coletivo se sobrepondo ao individual.</p>
<p>Como você se sente sendo um personagem construído através de desejos no trabalho de todo um grupo?</p>	<p>Eu me sinto um corpo coletivo, uma pessoa mais forte pra ir atrás desses desejos, porque eu sei que não vou estar sozinho.</p>
<p>E onde você vai encontrar essas forças?</p>	<p>Em cada pedacinho de mim, tem uma energia e tem essa força.</p>
<p>Se você fosse novamente construído, o que você mudaria ou acrescentaria em si mesmo?</p>	<p>Eu sou como qualquer outra pessoa, qualquer outro ser. eu gostaria de ser construído pela mesma equipe. Aparentemente eu não sou tão bonito mas eu tenho um coração grande.</p>

<p>Qual a sua opinião sobre esse grupo?</p>	<p>É um grupo maravilhoso, participativo e bastante criativo. Eu estou muito feliz por vocês terem me dado a vida. Vocês realmente pensaram quando foram me construir.</p>
<p>Reimundis, como você trabalharia o desejo do jovem de participar dos programas se as instituições não oferecem condições para que ele se concretize?</p>	<p>Eu tentaria despertar nessa criança e nesse jovem, que se vejam como um projeto de vida, sem ter que depender de uma instituição para que ele dê certo, buscando participar dessa construção do projeto com o jovem. A elaboração de programas para esse segmento deve ser construído com base no desejo do jovem, de forma participativa e avaliativa. Se os programas, se os projetos não estão atendendo as necessidades dessas crianças e adolescentes, eu não tenho resposta para isso. Já tive a oportunidade de incentivar crianças e adolescentes a participarem de alguma atividade, entretanto quando o menino chega lá, ele demonstra vontade de ficar, mas alguma coisa não prende sua atenção. Quando chegam à Unidade, alguma coisa acontece que faz com que haja uma criação ou um retorno à revolta desses meninos. Eu até já procurei conversar com pessoas que têm mais influencia na sociedade, até o Conselho Tutelar pra saber o que acontecia nessas Unidades, porque esses meninos estavam direto vai e vem. Eu queria colocar, ouvir um pouco a fala do menino, a fala da instituição. Teve instituição que não quis ouvir a fala do menino.</p>
<p>Reimundis, como você trabalharia a sexualidade das crianças e dos adolescentes dentro do nosso contexto social?</p>	<p>Eu começaria trabalhando primeiro a minha pra depois trabalhar a sexualidade com o jovem. É preciso trabalhar as coisas mundanas em cima da linguagem do jovem, de forma pedagógica ou de forma social.</p>

Como você trabalharia a individualidade dentro de um grupo de crianças e adolescentes?	Observando a situação de cada menino, a situação de cada um, a reação física que os meninos têm dentro desse grupo. Ser um facilitador pra eles na medida em que conseguisse fazer essas mudanças; de discutir a elaboração de melhores soluções.
--	---

Categories da entrevista com o Reimundis

1 – O conceito de desejo

- Essa diferença não interativa, até que ponto o seu desejo interfere no desejo do grupo?
- Como transformar um desejo num projeto de vida?
- Como trabalhar a angústia de um desejo não realizado?
- Como saber escolher aquele desejo que de fato é melhor para sua vida ou para a vida do grupo, uma vez que o meio social influencia os nossos atos?
- Como você se sente sendo um personagem construído através de desejos no trabalho de todo um grupo?
- Quando eu faço esse desejo através de imposições, do autoritarismo.
- Vocês sabem que eu sei que determinado tom de voz, determinada postura minha, vai passar o meu desejo, vai ser aceito ou não, mas eu uso essa postura, essa posição, para fazer passar mesmo.
- Todo desejo só é desejo porque não é bem trabalhado, para que se torne uma realidade deve ser bem elaborado, pensado, calculado e re-pensado;
- Você parte de um desejo para um projeto que é feito pra cada um, não só pra mim. buscando avaliar essa angústia: o que houve, voltar um pouquinho a fita no tempo e eu vou poder ver que essa frustração foi por conta de um desejo que eu provoquei e que não era do grupo.

2- Conceito do Reimundis

Características do Reimundis

- personagem
- Se você fosse novamente construído, o que você mudaria ou acrescentaria em si mesmo?
- *Astromegapopstar* Reimundis
- foi uma criação do grupo de educadores de rua
- Reimundis só toma um banho por dia, faz um século que cortou os seus cabelos.
- Quando dorme ronca que só um porco e solta pum. Seu corpo tem as pernas menores que o corpo, não tem pescoço, parece que tem duas caras, uma em cima e outra em baixo, os olhos e o nariz são bonitos, verdes e amarelo. O seu coração já tem dono, possui uma namorada. O sexo você escolhe no final. Reimundis é filósofo, é um pós-moderno, faz amizades rápido.
- Eu sou fácil.
- Eu sou como qualquer outra pessoa, qualquer outro ser.
- eu gostaria de ser construído pela mesma equipe que me construiu.
- Aparentemente eu não sou tão bonito mas eu tenho um coração grande.

O Reimundis como uma construção

- foi uma criação do grupo de educadores de rua
- Eu fui uma construção
- eu fui criado pelo desejo de várias pessoas, eu sou um projeto.
- Eu sou o resultado de vários desejos.
- Eu me sinto um corpo coletivo
- Em cada pedacinho de mim, tem uma energia e tem essa força.

Sentimentos do Reimundis

- eu me sinto uma pessoa mais forte pra ir atrás desses desejos porque eu sei que não vou estar sozinho.
- eu me sinto um corpo coletivo
- eu me sinto quase completo
- me sinto fazendo parte do grupo
- me considero um filho do grupo.
- me sinto muito bem contribuindo com essa equipe
- me sinto um pedaço aqui, um pedaço lá
- Eu estou muito feliz por vocês terem me dado a vida

3- Conceito de grupo

- Como você se sente fazendo parte desse grupo?
- Como você procura trabalhar as diferenças dentro do grupo?
- E onde você vai encontrar essas forças?
- Qual a sua opinião sobre esse grupo?
- eu me sinto muito bem contribuindo com essa equipe
- me sinto um pedaço aqui, um pedaço lá, mas eu acho que eu vou me completar, grupo é isso
- teve algumas etapas: tiveram que me construir, depois passei a fazer parte do grupo
- essa é uma diferença porque cheguei e encontrei o grupo
- Quando falamos do grupo fica difícil deixar sobressair o nosso desejo individual, pois há sempre o desejo coletivo se sobrepondo ao individual
- é um grupo maravilhoso, participativo e bastante criativo. Eu estou muito feliz por vocês terem me dado a vida.
- vocês realmente pensaram quando foram me construir

4- Pedagogia dos educadores de rua

Abordagens diferentes do educador com os jovens

- eu tentaria despertar nessa criança e nesse jovem que se vejam como um projeto de vida, sem ter que depender de uma instituição pra que ele dê certo; buscando participar dessa construção do projeto com o jovem.
- a elaboração de programas para esse segmento deve ser construído com base no desejo do jovem, de forma participativa e avaliativa
- É preciso trabalhar as coisas mundanas em cima da linguagem do jovem de forma pedagógica ou de forma social.
- Como você trabalharia a sexualidade das crianças e dos adolescentes dentro do nosso contexto social?
- Eu começaria trabalhando primeiro a minha para depois trabalhar a sexualidade com o jovem.

Como (método) trabalham a individualidade dentro do grupo de crianças e adolescentes?

- observando a situação de cada menino, a história de cada um, a reação física que os meninos têm, dentro desse grupo.
- ser um facilitador pra eles, na medida em que conseguisse fazer essas mudanças, de discutir a elaboração de melhores soluções.

O trabalho do educador com o desejo do jovem e a relação com os programas de atendimento.

- como trabalharia o desejo do jovem de participar dos programas se as instituições não oferecem condições para que ele se concretize?
- se os programas, se os projetos não estão atendendo às necessidades dessas crianças e adolescentes, eu não tenho resposta pra isso
- já tive oportunidade de incentivar crianças e adolescentes a participarem de alguma atividade, entretanto, quando o menino chega lá, ele demonstra vontade de ficar mas alguma coisa lá não prende sua atenção
- quando chegam à Unidade, alguma coisa acontece que faz com que haja uma criação ou um retorno à revolta desses meninos.
- Eu até já procurei conversar com pessoas que têm mais influência na sociedade, até o Conselho Tutelar, pra saber o que acontecia nessas Unidades, porque esses meninos estavam direto vai e vem.
- Eu queria colocar, ouvir um pouco a fala do menino, a fala da instituição.
- Teve instituição que não quis ouvir a fala do menino.

Momento Transversal

O corpo do educador de rua - o engonço coletivo (a história continua...)

A noite chega, ventos uivam, a velha canta. Ergue seu braços sobre o engonço, e é aí que o corpo se enche de fluxos e de intensidades. A velha canta um pouco mais, e uma proporção da criatura ganha vida, começa a respirar, se movimenta e ganha nome. Reimundis, eis o nome.

A velha ainda canta com intensidade e o chão da sala estremece. Enquanto canta, o corpo abre os olhos, dá um salto e sai andando. Em um ponto do movimento quer pela velocidade, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar, sobre o seu flanco, Reimundis ri, livre. Neste dia, ganha vestes originais. Artífices criam camisa em *patchwork* – remendos de vários papéis coloridos – com abertura na frente de modo que pode a qualquer momento deixar à mostra o seu coração.

Tudo nele excede. Numa sucessão rápida e cambiante de cores, o rosto de Reimundis é

intrigante: na sua montagem, as três cabeças são utilizadas e se tornam uma cabeça-caleidoscópio, onde, a cada piscada de olhos, se vê duas caras: uma em cima e outra em baixo; os olhos e nariz bonitos, verde e amarelo; não têm pescoço e o rosto branquicento, com cabelos para cima, possui um topete colorido, um devir-crina de cavalo.

Suas pernas, pés coloridos, braços e mãos marcantes, possuem formas maquinadas: suas pernas são menores que o corpo – junções de três outras, uma das quais se tornou enchimento de outra; seus pés são de cores diferentes, e um deles possui cores diferenciadas como se fossem platôs. Uma das mãos possui os dedos invertidos dando um ar surrealista à peça.

Reimundis – uma mistura de vários desejos – um personagem, um grande *astromegapopstar* mas que, em contrapartida, pode perfeitamente ser como qualquer outra pessoa, pois possui muitas peculiaridades: só toma um banho por dia, faz um século que cortou os cabelos e quando dorme ronca que só um porco e solta pum. O seu coração já tem dono, possui uma namorada. Pasmem, ele é filósofo, é um pós-moderno e faz amizades rápido. Ele diz: – *Eu sou muito fácil, minha filha!* Portanto, se você estiver interessado neste astro, acesse o seu site na internet www.sociopoetica.com.br/Reimundis.

O vento sopra o espírito da vida. Entra na sala onde os corpos esperam e se preparam para se tornarem repórteres por um dia. Em transe a fim de permitir que a voz se pronuncie, cantam e dançam tentando inventar uma trilha. Reimundis é o entrevistado. Ninguém sabe como começar e como vai terminar... Nisso reside pelo menos a metade da magia orvalhada daquele momento.

Luzes, gravadores, filmadora. Tudo pronto. Paulatinamente corpos-repórteres aproximam-se de Reimundis que se encontra encostado numa cadeira, parecendo estar à vontade. Com glamour e auto-estima elevada, responde que se fosse construído novamente gostaria de ser pela mesma equipe que lhe construiu porque mesmo não sendo tão bonito tem um coração grande. Mudar e não mudar, eis o pensamento.

Em meio a muitas perguntas, Reimundis–confeto diz que foi uma criação proveniente dos desejos dos educadores de rua. Por isso se sente um corpo coletivo, resultado de

vários desejos, de modo que cada pedacinho seu tem uma força, uma energia. Ele é unidade na diversidade.

Filósofo pós-moderno, de expressões fáceis, ao responder à entrevista produz conceitos para os desejos do grupo. Um conceito de desejo tem a ver com a diferença não interativa, e diz respeito ao momento em que um desejo interfere no desejo do grupo através de imposições e de autoritarismo. Essa diferença não interage porque usa posição, tom de voz, postura para fazer passar seus desejos, independente de ser aceito ou não. Este conceito de diferença não interativa diverge dos desejos frustrados que não se realizam porque ao ser provocado pelo educador o grupo não aceita. São conceitos divergentes. Um faz passar seu desejo, independente da vontade dos outros; o outro só vai perceber que seu desejo não foi aceito depois, quando avalia e vê o que aconteceu.

Há ainda a produção de uma idéia que diz que há desejos que partem de um desejo individual e são aceitos pelo grupo, e que se é bem elaborado, calculado e re-pensado, transforma-se num projeto de vida. Esse pensamento diverge da concepção de desejo frustrado, que parte de uma vontade individual mas não se torna coletivo. Há também desejos hierárquicos, considerados uns melhores que outros, exatamente aqueles que são influenciados pelo meio social. Estes divergem daqueles desejos que se constroem coletivamente, num trabalho em grupo, como foi a construção do corpo coletivo.

Cada vez mais envolvido com a entrevista, Reimundis cria conceitos de grupo. Um dos conceitos há uma convergência entre a idéia de diferença não interativa do desejo impositivo com a idéia de que *em grupo fica difícil deixar sobressair o desejo individual, pois há sempre o desejo coletivo se sobrepondo ao individual*. Outra idéia de grupo é a de que ele chegou e encontrou o grupo que lhe construiu, assim como alguém que veio de fora para colaborar com o trabalho. Essa concepção diverge da que diz que grupo é a realização de várias partes, de vários desejos, um pedaço aqui e um pedaço lá, assim como quando se trabalha com os defeitos e as aptidões das pessoas.

A porta se abre. Como uma rajada de vento os corpos-repórteres proliferam. Novas perguntas são formuladas. Novas idéias germinam, dessa vez sobre o trabalho educativo pelas ruas de Teresina. Uma das perguntas centrais dessa discussão é sobre a abordagem que ele usa: como trabalhar com as crianças e jovens em situação de rua. Reimundis, atento, responde. Ele possui pontos de vista divergentes sobre isso. De um lado, a idéia

que prevalece é a de que o trabalho realizado com as crianças e os jovens, deve fazer com que despertem e *se vejam como um projeto de vida, sem ter que depender de uma instituição* para que dêem certo. Nesse sentido, deve-se buscar participar da construção do projeto de vida com o jovem. Por outro lado, Reimundis traz a concepção de que é preciso trabalhar as coisas mundanas em cima da linguagem do jovem – cria-se, então, um saber sobre o jovem e assim pode-se chegar até ele. Trabalhar em cima da linguagem do jovem ou trabalhar com o jovem? Eis a questão.

O rebuliço na sala é grande. Holofotes e microfones a postos, os corpos-repórteres não param. Estão muito eufóricos, tudo é muito interessante. A Reimundis é cogitado mais respostas sobre sua atuação como educador de rua. Dessa vez a pergunta é sobre como trabalhar a individualidade entre as crianças e os adolescentes em situação de rua. Prontamente diz: *observando a situação de cada menino, a história de cada um, a reação física que os meninos têm*, dentro do grupo. E complementa sua idéia dizendo que é preciso *ser um facilitador para eles, na medida em que conseguisse fazer (...) mudanças, de discutir a elaboração de melhores soluções*.

As coisas esquentam. De repente, um dos corpos-repórteres não agüenta mais. Apressado, quer saber sobre o trabalho com o desejo do jovem e a relação com os programas de atendimento. Polêmica, a questão deixa todos eufóricos. Ao mesmo tempo, todos falam. Reimundis agita-se. São muitas as idéias. Ele se pronuncia, pergunta para si mesmo e responde: – *Como trabalhar o desejo do jovem de participar dos programas se as instituições não oferecem condições para que ele se concretize?* Se os programas não respondem às necessidades dessas crianças e jovens eu não tenho respostas.

Esta questão reverbera nos corpos. Reimundis se manifesta e diz que já teve oportunidade de incentivar as crianças e os jovens a participarem de alguma atividade, mas quando eles chegam nas unidades de atendimento, alguma coisa acontece que faz com que haja a criação ou o retorno à revolta desses meninos. Ele completa essa idéia dizendo que já procurou conversar com pessoas e entidades como o Conselho Tutelar, para saber o que acontecia com esse atendimento, pois os meninos estavam, direto, no vai-e-vem. Enfim, Reimundis gostaria de poder falar, de poder ouvir a fala do menino e a fala das entidades. Em oposição a isso, ele pensa que houve entidades que não

quiseram ouvir a fala do menino, idéia complementar a de desejo impositivo – aquele que não interage porque impõe seu desejo sem ouvir os desejos dos outros.

A entrevista está chegando ao fim. Reimundis se sente gratificado e feliz por lhe terem dado a vida, especialmente porque, para ele, o grupo de repórteres é maravilhoso, participativo e bastante criativo. Reimundis, criação dos desejos na convivência dos corpos nas oficinas, conclui a entrevista, expressando seus sentimentos: *eu me sinto uma pessoa mais forte pra ir atrás desses desejos, porque eu sei que não vou estar sozinho; me sinto um pedaço aqui, um pedaço lá; eu me sinto quase completo; me sinto parte e um filho do grupo.*

Todos se despedem. Reimundis ri, sai andando em busca de outros lugares. É por isso que dizem por aí que se você estiver perambulando pelas ruas da cidade de Teresina, por volta do pôr do sol, e quem sabe esteja um pouco perdido, cansado e sozinho, sem dúvida você tem sorte, porque Reimundis pode simpatizar com você e lhe ensinar algo – algo da vida!

Resultado da contra-análise

Os co-pesquisadores, na contra-análise da entrevista, iniciaram a discussão pelo conceito de **diferença não interativa**. Disseram que essa diferença *acontece quando vem algo de cima pra baixo*. Refletem: *Engraçado, eles já sabem o que se tem que fazer, mas colocam para o grupo, por colocar, só para dizer que são democratas... Aí, o pessoal começa a falar, a dar sugestões mas na verdade eles já têm tudo prontinho.*

Outro ponto discutido foi sobre a convergência que há entre o conceito de diferença não interativa e o desejo coletivo que sempre se sobrepõe ao individual. Eu perguntei: – *Por que a gente tem que calar o nosso desejo individual diante dos outros?* Responderam pensando, ainda, no problema anterior:

Eu acho que nós estamos mais maduros pra essas coisas [imposições] (...) muitas vezes a coisa já vem pronta e acabada, é só um repasse, mas o grupo, unificado, consegue derrubar aquilo, modificar, adiantar e até mesmo cancelar. Tem alguns eventos que a gente vê que não dá certo e a gente dá a nossa opinião. Agora, nós temos argumentos mais convincentes, e o que vale são os argumentos e não quem fala mais alto.

Um outro co-pesquisadora pondera:

– O que está acontecendo agora? (...) A gente pára e argumenta (...) se nós somos um serviço, nós somos importantes para esse trabalho, então, porque a gente só vai fazer o que eles querem? Acho que a gente está bem unido pra tomar decisões e isso está sendo muito bom, hoje.

Outro ponto importante, identificado, diz respeito à institucionalização dos meninos com os quais trabalham. Segundo os co-pesquisadores, para que isso não aconteça o educador deve levar a criança ou o jovem a se verem como um projeto de vida sem ter que depender de nenhuma entidade para dar certo. Falam:

– “A gente vive mandando o menino de uma Unidade a outra, mas o educador gostaria de encontrar uma saída, sem precisar delas, como já aconteceu com meninos que conseguiram sair daquela situação sem encaminhamentos pra Unidades. Na praça Saraiva, por exemplo, tem muitos meninos que usavam drogas. A gente conversava com eles mas nunca se fez encaminhamentos. Outro dia, encontrei dois deles, casados, trabalhando em comércios. O Ricardo, por exemplo, nunca foi encaminhado e ele tinha necessidade. Ele fez o curso de panificação, não se tornou padeiro, mas isso abriu caminhos pra ele vislumbrar outras coisas, pra vida dele, que não fosse a rua. Outros, entretanto, foram (...) institucionalizados, e voltaram pra rua. Não conseguiu vislumbrar um projeto de vida. A gente confiou no trabalho da Unidade mas o menino ficou bitolado naquilo ali, de tal modo, que só sabe aquilo ali; só sabe andar se for ali dentro, se jogarem ele fora, ele não sabe viver. Lá dentro, ele fazia shows, conhecia pessoas importantes, iam a lugares bonitos, mas só dentro da Unidade. Fora dela, nada conseguiu sozinho. A Unidade não trabalhou o menino pra ele conseguir algo, sozinho. Eu comparo os meninos que voltam para a Unidade com presidiários, porque (...) quando saem, ficam desnorreados, e se não voltam pra mesma coisa, voltam pra uma coisa pior (...) não conseguem ver outra saída. Assim, se a Unidade não der jeito, quando estão lá dentro, aqui fora ele não tem como se encaminhar sozinho (...) Então, alguns meninos que saíram, se perderam na vida. Houve caso de menino que se enforcou porque não via outra saída.

Um dos co-pesquisadores retruca:

Na educação de rua, o que é que a gente faz? A gente desenvolve todo um processo educativo com os meninos de rua, e vai descobrindo os desejos deles, fazendo os possíveis encaminhamentos para essas instituições. Elas possuem suporte, o que é importantíssimo pra o trabalho. O fato é que os meninos possuem um prazo pra permanecerem nas Unidades. Depois do desligamento não há continuidade no atendimento; ele não é encaminhado pra nenhum

outro local pra dar seqüência ao processo de reabilitação. Assim, ele retorna para a situação em que vivia antes, de ociosidade, de pobreza extrema, em uma família desestruturada.

Os educadores refletem sobre a idéia de que eles devem ser um facilitador para os meninos. Dizem:

Com essas mudanças ficou muito confuso o papel do educador (...) que passou a ser só visitador, depois animador e depois encaminhador, aí acabou o facilitador. O que está acontecendo é que o TRT só quer saber de retirar o menino da rua. Ele não quer saber como é feito o trabalho educativo (...) eles querem que retirem o menino do espaço da rua. A gente sabe trabalhar é com o diálogo, com o convencimento, e o TRT quer mesmo o imediatismo, retirada radical e muitas vezes (...) coloca o educador em situação difícil.

Sobre a maneira como o educador trabalha com o desejo do jovem, inclusive, incentivando alguns deles a participar de alguma atividade, eles comentam que

às vezes o menino vai pra Unidade imaginando algo bem maior e diferente. Quando chega lá, não tem nada, não tem atividade, nem algo criativo, só tem televisão e eles se decepcionam, saem e voltam para as ruas. Os co-pesquisadores fazem, também, um paralelo: Na educação de rua, quando fazemos os nossos passeios, o educador está, ali, todo tempo, dando atenção para o menino, e ele cria uma imagem de que na Unidade vai ser melhor do que na rua. Chega lá, não é... tem apenas um professor que faz a mesma atividade e nem se preocupa se o menino gosta ou não gosta. Nós, ao contrário, quando vamos fazer um futebol, tem menino que só vai pra olhar; ele só quer estar junto dos outros e do educador, essa era a forma dele participar e nós aceitamos, o respeitamos.

Terceira técnica: As Histórias Bricoladas

Iniciei a análise pelas imagens. Coloquei todas os painéis no chão e, de um modo geral, olhei-os, procurando sentir cada um em sua composição, e como estas chegavam em mim, intuindo e viajando pelas imagens com a minha imaginação, procurando experimentá-las como se fosse eu que as tivesse elaborado. Em seguida, coloco em um texto a produção dos sentidos em relação ao tema O desejo na convivência desse grupo.

Descrição do conteúdo dos painéis

Esperança Fig. 35



Carros, bicicletas e pessoas atravessando uma rua no sentido transversal. As pessoas são: um homem de farda, outro de bicicleta, mulheres negras, gritando, e uma mulher negra carregando baldes. Nuvens, sol e borboletas voando. Um picolé. As palavras: prazer, felicidade e magia.

Maria Fig. 36



O título: Sonho de Criança. Duas crianças louras, felizes e sonhadoras. Contos de fadas e Papai Noel. Uma jovem senhora sorridente, com interrogações na cabeça e a palavra surpresas. Um retrato antigo de uma mãe segurando um bebê.

JC Fig. 37



Criança comendo iogurte com ar de quem está fazendo travessura. Brinquedos. Homens atléticos, sendo que um, está no limite das suas forças, exausto. Alguém sendo socorrido com massagens. Uma imagem com dois homens e dois jovens posando. Um bilhete com mensagem. Desenhos de um eclipse, um picolé e uma estrela com asa. As palavras: vida, amor, companheirismo, ação, cumplicidade e prazer

Força Fig. 38



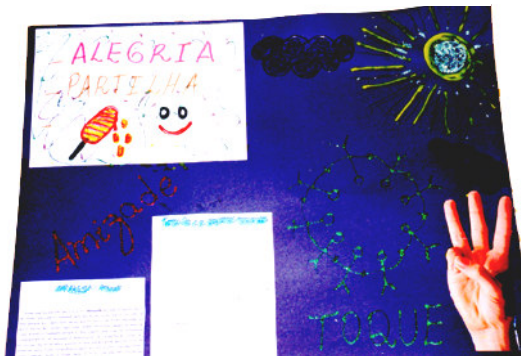
Criança ruiva chorando e a palavra vida. Crianças e adolescentes negros, alegres, felizes e brincantes e a palavra realização. Um grupo de mulheres brincando com um padre sério e constrangido no meio da roda e a palavra união. Mãe segurando o filho e a palavra ser mãe. O MST em passeata e a palavra luta. Meninas brincando de fazer comida na cozinha e a palavra descontração. Família com avós, filhos e netos posando para foto e a palavra família. O símbolo da justiça não equilibrado.

Vida Fig. 39



Mãe com filho. Maria segurando Cristo. Casal de namorados. Uma família com pai, mãe e filhos. Uma idosa. Uma cena com pessoas atendendo uma doente. Uma cruz. Crianças ou adolescentes se aproximando da lixeira. As palavras: felicidade, amor, vida e paixão.

Amizade Fig. 41



Crianças impessoais em roda. Uma mão contando. Um picolé derretendo. Uma espécie de máscara sorrindo. Sol e nuvens. As palavras: alegria, partilha e toque.

Brisa Fig. 43



Uma multidão em festa, na rua, com fogos de artifícios. Uma festa em um restaurante. Pessoas dançando. Um alpinista escalando uma montanha. Noite com lua e estrelas. Pássaros voando. A palavra liberdade.

Beto Fig. 40



Compartimentos com as seguintes palavras destacadas: sorrir, amor, o meu nome, pseudônimo, tempo, força, descobrir, abraçar, esperança. Um picolé. Uma flor, uma árvore, uma estrela, uma lua e um arco-íris.

Luz Fig. 42



Mão fechada e amarrada com linha. Nuvens no alto e o sol. Um rapaz sorrindo. Um picolé. Uma máscara segurada por mãos. Estátua com três mulheres abraçadas. As palavras: felicidade, luz e força.

Os desejos na convivência dos co-pesquisadores são de felicidade, e isto está ligado à alegria, ao lúdico, à dança, à festa, à liberdade e à leveza. Festas e danças em roda que ligam mulheres, crianças de todas as classes e cores. Assim é que os desafios e as dúvidas são vividos com participação, seja em movimentos espontâneos, como uma brincadeira de criança, ou mesmo organizados, como a luta pela terra do Movimento do Sem Terra - MST.

Outro desejo na convivência deste grupo está no cuidar. Cuidar da família, dos filhos, das crianças, das mulheres, dos doentes e dos velhos. Cuidar do corpo, alimentá-lo com coisas nutritivas capazes de trazer saúde e de guardar memórias. O cuidar, também, que se aproxima do sacrifício das madonas com seus filhos. São, portanto, muitas mães: mãe com filhos, avós em família, Maria com Cristo, retrato de mãe com seu filho. Desejos de cuidar? Desejos maternais?

A transgressão, a desconstrução e o desequilíbrio trazem a vertigem aos desejos de convivência do grupo como as mulheres que brincam de roda em volta do padre com expressão de estranhamento, ou do grupo de crianças que brinca de fazer comidinhas na cozinha ou, ainda, a criança que se mela ao comer. É bom brincar, se sujar, botar a mão na massa sem medo do que os outros vão dizer, como as crianças que vão à lixeira em busca do que precisam. São, portanto, os desejos transgressores que abrem caminhos, mesmos labirínticos, a fim de construir novos desejos de convivência do grupo. Assim é que o grupo vai criando novos desejos que escapam às potências hierarquizantes, convívios instituintes que falam através dos vários desejos de participação que os tornam capazes de se misturar.

Mas, há também situações claro-escuro na convivência desse grupo. O eclipse – desejos de misturar o dia com a noite – os educadores com os jovens de rua? A estrela com uma asa é uma situação difícil de ser pensada, um devaneio. O que estas coisas significam? Desejos de convivência cheios de imaginação, capazes de inventar ligações inusitadas - encontro entre natureza, coisas e/ou pessoas que são diferentes? Um desejo estrela com asa, que permite imaginar, brilhar, voar e chegar aos lugares desejados?

Resultado da contra-análise

Na contra-análise, o grupo confirmou os conceitos produzidos e acrescentou

algumas reflexões sobre os desejos maternais e os desejos transgressores.

Para os desejos maternais, houve uma discussão sobre os efeitos do vínculo entre o educador e o educando. Algumas educadoras salientaram que esses desejos maternais existem, porque a maioria é mulher *e o menino se apega (...) e chama a educadora de mãe e, ao mesmo tempo, a gente se apega, e vem esse sentimento (...) de proteger, de cuidar, de querer ajudar (...) até mesmo substituir aquela mãe que espanca, que maltrata, e a gente quer que aquele menino veja em nós proteção. Então, esse desejo, às vezes é do menino e às vezes é do educador. Segundo um co-pesquisador, a SEMCAD identifica esse desejo de “criar vínculos” com paternalismo, com “passar a mão na cabeça do menino”. Mas nós nunca fomos educadores de passar a mão na cabeça do menino. Um outro educador problematiza: Mas esses desejos se opõem mesmo ao paternalismo sugerido pela instituição? Ninguém responde.*

Quanto aos desejos transgressores, os co-pesquisadores associaram à vontade de desconstruir as hierarquias. Nesses sentido, disseram: *Acho que a gente tem vontade de fazer o mesmo que esses meninos fazem, mas por causa das normas não temos coragem de quebrá-las. Então, freqüentemente sentimos vontade de ser como aquele menino. Além disso,*

muitas vezes, o que a SEMCAD chama de transgressão do menino, para nós educadores, é só a vontade de chamar atenção (...) a SEMCAD coloca isso como uma coisa fechada mas o menino faz uma coisa, que a nosso ver, não é transgressão, mas ela cobra demais desse menino (...) Além do mais, se atribui ações ao menino, que ele não fez, e, ainda por cima, muitas vezes só porque o menino foi encaminhado pela educação de rua, já era taxado de menino de rua. Aí, qualquer coisinha que ele fazia já se cortava o menino sem nenhuma conversa, sem nada . Transgredia-se a lei e jogava-se a culpa no menino.

Para finalizar, concluem:

Não esperam o tempo do menino, porque se ele tinha uma certa liberdade na rua (...) quando chega numa instituição fechada, onde ele tinha que seguir normas, ele tinha que ter um tempo pra se adaptar àquelas normas, mas não se dá esse tempo pra eles. Segundo a instituição ele não conseguiu se adaptar – ‘não tem jeito, não quer nada com a vida’. Entretanto, era necessário esperar o tempo dele, pois uma pessoa que passa a vida inteira nas ruas, se drogando, se prostituindo, chega num local desse, tinha que ter um tempo para a adaptação... então, está faltando muita preparação das pessoas que

vão trabalhar com este público.

Análise classificatória

Selecionei as palavras e as frases que têm a ver com o pensamento do grupo em relação ao tema ou a temas que o atravessassem. Em seguida, fui em busca das categorias-chave (algumas apresentam sub-categorias) que perpassavam este pensamento, para, no momento transversal, procurar as possíveis convergências, divergências, oposições e ambigüidade entre elas.

Quadro III: As Histórias Bricoladas

Co-pesquisador	A História Bricolada	Seleção das falas
Esperança	<p>O meu cartaz está representando aqui a história do Tempo Rei, certo? Quando eu costumo, quando eu faço leituras, principalmente quando eu tô lendo mesmo, eu costumo viajar, certo? Eu visualizo toda aquela história como se eu fizesse parte da história. Então, quando a Shara estava fazendo a leitura, eu estava viajando, imaginando aqueles dançarinos naquela rua, e a minha rua é uma rua calçada. Tentei de todas as maneiras imaginar uma rua asfaltada, mas não consegui, certo? Eu só via uma rua asfaltada com aqueles... é... calçada, desculpe, com aqueles bailarinos chegando, aquela luz lá no final do túnel. Então, quando eles começaram a pegar o picolé, eu imaginei o prazer que eles estavam tendo com aquele picolé, com aquele contato com o colega; a felicidade que eles estavam tendo naquela partilha, quando eles estavam compartilhando aquele picolé, certo? E aqui eu representei o final da história, quando ele disse assim: e a noite se esvai, o movimento se irrompe, a madrugada, e o que foi que aconteceu depois quando o dia chegou, certo? Aí, nessa rua, começaram os atores sociais: a rua se movimentou. Aqui eu representei um carro, pessoas transitando na rua, andando de bicicleta, certo? As borboletas que começam o dia, elas começam a se movimentar pois à noite não temos oportunidade de vê-las. Aqui o sol já estava começando a sair. Então, o movimento de uma rua, a diferença que tem durante o dia e a noite, quando estavam só eles, aquela dança, naquele movimento. Então, aqui, durante o dia, quando começa esse movimento na rua quebra a magia. Aquela magia que estava tendo, a noite, que era só deles, aquele espaço só deles. Então, quebrou essa magia. Então,</p>	<p>Uma rua calçada x uma rua asfaltada. Luz lá no final do túnel Eu imaginei o prazer que eles estavam tendo com aquele picolé, com aquele contato com o colega. A felicidade naquela partilha. A rua se movimentou. As borboletas que começam o dia, elas começam a se movimentar, pois à noite não temos oportunidade de vê-las. Então, aqui, durante o dia quando começa esse movimento na rua, quebra a magia.</p>

esse, aqui, o meu cartaz está representando a quebra da magia, daquela magia que eles estavam tendo à noite.

Maria

(Risos) Bom, gente... eu coloquei até um título aqui.... Sonho de Criança... porque, prá mim, no Tempo-Rei eles estavam assim... Eu coloquei num papel, que eu não preguei aqui, a questão da liberdade, da alegria. E criança, ela é isso: é liberdade, é alegria, sem se preocupar com os pais, sem se policiar. E eu os vi assim: essas máscaras, eu acho que era até, como se pra eles se soltarem e viverem assim, como criança mesmo, sem se preocupar com nada. Tiveram que colocar essa máscara para fugir um pouco dessa realidade, dessa vida. Como o cartaz da Esperança colocou, bem ali está a quebra dessa magia; essa vida toda cheia de loucuras mesmo. Então, a criança como eu coloquei aqui e os sonhos dela. E quando a gente cresce é que a gente é cheio de surpresas, de interrogações na vida da gente; coisas que a gente não pode prever que acontecerá com a gente.

Sonho de criança. A questão da liberdade, da alegria, sem se preocupar com os pais, sem se policiar. Para se soltarem tiveram que colocar essa máscara para fugir um pouco dessa realidade. Quebra dessa magia; essa vida toda cheia de loucuras. E quando a gente cresce é cheio de surpresas, de interrogações na vida da gente.

JC

No meu cartaz, eu representei, dentro daquilo que foi possível, a questão dos dançarinos mascarados e a alegria, a cumplicidade, a ação e o prazer que eles tiveram. A cumplicidade esfregando o picolé do outro e aquele prazer de sentir o seu corpo melado, as mãos meladas com a gosma que era o picolé e... e a alegria que eles tinham naquele momento. E no cartaz, representei também, já por outro lado, o sofrimento, a angústia e a superação, já vindo, oriunda da minha história, da minha história de vida é... conciliando as duas histórias, trazendo a alegria, a vida e uma frase que achei muito interessante prá fechar... fazer o fechamento de tudo que é: “A confiança é acreditar no que é dito mesmo sem entender uma palavra”. Então, meu cartaz traz isso tudo, esse conjunto: do prazer, da cumplicidade, da ação, e, sobretudo da vida e do amor.

A alegria, a cumplicidade, a ação e o prazer que eles tiveram. O sofrimento, a angústia e a superação já vindo da minha história. O fechamento de tudo que é: “A confiança é acreditar no que é dito mesmo sem entender uma palavra.”

Força

Eu coloquei, aqui, na minha história... eu tentei conciliar a minha história com a história do Tempo-Rei e os dançarinos mascarados. Fiz uma coisa muito legal, que foi através das minhas figuras. Eu consegui retratar, direitinho, qualquer um que me conhece vai conseguir entender. Então,

Coloquei uma criança representando a vida, porque a criança ri, a criança chora,

eu vou colocar assim... porque que eu coloquei? Eu coloquei uma criança né? representando a vida, porque a criança ri, a criança chora, tudo inocentemente, né? Aí coloquei também uma mãe com um bebezinho, coloquei a união, descontração como trata na questão Tempo-Rei. Coloquei crianças, aqui, representando realização. Porque que eu trago prá cá? Eu trago, principalmente, por conta do meu trabalho, porque na história de Tempo-Rei ele fala, como a Amizade já representou, por exemplo, os meninos. Eles têm aquela coisa de descontração e que o educador também mergulha nisso. Para eles é como se fossem aquele picolé. Às vezes é um bola, às vezes é uma história que eles contam, que eles mergulham naquela história que o educador conta prá eles, que você mergulha, que eles se lambuzam, que eles rolam, que eles deitam na grama, eles deitam no banco. O educador, também, às vezes fica tão à vontade que isso passa pro menino, prá que o menino fique à vontade, entendeu? Eu fiz aqui umas palavras, eu rimei umas palavras prá tentar conciliar com o que eu entendi da minha história de vida com a história do Tempo-Rei. Coloquei assim:

Ação/Reação/Emoção/Descontração
Liberdade/Libertação
Ser Humano/Inquietação.

Certo? Então, é isso! Coloquei no final um movimento representando Luta, que acho que é uma caminhada que a gente tem, então, particularmente, que eu tenho. É isso.

Vida

Meu cartaz, eu tentei mostrar, é um pouco da minha realidade de vida, da minha história de vida, mostrando o que sou eu realmente, né? Inclusive tentei demonstrar como se fosse uma pessoa, eu-vida. Logo de início eu coloquei a felicidade porque é... é algo central que a gente... que eu desejo prá minha vida, sempre, é a felicidade, né?. E... de início, também, eu coloquei uma mãe com uma criança simbolizando o meu nascimento né? Depois, é... coloquei uma figura de Cristo que também é uma pessoa muito forte na minha vida, e que muito cedo eu passei a conhecê-la através dos meus pais, através de grupos de jovens, através de freiras da minha paróquia. Em seguida, eu coloquei também a questão da medicina: uma pessoa doente com outras pessoas cuidando que representa também o meu trabalho com pessoas enfermas. Retratei, também, uma moça com um rapaz, como se eles tivessem namorando, como se tivessem uma paixão, né?, uma felicidade entre eles, que também representa minha vida hoje, né? Também, tentei representar como se fosse uma família, essa

tudo inocentemente.
União.
Realização.
O educador, também, mergulha nisso como se fosse aquele picolé.
O educador, também, às vezes ele fica tão à vontade que isso passa pro menino.
Ação/reação/emoção/descontração/
liberdade/libertação/
a-ção/ser humano/inquietação.
Um movimento representando uma luta que é uma caminhada.

Eu-vida.
Felicidade é algo central.
O meu nascimento.
Cristo é uma pessoa muito forte na minha vida.
Cuidando.
Paixão.
A família dos meninos.
O educador, a educadora e os meninos.
Minha família na minha casa.
Minha vó.
Então tudo isso forma o meu corpo, os

família também representa a família que eu trabalho, a família dos meninos que eu trabalho, né?, que pode ser o educador, a educadora e os meninos que a gente trabalha, que não são só esses sorrisos, só essa alegria, mas a gente também tem muitos momentos difíceis, né? Tentei retratar minha família, na minha casa, e também a família dos meninos com quem eu trabalho no espaço da rua. E recortei também uma foto de uma senhora, e logo em seguida uma cruz que simboliza minha vó, que também é uma coisa muita recente, uma coisa que tá ainda muito forte dentro de mim, né? E a minha própria história de vida, porque eu consegui expressar. E o que a Shara repassou prá mim do que eu consegui expressar. Então, tudo isso forma o meu corpo. Tem os braços também que ficam por fora, mas que mesmo estando por fora eles estão ligados a mim, que sou essa vida. E coloquei também: “aproveite cada minuto como se fosse o único”, levando também prá história que a gente leu, né? que eles ficaram muito felizes pelo picolé, ficaram como se fosse o extremo de tudo prá eles, né? E trazendo também prá minha vida pois eu sempre procuro aproveitar tudo que eu faço. Eu procuro aproveitar, realmente. Se eu tenho amizade, eu procuro cada vez mais cativar aquela amizade, e tudo que eu faço na minha vida eu procuro fazer realmente com muito prazer, com muito gosto e essa é minha história. No próprio cartaz, ali na felicidade, né?, tem o lixo que é onde os meninos foram procurar o copo. Isso me trouxe à mente, porque as crianças e os adolescentes com quem a gente trabalha, eles têm essa liberdade de procurar até mesmo lá no lixo, enfim, procurar o que vai satisfazê-los, eles não querem nem saber, eles vão atrás mesmo, né? Se eles se sentirem bem, se eles gostarem do que tem ali dentro, não importa se é lixo, ou se é o que for, eles vão atrás dos objetivos deles. Essas pessoas representam os meninos, essa felicidade. Eu fiz questão de fazer o chão, de representar o chão, porque eles estão em terra firme, eles estão... homem e mulher, menino, menina, eles estão em um só grupo. E no cartaz maior, também, entre um recorte e outro, eu coloquei paixão, desenhei coração, estrela, a própria vida, o próprio amor, porque prá mim a vida é assim... ela tem alegrias, ela tem tristezas, ela tem felicidade, ela tem decepção, tudo isso. Eu acho que eu consegui retratar um pouco, levando como eixo minha própria história que eu, anteriormente, já havia falado.

braços que ficam por fora, mas estão ligados a mim. “aproveite cada minuto como se fosse o único” eles tem essa liberdade de procurar até mesmo lá no lixo o que vai satisfazê-los, não importa se é lixo, ou se é o que for. Felicidade, terra firme, está em um só grupo. A vida tem alegrias, tem tristezas, ela tem felicidade, ela tem decepção.

Beto

Para mim, de acordo com o que foi colocado... No início, eu coloquei sorrir, amar e viver. Logo no princípio eu coloco a existência de um nome, o

A existência da força, do braço, de um

meu nome. De um pseudônimo. Que esse nome como eu já falei, é a questão de uma história que me faz bem e que me faz viver mais, dentro da nossa própria vida, da existência da força, do braço, da existência de um caminhar, de um lutar. Essa força que nos faz, inclusive, abraçar nos momentos de alegrias, de tristezas, porque todo abraço tem todo um significado, e, isso eu gosto de fazer, abraçar. E nesse abraço que mostra essa força, esse calor, tento transmitir a esperança, e essa esperança que foi colocada por muitos aqui, que tem um significado muito bonito e que é conquistada com o tempo. Esse próprio tempo, para adquirir essa esperança juntamente com a força, o abraçar tentando descobrir algo, e nessa descoberta descobriremos a nossa existência e descobriremos a simplicidade da lua, das estrelas, do picolé, da árvore, de uma rosa e de uma flor. Isso o que eu queria colocar, que eu entendi.

Amizade

Eu fiz meu cartaz, (Risos) a questão aqui do Tempo-Rei, né? Eu relatei essa história com os meninos. Às vezes, eu e a minha parceira, a Força, a gente fica na praça, e de vez em quando a gente menos percebe... (eu entrei aqui nessa história e voltei lá na praça). A gente fica, às vezes, e passa o picolezeiro, às vezes a gente oferece um picolé, às vezes são os meninos que oferecem pra gente, às vezes a gente fica... a gente fica nessa... nessa brincadeira lá na praça. E a questão também, aqui, está muito relacionada à parte do corpo que eu escolhi, né?, que foi a mão. Aqui, nessa história do Tempo-Rei fala muito das mãos, que eles usam as mãos pra pegar o picolé, que a gosma escorrega pelas mãos. Então, essa a questão eu relatei também à minha história, né?, do toque. Eu até coloquei aqui a mão, o toque, coloquei uma roda de meninos, né? Aí eu relatei um pouco da minha história, com a do Tempo-Rei, e tudo se resumiu na questão do toque, na questão da mão, né?. A questão do pegar, do agarrar, do abraçar, do dividir as coisas com o Outro, da **Amizade**, o chute, tapa. Corpos grudados um no outro.

Luz

Meu cartaz, eu resumi em três tópicos, três palavras: luz, na luz propriamente dita, força e felicidade. A luz juntando aqui, a minha história com a história do Tempo-Rei. Então, eu peguei o seguinte: a felicidade, a felicidade que eles sentiram e que outras pessoas utilizaram em frases, eu botei felicidade. Foi o momento em que eles

caminhar, de um lutar. Essa força que nos faz abraçar. A esperança que é conquistada com o tempo. O abraçar tentando descobrir nossa existência: a simplicidade da lua, das estrelas, do picolé, da árvore, de uma rosa e de uma flor.

A gente e os meninos [ficamos] nessa brincadeira lá na praça. Tudo se resumiu na questão do toque, do pegar, do agarrar, do abraçar, do dividir as coisas com o Outro, da **Amizade**, o chute, tapa. Corpos grudados um no outro.

A minha felicidade em cada obstáculo que eu venço. A força uma mão toda amarrada com

encontraram com aqueles picolés e ficaram naquela alegria toda, aquele entusiasmo, aquela coisa diferente que eles sentiram, como a minha felicidade em cada obstáculo que eu venço. A força aqui, no meu cartaz é uma mão, uma mão toda amarrada com linha como se fosse algo presa, algo que precisasse realmente da força, de um empurrão, de uma coisa prá se soltar, né? Como foi falado na leitura, eles ficaram todos retraídos, e quando o primeiro foi pegar o picolé, os outros pegaram e seguiram também, então aquela força, aquela determinação... E a luz, (que é, por exemplo, o meu nome), que me ilumina e que ilumina, pra mim, também, todos esses outros, essas outras palavras, a nossa vida, em geral. A luz, lá na própria história, no fim do túnel. A esperança, no caso, a alegria. Tudo isso iluminado pela luz, por mim. (Risos). Lindo!

linha como se fosse presa.
Força empurrão
Força determinação
A luz no fim do túnel, a esperança, no caso, a alegria... tudo isso iluminado pela luz, por mim.

Brisa

Eu tentei fazer uma montagem da História do Tempo-Rei com um pouco da minha história, e aí fui recortando frases, palavras, e eu sei que até saiu uma coisa (riso) interessante, né? Saiu uma nova história e no final até coloquei: “E a história não acabou”, porque a cada dia que se nasce é um novo desafio, que é o que tá representando esse rapaz aqui subindo, escalando uma montanha. Essa história me lembrou muito os meninos de rua, que à noite, quando todos dormem, eles estão acordados: é o momento em que eles festejam, aquele momento em que eles encontram liberdade de brincar, de fazer o que eles têm vontade o dia todo, e que são discriminados, são retraídos pelas pessoas. Então, nessa história do Tempo-Rei eu estava vendo os meninos, os dançarinos mascarados eram os meninos de rua, que à noite saem dos seus esconderijos prá brincar, se divertir, e quando aparecem pessoas que os ajudam, eles fazem aquela festa, tem uns que ficam com medo, mas tendo um que enfrenta eles vão junto. Então eu liguei. E este foco de luz é essa esperança que esses meninos têm, que todos já falaram, né? Foco de luz, essa esperança, eles sempre vêem assim, essa luz no final do túnel e é isso que faz deles seres humanos que acreditam em nós, educadores, que acreditam ainda na vida, e é por isso que hoje, eles ainda estão na rua. Eu coloquei assim: Certo dia, quando o céu já estava escuro e o movimento do sol já estava sendo substituído por outros da noite, a rua não apresentava nenhum sinal dos dançarinos que a habitava. Eu sonho, de repente, aos poucos, quando eu fecho os olhos para me lembrar, só da escuridão quase silenciosa. Parada, não me vejo ao léu, me lembro de um foco de luz intenso, atenção, e em poucos segundos

E a história não acabou porque a cada dia é um novo desafio. A noite, eles encontram liberdade de brincar, de fazer o que eles tem vontade o dia todo e que são discriminados. Tem uns que ficam com medo mas tendo um que enfrenta eles vão junto. Esperança, luz no final do túnel, que faz deles seres humanos que acreditam em nós educadores e que acreditam na vida. Me vejo ao léu, com prazer, por essa coisa de não parar mesmo.

observam e decidem o que fazer. Não ficava parada todo tempo mas a correr atrás do Tempo-Rei. Chamassem de Brisa, ao sabor dos ventos da noite, com prazer, por essa coisa de não parar mesmo. E a história não acabou.

Categorias das Histórias Bricoladas

1- Conceito de educador

Educador picolé (confeto)

- educador também mergulha [nessa desconstrução] como se fosse aquele picolé
- educador também, às vezes... ele fica tão à vontade que isso passa pro menino

Educador EU-VIDA (confeto)

- Eu-vida
- meu nascimento
- Cristo é uma pessoa muito forte na minha vida
- cuidando
- paixão
- a família dos meninos
- educador, a educadora e os meninos
- minha família na minha casa
- minha vó
- A vida tem alegrias, tem tristezas, ela tem felicidade, ela tem decepção
- Então tudo isso forma o meu corpo, os braços que ficam por fora mas estão ligados a mim

Educador Brincante

- A gente e os meninos [ficamos] nessa brincadeira lá na praça

Educador luz no fim do túnel

- A luz no fim do túnel, a esperança, no caso, a alegria. Tudo isso iluminado pela luz, por mim.

Educador ao léu

- me vejo ao léu, com prazer, por essa coisa de não parar mesmo.
- Chamassem de Brisa, ao sabor dos ventos da noite.

2 - Conceito de menino de rua

- bailarinos chegando, aquela luz lá no final do túnel
- Sonho de Criança: a questão da liberdade, da alegria, sem se preocupar com os pais, sem se policiar.
- Para se soltarem tiveram que colocar essa máscara para fugir um pouco dessa realidade
- quebra dessa magia, essa vida toda cheia de loucuras.
- a alegria, a cumplicidade, a ação e o prazer que eles tiveram esfregando o picolé do outro, e o prazer de sentir o corpo melado
- coloquei uma criança representando a vida, porque a criança ri, a criança chora, tudo inocentemente
- crianças representando realização do meu trabalho

- eles têm essa liberdade de procurar até mesmo lá no lixo, o que vai satisfazê-los, não importa se é lixo, ou se é o que for
- à noite, eles encontram liberdade de brincar, de fazer o que eles têm vontade o dia todo mas são discriminados.
- Esperança, luz no final do túnel, que faz deles seres humanos que acreditam em nós educadores, e que acreditam ainda na vida

3- Conceito de força para o educador

- existência da força, do braço, de um caminhar, de um lutar.
- força que nos faz abraçar nos momentos de alegrias e de tristezas
- A força uma mão toda amarrada com uma linha como se fosse algo preso
- Força um empurrão, uma coisa pra se soltar
- Força determinação: quando o primeiro foi, os outros seguiram.
- tem uns que ficam com medo, mas tendo um que enfrenta eles vão junto

4- Conceito de felicidade

- a felicidade naquela partilha
- felicidade é algo central
- felicidade, terra firme, estão em um só grupo.
- a minha felicidade em cada obstáculo que eu venço

5- Movimento

- a rua se movimentou
- As borboletas que começam o dia, elas começam a se movimentar, pois à noite não temos oportunidade de vê-las
- Então aqui, durante o dia, quando começa esse movimento na rua, quebra a magia
- Ação/Reação/Emoção/Descontração/Liberdade/Libertação/Ser Humano/Inquietação
- Um movimento representando Luta que é uma caminhada
- E a história não acabou porque a cada dia é um novo desafio

6- Contato corporal

- Eu imaginei o prazer que eles estavam tendo com aquele picolé, com aquele contato com o colega.
- abraçar tentando descobrir a nossa existência: a simplicidade da lua, das estrelas, do picolé, da árvore, de uma rosa e de uma flor.
- tudo se resumiu na questão do toque, do pegar, do agarrar, do abraçar, do dividir as coisas com o Outro, da **Amizade**, o chute, tapa..
- corpos grudados um no outro.

Momento Transversal

Nas Histórias Bricoladas, a estrutura do pensamento do grupo é polissêmica, pois os co-pesquisadores brincaram de filosofar e criaram conceitos e confetos do que

seja um educador, do que seja uma criança de rua, do que seja força, felicidade, movimento e contato corporal.

O confeto **educador picolé** é um conceito permeado de afeto que diz respeito ao momento em que o educador se sente tão à vontade com o jovem, na rua, que chega a se derreter e se misturar com ele como se fosse um picolé. Isto é um desejo de conviver com e como os jovens? Outro conceito criado, complementar ao educador picolé, é o de **educador brincante** que consegue se envolver e se contagiar com o jovem de rua, através da brincadeira, lá na praça.

O confeto **educador eu-vida** é *tudo [que] forma meu corpo [até mesmo] meus braços que ficam por fora, mas estão ligados a mim*. Este conceito diz respeito ao corpo da educadora Vida: o seu nascimento, o seu envolvimento com Cristo – uma presença tão próxima e forte, que, para ela, é uma pessoa que conheceu através de seus pais – e do seu trabalho de cuidar de pessoas enfermas, no hospital. Este conceito envolve a paixão que permeia sua vida: o seu namorado e a família da qual faz parte, inclusive sua avó. Uma família extensa, pois envolve também a família dos meninos, o educador e a educadora com quem trabalha. Esta idéia acopla igualmente um corpo que é assim como a própria vida, pois *tem alegrias, tem tristezas, tem felicidade, tem decepção*.

O conceito de **educador luz no fim do túnel** diz respeito ao educador que se considera a luz, a esperança, a alegria de todos, um caminho e um futuro a ser seguido, pois tem a solução para os desejos na convivência do grupo. Esse conceito é complementar ao conceito de **menino de rua esperança - luz no final do túnel** – que “faz deles seres humanos que acreditam em nós educadores e que acreditam, ainda, na vida”. Nos dois conceitos, a esperança é o educador – aquele que pode resolver os problemas dos meninos. Estes conceitos se opõem aos conceitos de **educador ao léu** – aquele que sente prazer ao se ver ao léu, em movimento, ou seja, que não consegue ficar parado, vive o presente e os acontecimentos, no momento em que estes acontecem, e que por isso pede que o chamem de *Brisa ao sabor dos ventos da noite* – e de **educador-picolé e brincante** – aquele que consegue ter um corpo leve, brincante e capaz de se misturar com os meninos com os quais trabalha.

Outro conceito é o de **felicidade** que acontece na partilha e é complementar às idéias de **contato corporal**, onde tudo se resume no toque, no pegar, no agarrar, no

abraçar, no tapa, no chute, no dividir as coisas com o outro, e é realizado com prazer por estar com o picolé e em contato com o colega, enfim, corpos misturados, *grudados um no outro*. Essas sentenças convergem para um dos conceitos de **jovens de rua**, pois para os co-pesquisadores estes possuem a alegria, a cumplicidade, a ação e o prazer em esfregar o picolé um no outro, e de sentirem seus corpos melados. Todos esses conceitos divergem de outro conceito de **contato corporal** em que os encontros entre os educadores e os outros, são incorpóreos, no sentido de distantes do toque, dos prazeres e da sensualidade pois o abraçar diz respeito a *descobrir nossa existência na simplicidade da lua, das estrelas, do picolé, da árvore, de uma rosa e de uma flor*.

Os co-pesquisadores criaram outro conceito, de **jovem de rua com liberdade restrita**. Nessa idéia os corpos juvenis precisam de máscaras para se soltar e fugir de sua realidade, de sua vida cheia de loucuras, de sua liberdade de brincar e de fazer o que têm vontade. Além disso, tudo isso só pode acontecer à noite, porque durante o dia eles são discriminados pela sociedade. Este conceito se opõe a outra idéia de **jovem de rua que tem liberdade de procurar até mesmo no lixo o que vai satisfazê-lo, não importa se é lixo ou que for**, assim como o conceito **Sonho de Criança** que envolve a liberdade, a alegria, sem se preocupar com os pais, sem se policiar – crianças que conhecem as regras e as quebram., ao contrário de um outro conceito de **criança de rua** que ri e chora inocentemente.

Crianças e jovens quebrarem as regras, é possível, porque eles possuem a **força determinação** – conceito criado para dizer do momento potente em que, ao ocorrer algo, o primeiro jovem vai, e os outros vão também, assim como quando um enfrenta o desafio, os outros perdem o medo e vão junto. Essa força converge para o confeto **educador-picolé**, que ao se contagiar com a brincadeira, na praça, mergulha na descontração do mundo juvenil. Esse é, inclusive, o momento em que ele se realiza no seu trabalho. Toda essa liberdade, essa alegria, essa cumplicidade e essa energia divergem do conceito de **força mão amarrada com linha** – potência que está presa e que precisa da **força empurrão** – qualquer coisa que os ajude a se soltarem e os façam escapar e criar uma linha de fuga.

Para os conceitos de **movimento**, os co-pesquisadores apresentam algumas idéias convergentes e outras divergentes. Convergentes, quando apresentam o movimento como algo social, assim como o MST: uma luta que é uma caminhada

sem fim porque que tem sempre um desafio novo a cada dia. As idéias divergentes apresentam uma rua, que ao se movimentar quando o dia chega, quebra a magia da noite que possui movimentos mágicos, onde os jovens de rua são livres, não precisam usar máscaras, pois não são discriminados e podem procurar até no lixo o que vai lhes satisfazer.

Resultado da contra-análise

Para os conceitos produzidos nos relatos das Histórias Bricoladas, os co-pesquisadores trouxeram as seguintes reflexões:

*Buscando refletir sobre o **sentimento de mãe**, produzido no texto anterior, e, ao mesmo tempo, ligando ao **conceito de educador luz no final do túnel**, penso que de uma certa maneira esses conceitos refletem a idéia de instituição controladora – aquela que não vê a potência do menino ou que não vê que ele pode ser ou ter desejos de um modo grande. Acho que o educador luz no final do túnel acaba concentrando os desejos na gente, e os outros acabam nos vendo como instituição, como a esperança. Nós acabamos por resolver e decidir pelos meninos, e acabamos por acelerar o seu processo de institucionalização. A Semcad diz que somos protetores, mas acaba, também, por tomar decisões pela família e pelo menino. Educador luz no final do túnel – idéia missionária – que se aproxima da Secretaria ao usar de autoritarismos, e ao neutralizar a autonomia dos outros. Assim, em vez da autonomia do menino, a gente cria é a dependência.*

Outro co-pesquisador argumenta:

*Eu vejo assim: quando a gente trabalhava no tempo do menino, se passava para ele aquela responsabilidade de mudança. O educador trabalhava o tempo do menino mas na perspectiva dele perceber o momento em que precisava mudar. É ele que faz e não nós... nós não vamos fazer por ele. A gente dava apenas indicativos para que ele decidisse. Mas houve modificação. Hoje, a gente não trabalha mais o tempo do menino, o desejo do menino, mas, sim, o da instituição, que, nesse caso, tem que ser do jeito deles: identificar e encaminhar logo. Hoje, nós somos o **educador encaminhador**.*

Quanto a essa prática de educador encaminhador, uma co-pesquisadora pondera e diz que já há modificações nesse agir:

Hoje, a equipe vê a necessidade de um amadurecimento no encaminhamento, não é mais aquela coisa sem pensar, pois quando a gente vai fazê-lo, é repensado, é discutido com a supervisão, fala-se com a família, tem toda essa preparação. Não basta estar naquela

situação e ser encaminhado sem saber realmente se o menino vai querer ir, e mesmo saber se a família acha necessário ele ir pra aquele lugar.

Outra co-pesquisadora contra-argumenta:

Nós temos esse pensamento, mas nós somos cobrados pelas autoridades para que, à medida em que a criança ou o adolescente for identificado, seja retirado imediatamente das ruas. O trabalho pedagógico não tem nenhum sentido para eles, o importante é que o menino seja tirado logo das ruas.

A co-pesquisadora **Alegria** afirma: *Ainda assim, eu vejo que o educador com responsabilidade, com compromisso pelo trabalho, jamais vai fazer esse encaminhamento. Brisa* conclui: *Hoje, a gente já se impõe mais, embora não se tenha muita autonomia, estamos nos impondo mais.*

Para explicar os conceitos de força, eles contaram um acontecimento:

O nosso salário atrasou muito no mês passado, e aí uma menina que trabalha na assistência disse: – Gente vamos chamar o Gilson pra gente conversar, não pode mais esse atraso... Ninguém tinha coragem de falar com ele, mas veio essa força-empurrão. As vezes, a gente está sufocado com alguma coisa e fica falando um para o outro mas não tem coragem de se organizar, chegar e falar pro grupão. E, nesse dia, eu senti essa força-empurrão porque ela disse: – Não, nós só vamos sair daqui, hoje, depois que resolvermos isso. Ela pediu para que todo mundo ficasse, depois da formação. Todo mundo ficou e foi resolvido.

Análise filosófica e considerações gerais sobre os achados das análises

Na produção de dados, os co-pesquisadores criaram conceitos e confetos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos e de multiplicidades em relação aos seus desejos na convivência do grupo. Estes conceitos foram produzidos nos interstícios dos encontros, nas oficinas, onde estávamos todos implicados e misturados. E foi a partir dessa condição mestiça, após a análise destes conceitos e confetos, que cheguei à estrutura do pensamento do grupo. Esta estrutura apresenta os seus desejos em três dimensões, na convivência: na primeira dimensão, os desejos se dão na convivência entre os educadores e os jovens; na segunda, entre eles mesmos, e na terceira, entre eles e as entidades que trabalham com as crianças e os jovens, especialmente, a Semcad –

Secretaria da qual fazem parte. Todas as dimensões desta estrutura são perpassadas pela problemática da prática pedagógica. Estas dimensões, embora se apresentem como uma classificação, não se remetem a estágios evolutivos – uma melhor que a outra ou um *continuum*, e nem mesmo a modelos a serem seguidos. Cada uma dessas dimensões são criações do grupo, cada uma ressoa na outra, emitindo ondas, provocando movimentos desterritorializantes. Enfim, todas constituem o pensamento do grupo, em sua multiplicidade, no momento das oficinas. São campos possíveis e co-existem (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 218-221).

Na convivência entre os educadores e os jovens, os desejos são potentes, alegres, pois um pacto é estabelecido entre eles, um **devir-picolé** que os torna um corpo hábil para se derreter (imaginem em uma cidade como Teresina, que sempre é muito quente!) e se misturar com os jovens de rua, de forma descontraída e brincante pelas praças e ruas da cidade. Um devir-picolé que se forma, se desenvolve e se transforma por contágio e, nesse caso, as hierarquias se diluem formando um conjunto complexo, em que educador e jovem se dissolvem, pois há a ausência de regras ou as mesmas são momentaneamente ignoradas (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.25). São desejos de abundância na convivência – um compósito – a criação de melodias independentes que co-existem nessa interação com os corpos das crianças e dos jovens com os quais convivem. Nesta dimensão, os educadores usam os desejos mais sensíveis para movimentar seu corpo e torná-lo ágil para trabalhar com as crianças e os jovens. É uma dimensão política, porque, aqui, a regência fica sob a batuta da inclusão, daquilo que se insinua *entre* – no devir.

A culminância desses desejos encontra-se no conceito de **educador ao léu**, pois seu corpo consegue brincar, correr atrás de seus sonhos e não ficar parado, estagnado. É um corpo que consegue estar “aqui e acolá”, em “um lugar e em outro lugar”. Um corpo educador de rua que se garante, pois está em sintonia com o trabalho. Na convivência com os jovens, que é puro movimento, os educadores não conseguem ficar parados, e vivem os acontecimentos no momento mesmo em que estão sendo, acontecendo. Este desejo na convivência do grupo é tão intenso que o educador de rua, em determinado momento, deseja tornar-se os próprios jovens, já que estes conseguem viver e quebrar as normas policiais da cidade-conceito; e os educadores não possuem coragem suficiente para quebrá-las. A este desejo os educadores chamam de

transgressor, pois está associado à vontade dos co-pesquisadores de desconstruírem as hierarquias.

Enfim, conceitos inusitados e permeados de afeto. Devir-picolé, que advém do confeto **educador-picolé**, e é co-extensivo aos conceitos de educador brincante e ao léu. Afetos que não são sentimentos pessoais, tampouco, suas características. São a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu-educador. Eles são, portanto, o instante da diluição das hierarquias, do desterritório, da mistura, do não centro – o momento potente em que o educador sai do seu eu e se lança ao encontro com os jovens de rua. É a dimensão desejante em que o educador deixa de ser domesticado, arrisca-se e se permite ser matilha, bando – multiplicidade em fusão – que se forma, se desenvolve e se transforma por proliferação. Na convivência, esses desejos não se confundem com as sociedades familiares ou estatais, pois são uma experimentação, devires imperceptíveis, moleculares, que escapam a essas organizações presas – potências hierarquizantes. Portanto, esses desejos criam linhas de fuga e são efeitos das **forças determinação e empurrão** – potências que ajudam os educadores a se soltarem **da força mão amarrada com linha**, e a furarem o cano – fazer vazar, fluir e produzir outras conexões e outros desejos na convivência do grupo (DELEUZE, 1997, p. 23-24).

Passando de uma dimensão a outra, os educadores falam que na convivência entre eles, os desejos são produzidos de forma ambígua, pois eles estão juntos mas mantêm uma distância entre si, através de uma linha molecular – um **devir-luva?** – que corta os educadores de modo que não potencializa a mistura, a fusão entre eles. Esse devir atravessou o grupo, principalmente, com a chegada dos novos educadores que *caíram de pára-quedas* e foram recebidos pelos veteranos como algo estranho – uma potência que fez com que os educadores estremecessem e conhecessem um medo. Não é à toa, que nesse encontro, os desejos na convivência foram vividos em desequilíbrio – como uma vertigem (DELEUZE, 1997, p. 20). Houve, na produção desses desejos, um “elemento de poder” – correlações de forças entre o saber-experiência dos educadores veteranos, que inibiam a ação dos novos, e o saber acadêmico que estes traziam. Os veteranos ficaram com medo de serem substituídos por este saber: *Mudou a convivência, alguns educadores saíram, e para a seleção da nova equipe o critério de seleção foi a formação acadêmica: uns eram biólogos, outros pedagogos, outros*

psicólogos e eu acho que isso, em certo momento, nos causou medo. O conhecimento dos educadores veteranos, portanto, fechou-se sobre si mesmo e impediu que o fluxo e a intensidade dos novos se manifestassem. O educador novo, por sua vez, revelou que tinha receio do trabalho, não conseguia se sentir à vontade:

No início, nós não fomos bem acolhidos pelos veteranos, a gente se sentia excluído. Eu me perguntava: – Será que eu vou me adaptar a esse trabalho porque eu não estou me sentindo à vontade? (...) Assim, o grupo não se misturava, porque ora se dizia que o que valia era o saber-experiência, ora era o outro, assim se mostrava a importância do curso superior. Esse conflito ficou por muito tempo...

Nesse processo de estranhamento, um dos pontos fundamentais foi perceber como os corpos dos educadores estavam marcados por pontos enrijecidos. Suas peles estavam marcadas, tatuadas, e possuíam pontos que estavam duros, tão cheios de pertencas que não conseguiam colocar mais nada ou ninguém nele:

Nossa alma de superfície, salvo milagre, cria obstáculos a nossos amores, como se tivéssemos uma couraça de tatuagens. É preciso depor a couraça, fundir o mapa dos caminhos e das encruzilhadas, descobrir a alma ou fazê-la arder de outra maneira, para que as chamas se misturem (SERRES, 2001, p. 19).

E para depor as couraças, o grupo entendeu que esse problema aconteceu porque a Semcad não possibilitou um momento de avaliação; não reuniu todos os educadores para essa troca de experiências. Eles concluíram: *A pesquisa sociopoética, com a Shara, foi que propiciou esse encontro, pois aconteceu dois meses depois do início das mudanças no grupo.* Assim, houve uma expectativa, um desejo: *a gente tinha aquela expectativa de que depois das oficinas sociopoéticas, a convivência iria melhorar e a gente se tornasse um grupo mais unido: não dois grupos, mas um só. A **Esperança** ressalta: as oficinas contribuíram muito para a aproximação do grupo; nós ficamos bem mais próximos, a convivência melhorou bastante.*

A sociopoética, então, serviu como um lugar “entre” – condição mestiça que os abriu para o Fora – o diferente do cotidiano que viviam, produzindo passagens e vertigens no grupo, ao mostrar seu pensamento, através das produções criativas, resultado das oficinas. Uma experimentação que favoreceu ao grupo a formação de um território que o fizesse multiplicidade, e que, de repente, pudesse inserir o novo e ter abertura para o movimento, os fluxos e as intensidades de cada um. Isso possibilitou,

também, o fortalecimento do grupo a ponto de poder falar por si mesmo, a reivindicar sua legitimidade especialmente diante da Semcad. **Brisa**, na contra-análise, diz: *Hoje, a gente já se impõe mais, nós não temos tanta autonomia mas a gente está voltando a se impor mais.* **Vida Asterisco** complementa:

No início, era aquela coisa um pouco isolada, um querendo mostrar-se mais que o outro. Hoje, não existe mais isso, a gente trabalha junto (...) tudo o que a gente fala é aproveitado, muitas vezes uma pequena frase que a gente diz dá pra fazer um corpo daquilo que a gente tinha intenção de construir.

Nas oficinas, portanto, os educadores se misturaram e se tornaram flexíveis, conseguiram, momentaneamente, escapar da armadura, do lastro organismo-organizado-disciplinado-rígido-submisso. Eles sentiram-se tocados em pontos inusitados para si próprio, viram as suas próprias costas e desenvolveram um campo de forças. Para Serres (2001, p. 19), esse campo é o *espaço da pressão extraordinária da alma para apagar as sombras do corpo, e os recuos máximos do corpo para resistir a esse esforço*. Contra as sombras do corpo, e dissolvido o enrijecimento da pele, os educadores puderam rever suas tatuagens e, emocionados, mudar de cor, *cauda de pavão sobre arco-íris, espectros tornado instáveis. Tu me abraças matizada, eu te solto chamalotada; eu te abraço rede, tu me soltas feixe* (SERRES, 2001, p. 23).

Na terceira dimensão, os desejos na convivência do grupo são retraídos e o corpo do educador fica contraído, *é o momento em que nós estamos diante dos nossos desejos frente à instituição, o nosso corpo fica (...) com vontade de mostrar os desejos mas não se movimenta, não vai em frente*. Diante desse comentário, a co-pesquisadora **Brisa** ponderou:

Houve um tempo em que nós tínhamos autonomia, éramos um outro tipo de grupo. Aí, o prefeito chamou a gente para uma reunião e disse que a gente ia ter que mudar tudo. A gente ia ter metas, ter até a quantidade de meninos que ia ser acompanhado na rua. Era como se tivesse quebrado todo o trabalho que a gente tinha iniciado e que já estava bem avançado. Houve atritos. A Secretaria tirou a nossa autonomia, colocou outras normas, teve a questão do horário porque haviam assinado nossa carteira do trabalho. Assim, antes, o educador tinha aquele poder todo, depois da carteira tudo acabou, a gente teve que se enquadrar à instituição. Foi assim: a casa estava sendo construída, faltava só o teto e de repente o pedreiro chega e desmancha tudo e tem que levantar tudo de novo! A gente estava num pique bom, muita coisa em andamento, só pra ser resolvido coisas

*que a gente vinha lutando há muito tempo, e aí chega um novo coordenador, coloca na gaveta, não servia mais e tivemos que começar. Era como se a gente tivesse entrado também naquele momento. O **Curinga** completou: Nesse período, foi um período de transição, foi um momento em que se desconstruiu uma história. A **Vida** comentou: A maior dificuldade foi quanto à metodologia do nosso trabalho pois se dizia: “não é mais assim, não”, mas não diziam a maneira que era para ser, o caminho que a gente deveria seguir. A gente nunca se sentou, nunca teve uma espécie de treinamento, só vinham as cobranças. Aí a gente via as coisas que a gente tinha começado e não podia mais fazer. Eu me perguntava: “E agora, como vai ser? Como a gente vai fazer? E o mais difícil foi ver que os novos que estavam chegando não estavam sendo preparados. Nós havíamos, pelo menos, tido formação de três anos com o projeto Axé da Bahia, mas vocês, nada. A **Alegria** concluiu: A Shara chegou pra fazer sociopoética, justamente nessa transição, e aí eu acho que ela não conseguia entender, acho que até nós que estávamos vivendo aquilo estávamos sem entender. Foram muitas mudanças: mudança de Secretário, de coordenação, de metodologia de trabalho, a chegada dos novos educadores, enfim, tudo mudado totalmente. Apesar de toda essa confusão, a Shara conseguiu captar bem o que cada um estava tentando transmitir naquilo que dizia e fazia.*

Os educadores foram minados, capturados em seus desejos, por instituições de controle e de seqüestro, que endurecem linhas e territórios... que formulam uma “fala única”, homogeneizante, capturando a polifonia que habita as multiplicidades do grupo. Os educadores – máquinas desejanter – produzem um organismo, e nessa produção sofrem por estarem organizados assim, por não terem outra organização ou organização alguma. Tornaram-se, portanto, um organismo organizado: previsível, ordeiro e de fácil manipulação?

Diante dos aspectos problematizados pelo grupo, o **Curinga**, inquieto, reflete e fala sobre a questão dos **desejos maternais** que, para ele, convergem para o conceito de **educador luz no final do túnel**:

eu acho, que de uma certa maneira, essas idéias de desejos maternais e de educador luz no final do túnel, ser a esperança e a solução para os problemas dos meninos, acabam por nos trazer a problemática da instituição controladora, aquela que não vê a potência do menino, do que ele pode ser, ou mesmo de possuir um desejo de um modo grande. Acho que quando a gente concentra tudo na gente e achamos que a mudança está na gente, isso aproxima nossas práticas às da Semcad, pois usamos de autoritarismos ao tentar neutralizar a autonomia dos outros. Em vez de trabalhar com o jovem, nós acabamos resolvendo por ele e acabamos por acelerar o processo de institucionalização

dele. Então, ele se pergunta: Mas esses desejos se opõem mesmo ao paternalismo sugerido pela instituição? É um desejo oposto?

Essa problemática mostra exatamente a institucionalização do papel do educador de rua, e a perpetuação do próprio projeto que passa a ser a solução para os problemas dos meninos na rua. Inclusive, constatam:

Quando a gente chega na educação de rua, nós temos a impressão de que nós vamos resolver o problema do menino. Olha, até hoje, eu me sinto magoada porque não resolvi um problema de um menino. Ele foi o meu primeiro caso perdido. Eu acho que nós, ainda hoje, temos isso: achar que temos a saída. Nosso trabalho, às vezes, é claro, é escuro, porque o educador diz: “eu vou resolver a situação. Eu sei que posso fazer isso, como se fosse um poder”.

Um poder que, em alguns momentos, em vez de criar a autonomia cria a dependência e a institucionalização dessas crianças e jovens, ao tempo em que fragiliza a potência do educador que acaba por se sentir culpado e incapaz, quando não consegue resolver os problemas com os quais se depara nas ruas. Enfim, um registro marca esse corpo e este sente dores, massacrado pela solidão do povoamento e pelas sensações de culpa e de perseguição (DELEUZE, 1976, p. 23-24).

Nesta dimensão da convivência, outra idéia convergente à anterior, e muito discutida pelo grupo, foi o confeto de **diferença não interativa**, ou seja, os momentos em que as coisas vêm para o grupo, de cima para baixo, e têm a ver com as imposições que chegam só para serem cumpridas, e com os desejos que não são discutidos e participados por todos. Essa diferença traz muitas angústias ao grupo que gostaria de participar das decisões referentes ao seu trabalho. Eles se perguntam: *Se a gente está na rua diretamente com as crianças e os jovens, e temos, de certa forma, o conhecimento daquela realidade, por que não podemos construir uma proposta pedagógica juntos?* Reagem, completam:

Acho que nós já estamos mais maduros pra essas coisas, Shara. Muitas vezes a coisa já vem pronta e acabada, é só um repasse, mas o grupo unificado consegue derrubar aquilo, barrar, modificar, adiantar e até mesmo cancelar. Tem alguns eventos que a gente vê que não dá certo e a gente dá nossa opinião. Agora, nós temos mais argumentos e o que vale são os argumentos, e não quem fala mais alto. Então, certas coisas chegam e o grupo vê que não dá certo, e diz que não vai dar certo.

A **Alegria** dá um exemplo para ressaltar esse amadurecimento do grupo:

Tem a questão, bem atual, do nosso pagamento que está atrasado. O que está acontecendo? Nós estamos sentando e discutindo a questão. A Semcad passa para o Gilson as dificuldades porque está passando e este nos repassa. Mas o que é que a gente está fazendo agora, ficando calado? Não, a gente pára e argumenta: se nós somos um serviço, nós somos importantes para esse trabalho, e fazemos parte de um serviço de que outros dependem, então, por que a gente só vai fazer o que eles querem? Então, eu acho que, na verdade, a gente está bem unido pra tomar decisões e isso está sendo muito bom, hoje.

Nietzsche em **Assim falou Zaratustra**, (1999), alertava os homens para as mentiras do Estado. É que, ao anunciar aos homens que Deus morreu, ou seja, que todo tipo de regulação, culpa e ressentimento foi destituído, quis mostrar que há possibilidades de se transvalorar todos os valores. Ou então, ao contrário, mostrar que só é possível *crer num Deus que soubesse dançar*, num Deus vivo – condição para que o homem possa viver, brincar e, principalmente, apaixonar-se pela vida. Não se pode, nesse caso, poupar o Estado. É que o Estado não proporciona, aos seus membros, o menor sinal de que a vida humana possa, significativamente, mudar, ou que, no caso, os jovens possam viver a sua maioridade sem a sua tutela. Impedem, inclusive, que os filhos dos trabalhadores – nomeados de jovens de rua, gangues etc – expressem suas próprias convicções (VASCONCELOS, 2001, p. 10). Não há um possível, uma tentativa de compartilhar com o outro, num movimento de deriva ou de desterritorialização, relações singulares que fujam aos cânones da lei, do contrato e da instituição.

Enfim, os corpos dos educadores de rua são minados, controlados, monitorados, regulados, modelados, mas, gritam e esperneiam, criam também potencialidades, máquinas de guerra – *fronts* diversos e estratégicos – resistências de um devir-picolé que abre-se para o exterior, efetuando-se como exercício político de conexões inventivas, entre eles, entre eles e os jovens e entre eles e a própria Semcad. Um devir minoritário, virtualmente capaz de torná-los potentes para emitir algo de sua potência criadora e de sua capacidade de instituir outras formas de sociabilidade com a vida e, especialmente, com os jovens, com os quais trabalham e convivem.

Finalizo conectada a Peter Pál Pebart, (2000, p. 28), que proclama:

é preciso investir na ‘potência’ da vida para além do ‘poder’ sobre a

vida (...) é preciso estar atento para o fato de que há uma produção incessante de formas de vida exercida desde baixo. Não basta pensar a vida como uma instância isolada das suas formas produzidas, atrelada apenas a um Estado protetor do direito à vida, dessa vida pensada como um fato e separada das formas que ela reveste. Por isso seria preciso que a idéia de cidadão, ou de homem, ou de direitos humanos sofresse um alargamento em direção a toda essa variação de formas de vida de que uma biopolítica deveria poder encarregar-se.

HORA DO CREPÚSCULO: DESFECHO DE ACONTECIMENTOS

*O que os meus olhos viram foi simultâneo,
O que transcreverei será sucessivo,
Pois a linguagem o é.
Algo, entretanto, registrarei.*

Jorge Luis Borges

Teresina, 08 de agosto de 2002, segundo dia do Seminário “**Narcisos Teresinenses**: a corpolatria nos espelhos da cidade”, no auditório Noé Mendes, da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Naquele espaço, o momento tornou-se um acontecimento. Às 8:30, como uma das conferencistas, sentava-me no chão do tablado do auditório para falar do “Corpo juvenil de rua, e dos seus saberes pelas ruas da cidade”. Não sabia, ao certo, aonde aquilo ia me levar, nem o que me aguardava. Deixei meu corpo à deriva. Lembro-me, que apesar das mãos e dos pés frios, algo o inundava: um misto de nostalgia e alegria por estar me apresentando, pela primeira vez, em grande estilo, na Universidade que me graduara.

O auditório transformara-se num grande cenário de imagens corporais, que expostas nos ambientavam. Tudo, ali, me recebia bem. Algo como sentir-se em casa, não me trazia estranheza. O anfitrião era o meu ex-professor de Sociologia, o gentil e amigo Francisco Júnior. A platéia atenta, receptiva aos meus gestos, à minha fala e às intensidades que invadiam meu corpo, ao relatar minha experimentação como pesquisadora, ajudava-me a relaxar. Nada parecia escapar. Muitos fluxos e intensidades percorriam aquele lugar e aqueles corpos.

A minha intenção era atingi-los com minha energia desejanste. Não queria explicar nada, nem compreender, e muito menos interpretar; apenas, produzir algo para atingi-los. Uma experimentação. Penso que pensei: Será que encontrarei as palavras-gestos, certas, para tocá-los? Aprendi com Deleuze que isso só podia funcionar se fosse intenso – uma rajada de vento?, algo que passa ou não passa. Além disso, na vida *há apenas palavras inexatas para designar alguma coisa exatamente* (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 11).

Falar do que pode o corpo juvenil proscrito, eis minha meta? Sei que a *meta é a seta no alvo, mas o alvo, na certa, não te espera*, aprendi com Paulinho Moska.

Terminei minha fala. Palavras-gestos, atingiram algum alvo? No meio, entre as pessoas, um vulto se aproximou. Começou a me argüir. Como uma lufada, detonou o meu corpo e as minhas palavras-gestos: – *Onde está a poesia nas ruas? Não consigo sentir e ver, entre os dejetos e restos humanos que são os jovens de rua, luz, proposição e potência. Como você viu isso? Corpos Território-movimento acontecem porque eles são excluídos, são expulsos dos lugares por onde passam.*

Silêncio. Como explicar? Nada a explicar. Como bem disse Deleuze e Parnet, (1998), *As objeções nunca me levaram a nada (...)* O objetivo não é responder as questões, é sair delas (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 9). Mas, talvez, pudesse ter me saído melhor, delas, se tivesse, naquele momento, lembrado de Paulinho Moska: *Eu falo de amor à vida, e você do medo da morte*, ou mesmo, se eu tivesse Manoel de Barros comigo – uma carta a ser tirada da manga – e retrucasse: Qual a matéria da poesia? Responderia, recitando:

Matéria de poesia

*Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia*

(...)

*Terreno de 10x20, sujo de mato – os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia*

(...)

*As coisas que não levam a nada
tem grande importância
cada coisa ordinária é um elemento de estima*

*Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral*

(...)

*As coisas que não pretendem, como
por exemplo: pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia*

*Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e
que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia*

(...)

*Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia*

*Os loucos de água e estandarte
servem demais
o traste é ótimo
o pobre-diabo é colosso*

(...)

*Pessoas desimportantes
dão pra poesia
qualquer pessoa ou escada*

(...)

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

(...)

*As coisas jogadas fora
têm grande importância
– como um homem jogado fora*

*Aliás é também objeto de poesia
saber qual o período médio
que um homem jogado fora
pode permanecer na terra sem nascerem em sua boca as raízes da escória.*

*As coisas sem importância são bens de poesia
pois é assim que um chevrolet gosmento
chega ao poema, e as andorinhas de junho.*

Depois, sozinha, no carro, fiquei pensando: o trabalho provocou reações – impactou. Alguém o negou. Mas foi difícil sair das objeções, pois, *se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer.* (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 9). Entendo, também, que para olhar um mundo que nos causa assombro e beleza, e ver, nele, poiésis = criação, é necessário a produção de um outro corpo pesquisador, de um outro modo de conhecer. Além disso, um mesmo fenômeno é passível de se tornar vários fatos, conforme o olhar que lhe for lançado.

Eis, portanto, minha poesia. Penso que ela expressa a potência dos corpos juvenis, de rua, exibidos no palco da cidade de Teresina, ao mostrar menos de si do que da cidade que os projetou. A crueldade exposta nos corpos juvenis se potencializa, ao extremo, com sua visibilidade excessiva, pelas ruas e avenidas, por onde transitam e afirmam, também, esta cidade – lugar público e de civilidade – enquanto crueldade. Todo esse movimento evidencia a face de Dioniso – deus do excesso, da volúpia e da crueldade – ao obscurecer momentaneamente a de Apolo – um deus que, não necessariamente, é luz e harmonia. Apolo, que deveria salvar os jovens de rua de sua selvageria, é sacrificado ao deus Dionísio pelas ruas e avenidas da cidade. Assim, ao negar a luminosidade de Dionísio, Apolo nega sua própria crueldade.

Desse modo, não é suficiente dizer que os jovens de rua são a morte, o obscuro, a negação da vida, o subterrâneo da cidade. Não basta dizer que a civilidade da sociedade moderna está a serviço da crueldade dos jovens. É preciso concluir que a própria sociedade é cruel ao criar seus labirintos de palavras da inteligência, da razão.

Para que serve o labirinto? Obra da inteligência, do engenho e da arte, o Labirinto foi construído pelo escultor apolíneo Dédalo com o claro objetivo de confundir todos que, uma vez dentro dele, ousassem escapar. Os homens que ali entrassem (...) se perdiam (...) até serem devorados pelo monstro (PELBART, 1989, p.30).

Pode-se, então, dizer que a educação de rua – labirinto de Apolo é, portanto, a crueldade apolínea a serviço de Dionísio? O educador ao decifrar o enigma dos jovens de rua, pensa estar a salvo deles, mas não faz mais do que cair nas mãos de um destino, que não raro, é a própria insensatez. A conclusão que se impõe é que entre os jovens de rua e a sociedade, especialmente os educadores de rua, não há contradição, porque ambos possuem em si a crueldade, a destruição e o delírio. O que não significa que entre eles haja, ao revés, simples identidade, mas que o saber do educador de rua nasceu do delírio do jovem de rua (PELBART, 1989, p. 29-30).

Enfim, entre Apolo e Dionísio há jogos de poder e são as suas relações com o poder que acabam por colocar em evidência, em cena, jovens e educadores de rua. Todas essas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas ou vistas não puderam deixar traços – breves e incisivos – senão em virtude do seu contacto com o poder. Ou seja, porque foram alumiados por ele não passaram despercebidos e ao largo da história (FOUCAULT, 1992, p. 97-98).

Minha problemática, como a construí? Devo concluí-la? O que dizer do pesquisar entre os jovens de rua e os educadores sociais de rua? Evidenciar o que podem esses corpos, talvez tenha sido o meu grande desafio, e eles podem muito. Cartografias: acompanho e traço linhas que apresentam o corpo do jovem de rua como território-movimento, dissolvência, excesso e garantido; o outro, como Reimundis, devir-educador, devir-picolé! Ambos, na rua, se cruzam, se derretem e se misturam. Ambos se tocam e rolam na grama das praças por onde circulam, num exercício político de conexões inventivas que extrapolam as categorizações dadas, capazes de instituir outras formas de sociabilidade que apontem para uma nova noção de vida. Uma vivência absolutamente possível, potente, prazerosa e inventiva. Eles são poemas-vida, a entonação de vários corpos dentro de si.

Enfim, ao fazer do corpo temática, percebi que o corpo não é único, é uma multiplicidade em fusão, pois em cada uma das minhas pesquisas o corpo ganhou dimensões diferentes. Na primeira pesquisa, estudando os jovens de rua, me surpreendi fazendo dois movimentos bem particulares: desterritorializei-me do que me era familiar e, ao mesmo tempo, reterritorializei-me entre os jovens. Desterritorializei-me ao adentrar e

percorrer Teresina, a cidade onde vivo. Por quatro meses, nomadizei com os meninos por ruas, becos e vielas sombrias da cidade. Às vezes, fiquei nos lugares onde eles queriam ficar, ou onde conseguiam ficar, sem que a polícia ou as pessoas os expulsassem, como habitualmente acontecia. Esse movimento foi extremamente surpreendente para mim, e o meu corpo denunciava isso à medida em que eu caminhava aos tropeços em pontas e pedaços de calçadas, caindo fácil, esbarrando nas pessoas que estavam nas paradas de ônibus, enfim, sentindo os pés fora do chão. Reterritorializei-me ao ser aceita entre os jovens de rua; deixei de ser uma estrangeira. Toda essa trajetória transmudou o meu corpo-pesquisador, antes tão seguro, tão preso nas suas cristalizações do que era ser um jovem, uma cidade, uma casa, uma rua. O meu corpo foi desmontado. Ao andar naquele momento, naquelas circunstâncias, pelas ruas da cidade, me desconheci ao conhecer esse outro tão diferente de mim e a sensação era a de que meu corpo estava se desmanchando, que territórios outros, de significados, de sentidos, estavam nascendo.

Vale ressaltar que, apesar desse caos temporário, consegui uma certa estabilidade entre os jovens, facilitada pela presença de um dos educadores sociais de rua e, depois, pela minha constância nas ruas, demarcando uma rotina no território móvel que são os corpos dos jovens de rua. Em meu diário de campo, fui registrando as minhas impressões que pouco a pouco me serviram como uma denúncia de que, mesmo tão de perto, eu ainda era uma intrusa entre eles: eu me sentia um vigia, um pan-óptico, como diz Michel Foucault (1983), um olho que estava ali para observar, classificar, vigiar, mapear, tatuar. Nesse sentido, essa pesquisa fez nascer em mim o desejo de não ser vigia. Entretanto, até aí, eu não sabia que outro método poderia utilizar para conseguir sair da condição de vigia, já que o método usado até então era qualitativo, utilizado como uma alternativa para se estudar junto com os outros, junto com o outro que é, de certo modo, diferente de mim. Surge assim a necessidade de uma outra via e a Sociopoética seria ela.

Nesta proposta de pesquisa o que mais me chamou a atenção foi o princípio de conhecer com o corpo todo. No contato inicial com a Sociopoética, percebi que minha primeira pesquisa já havia me iniciado nesse pesquisar de corpo todo e esse método dava-me elementos que me permitiam admitir que pesquisar é trabalhar com o corpo inteiro. E foi a partir daí que, ao trabalhar com os educadores sociais de rua, tive a oportunidade de

sentir-me mais livre, menos vigia; de produzir conhecimento compartilhado, o que me dava muito prazer.

Mas, constatei, também, que a Sociopoética não é só prazer, pois ao longo de todo o processo vivi momentos angustiantes, especialmente os das análises. Por causa do meu ultra-envolvimento com as minhas crenças e valores em relação aos jovens, aos educadores e às entidades envolvidas, não consegui perceber facetas ou mesmo nuances do pensamento do grupo. Tive, portanto, que refazer as análises e isso me trouxe a inquietação de não conseguir realizá-las a contento e, assim, não concluir o trabalho. Observei que fui acometida, muitas vezes, por essa inquietação, porque senti-me sozinha, ansiosa e assustada para experimentar, com o corpo todo, a multiplicidade dos conceitos produzidos. Essa foi uma época muito importante para mim e para minhas colegas sociopoetas, especialmente Sandra Petit, Rosileide Soares, Valdênia de Moraes e Lia Silveira, porque percebemos a necessidade de nos reunirmos em grupo, para discutirmos o processo das análises, especificamente na busca das linhas que perpassam o pensamento do grupo através dos conceitos produzidos. Esse instante resultou em reuniões criativas, prazerosas e descentralizadoras que chamamos de mutirões analíticos e que, entre tantas coisas, nos ensinou que em grupo o trabalho pode ser muito mais leve.

Os resultados das análises trouxeram uma estrutura de grupo potente com muitos conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e, mesmo inusitados – os confetos em relação aos seus desejos na convivência do grupo. Esta estrutura apresenta os seus desejos em três dimensões, na convivência: entre os educadores e os jovens de rua; entre eles mesmos e entre eles e as entidades que trabalham com essas crianças e jovens. Percebo que apresento, nestas dimensões, um grupo crítico e auto-crítico, pois capaz de mostrar-se envolvido com seu trabalho a ponto de misturar-se com os jovens de rua, mas, também, um grupo que evidencia sua face autoritária ao perceber que suas práticas podem concentrar tudo em si, inclusive as mudanças na vida do jovem, a ponto de não ver a potência do menino, ou mesmo que ele possa ter um desejo grande. Além disso, perceberam que entre eles havia uma luva que impedia a mistura e dificultava a convivência. Ou seja, as oficinas sociopoéticas possibilitaram ao grupo descobrir os

problemas que de forma inconsciente os atingiam, e a favorecer novas maneiras de problematizar os seus desejos na convivência ao perceber a sua própria capacidade criativa.

Percebi, também, que cada técnica produziu um conjunto de dados diferentes, e que algumas foram mais potentes que outras no efeito de estranhamento ao conseguir catalizar e a um só tempo fazer multiplicar e crescer as possibilidades do pensamento do grupo ao gerar dados imprevisíveis, heterogêneos, ambíguos e não acabados, levantando mais questionamentos e interrogações. Outras técnicas, entretanto, não produziram tanta intensidade/estranhamento, resultando, em alguns momentos, numa “ilusão grupal” que impunha um pensamento único e uma visão idealizada de harmonia que mascarou as contradições, levando-me em algumas das análises a um grupo idealizado e harmônico. Isso só mostra que, numa pesquisa sociopoética, o facilitador está a mercê da intuição e do risco pois não se tem como saber de antemão o efeito de uma técnica empregada (PETIT, 2002, p. 43-44).

Penso, então, que nesta pesquisa as Histórias Bricoladas foi a técnica que produziu maior multiplicidade de conceitos inusitados, como os conceitos de educador de rua e de força que trouxeram sentidos que escapam à categorização socialmente produzida, como o de **educador picolé, ao léu, luz no final do túnel** e de **força empurrão, determinação e mão amarrada com linha**. Na técnica de invenção do corpo coletivo, o grupo ao analisar a poesia trouxe uma linha molecular interessante – o **devir-luva** – para falar da convivência distante existente entre eles mesmos. Por fim, na técnica da entrevista com o Reimundis, outro confeto importante foi o de **diferença não interativa**, pois produziu na contra-análise, uma auto-análise intensiva dos problemas que (i)mobilizam os desejos na convivência do grupo.

A contra-análise, para mim, foi um dos momentos mais potentes e criativos porque fez com que o grupo ampliasse os sentidos produzidos ao transversalizar os conceitos: um conceito foi cruzado, tomado, assimilado, retrabalhado, recriado ao ser remetido a outro conceito, como por exemplo, ao cruzar o conceito de **desejos maternais** com o de **educador luz no final do túnel**. Além disso, esse cruzamento fez o grupo criar um novo conceito, o de **educador encaminhador** – aquele que é resultado da ligação dos conceitos anteriores. Ou seja, o grupo realimentou os conceitos numa encruzilhada de problemas que

se proliferaram na contra-análise, num processo de heterogênesse e de afinição de conceitos que atraíu e criou outros significados, mostrando-me que a produção do conhecimento é infinita, inacabada e aberta, pois nunca acaba de atrair significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada (GAUTHIER, 2003a, p. 3).

Enfim, estamos em 08 de outubro de 2003. O mesmo calor se repete, no entanto, algo é novo... algo se move diferente... a natureza quente invade meu corpo tornando-o buliçoso, fervente e com matizes diversos. Meu corpo depôs a couraça, fundiu-se nos mapas dos caminhos e das encruzilhadas que experimentei nestas pesquisas. Aprendi que a vida é terreno complexo – enviezado, cruzamento de idas e vindas em ziguezague – muitas vezes sendo insuportável vivê-la... Enfim, tudo mudou, não sou mais a mesma. Não sei a qual conclusão chegar. Movimentos oblíquos me atravessam o tempo todo durante este processo de experimentar a escrita dessa tese... oscilações, bifurcações, túneis. Labirintos sinuosos expandiram ao extremo o rizoma que são os “objetos” do meu estudo. Não tenho como alcançá-los, laçá-los.

Realizei uma experimentação inevitável, feita no momento em que a pesquisa estava acontecendo. Podia fracassar? Podia me levar à morte? Minha pesquisa criou percursos singulares, inventando novos corpos, explorando ou povoando a rede extremamente diversa, de *válvulas, comportas, taças e vasos comunicantes*, que é o povoamento corpo juvenil de rua, e o corpo dos educadores sociais de rua. Essas duas pesquisas têm, em comum, na sua prática, a procura de um aguçamento das percepções internas dos movimentos, das transformações, muito delicadas, na experiência corporal que levam jovens e educadores de rua a produzirem devires possíveis de um corpo. Essas percepções ocorreram, não por uma modelagem mecânica, mas pela escuta dos potenciais do corpo sem órgãos, dos jovens e dos educadores. Momentos e métodos diferentes, ambos trouxeram ao meu corpo pesquisador, a abertura às sensações e aos afetos que se desencadeiam, sempre que as formas organizadas do corpo perdem subitamente consistência, ou quando brotam novas partes, novos enlacs ou flexibilizações desconhecidas. Assim é que novos sentidos se produziram como acontecimentos.

Nenhum desses percursos pretendeu conduzir a um resultado determinado ou fixo, a um tipo de corpo ideal que se alcance e se passe a ter sob domínio, como algo

definitivamente conquistado, como se eu me tivesse tornado uma especialista. Ao contrário, é algo a ser feito e refeito continuamente; que se perde e se retorna num processo de expressão, pois *Ao corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite (DELEUZE, 1996, p. 9)*. Não tive metas a atingir, o que tentei foi buscar formas que transvalorasse todos os valores, instalações que pudessem dar condições para que a vida pululasse, brincasse e deixasse, principalmente a mim, sucumbir pelo canto das sereias. Talvez, uma não-tese, que possibilitasse a crítica aos conceitos eternos, de tal modo, que abrisse raios e rasgos na verdade, através da criação e da beberagem dionísica da arte. É a cantiga da vida a ser celebrada, de tal modo, que jovens e educadores pudessem viver sua maioridade, e se sentissem capazes de fazer suas escolhas, expressar as suas próprias convicções e intervir na excessiva busca de certezas ao construir as suas pontes para o futuro, sem medo das incertezas. Caso contrário – quando o tempo da vida não é aprendido livremente, a vida passa a ser uma prisão.

Assim, cada um dia nós, não-filósofo, pode tornar-se filósofo, pode correr riscos. Lancemos, pois, o nosso copo de dados ao acaso. Como diz meu amigo querido, Gerardo Vasconcelos, encerrando a apresentação do livro **Ditos(mau)ditos**:

É no acaso das lutas, mas, principalmente, na grande arena da história que as idéias podem ganhar força. Não se pode anular o medo de dizer; entretanto, o não dizer, será muito mais temeroso, e quem sabe, até mais arriscado (VASCONCELOS, 2001, p 11).

Ou como diz o manifesto poético:

Se queres te salvar, arrisca tua pele, não hesites, aqui, agora a entregá-la à tempestade variável. Uma aurora boreal brilha na noite, inconstante. Propaga-se como esses letreiros luminosos que não param de piscar, acesos ou apagados, em clarões ou eclipses, passa ou não passa, mas em outro lugar, flui, irisado. Não mudarás se não te entregares a essas circunstâncias nem a esses desvios. Sobretudo, não conhecerás. (SERRES, 2001, p. 23)

É nisso que eu acredito!

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. *O estilo monta o espetáculo*. In: **Cenas Juvenis: Punks e Darks** no espetáculos urbanos. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ABRAMO, Helena. *Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil*. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 5, Maio/jun/jul/ago, 1997; Nº 6, set/out/nov/dez1, 1997.
- ADAD, Shara Jane H. Costa. *Revisitar Canudos: marcas do passado nas alegorias do presente*. In: **Cadernos da pós-graduação em Educação**. V.1. Fortaleza: UFC, 1998.
- ADAD, Shara Jane H. Costa & NOGUEIRA, Luzilene. *Escola: máquina de ver*. In: **Espaços da escola**. Ijuí, RS: Editora Unijui. V. 5, n.33, Jul./Set, 1999.
- ADAD, Shara Jane H. Costa. **Jovens de rua: uma tribo que nasce na cidade**. Trabalho publicado no CD-ROOM DO XIV EPENN, Salvador-BA, 1999.
- ADAD, Shara Jane H. Costa. **Corpo juvenil: andanças pelas ruas da cidade**. Trabalho apresentado no CD-ROM DO XIV EPENN, São Luis-MA, 2001.
- ADAD, Shara Jane H. Costa. **Pesquisar com o corpo todo: multiplicidades em fusão**. Teresina-Pi, 2003. (mimeo).
- ADAD, Shara Jane H. Costa. *Corpo Juvenil: dissolvência e excesso pelas ruas da cidade*. In: DAMASCENO, M^a Nobre, MATOS, Kelma S. L. de & VASCONCELOS, José Gerardo. **Trajetórias da Juventude**. Fortaleza: LCR, 2001. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- ADAD, Shara Jane H. Costa. *Corpo Juvenil: cartografia de um saber pelas ruas da cidade*. In: VASCONCELOS, José Gerardo & MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- ADAD, Shara Jane H. Costa. *Um mapa de sensações: cartografando as ruas da cidade*. In: MATOS, Kelma Socorro L. de & VASCONCELOS, José Gerardo. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- ADAD, Shara Jane H. Costa. *Corpo Juvenil: Território-movimento pelas ruas da cidade*. In: **Cadernos de Teresina**. Ano XIV, n.34, novembro/2002. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves.
- ALTOÉ, Sônia. **Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos-prisão**. 2^aed. Rio de Janeiro: Xenon, 1990.

- ARAÚJO, Maria Mafalda B. de. **Imagens de Teresina no séc. XIX**. Teresina: APECH/UFPI, 1995. (Coleção Curto-Circuito).
- ARAÚJO, Maria Mafalda B. de. *O fantasma das epidemias*. In: **Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico**. Teresina: EDUFPI/ Instituto Dom Barreto, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan S.A., 1981.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Decifra-me ou devoro-te: História Oral de vida dos meninos de rua de Salvador**. 2ªed.São Paulo: edições Loyola, 1995.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. São Paulo: Papirus, 1994.
- AYRES, Lygia Santa Maria. *Naturalizando-se a perda do vínculo familiar*. In: NASCIMENTO, Maria Lívia (org.). **Pivetes: a produção de infâncias desiguais**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2002.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: UNB, 1998. Tradução de Lucie Didio
- BAREMBLIT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: Teoria e prática**. 2ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Manoel. www.luzdacidade.com.br. Coleção Poesia Falada. Vol. 8.
- BARROS, Regina D. Benevides de. *Dispositivos em ação: o grupo*. In: PELBART, Peter Pál & ROLNIK, Suely (orgs.). **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v.1, n.1, 1993.
- BARROS, Regina D. Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. 1994. 238 f. Tese (doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica – São Paulo; 1994.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leituras).
- BAZÍLIO, Luiz Cavalieri, EARP, Mª de Lourdes Sá & NORONHA, Patrícia Anido (orgs.). **Infância tutelada e educação: história, política e legislação**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998. (Coleção da Escola de Professores).
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo** – Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência** – o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BORGES, Alci Marcus R. & CAVALCANTE, M^a Adília A. **Mapa do trabalho infantil no Piauí**. Teresina: Grafiset, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Os ritos de instituição*. In: **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997. (Cidade Aberta).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

CHAVES, Mons. Joaquim. *Como nasceu Teresina*. In: **Cadernos Históricos**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1993.

CHAVES, Mons. Joaquim. **Teresina**: subsídios para a História do Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de Antropologia política. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CHOAY, Françoise. *A História e o Método em Urbanismo*. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da Cidade**: séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Marco Zero/ANPUH/ FAPESP, 1994.

COIMBRA, Cecília M^a Bouças & NASCIMENTO, Livia do. *A instituição “Menino de Rua” e alguns dos seus efeitos*. In: **Anuário do laboratório de Subjetividade e Política**. Rio de Janeiro: MCR gráfica e editora. Ano II, vol II, 1993.

COSTA, Hercilene & PETIT, Sandra. **Uma ponte para o imaginário**: sociopoetizando a participação do aluno na escola. Trabalho publicado em CD-ROOM do XV EPENN. São Luis-MA, 2001.

COSTA, Hercilene. **Sociopoetizando a participação e a avaliação**: os sentidos produzidos por dois grupos de alunos de uma escola pública. Programa de Pós-

graduação em Educação Brasileira. 2002. 252f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza; 2002.

COSTA, Mauro Sá Rego. *O corpo sem órgãos e o sentido como acontecimento*. In: SILVA, Ignácio Assis (org.). **Corpo e Sentido: a escuta do sensível**. São Paulo: UNESP, 1996.

COUTO, Inalda Alice P. & MELO, Valéria. *Reconstruindo a história do atendimento à infância no Brasil*. In: BAZILIO, Luiz (org.). **Infância tutelada e educação**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e analfabetismo**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social**. 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *As máquinas desejantes*. In: **O Anti-édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos*. In: **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1996, V.3. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível*. In: **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1997, V.4. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Acerca do Ritornelo*. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda, 1997. Vol. 4. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles**. Universidade Federal do Ceará: 1999. (Trabalho mimeografado, apresentado na XXIII Encontro Anual da ANPOCS).

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FEREZ, Olgária Chaim. *Nietzsche: vida e obra*. In: Gérard Lebrun (org.). **Obras Incompletas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. *Do mundo como imagem à imagem do mundo*. In: SANTOS, Milton & et alli (orgs.). **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1998.

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. **Ver a Cidade:** cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988. (Coleção espaços).

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. **O olhar periférico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FIGA, Esperanza. *As outras crianças*. In: LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de (orgs.). **Imagens do Outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FLEURI, Reinaldo; GAUTHIER, Jacques & GRANDO, Salette Beleni (org.). **Uma pesquisa Sociopoética:** o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Cláudia. *Crianças em circulação*. In: **Ciência Hoje**. Vol.11/Nº66, setembro de 1990.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1996. (Leituras Filosóficas).

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade:** Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: **O que é um autor?** Lisboa:

Vega, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Conferência V*. In: **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2002.

GADELHA, Silvio de Sousa. **Subjetividade e Menor(idade)**: acompanhando o devir dos profissionais do social. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

GAUTHIER, Jacques & et alli. **Pesquisa em enfermagem**: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara/koogan, 1998.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: AnnaNery/UFRJ, 1999a.

GAUTHIER, Jacques. **O que é Sociopoética**. São Paulo: Brasiliense, 1999b.

GAUTHIER, Jacques & SOUSA, Leliana Santos de. **Poder e Potência; saber e ciência**: uma pesquisa Sociopoética. Salvador/Ba: NEPEC, 1999c.

GAUTHIER, Jacques. **A metáfora e o conceito em pesquisas qualitativas**. Mimeografado, 2003.

GAUTHIER, Jacques. **Trilhando a vertente filosófica da montanha**: Sociopoética - a criação coletiva de confetos. Mimeografado, 2003a.

GAUTHIER, Jacques. **Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética**. Mimeografado, 2003b.

GRACIANI, M^a Stela S. **Pedagogia Social de Rua**: análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1997.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1992.

HERSCHMANN, Micael & et alli (org). **Missionários do progresso**: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870 – 1937). Rio de Janeiro: Diadorim editora Ltda, 1996.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KOLKER, Tânia. *Ética e intervenção clínica em relação à violação dos Direitos Humanos*. In: RAUTER, Cristina & et alli (orgs.). **Clínica e Política**: Subjetividade e

Violação dos Direitos Humanos. Equipe Clínico Grupal, Grupo Tortura Nunca mais – RJ. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/Editora Te Cora, 2002.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. *INTERNADOS – OS FILHOS DO ESTADO PADRASTO*. In: MARTINS, José de Souza (Coord.) **Massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993. p,155-180.

KROPF, Simone Petraglia. *Sonho da razão, alegoria da ordem: o discursos dos engenheiros sobre a cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX*. In: HERSCHMANN, Micael & et alli (orgs.). **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870 – 1937)**. Rio de Janeiro: Diadorim editora Ltda, 1996.

LAPASSADE, Georges. *Os rebeldes sem causa*. In: **Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LAPASSADE, Georges. *Da multiferrencialidade como bricolagem*. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de (org.). **Imagens do Outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LEÃO, Andrea. **Meninos e Meninas no Coração de Jesus**. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia. 1983. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceara – Fortaleza; 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.

LINHARES, Ângela Mª B. *Ritual 5 - Na rua*. In: **O Tortuoso e Doce Caminho da Sensibilidade: um estudo sobre Arte e Educação**. Ijuí, RGS: Editora UNIJUÍ, 1999.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud: O Artesão do Corpo Sem Órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. (Conexões).

LINS, Daniel & et alli. (orgs.). **Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

LINS, Daniel & GADELHA, Silvio. **Nietzsche e Deleuze: Que pode um corpo?** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Myrian Bahia. *Porto, Porta, Poros*. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da Cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: Ed. Marco Zero/ ANPUH/ FAPESP, 1994.

LORAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. RJ: Graal; SP: Paz e Terra, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. Trad. Marcia C. de Sá Cavalcante.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MINAYO, M^a Cecília de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARCÍLIO, M^a Luiza. **História Social da Criança abandonada**. SP: Hucitec, 1998.

MONTENEGRO, Antônio T.; BEZERRA, M^a José & et alli (orgs.). **Senhores da rua: o imaginário dos meninos e meninas de (na) rua da cidade de Rio Branco**. Rio Branco: Globo, 1996.

MORAES, Evaristo. **Criminalidade da Infância e da adolescência**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

MORAES, Ana Cristina de. **Influências do pensamento nietzscheano nas pesquisas em educação e ciências sociais: reconhecimento e festejo da vida a partir da sociopoética**. Fortaleza/CE, 2001. (mimeo).

MORAES, Ana Cristina de. **Os desejos de participação no processo do orçamento participativo em Icapuí-Ce: um olhar sociopoético**. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. 2002. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará–UFC, Fortaleza; 2002.

MOSKA, Paulinho. **A Seta e o Alvo**. Coleção Bis.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. In: Gérard Lebrun (org.). **Obras Incompletas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- PAES, José Paulo. *Sobrenome*. In: **Lé com cré**. Ática, s/d.
- PECHMAN, Robert Moses. *Os Excluídos da Rua: Ordem Urbana e Cultura Popular*. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da Cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: Editora Marco Zero/ ANPUH/ FAPESP, 1994.
- PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: editora Brasiliense, 1989.
- PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PELBART, Peter Pál & ROLNIK, Suely (org.). **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Puc-SP. São Paulo, v.1, n.1, 1993.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- PERROT, Michelle. *Na França da Belle Époque, os 'Apaches', primeiros bandos de jovens*. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (Oficinas da História).
- PETIT, Sandra. *Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa*. In: MATOS, Kelma Socorro L. de & VASCONCELOS, José Gerardo. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos).
- PETIT, Sandra & ALCÂNTARA, REBECA. **Entre afetos e conceitos: tematizando o preconceito racial numa escola cearense**. Trabalho publicado no CD-ROOM do XVI EPENN, Aracaju-SE, 2003.
- PETIT, Sandra. **Facilitador Sociopoético: implicações e desafios de Pimbinha**. Fortaleza, 2003. (mimeo).
- PILOTTI, Francisco & RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da Assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, Editora Universitária Santa Úrsula, Amais Livraria e Editora, 1995.
- PRIORE, Mary Del Priore (org.) **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996. (Coleção Caminhos da História).
- QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: Fundação Mons. Chaves, 1994.
- RAFFESTIN, Claude. *O que é o Território*. In: **Por uma Geografia do Poder**. São

Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

RAGO, Margareth. *Políticas da (In)diferença: Individualismo e Esfera Pública na Sociedade Contemporânea*. In: **Anuário do laboratório de Subjetividade e Política**. Rio de Janeiro: MCR gráfica e editora. Ano II, vol II, 1993.

RAMOS, Antonio Francisco. **Relatório final do Estágio Supervisado em Ciências Sociais**. Teresina: UFPI, 2002. (mimeo).

RIAL, Carmem Silvia. *Contatos Fotográficos: nativos, antropólogos, jornalistas e turistas. Diferentes linguagens fotográficas?* In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

RIZZINE, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Petrobrás-BR: Ministério da Cultura: USU Ed. Universitária: Amais, 1997.

SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. **Metodologia em Biodanza**. Belo Horizonte-MG: Maria Lúcia Pessoa Santos, 1996.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SEVSENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na primeira república**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: Evaristo de Moraes Filho (org.). **George Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SHINDLER, Norbert. *Os tutores da desordem: Rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna*. In: LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Trad. Claudio Marcondes et alli.

SILVEIRA, Lia. **Sociopoetizando o Hospital Dia: Um lugar de produção de vida**. Programa de Pós-graduação em Enfermagem. 2001. 185 f. Dissertação (Mestrado em enfermagem comunitária). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza; 2001.

SILVEIRA, Lia. **Abrindo coisas e rachando palavras: a utilização dos dispositivos na Sociopoética**. Fortaleza, 2003. (mimeo).

SINGER, Helena. **República de crianças:** Sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: editora Hucitec, 1997.

SOARES, Rosileide de M^a S. **Sociopoetizando os conceitos relativos à instituição liderança:** significados produzidos por moradores de um bairro popular de Fortaleza. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. 2002. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará –UFC, Fortaleza; 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.* In: CASTRO, Iná Elias de & et alli (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPOSITO, Marília P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade.* In: **Tempo Social.** São Paulo: V.5(1-2): p. 161-178, 1993.

SPOSITO, Marília P. *Juventude: crise, identidade e escola.* In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SPOSITO, Marília P. *A instituição escolar e a violência.* Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. Nº 104. São Paulo: Cortez Editora, Julho 1998. p. 58.

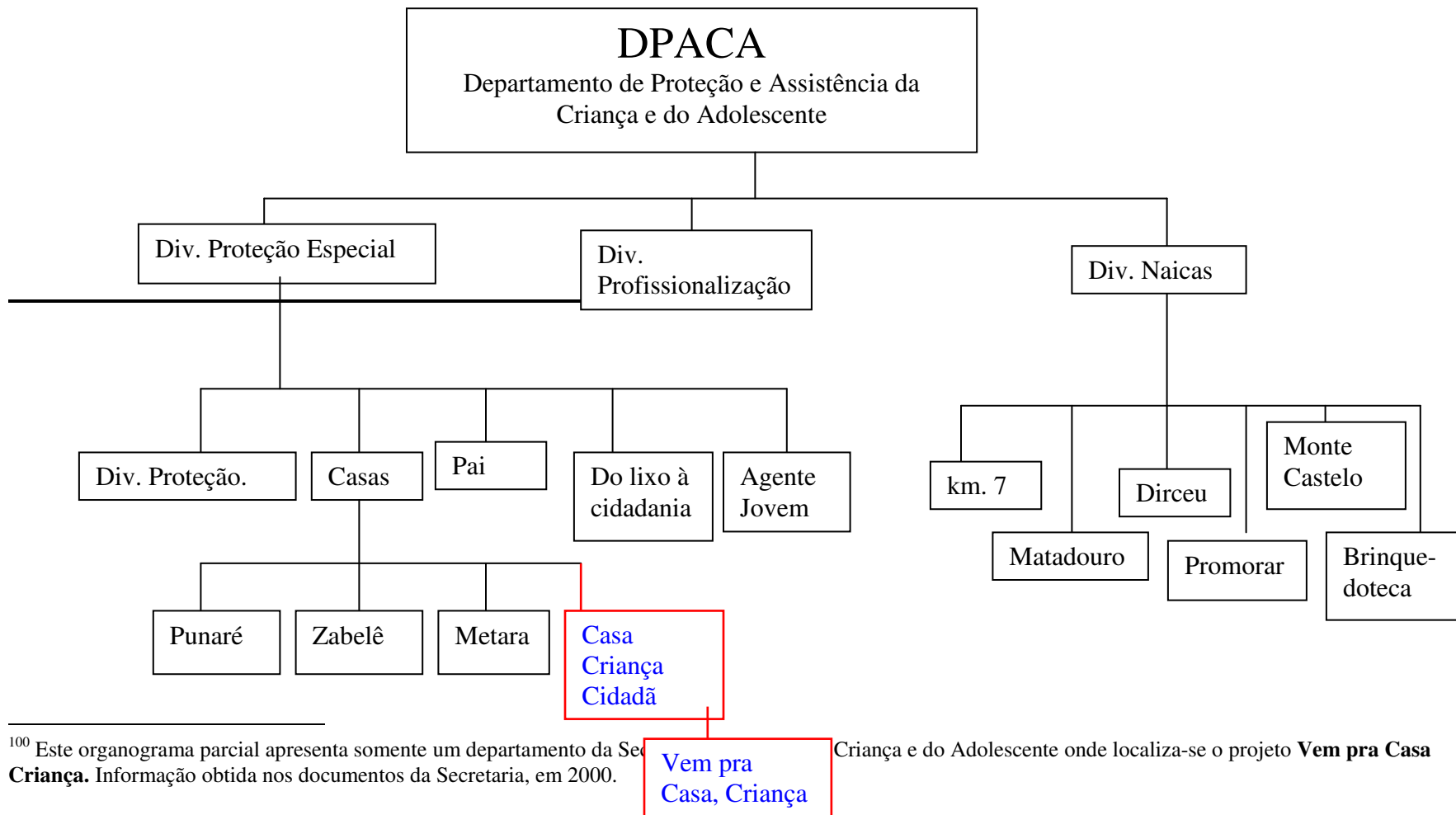
VASCONCELOS, José Gerardo. *Ditos(mau)ditos em filosofia: uma breve apresentação.* In: **Ditos(mau)ditos.** Fortaleza: LCR, 2001. (Coleção Diálogos Intempestivos).

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

- Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD e Pastoral do Menor. **Mapeamento e contagem de crianças e adolescentes em situação de rua na área urbana de Teresina – Relatório.** Teresina, 1996. (Prefeitura Municipal de Teresina, Ação Social Arquidiocesana)
- Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD. **Regimento Interno.** Teresina, 1993. (Prefeitura Municipal de Teresina).
- Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD. **Relatório Trabalho de Rua com Crianças e Adolescentes em Situação de Rua (USO DE DROGAS),** 1998. (Prefeitura Municipal de Teresina)
- Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD. **Projeto Vem pra Casa Criança.** Teresina, 1997. (Prefeitura Municipal de Teresina).
- Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD. **Projeto Viva Vida.** Teresina, 1997. (Prefeitura Municipal de Teresina)
- Ministério da Previdência e Assistência Social. **Programa de Erradicação do**

Trabalho Infantil. Brasília, maio de 2002.

ANEXO
ORGANOGRAMA - SEMCAD¹⁰⁰



¹⁰⁰ Este organograma parcial apresenta somente um departamento da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de São Paulo - **Criança**. Informação obtida nos documentos da Secretaria, em 2000.

Criança e do Adolescente onde localiza-se o projeto **Vem pra Casa**

